



**Título: No
limite da
ilusão**
**Autor:
Espírito
Irmão Ivo**
**Médium:
Sônia Tozzi**
Páginas: 344

Sinopse:

Casar, ser dona-de-casa e mãe não estava nos planos da jovem Marília, uma moça lindíssima e de contornos perfeitos que vivia em pacata cidade do interior com seus pais e irmãos.

Obstinada, ela queria ser modelo, mudar-se para a cidade grande, conquistar a fama, o sucesso e ficar rica. Sonhava alto e não mediria esforços para atingir seus objetivos.

Para sua alegria, em uma festa de aniversário, ela conhece Marcelo, dono de uma agência de modelos e amigo de Carlos, um conhecido seu da cidade.

Imediatamente Marília "apaixona-

se" por Marcelo e rompe seu namoro com Luiz, um bom moço de seu bairro. Envolvido por Marília, Marcelo apaixona-se pela tentadora jovem e traz sua nova descoberta para a cidade grande. Faria dela uma modelo e ganharia muito dinheiro com ela. Aí começam os problemas e a ruína de Marília. Aos poucos, a jovem vai descobrindo em que mundo de ilusão se meteu... Mas Deus não desampara seus filhos em sofrimento. Por intermédio do espírito Amélia, Júlia, a irmã de Marília, irá interferir para resgatar sua irmã de uma vida infeliz e doentia. Este é o envolvente

enredo que Irmão Ivo, pela psicografia da médium Sônia Tozzi, oferece-nos com No Limite da Ilusão, uma obra atual e verdadeira que mostra quais as conseqüências de nossos atos quando escolhemos o caminho fácil das conquistas passageiras da matéria.

Sumário

Prefácio

Capítulo I —

Sonhando entre os girassóis

Capítulo II —

Encontro com um coração sincero

Capítulo III — Três anos depois

Capítulo IV — O abismo se aproxima

Capítulo V — O pior cego é aquele que não quer ver

Capítulo VI — Rastro
de sofrimento

Capítulo VII —
Consolo em meio à
tempestade

Capítulo VIII — A
dura realidade se
revela

Capítulo IX — Cada
um colhe o que
planta

Capítulo X — Mais
uma chance
desperdiçada

Capítulo XI —
Diagnóstico
aterrador

Capítulo XII — Brilha
a luz em uma alma
ferida

Capítulo XIII —
Triste despedida

Capítulo XIV — A
chance de uma nova
vida

Capítulo XV — Tudo
tem uma razão

Considerações
Palavras da médium

Prefácio

Quando fui convidada pela autora, minha sogra, para fazer o prefácio deste No Limite da Ilusão, imaginei que esta seria uma tarefa muito fácil, afinal, nunca tive problemas para escrever... Ledo engano. Ao contrário, eu me senti impotente incapaz de escrever algo que chegasse aos pés dessa grande mulher, que permitiu que eu fizesse parte da família, que me deu carinho, amor, compreensão, e que foi e é uma grande mãe para mim.

Como escrever sobre alguém que admiramos sem parecer piegas, sem parecer que estamos

apenas querendo
agradar?

Seus
ensinamentos são as
diretrizes da minha
vida. A cada livro
que psicografa, vejo
que partilha com
outros aquilo que
um dia já passou
para nós e que
coloca em prática
todos os dias de sua
vida.

Nos meus
rascunhos, sempre
começava com a
frase: "Falar da
autora e do livro é
tão fácil como falar
com Deus", mas era
só esse o início fácil,
o resto não foi
assim. Foi difícil, foi
uma terapia, tive
que colocar no papel
algo que tenho no
meu coração.

Ela é fantástica,
mãe na acepção da
palavra, avó
prestimosa, amiga
para todos os

momentos,
conselheira.

Entretanto,
tenho que falar
também sobre o
livro, o qual li quase
que o devorando,
como todos os
outros, pois sua
leitura fácil, seus
detalhes, suas
explicações, fazem
com que a gente
consiga estar lá
dentro da história,
sair desse mundo
por instantes e viver
junto com os
personagens.

Creio que o livro
No Limite da Ilusão
se destaca pela sua
narrativa rica em
detalhes,
mostrando-nos as
diferenças entre
ajudar e cobrar,
entre as ilusões
passageiras e as
descobertas
verdadeiras do
espírito, entre o
orgulho e a

verdadeira caridade
e que, mesmo
quando não
sabemos a razão
das coisas estarem
acontecendo,
precisamos
caminhar sempre
para frente, com fé.
Tudo tem uma
explicação, talvez
possamos conhecê-
la, talvez não.

Nosso caminho
no bem pode ser
trilhado
colaborando,
ajudando, dividindo,
pois é importante
lembrarmos a todo o
momento dos
nossos semelhantes,
seguindo sempre a
maneira correta de
ajudar e de
amparar: sem
propaganda, sem
alarde e sem
esperar algo em
troca.

Espero que
todos os leitores de
No Limite da Ilusão

consigam colocar em
prática a verdadeira
caridade. Quem
sabe hoje você,
leitor amigo, não se
anime a doar um
pouco do que existe
de bom em seu
coração?

EUSANDRÉIA
ANTUNES CUELLAS
RODRIGUES
MÃE DO ENZO,
ESPOSA DO
EDUARDO

Capítulo I **Sonhando entre os** **girassóis**

Marília corria
graciosamente por
entre o campo de
girassóis cultivado
com dedicação e
carinho por seu pai.
Seus cabelos cor de
mel esvoaçavam,
acompanhando o
vaivém da brisa que

refrescava a manhã ensolarada. Com todo o vigor dos seus quinze anos, parecia incansável usufruindo a beleza dos girassóis, flores que exerciam grande fascínio em sua mente de adolescente.

Antunes recebera as terras de seu pai, que por sua vez herdara de seu avô, e ao longo do tempo foi se formando uma imensa manta amarela proveniente dos exuberantes girassóis.

Marília era a segunda filha de uma família de classe média e dividia a atenção dos pais com Júlia, a irmã mais velha, e os gêmeos Rafael e Felipe. Marta, sua mãe, dedicava-se com esmero à

educação dos filhos
e ao bem-estar de
Antunes,
companheiro que
amava e com o qual
compartilhava todas
as questões
referentes ao núcleo
familiar.

Júlia e Felipe
eram dóceis e
tinham como
objetivo o próprio
crescimento
espiritual,
dedicando-se ao
amor ao próximo e à
construção da
felicidade, que
acreditavam ser
verdadeira se
nascesse das
atitudes nobres em
relação aos seus
semelhantes.

Marília possuía a
beleza da mãe e o
gênio determinado e
autoritário do seu
avô paterno, o que a
fazia sentir-se
orgulhosa, pois tinha
verdadeira adoração

pelo avô,
desencarnado havia
dois anos. Embora
com apenas quinze
anos, sabia bem o
que queria para sua
vida e estava
disposta a
conquistar seu
objetivo: ser
famosa, elegante e
— por que não
dizer? — dona do
mundo.

Tinha ao seu
lado Rafael, que
como ela também
sonhava abandonar
o campo, a cidade
pequena, e
transferir-se para a
capital, onde
acreditava poder
conquistar todos os
seus sonhos de
consumo.

— O mundo é de
quem o conquista —
dizia Marília à sua
mãe, certa do que
queria para sua
vida.

— Filha, cuidado, a

vida não é feita de
ilusão, muito ao
contrário, é feita
basicamente de
trabalho e
consciência do papel
que cada um possui
na sua realidade.
Nossos propósitos e
nossos sonhos só
têm valor se
estiverem
alicerçados na moral
e na dignidade
cristã.

Nessas horas,
Marília balançava os
ombros e respondia:
— O meu papel na
vida eu já descobri e
conheço bem. Sei o
que quero e a que
tenho direito, e para
alcançar meu ideal
vou lutar com todas
as armas que
posso; a principal
delas é sem dúvida
a minha beleza. Não
pretendo escondê-la
neste campo, onde
somente as flores
podem ver. Não

quero ser como à
senhora, mãe, que
passa o dia às voltas
com casa, panelas e
filhos. Tenho direito
de ir em busca do
meu próprio prazer.

Percebendo a
apreensão e a
contrariedade de
sua mãe, Marília
saía em disparada e
se refugiava em
meio aos girassóis
que tanto a atraíam,
mas que não faziam
parte do seu futuro.
Foi o que fez
naquela manhã de
sol.

Cansada, jogou-
se preguiçosamente
no chão, por entre
as flores grandes e
majestosas. Era
nessa hora que seu
pensamento mais e
mais viajava e se via
como gostaria de
ser: rica, famosa e
bela.

— Hei de vencer! —
exclamava. —

Conquistarei o
mundo e mostrarei à
minha mãe e à tola
da Júlia que tenho
razão. No mundo
sempre vence o
melhor, quem não
tem medo de correr
atrás do que quer.
Admirava os
girassóis e gritava
para o vento:
— Quero ser como
vocês, imponentes e
belos. Maiores que
todas as outras
flores que
desaparecem diante
de sua altivez e da
formosura desses
campos. Hei de
vencer! — afirmava
com vigor.

Nesses
momentos, como
uma brisa a soprar
em sua mente,
Marília se lembrava
das palavras de
Júlia, sempre
sensatas e
prudentes:
— Marília, você já se

deu conta de que as
flores menores
possuem mais
perfume, mais
suavidade em sua
forma delicada?

— Pode ser. Mas
também são frágeis
e tombam ao
primeiro rajar do
vento mais forte.
Não, Júlia, quero ser
igual ao girassol:
forte, sempre
voltado para o sol;
não importa que não
tenha perfume
atraente, contanto
que se mantenha de
pé.

— Você não conhece
as flores em toda a
sua essência, Marília
— dizia-lhe Júlia. —
Todas são belas e
atraentes, e não
competem entre si.
Sabem que são
importantes na
criação divina e dão
à humanidade o que
têm de melhor,
brilhando e deixando

que todos brilhem.
Vivem em harmonia
no grande jardim de
Deus. Assim
devemos agir
Marília, buscar o
nosso espaço para
brilharmos nele,
juntos, todos os
homens, cada um
cumprindo o seu
papel com dignidade
e amor universal.
Vivendo e deixando
os outros viverem,
como as flores e a
natureza.

Marília olhava o
céu e deixava-se
envolver pelos
sonhos e ilusões.
Não compreendia
bem o que Júlia
queria dizer nem se
esforçava para isso;
não separava a
realidade do
devaneio, tampouco
do engano dos seus
sentidos. Assim
ficou horas a fio até
voltar à realidade
com os gritos de

Rafael, que ecoavam
pelos campos:

— Marília... Marília,
onde está? Mamãe
pediu que viesse
chamá-la, está
precisando de você.
Onde está?

Responda!

Com irritação, ela o
chamou:

— Estou aqui! —

Levantou-se e foi ao
encontro de Rafael.

— Que gritaria! —
exclamou assim que
o viu.

— Claro, há tempos
estou a chamá-la!

— Pronto, já achou.
O que aconteceu?

— Não aconteceu
nada, mamãe pediu
apenas que viesse
chamá-la porque
precisa de sua
ajuda.

— E Júlia?

— Está na escolinha
rural dando aula
para os filhos dos
colonos. Esqueceu
que ela faz isso

todos os dias?

— É verdade,
esqueci que é a boa
samaritana da
região. Tudo bem,
vamos.

Enlaçou o irmão pela
cintura e seguiram
em direção a casa.

No caminho, Rafael
interrogou a irmã:

— Marília, você fica
horas aqui. O que
faz sempre que vem
ao campo de
girassóis?

— Sonho, Rafael.

Venho pensar na
minha vida, traçar
meus planos, criar
uma maneira de sair
daqui e ir para a
cidade grande viver
a vida que quero, ou
seja, uma vida de
glamour e brilho. É
errado isso? É
proibido viajar no
sonho, idealizar o
modo como gostaria
de viver?

Os olhos de Rafael
cintilaram de desejo.

— Eu também acredito que não; acalento os mesmos ideais seus, mas não vejo como poderia realizar cada sonho meu.

— Lutando por eles, Rafael.

Após pensar por alguns instantes, o garoto indagou:

— Marília, quando conseguir ir para a capital, você me leva junto? Também não quero passar toda a minha vida nesta cidade medíocre, sem oportunidade. Você me leva?

— Levo Rafael, levo sim. Nós dois juntos podemos ganhar o mundo.

— Promete?

— Prometo. Somos diferentes de Júlia e Felipe. Eles se contentam com pouco, com o básico. Nós dois,

não; queremos muito mais do que viver em meio à mediocridade. Pode acreditar que irei embora e, quando for, levarei você comigo.

— Mas só tenho treze anos, pode ser que nossos pais não permitam.

— Calma Rafael. Não irei amanhã, tudo leva tempo. O importante é não deixar passar a oportunidade quando ela aparecer, e tenho certeza de que um dia vai acontecer.

Abraçados chegaram a casa, onde Marta os aguardava na varanda. Pela expressão de seu rosto, os dois irmãos perceberam a contrariedade da mãe.

— Posso saber o

porquê da demora?

— Calma mamãe —
respondeu Marília.

— Viemos
conversando, não
sabia que tinha
tanta urgência.

— Entrem! — Marta,
virando as costas,
seguiu em direção, à
cozinha.

— Marília e Rafael a
acompanharam.

— O que quer que
eu faça mãe?

— Quero que vá
com o Rafael até a
escolinha levar este
bolo para Júlia
oferecer aos alunos.
E levem também o
suco de goiaba que
está na jarra.

— Para que isso,
mãe?

— Hoje é o Dia das
Crianças, e sua irmã
quer fazer uma
pequena
comemoração com
seus alunos.

— Onde está Felipe?

— Na escolinha com Júlia.

— Não sei aonde esses dois vão parar com essa mania de querer consertar o mundo. A gente não pode interferir na vida das pessoas, mãe, não pode dar o que não faz parte do mundo deles. Júlia e Felipe não entendem isso.

— Eu também penso como Marília, mãe.

— Filhos, não entendo por que vocês têm tanta resistência em amar o próximo. É tão digno praticar a fraternidade, fazer alguém feliz, principalmente crianças. Faz bem para o coração.

— Olha mãe, vou ser sincera; o mundo pertence àqueles que lutam, trabalham para conseguir seu

espaço. Se ficarmos cobrindo a preguiça, a ociosidade dessa gente, eles jamais sairão da miséria.

— Marília, sua irmã não está cobrindo a preguiça de ninguém. O que ela faz é dar a essas crianças a ferramenta fundamental para que possam conquistar o espaço ao qual você se refere, ou seja, o conhecimento e o estudo aliados ao aprimoramento moral. Com essas aquisições, terão mais chances de conquistar com dignidade o lugar que buscam. Júlia simplesmente as prepara para reconhecerem as oportunidades quando elas aparecerem em suas vidas.

— Desculpe mãe, eu admiro Júlia e Felipe, mas sou diferente. Não penso como eles. Sonho com algo muito maior para mim, uma posição condizente com minha postura, minha beleza; enfim, uma vida de destaque.

—É exatamente isso o que preocupa a mim e o seu pai. Você sonha alto demais, e nos seus sonhos não vejo lugar para ninguém que não seja você mesma. Além do mais, não está nem um pouco preparada para sequer chegar perto de tanta pretensão.

Querendo encerrar a conversa que não a agradava, Marta disse:

— Bem, vamos deixar isso tudo

para mais tarde. Já deve estar próxima a hora do recreio, vão logo levar o bolo.

— É para já, dona Marta — disse Marília, sorridente.

— Vamos, Rafael, pegue o suco.

Rapidamente os dois irmãos seguiram para a escolinha rural.

Assim que se aproximaram puderam ouvir as vozes e as risadas daquelas crianças simples, carentes, mas que se sentiam felizes em poder brincar e comemorar o dia dedicado a elas ao lado da tia Júlia e do tio Felipe.

Naquele momento as tristezas deixaram de existir dando lugar à alegria de se sentirem amadas e valorizadas pela

professora e seu
irmão.

Por um
momento, Marília
deixou-se contagiar
por aquele momento
mágico, e num
ímpeto disse
sorridente:

— Crianças, vejam
quem chegou!

— Quem? —
perguntaram ao
mesmo tempo.

— O bolo de
chocolate!

— E o suco de
goiaba! —
completou Rafael.

Em instantes
ouviu-se o som das
palmas que as
mãozinhas magras
batiam forte,
traduzindo a alegria
que reinava em seus
corações. Não
precisou de muito
tempo para que
devorassem o
delicioso bolo e
esvaziassem a jarra
do suco.

— Gostaram? —
Júlia indagou, feliz.
— Gostamos tia!
Quando vamos ter
outro?
— Não sei, mas, se
se comportarem
direitinho,
estudando e
obedecendo a
mamãe de vocês,
prometo que logo
trarei outro. Tudo
bem?
— Tudo! —
responderam em
coro.

Assim, em meio
a muita alegria, Júlia
ofereceu para
aqueles pequeninos
a oportunidade de
comemorar
realmente o tão
sonhado dia a elas
dedicado.
Enquanto os quatro
irmãos voltavam
para casa, Júlia
percebeu o silêncio
de Marília e
questionou:
— Por que está tão

quieta Marília? Não gostou da nossa festinha?

— Claro que gostei Júlia, mas...

— Mas?

— Fico sem jeito de dizer.

— Pare com isso, Marília. Fale o que é?

— Por mais que eu admire o trabalho que você realiza com essas crianças, a sua dedicação, não consigo aceitar essa vida monótona, sem nenhum atrativo, sem brilho e principalmente sem futuro.

— Marília, o brilho da nossa vida somos nós que colocamos. Sou feliz assim, e isso não quer dizer que terei uma vida monótona. Ao contrário, pretendo realizar o meu sonho.

— Seu sonho?

— Por que o espanto?

— Porque nunca pensei que tivesse um sonho. Parece-me tão conformada com nossa vidinha pacata. Posso saber qual é o seu objetivo?

— Claro. O meu objetivo de vida, minha irmã, é estudar e aprender cada vez mais. Conhecer as pessoas, suas necessidades, limitações e anseios.

— Como assim, Júlia?

— Sonho em promover aqui, nesta cidade sem futuro, como você diz uma grande obra social na qual todos possam ter as mesmas oportunidades de aprendizado, se preparando para

ganhar a cidade grande e tornando-se pessoas dignas e cheias de esperanças.

Marília estava boquiaberta.

— Não acredito no que estou ouvindo!

— exclamou perplexa. — Júlia, você só tem dezoito anos, não pode pensar somente nos outros. Tem que pensar em você primeiro, na sua ascensão social.

— Mas, Marília, estou pensando em mim. Por que acha o contrário?

— Tem que se concentrar em crescer, tornar-se importante, quem sabe famosa, enfim, construir uma vida diferenciada. Deixe que cada um cuide de si mesmo.

— Ainda não lhe disse, mas nossos

pais permitiram que eu fosse complementar meu estudo na cidade vizinha. Quero me formar, estar preparada para quando o momento chegar eu o reconhecer.

Ambiciono fazer a diferença na vida dessas pessoas sofridas; construir o que falta, Marília. Você consegue me compreender?

— Posso até compreender, mas não consigo aceitar.

— Por quê?

— Porque não vejo uma razão forte em se preparar para auxiliar, tratar da vida das pessoas. O certo não seria cada um cuidar de seu próprio bem-estar?

— Analisando pelo lado da responsabilidade, você não deixa de

ter razão. Cada um de nós é responsável pelo que faz consigo mesmo. Somos nós que direcionamos nossa existência, fazemos a escolha do caminho que pretendemos seguir. Mas auxiliar os menos afortunados, criar oportunidade para que possam seguir em frente, mostrar o valor do trabalho e a importância de caminharmos com dignidade cultivando os valores morais são deveres de todo aquele que se diz cristão. Quando conseguimos perceber a potencialidade dentro das pessoas, a vontade de lutar pelo próprio aprimoramento moral e espiritual é caridoso e fraterno

mostrar isso a elas.

— Não sei Júlia.

Pode ser que tenha razão, mas para mim é difícil pensar em outra

possibilidade que

não seja a

realização dos meus ideais.

Júlia abraçou a irmã.

Demonstrando uma maturidade que ia

além dos seus

dezoito anos, disse-lhe:

— Calma, minha irmã. Muita

prudência para não

se perder na ilusão,

que poderá derrubá-la, e, na maioria das

vezes, o tombo é

feio; eu não gostaria de vê-la sofrendo.

Tome muito

cuidado.

Rafael e Felipe caminhavam ao lado

das irmãs em

silêncio, mas sem

desviar a atenção do

teor da conversa.

— Sabe, Júlia, eu penso igual a Marília. Quero muito sair aqui, levantar vôo e correr atrás do que almejo.

— Rafael, sair daqui e ir para a cidade grande buscar seus objetivos de vida não é de maneira nenhuma uma atitude condenável, é o direito de cada um. O que quero dizer é que se deve tomar cuidado para não cair em armadilhas que trazem o sofrimento. Os sonhos são bonitos e devem fazer parte da nossa existência, mas não devem ser maiores que a realidade para não anular o equilíbrio que deve estar presente em nossas atitudes, mesmo em nossas ilusões. É preciso saber distinguir o

falso do real e o bem do mal. Vocês conseguem compreender o que estou tentando lhes mostrar?

— Como você é sábia, Júlia! — comentou Felipe.

— Não sou sábia, sou apenas atenta.

— Eu sou como você, Júlia — tornou Felipe. — Quero muito ser alguém; um médico, por exemplo, e dedicar minha vida a salvar pessoas. Deve ser muito boa a sensação de se sentir útil, contribuir para a felicidade de alguém.

— Que bom Felipe. Comece então a se preparar para conquistar o que quer.

Marília, não fugindo a sua maneira de ser, falou:

— Ainda bem que a

divisão foi certa.
Somos dois contra
dois. Vamos ver
quem vence
primeiro.

Assim que Antunes
entrou em casa,
Marta o abordou:
— Antunes, há
tempo quero falar-
lhe sobre Marília.
Podemos conversar?
— Claro Marta. O
que tem Marília?
Está doente?
— Não, não está.
— Então por que a
preocupação?
— Pode ser que eu
esteja exagerando,
que não tenha
nenhum fundamento
a minha
preocupação, mas
estou confusa.
— Fale Marta, o que
a está preocupando?
— É que me aflige a
maneira de pensar e
de falar de Marília.

Nunca a vejo
comentar sobre
coisas que possam
ajudá-la a construir
o futuro, como o
estudo, por
exemplo.

— Marta, ela é ainda
uma criança. É igual
a todos os jovens
desta cidade
pequena e sem
perspectivas que
sonham em ir para a
capital. Que mal há
nisso?

— Não sei se há
algum mal, o que sei
é que me incomoda
seu modo de se
expressar, tão
diferente do de
Júlia.

— Diferente do de
Júlia porque são
duas pessoas
diferentes, Marta.
Cada uma pensa e
age de acordo com
sua personalidade,
com seu modo de
encarar as coisas. E
depois você há de

concordar que Júlia é bem diferente da maioria dos jovens da sua idade.

— Nisso você tem toda a razão. Ela é sem dúvida uma pessoa especial.

— Então, querida, não compare as duas; sua preocupação não tem fundamento.

— O que me assusta é saber que o mundo com o qual Marília sonha é um mundo falso. Tenho receio por ela, acho que está se enganando com seus próprios sonhos.

Após ponderar um pouco, Marta disse ao marido:

— Talvez você tenha razão; devo estar exagerando.

— O que se pode fazer é ficar atento. Marília é ainda uma criança e nem sabe

direito o que quer.
Ilude-se com
revistas,
reportagens de
artistas... Acredito
que tudo isso irá
passar. Vamos dar
tempo ao tempo,
como se diz.

— Impressiona-me a
grande diferença
entre Júlia e Marília.
Enquanto uma
possui uma
maturidade notória,
apesar da pouca
idade, sonha em se
formar, ser alguém
por meio de suas
escolhas, de suas
conquistas, que
serão frutos do seu
trabalho e
dedicação, a outra
se dedica apenas a
sonhar e alimentar
ilusões de como se
dar bem sem grande
esforço.

— Marília irá
amadurecer e tudo
isso passará.

— Rezo muito a

Deus para que isso aconteça, Antunes.

A conversa foi interrompida com a chegada dos filhos, que encheram a casa com alegria contagiante.

Antunes deu um beijo em cada um e saiu.

— Então, como foi à festa? As crianças gostaram do bolo e do suco?

— Nossa, mamãe, a senhora nem imagina como ficaram felizes! Já queriam saber quando teriam outro bolo igual aquele.

— Que bom! Sempre que você quiser pode me pedir que faço com alegria.

— Obrigada, mãe. — Júlia abraçou Marta e estalou um gostoso beijo em seu rosto.

— E você, Marília, gostou da festinha?

— Gostei. As crianças reagiram como se tivessem recebido o maior presente da Terra.

— Na realidade para elas foi, Marília. Ou você acha que eles comem bolo de chocolate todo dia?

— Se comem eu não sei Felipe. O que achei foi um tremendo exagero.

— São apenas crianças, filha — completou Marta.

— Bem, se me permitem vou tomar um banho. Estou cansada e tenho muito que estudar.

— Vá, Júlia. Enquanto isso vou preparar o jantar; logo seu pai chegará.

Marta não conseguia deixar de admirar a sensatez com a qual Júlia sempre direcionava sua vida. Preciso

tomar cuidado,
pensava. Antunes
tem razão, tenho
que parar de
comparar Marília a
Júlia. São duas
irmãs
completamente
diferentes uma da
outra; aliás, como
os filhos são
diferentes uns dos
outros... Os mesmos
pais, a mesma
educação, e cada
um seguem uma
direção.

Voltou-se para a
cozinha e percebeu
Marília distraída
folheando uma
revista, alheia a
tudo à sua volta,
mas atenta às
pequenas coisas que
as páginas coloridas
e atraentes
exportavam para o
mundo, atraindo os
jovens que se
deixavam levar pelo
fascínio. Exibiam um
mundo irreal onde o

poder e o glamour reinavam soberanos, como se a vida nada mais fosse que um palco de fantasia. Os olhos de Marília brilhavam. A jovem aspirava para si todo aquele mundo de ilusão.

— Mãe, veja como são lindas estas roupas!

Marta aproximou-se, olhou com indiferença e disse à filha:

— Marília, acha mesmo que a vida é feita somente de futilidade? Tudo isso é cuidadosamente construído. Sem dúvida são muito bonitas, mas não é essa a parte mais importante da nossa existência, essa não é a realidade concreta.

— Tem algum mau querer possuir coisas bonitas, mãe?

— Não, Marília, não há nenhum mal desde que não se ultrapassem os limites do bom senso e da prudência, principalmente quando esses bens são adquiridos com nosso esforço.

— Então não é errado querer ser alguém na vida.

— E como eu disse filha: todos têm o direito e merecem sonhar, correr atrás do seu objetivo, firmar-se como cidadão; não é essa a questão. O que não se pode esquecer é da razão principal por que Deus enviou o homem a Terra, ou seja, o seu crescimento moral e espiritual, o seu melhoramento como criatura do Pai, e isso só se consegue

por intermédio do
bem, da
solidariedade e do
amor ao próximo.
— A senhora não
gosta da minha
maneira de pensar,
não é, mãe?
— Filha, não é que
eu não goste.
Assusta-me um
pouco essa sua
ambição de querer
fortuna, brilho,
sucesso; tudo me
parece tão fútil...
Estaria mais
tranqüila se você se
ocupasse mais de
seus estudos e sua
formação, e não
colocasse tanta
expectativa em sua
beleza como se
fosse ela a sua
provedora.
— Desculpe, mas
não sei ser de outro
jeito.
— Você irá
aprendendo com o
tempo. Isso se der
uma chance para si

mesma.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que os melhores propósitos, as melhores aquisições são aquelas que nos transformam em pessoas de valor; pessoas que lutam, persistem e conseguem êxito através da dignidade do seu aprimoramento moral. O que se veste Marília possui uma vida curta, mas o que se adquire com o estudo e o trabalho suado, mas honesto, ninguém nos tira.

— Em sua opinião, temos que viver pobremente, é isso?

— Não, Marília, não é isso.

— O que é então, mãe? O sucesso, o brilho, as roupas bonitas devem vir como coadjuvantes

na nossa vida, e não
como os
protagonistas da
nossa história. É
preciso que seja
conseqüência do
esforço de cada um,
do entendimento e
da sabedoria com a
qual é prudente
nortear nosso
caminho. A
consciência do bem
e do que é certo é
que nos protege dos
enganos que
geralmente
aparecem
embrulhados para
presente e impedem
os incautos de ver a
realidade, e o
abismo que muitas
vezes engole os
imprudentes.
Quando questiono
os seus sonhos é
porque receio o que
possa vir a
acontecer se não se
dedicar mais aos
estudos, que com
certeza lhe darão

suporte em suas
decisões.

— Mãe, vou lhe
dizer uma coisa,
mas não brigue
comigo.

— Fale filha.

— Sei que possuo
grande beleza.
Considero um
desperdício ficar
enterrada nesta
cidadezinha
mediocre; sei que
posso brilhar na
cidade grande e ter
o mundo a meus
pés.

Marta estremeceu.

— Marília, com todo
o meu amor vou lhe
dizer uma coisa e
espero que nunca se
esqueça: se um dia
tiver o mundo a
seus pés, tenha
humildade, amor e
sabedoria para
trazê-lo até o seu
coração, que é o
lugar onde ele deve
estar.

— Só quero ser feliz,

mãe.

— Francisco de Assis nos esclarece que "A felicidade é uma conquista interior; é um estado que só nós podemos criar, cultivando nossos valores e alegrias da nossa alma". Nossa alma não necessita se revestir de luxo, mas sim de amor. Lembre-se sempre disso, filha. — Marta suspirou. — Bem, já conversamos o suficiente por hoje. Tenho que preparar o jantar. E você, mocinha? Não tem nenhuma tarefa por fazer?

Marília deu um pulo.

— Nossa claro que sim! Amanhã tenho prova.

— Então, sonhadora, acorde e vá estudar.

Os dias
transcorriam vazios
e monótonos para
Marília e cheios de
expectativas e
esperanças para
Júlia. Eram dois
espíritos que
caminhavam em
paralelo, mas que
agasalhavam ideais
e objetivos
completamente
diferentes. Enquanto
uma se dedicava ao
sonho sem nada
construir de real,
esperando a
chegada do
mensageiro que iria
levá-la para a
fantástica vida dos
salões, a outra se
esforçava no
aprendizado,
correndo ao
encontro do que
acreditava ser sua
missão na Terra, ou
seja, auxiliar de
alguma forma o
próximo, fazer a

diferença mesmo
que pequena na vida
das crianças e
jovens de sua
cidade.

O tempo seguia seu
curso, e cada um se
mantinha fiel aos
seus hábitos.

Marta desistira
de conversar com
Antunes a respeito
de Marília, que, sem
se importar muito
com o que sua mãe
dizia, continuava
alimentando seus
devaneios fúteis.

Em um de seus
momentos em meio
aos girassóis, Marília
foi surpreendida
com a presença de
Luiz, filho de um
casal de grandes
amigos de seus pais.
— Luiz! — exclamou
surpresa. — O que
faz aqui? Nunca o vi
nestes campos.
— Oi, Marília,
desculpe-me se a
assustei. Vi quando

— Você tomou esta direção, e logo imaginei que viria para o campo. Vim ao seu encontro. Fiz mal?

— Não, Luiz, de maneira nenhuma. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Queria apenas conversar com você.

Atrapalho?

— Não seja bobo, Luiz, é claro que não me atrapalha.

Sente-se aqui, vamos conversar um pouco.

Luiz acomodou-se próximo de Marília.

— Você gosta destes campos, não?

— Adoro Luiz. Amo essas flores enormes, majestosas. Vou lhe dizer uma coisa: gostaria de ser como elas.

— Igual a elas?

Como assim? Não

acho que são tão
belas como fala.

— Não posso crer
que não ame essas
flores. Veja o porte
delas: altivas,
sempre procurando
a direção do sol, em
busca da vida. Para
mim não existem
flores mais belas.

— Não posso dizer
que são feias porque
não são, mas prefiro
as violetas, os
jasmims ou as
acácias. São suaves,
delicadas... Enfim,
falam mais à minha
alma.

— Não sou como
você. Pareço-me
com os girassóis,
altivos, ocupando
mais espaço. Veja
esses campos, Luiz.
Pode imaginar algo
mais belo?

— Concordo que são
realmente belos,
mas em tudo existe
afinidade, que é
uma questão de

alma. Compreende?
— Não muito. O que sei é que quero construir minha vida como os girassóis: ocupar o maior espaço que puder estar sempre voltada para o sol, para a vida, poder olhar do alto para aqueles que não têm forças para lutar, para vencer, e dizer: "Olhem para mim aqui, bem acima de vocês. Eu consegui".

Luiz estava admirado com a reação e a postura de Marília, aquela menina linda que ele conhecia desde criança e que amava desde muito cedo, mas a quem jamais tivera coragem de se declarar.

— Marília, se a sua intenção é dominar o mundo, não se deve espelhar nas flores.

— Por que, Luiz, que mal há nisso?

— Não haveria nenhum mal se você conseguisse entendê-las, mas percebo que não é o seu caso.

— Explique-se melhor, realmente não consigo captar aonde você quer chegar.

— Preste atenção: as flores são criações de Deus, portanto todas são belas e possuem um papel importante em todo o universo.

— Qual papel senão o de enfeitar o mundo?

— O de ensinar os homens a se respeitar, Marília, como criaturas do mesmo Criador.

— Aonde quer chegar, Luiz?

— Marília, as flores não competem entre si. Cada uma tem

sua beleza própria.
Todas florescem e
deixam as outras
também
florescerem; dão o
melhor de si
cumprindo o seu
papel no universo,
desabrocham de
acordo com seu tipo
sem se importar
com as cores e o
perfume das outras.
Dão o melhor de si
porque sabem que
para o Criador toda
a sua criação tem a
mesma importância.
Nenhuma flor
ambiciona o jardim
da outra; apenas
mostra sua beleza
onde quer que
esteja.

— E daí?

— Daí que os
homens deveriam
agir como as flores.
Saber que existe no
universo espaço
para todos e que
cada um está no
lugar certo para

cumprir sua tarefa
na Terra. Não é
preciso ambicionar o
lugar de ninguém,
Marília, nem desejar
o que não lhe
pertence porque não
está nos planos de
Deus pertencer. O
prudente é fazer do
seu espaço o melhor
local. A partir desse
entendimento, do
seu próprio esforço
e dedicação nas
suas escolhas e
conquistas, tudo o
mais lhe será
acrescentado.
Marília estava
surpresa.

— Você fala igual à
Júlia, que sempre
nos compara com as
flores. Ela já me
disse mais ou menos
isso que você acaba
de dizer. Nunca
imaginei que fosse
tão eloqüente Luiz.
Está me
surpreendendo.

— Você nunca se

interessou em me
conhecer direito,
como realmente
sou.

— É, parece que não
o conheço mesmo.
Balançando a cabeça
com graça, como se
quisesse mudar o
rumo da conversa,
Marília perguntou a
Luiz:

— Vamos correr um
pouco em meio aos
girassóis?

— Vamos.

Os dois jovens
saíram correndo,
sorridentes e felizes,
por entre as flores
amarelas. Só
perceberam o
adiantado da hora
quando, cansados,
jogaram-se no
gramado próximo ao
riacho que
compunha a beleza
daquela paisagem.

— Cansou? —
perguntou Marília.

— Um pouco, não
estou acostumado a

correr tanto assim
como você. Mas a
minha felicidade é
maior que o cansaço
— disse, fitando o
belo rosto da amiga.

— Nunca imaginei
que gostasse de
brincar por entre as
flores.

— Não é estar entre
todas essas flores
que me deixa tão
feliz; é estar perto
da única que me
interessa.

— O que disse? —

Marília ficou
surpresa e sentiu
certa ansiedade.

Encorajado, Luiz
respondeu,
segurando as
delicadas mãos da
amiga:

— Disse, ou melhor,
quero dizer que amo
você.

— O que?

— Isso mesmo que
ouviu. Eu estou
apaixonado por
você.

— Mas desde quando, Luiz? Eu nunca percebi.

— Posso dizer que desde sempre.

— E por que nunca me falou?

— Falta de coragem, medo de ser rejeitado e perder até a amiga. Mas hoje não sei bem por que considere o momento adequado. Gostaria de ser minha namorada?

Marília fitou Luiz, esboçou um tímido sorriso e respondeu:

— Gostaria, sim, de ser sua namorada.

— Você fala sério?!

— Falo!

— Também me ama?

— Não sei se amo você, Luiz, sei que me sinto bem em sua companhia e que me agrada a idéia de namorá-lo. Podemos tentar.

— Isso me basta por

enquanto.

Num impulso,
ele abriu os braços e
acolheu
amorosamente
Marília contra o
peito. Com
delicadeza, deu um
beijo em seus
cabelos sedosos.
Entrelaçaram suas
mãos e, felizes,
retornaram à casa
de Marília.

Capítulo II **Encontro com um** **coração sincero**

— Que alegria é
essa que vejo
estampada no rosto
de vocês? — Marta
quis saber assim
que Marília e Luiz
chegaram.

— Nossa, mãe, é tão
evidente assim?

— Mais do que
possam imaginar.

Posso saber a razão,
apesar de pressentir
qual seja?

— Claro dona Marta.
Vim mesmo para
falar com a senhora
e o seu Antunes.

— Pois então
aproveite a
oportunidade de me
encontrar em casa a
esta hora — disse o
pai de Marília,
entrando na sala.

Meio sem jeito, Luiz
olhou para Marília,
que o incentivou:

— Fale Luiz!

— Bem, eu queria
pedir o
consentimento dos
senhores para
namorar Marília.

Marta sentiu
uma grande
satisfação invadir
seu coração.
Encarou o marido
ansiando por sua
resposta, temendo
uma negativa por
ser Marília ainda tão
jovem.

— Ora, Luiz, é evidente que consentimos. Somos amigos de seus pais há muito tempo e conhecemos você desde pequeno. Causa-nos muita alegria o namoro de vocês. Coloco apenas uma ressalva.

— Qual, seu Antunes?

— Que não esqueçam que são ainda muito jovens. Gostaria que fosse um namoro compatível com a idade de vocês e que não interferisse nos seus deveres diários. Sabem o que estou querendo dizer, não?

Luiz timidamente respondeu:

— Quanto a isso vocês não têm com que se preocupar. Gosto muito de Marília e a respeito;

nada faremos que possa magoar ou trair sua confiança.

— Pois bem, meu rapaz, a permissão está dada. Seja muito bem-vindo a nossa casa.

— Espero que consiga colocar um pouco de juízo na cabecinha de minha filha.

— Mãe! — quase gritou Marília, indignada. — Quem a ouve falar na certa pensará mal de mim.

— Ela tem razão — completou Antunes.

— Isso não é jeito de falar da nossa filha! Não me agrada quando a ouço dizer coisas assim, Marta.

— Por favor, me desculpem, não falei no sentido real da palavra; o que quis dizer foi...

— Eu sei o que a senhora quis dizer,

dona Marta. Esta tarde mesmo conversamos muito sobre isso, não foi, Marília?

— É verdade, mãe. Conversamos sobre isso e aproveito para deixar bem claro que o fato de estar namorando Luiz não implica a mudança da minha maneira de ser e do meu modo de pensar.

— O que é isso, Marília?

— Quero apenas dizer, pai, que tenho a minha personalidade e vou permanecer como sempre fui. — Virou-se para Luiz e continuou: — Espero que não tenha a intenção de me transformar, Luiz, porque se seu desejo for esse é melhor nem começarmos o namoro.

Com voz firme

Antunes a

interrompeu:

— Marília! Que modos são esses?

— Estou falando a verdade, sendo sincera, pai. Quero ser respeitada como sou, pelo senhor, minha mãe, meus irmãos, Luiz...

Enfim, quero que me aceitem assim, da maneira que sou. O que trago dentro de mim me pertence e não dou a ninguém o direito de pretender me mudar.

— Calma, Marília, quem foi que lhe disse que quero namorar você para tentar mudá-la? Em nenhum momento foi dito isso. Gosto de você, e é por isso que quero tê-la comigo, nada mais. Marília, acalmando-se, aproximou-se de

Luiz.

— Desculpe, não quis magoá-lo.

— Tudo bem. — Luiz sentiu que teria um namoro difícil com aquela garota voluntariosa acostumada a defender com afinco sua posição.

— Percebi que ficou tenso. Posso saber por quê?

— Foi só impressão sua, Marília, está tudo bem.

— Que bom! . Assim que Luiz fez menção de se retirar, Marta convidou:

— Fique mais um pouco, jante conosco.

— Obrigado, dona Marta, fica para outro dia. Preciso ir, já estamos quase no final da tarde e ainda não fui ao serviço. E o pior é que nem avisei meu

pai.

— Ora, quem tem o pai como patrão não precisa se preocupar tanto, Luiz.

— Não é bem assim, seu Antunes, meu pai é rígido nas questões de trabalho, e eu estou de pleno acordo com ele. É preciso ter responsabilidade. Geralmente não faço isso, mas hoje foi um dia especial para mim.

— Gostei — disse Antunes. — Era o que esperava ouvir de você, conhecendo seus pais como conheço. Luiz sorriu.

— Se me derem licença, tenho que ir. — Aproximou-se de Marília e, gentilmente, depositou um beijo em seu rosto. — Amanhã a gente se fala.

— Tudo bem — foi à

resposta lacônica de Marília.

Mal Luiz havia saído Marília deixou-se cair sobre o sofá,
— Esse namoro não vai dar certo.

— O que é isso, minha filha? Mal começou e já sabe que não dar certo? Qual o motivo?

— Mãe, a senhora não percebeu o jeito dele?

— Que jeito?

— Luiz é todo certinho.

— Certinho? Como assim, não estou entendendo.

— Preste atenção, mãe. Nós estamos iniciando simplesmente um namoro, mas Luiz precisou fazer um pedido formal como se fôssemos nos casar. Depois, aquela conversa do respeito e sei mais o quê. Não bastasse,

não pôde ficar com a namorada porque tem responsabilidade no trabalho, que, diga-se de passagem, é com o pai dele.

— E o que tem isso? É louvável a atitude dele — disse Antunes.

— Pai, não estou me casando com Luiz, mas apenas iniciando um namoro, que, a bem da verdade, nem sei quanto tempo vai durar.

— Não gosta dele, filha?

— Gosto, mãe. Mas tanto eu quanto Luiz somos jovens demais, como papai bem disse, e eu não quero me envolver seriamente com ninguém, porque não vou permitir, pelo menos por enquanto, que um namoro interfira nos

meus planos.

— E o que você quer, então?

— Quero ter uma companhia para sair, passear, conversar. Alguém que esteja ao meu lado para eu não me sentir sozinha.

— Filha, não faça esse rapaz sofrer, e acima de tudo não brinque com os sentimentos dele.

— Não vou brincar com os sentimentos de ninguém, mãe. Apenas falei que sinto que nosso namoro não irá durar muito tempo, só isso.

— Bem, vamos com calma — concluiu Marta.

Luiz, ao sair da casa de Marília, caminhava pensativo em

direção ao comércio de seu pai, onde trabalhava. Era o filho mais velho de Waldemar e Ângela e, aos vinte e dois anos, já se portava com maturidade e grande responsabilidade em tudo o que fazia. Seu pai considerava-o seu braço direito, confiando plenamente em suas decisões. Tinha mais um irmão menor, que adorava, pois a diferença de idade era grande, fazendo com que Luiz se sentisse um pouco "pai" de Mateus, o que deixava Waldemar e Ângela muito felizes.

Meu Deus, pensava, não sei se fui prudente em me declarar a Marília, talvez tenha sido um pouco precipitado. Ela é tão jovem,

voluntariosa, agindo sempre de acordo com sua vontade, sem se importar muito com o que possam pensar ou sentir as outras pessoas. Deveria ter sido mais sensato e esperado um pouco mais, não sei.

Nossos objetivos são outros, temos metas diferentes.

Ponderou mais alguns instantes e disse a si mesmo:

— Bem, agora está feito. É melhor aguardar para ver no que vai dar.

— Luiz! — exclamou seu pai assim que o viu chegar. — Onde esteve até esta hora? Fiquei preocupado, pois não é seu costume desaparecer assim sem avisar, sem vir à loja.

— Desculpe, mas hoje fiz uma coisa

seguindo o impulso
do meu coração.

Porém, para ser
sincero, não sei se
foi à atitude mais
acertada; pelo
menos por
enquanto.

— Posso saber de
que se trata? Se for
algo pessoal, íntimo
e não quiser se
expor, tudo bem,
meu filho, sem
nenhum problema.

— Não, pai, quero
mesmo me
aconselhar com o
senhor.

— Então me diga o
que é.

— Fui até o campo
me encontrar com
Marília. Sei que
todos os dias ela vai
até lá, e realmente
nos encontramos.

— Qual o mal nisso,
meu filho? Marília é
filha dos nossos
melhores amigos.

— Sei disso, pai.
Não sei se há bem

ou mal, o fato é que disse a ela que a amava e perguntei se queria me namorar.

— Luiz, para mim isso é uma surpresa! Não sabia que gostava dela. Para ser sincero, sua mãe e eu sempre torcemos para que você e Júlia se entendessem.

Luiz ficou desconcertado.

— Pai, ninguém manda nos sentimentos.

Também gostaria que tivesse sido Júlia, porque somos muito parecidos, mas quem vai dizer isso para o coração?

— Tudo bem, filho, é a sua escolha e não temos nada contra. Só não entendo essa sua... Vamos dizer... Aflição em falar que não sabe se fez a coisa certa ou não.

Ela o aceitou?

— Sim. Mas deixou claro que não sabe se gosta ou não de mim, e depois...

— Depois?

— Os objetivos, as ambições, os ideais dela nada têm a ver com o que quero para mim.

— Não compreendo. Que metas são essas?

— Marília sonha em sair daqui e ir para a capital. Quanto a isso acho normal. O que me preocupa é que ela não se importa em como irá fazer isso, entende?

— Não!

— Pai, Marília quer o sucesso a qualquer preço; quer dinheiro, fama, mas não se prepara para alcançar seus objetivos com o trabalho e o esforço. Confia cegamente

na beleza que tem.
Acha que são os
seus dotes físicos
que irão abrir as
portas da fama, e é
esse ponto que não
gosto; aflige-me.
Penso que fui
precipitado e temo
vir a sofrer.

— Filho, agora já
está feito. A melhor
atitude a tomar, se
de fato gosta dela, é
investir nesse
relacionamento.
Quem sabe você não
consegue fazê-la
enxergar outros
valores, outros
propósitos? Você é
um bonito rapaz,
honesto,
trabalhador, tem
tudo para conquistar
o amor de Marília.
Qualquer moça se
apaixonaria por
você. Se a ama de
verdade, invista
nesse namoro para
ganhar seu
coraçõzinho.

— Pode ser que o senhor tenha razão. Mais uma vez estou me precipitando, sofrendo por antecipação, na hora errada.

— Isso, filho, é apenas o começo, e, por ser o começo, é muito cedo para qualquer conclusão. Se vocês tiverem que construir uma vida juntos, o tempo irá contribuir para que tal aconteça. O que está reservado para nós sempre acaba acontecendo.

— Tem razão. Obrigado. Agora me deixe trabalhar, seu Waldemar, não posso perder esse emprego. Pai e filho se abraçaram, sorrindo.

— Jamais perderia meu melhor funcionário!

— Tem alguma entrega para fazer,

pai? '

— Tinha, sim, mas não se preocupe que Pedro já foi levar? Está tudo em ordem.

Marília, assim que viu Júlia entrar, foi correndo em direção à irmã.

— Júlia, você nem imagina o que me aconteceu hoje!

— O que pode ter sido, para deixá-la assim tão eufórica, tão entusiasmada?

— Luiz!

— O que tem Luiz?

— Hoje ele foi ao campo para se encontrar comigo. Conversamos bastante, corremos entre as flores, e no final, quando nos jogamos no chão para descansar, Luiz disse que me amava e me pediu em

namoro!

Se Marília fosse mais observadora, teria percebido o impacto que a notícia causara em sua irmã, que, disfarçando o desapontamento, falou, tentando parecer calma e indiferente:

— Que bom Marília. Você aceitou?

— Aceitei claro!

— Gosta dele?

— Vou ser sincera com você, Júlia.

Sinto que gosto como amigo, mas achei que seria bom ter uma companhia, alguém com quem sair e conversar. É bom ter alguém perto de mim para ajudar a passar o tempo nesta cidade sem nada para fazer. Luiz é um rapaz bonito, e aprecio a companhia dele.

— Mas, agindo assim, não está brincando com os sentimentos dele, iludindo-o?

— Pelo amor de Deus, Júlia, deixe disso! Tenho só quinze anos; Luiz tem vinte e dois. Acha mesmo que vou levar a sério um namoro com alguém sete anos mais velho que eu, principalmente alguém tão careta, assim como você? O dia em que pensar em coisa séria vou arrumar um rapaz que pense como eu, que queira aproveitar a vida sem ficar enfiado nesta cidade.

— Por que você diz "assim como você"? Não entendi.

— Luiz diz as mesmas coisas que você.

— Explique melhor,

Marília, me conte.

— Lembra-se
daquela conversa
sobre as flores que
você me disse?

— Claro que me
lembro.

— Pois acredita que
ele veio com a
mesma conversa,
igualzinho a você?
Acho até que vocês
dois têm muita coisa
em comum, e se
dariam bem juntos.

— O que é isso,
Marília? Como pode
falar assim do seu
namorado?

— Calma, Júlia, não
há nada de mais.
Mesmo porque Luiz
está apaixonado por
mim, não por você.

Júlia não
suportando mais a
dor que sentia em
seu coração, disse à
irmã:

— Dê-me licença,
Marília; essa
conversa já me
cansou. Você coloca

as coisas de um
jeito que eu não
gosto. Vou para o
meu quarto, tenho
que estudar.

— É a única coisa
que você sabe fazer:
estudar!

Júlia ainda
escutou a voz de
sua irmã, mas sem
se voltar saiu,
deixando Marília
entregue a si
mesma. Entrando
em seu quarto,
trancou a porta e,
jogando-se na
cama, permitiu que
lágrimas quentes
caíssem sobre seu
rosto.

— Meu Deus, por
que teve que ser
assim? Por que Luiz
não se apaixonou
por mim, por que
nunca percebeu o
grande amor que
sinto por ele? Foi
amar justamente
Marília, que com
certeza o fará

sofrer.

As lágrimas desciam copiosas sobre suas faces enquanto seus olhos tristes se perdiam no vazio. Recordava a história da sua infância ao lado de Luiz: as brincadeiras, o sorriso sempre presente em seus lábios por conta da alegria que experimentava ao estar junto daquele menino que desde muito cedo tocara seu coração infantil. Criara e alimentara durante todos esses anos uma situação que gostaria de viver com o amigo, que se tornara homem feito, mas mantinha a mesma postura correta e gentil que ela tanto amava.

— Logo Marília! — exclamou. — Por

que ela? Por que
não eu? Como
encontrar força para
esconder meu
sentimento
presenciando esse
namoro, sabendo
que ele a ama e que
para ela esse amor
não representa
quase nada? Com
certeza minha irmã
o fará sofrer.
Com o rosto
escondido no
travesseiro, chorou
até que, venda,
adormeceu.

Seu espírito
liberto do corpo
físico foi logo atraído
por um chamado
que a levou até o
campo dos girassóis.
Perdida, Júlia
procurava quem a
atraísse para aquele
lugar, quando se
encontrou com o
espírito de uma
mulher aparentando
a idade terrena de
cinquenta anos.

Admirou-se.

— Quem é a
senhora? —

perguntou,
sobressaltada. —

Por que me chamou
até aqui, se não a
conheço?

— Porque tenho a
missão de
acompanhá-la em
sua jornada terrena,
o que faço com
muita alegria e
agradecimento a
Jesus por permitir
minha volta ao meu
núcleo familiar do
mundo físico e poder
auxiliar.

— Não compreendo
muito bem. Pode
explicar melhor?

— Fui na Terra sua
bisavó paterna;
desencarnei cedo,
vítima de um ataque
do coração. Ao
chegar à
espiritualidade, fui
beneficiada com a
bênção de Jesus,
graças aos créditos

adquiridos no
decorrer de minha
existência terrena.
Hoje me dedico a
tarefas de auxílio
aos encarnados, e
uma delas é
acompanhá-la, Júlia,
inspirando-a para o
bem, para que não
fuja da sua missão.
— E qual é a minha
missão?

— Ser a voz
defensora dos mais
fracos, criar
possibilidades para
que os esquecidos
possam encontrar o
caminho seguro
para crescer moral e
intelectualmente.

— Desculpe, a
senhora diz que é
minha bisavó,
entretanto não
tenho nenhuma
lembrança de ter
ouvido falar em seu
nome. Posso saber
como se chama?

— Eu me chamo
Amélia. Porém, não

tem a menor
importância o nome;
o principal é o que
sustenta o coração
que anima o corpo e
que acompanha o
espírito no seu
retorno, ou seja, o
amor aprendido e
vivido. O seu
coração, Júlia,
agasalha as virtudes
que necessita para
cumprir a tarefa
para a qual veio ao
mundo: o amor e a
generosidade.

— O que vem a ser
essa missão?

— Você veio a Terra
com uma missão
específica que você
mesma solicitou ao
Mais Alto: melhorar
as condições
precárias dos
excluídos da
sociedade. Ajudá-los
a emergir do
descaso e projetá-
los na conquista de
seus objetivos
nobres. São

espíritos que vieram com a finalidade de aprender a superar as dificuldades através do próprio esforço.

— Não sei se tenho forças para fazer tudo sozinha. Ajude-me então a não desanimar, pois sei que será uma tarefa árdua.

— Com certeza não caminhará sozinha. Terá ao seu lado um espírito nobre, forte e decidido que a auxiliará nisso tudo. Na espiritualidade, a tarefa de inspirá-la será minha, e contarei com o auxílio dos bons espíritos para cobri-la de energia salutar. Confie em Jesus, sem ter dúvidas em seu coração.

— E na Terra, quem é esse espírito que me acompanhará

nessa missão?

— Felipe!

— Felipe! Meu querido irmão!

— Sim, Júlia, ele será seu

acompanhante nesse caminho de amor e caridade.

— Lembrarei tudo o que está me dizendo assim que eu acordar?

— Não, não se lembrará, mas terá a sensação de amparo que lhe trará paz ao coração e força para seguir em frente.

— Diga-me então por que estou sofrendo tanto com a indiferença de Luiz. Por que não foi por mim que ele se apaixonou, já que o amo tanto?

— Calma, Júlia, tudo há seu tempo. Cada um cumpre seu resgate, quita suas dívidas com a lei.

Ninguém escapa das relações de suas ações pretéritas. Não se esqueça nunca de que o amor fraternal é mais importante que tudo, pois é ele que transforma o homem na digna criatura de Deus.

— Ajude-me, por favor, não quero fracassar.

— Vim para isso. Preste atenção as suas intuições, pois falarei com você por intermédio delas; e principalmente lembre-se do que disse nosso Mestre: orai e vigiai. Volte agora para seu corpo físico, e que Jesus a abençoe em todos os minutos. Em segundos Júlia retornou ao corpo adormecido, que, ouvindo o chamado de sua mãe, despertou.

— Júlia, desça, a refeição está servida.

Júlia, despertando, sentiu um bem-estar geral.

— Que estranho... Sinto minha alma leve, em paz. Parece até que dormi durante horas, entretanto não passou tanto tempo assim.

Passou as mãos sobre os olhos, ajeitou seus lindos cabelos pretos e respondeu a Marta:

— Já vou, mãe, só um instante!

Assim que se reuniu à família, Júlia comentou com o pai:

— Papai, nesse pouco tempo que adormeci tive um sonho que está me deixando intrigada.

— Que sonho é esse?

— Sonhei com

minha bisavó, avó do senhor. Mas nem a conheci; como posso sonhar com ela?

— Isso acontece — falou Marta. — Pode ser que ela tenha vindo proteger você.

— Mas sem me conhecer?

— Filha, você não a conheceu, mas ela com certeza a conhece. Os espíritos conhecem aqueles que fazem parte de sua família terrena, e muitas vezes, com permissão dos superiores, vêm ajudar.

— Como se chamava ela?

— Júlia, ela já desencarnou há tanto tempo... Por que quer saber agora o nome? — perguntou-lhe o pai.

— É verdade, por

que esse interesse súbito? — quis saber Marta.

— Já disse, porque sonhei com ela.

— E como sabe que era minha avó? — tornou Antunes.

— Porque no sonho ela me dizia que era minha bisavó paterna, papai.

— Mas você sonhou o quê?

— Não sei. Na verdade não me lembro direito, mas sei que sonhei com ela. Estranho, não é?

— Nossa! — exclamou Marília. — Isso é coisa de fantasma.

— Não seja boba, Marília, os sonhos muitas vezes querem dizer alguma coisa, podem nos trazer alguma mensagem

— afirmou Felipe.

— De onde você

tirou essa conclusão,
Felipe?

— Ora, Marília, já li
qualquer coisa a
esse respeito.

— Leu nada —
comentou Rafael. —
Ele às vezes vai à
sessão do centro
espírita, deve ter
ouvido lá.

— Tem alguma coisa
errada, mãe, em ir à
reunião da mocidade
no centro espírita?

— Claro que não,
Felipe, lá você irá
aprender somente
coisas boas, isso é o
que importa.

— Eu disse a Rafael
para ir comigo, mas
ele acha que é
bobagem!

— Não gosto disso,
mãe. Prefiro as
coisas que se
relacionam com
matéria, coisas
palpáveis, que
podem ser vistas,
tocadas e usadas.
As outras são só

suposições.

— Engano seu, meu filho. As outras é que possuem real valor, ou seja, são as que nos levam a nos aproximar de Deus.

— Não fique brava comigo, mãe, mas não acredito muito em Deus. Penso que isso tudo que as religiões ensinam são conceitos inventados pelos homens.

— Não filho, não são. Todos somos criaturas de Deus e, como tal, devemos viver. Acreditar que é possível viver sem Deus é o mesmo que pretender evitar a morte, ou seja, impossível.

Júlia prestava atenção à conversa sem tirar os olhos de Felipe. Admirava seu irmão, tão jovem ainda e com

opinião própria e bem definida. Sem saber o motivo disse a ele:

— Engraçado, Felipe. Só agora, observando você, pude reparar em como é bonito. Não tanto por fora, mas inteiramente belo por dentro. Confio em você.

— Nossa, que badalação! — disse Rafael, meio enciumado.

— Não precisa ficar com ciúme, Rafael, você também é lindo. E não podia ser diferente; são tão parecidos.

— Mas você não confia em mim como em Felipe, não é?

— Para dizer a verdade, não!

— Por quê?

— Não sei. Talvez por pensar tão igual a Marília.

— Quer dizer então

que você não confia em mim? — Marília reclamou.

— Adoro você, minha irmã, mas não a acho confiável.

— Por quê?

— Não sei; deixe para lá.

— Pode confiar mesmo em mim, Júlia. Quero estar sempre ao seu lado, para o que precisar.

— Obrigada, Felipe, é bom saber disso.

— Eu não digo Rafael? — falou Marília. — São dois ingênuos que pensam que vão poder ganhar o mundo usando apenas o coração.

Vão quebrar a cara! Rafael riu.

— Penso como você, Marília; se Júlia pode contar com Felipe, você pode contar comigo.

— Sei disso, Rafael.

— Vamos parar com essa conversa — falou Marta, com autoridade.

Sem dar muita atenção para o que sua irmã dizia, Júlia tornou a questionar o pai, que em silêncio só ouvia os comentários dos filhos.

— Pai, você não respondeu. Como se chamava nossa bisavó?

— Amélia, Júlia.

— Quando morreu?

— Não sei ao certo. Eu era muito pequeno. O que sei é que faleceu ainda nova, após um fulminante ataque do coração.

— Amélia! — exclamou Júlia. — Estranho, tive uma sensação tão boa ao ouvir esse nome...

— Minha sogra sempre dizia que dona Amélia era

uma pessoa muito boa, caridosa e admirada pela gentileza com que tratava todas as pessoas, sem se importar com raça, cor ou credo, e muito menos com posição social.

— Estranho eu ter sonhado com ela, não acha, pai?

— Isso acontece, filha — disse

Antunes. —

Sonhamos com pessoas, coisas e situações que nem sequer imaginamos.

Não fique impressionada.

— Não estou. Ao contrário, sinto-me muito bem. É um sentimento de amparo, proteção...

Não sei explicar direito.

— Isso é bom.

— Acho que ela não gostou de saber do meu namoro com

Luiz.

— Não seja boba, Marília. O que tenho eu a ver com isso, que não passa de um assunto que só diz respeito a você e Luiz? Vocês é que devem se entender.

— Nossa, Júlia, não precisa ficar tão brava.

— Marília, você tem de aprender a respeitar um pouco mais as pessoas. Cuide dos seus sentimentos, mas não me envolva nessa questão, porque não tem nada a ver comigo.

— Tudo bem — respondeu Marília.

Júlia sentiu novamente seu coração se apertar.

Preciso aprender a me controlar, Júlia disse para si mesma. Ninguém pode descobrir o que sinto por Luiz. Por

que tudo tinha que
seguir esse rumo,
meu Deus, por quê?
Agora o melhor a
fazer é tentar
esquecer, mudar o
foco do meu
coração. Nenhum
dos dois tem culpa
de nada, alimentei
sozinha esse
sentimento.

Marta, após atender
à campainha da
porta, gritou para
Marília:

— Filha, Luiz quer
falar com você.

Desça.

— Ele está aí?

— Claro, não a estou
chamando?

— Já vou!

Com
movimentos rápidos,
Marília passou a
escova nos cabelos,
iluminou os lábios
com batom e,
ajeitando o vestido,

desceu ao encontro do namorado.

— Oi, Luiz, tudo bem? O que o traz aqui há essa hora?

— E se eu disser que foi saudade?

— Fico mais contente ainda — respondeu Marília. Marta se afastou, deixando os namorados à vontade.

— Senti saudade e saí mais cedo da loja com a intenção de convidá-la para um passeio. Aceita?

— Claro que sim! Acho ótima idéia — respondeu Marília, com charme.

— Aonde gostaria de ir? Não... Espere, acho que sei o que vai sugerir.

— Então diga logo, seu sabichão!

— Ao campo dos girassóis.

— Acertou!

— Sabia que não

seria outro lugar a
não ser esse.
Vamos, então.
Marília, após avisar
a mãe, seguiu de
mãos dadas com
Luiz em direção ao
campo.

Assim que
chegaram
usufruíram do
encanto do local
caminhando por
entre as flores que
tanto
impressionavam
Marília. A brisa
gostosa do vento
batia-lhe nos
cabelos. Luiz sentiu
forte em seu peito o
amor pela
namorada, disse-
lhe:

— Marília, não sei ao
certo o que você
sente por mim, mais
meu amor por você
torna-se cada dia
mais forte e
verdadeiro.

— É melhor irmos
com calma, Luiz.

Estamos namorando
somente há cinco
meses, é pouco
tempo para as
coisas se definirem.
Não concorda?

— Não, não
concordo. O que
sinto por você não
nasceu agora,
Marília, por esse
motivo afirmo com
certeza o que
realmente vai a meu
coração.

— Luiz, eu nunca o
enganei. Desde o
início disse-lhe que
gosto de você, mas
também fui muito
clara em afirmar que
não sei se isso é
amor. Sinto-me bem
a seu lado, gosto da
sua companhia, mas
amar é um
sentimento muito
forte e definitivo.
Sou jovem, tenho
ânsia de viver,
realizar meus
sonhos e objetivos,
enfim... Tenho

bastante o que fazer
nessa vida.

— Devo entender
que não estou
incluído nesses
planos, é isso?

— Não foi o que eu
disse. O que falei é
que é muito cedo
para qualquer
atitude mais séria.

— Por que, Marília?

— Porque não vou
desistir das minhas
aspirações por nada
nem por ninguém,
já afirmei isso mil
vezes.

Luiz sentiu uma
dor no peito.
Pressentiu que
fatalmente cairia no
sofrimento. Mas o
que fazer, pensava
ele. Desistir e tentar
esquecer ou seguir
em frente na
esperança de as
coisas mudarem?

— Ficou pensativo.
Por quê?

— Por nada, Marília.
Na verdade existem

situações na vida da gente que não sabemos como resolver, ou de que maneira agir. A impressão que dá é que nos tornamos impotentes diante de fatos que poderão acontecer, mas nada podemos fazer para evitar.

— Como assim, Luiz?

— Simples. Acontece às vezes que ficamos sem ação diante de um impasse. Não sabemos se o melhor e mais prudente é investir ou desistir.

— Se está se referindo a nós, a decisão é somente sua, e é você quem tem que saber o que é melhor para sua vida. Sou sincera quando exponho meus pensamentos, mas também não

posso afirmar que
jamais sentirei algo
maior em relação a
você. É uma
incógnita, Luiz.
Quem poderá dizer
quem manda no
coração?

— Você é uma
pessoa obstinada,
Marília, vai fundo no
que quer e acredita.
O que me assusta é
justamente essa sua
determinação.

— Tudo bem, mas
não pode dizer que
não sou franca, que
o engano. Desde o
início sempre falei a
verdade; pelo
menos essa
qualidade eu
posso.

Luiz abraçou a
namorada e
respondeu:

— Tem razão. Pelo
menos até hoje
nunca me enganou.
Só não posso
compreender o
porquê desse desejo

tão forte de partir
em busca de
aventura. Sim,
porque seus sonhos
não passam de
aventuras, ilusões.
— O que tem de mal
nisso?
— Sonhar nada tem
de mal quando os
sonhos nos levam a
crescer, criar coisas
boas elevando-nos
como seres
humanos, mais os
seus sonhos...
— O que têm eles?
— Pense comigo,
Marília. Você
ambiciona tornar-se
famosa, poderosa,
enfim, viver no luxo
e na riqueza. Mas o
que faz para que
isso provenha do
seu esforço, da luta
prudente, sensata e
equilibrada? Nada.
Esconde-se atrás de
sua beleza e
aguarda o dia em
que ela a levará
para a glória. Aí está

o perigo.

— Meu Deus do céu,
que mal há e que
perigo é esse?!

— O mal está na
razão de que a
beleza é uma
qualidade efêmera,
passageira. Se não
aliarmos a ela o
conhecimento, a
força moral, o
aprimoramento
como pessoa digna,
correta e
equilibrada, essa
mesma formosura
poderá levá-la ao
sofrimento
profundo. Não é a
melhor qualidade
porque é traiçoeira,
pode acabar em um
piscar de olhos,
Marília, e se a
pessoa não está
preparada acaba no
abismo da desilusão
e do descaso de si
mesma. Você
conseguiu
acompanhar o meu
raciocínio?

— Mais ou menos,
Luiz. De todo modo,
posso dizer que não
tenho medo. Quem
poderá tirar de mim
o que Deus me deu?

— Suas aquisições
morais ninguém
poderá tirar de você,
mas a beleza pode
desaparecer em um
piscar de olhos. Se
isso acontecer, o
que sobrará se o
conteúdo de sua
mente estiver
apenas ligado à
formosura?

Marília calou-se,
dando a Luiz a
impressão de
abatimento.

— Ficou triste?

— Não

— Parece-me que
sim.

— Não, Luiz, não
estou triste. Só não
compreendo por que
todas as pessoas
que convivem
comigo e que eu
amo fazem tanta

questão de tentar
anular minhas
ilusões, tirar de mim
o que alimenta
minha alma.

Luiz, sentindo
ternura pela
namorada,
respondeu
imprimindo à própria
voz um tom
carinhoso:

— Porque são
ilusões, e você
mesma afirmou isso
agora. As ilusões,
quando acabam,
geralmente deixam
uma realidade cruel,
um rastro de dor; e
sabe por quê?

Porque a ilusão é o
engano dos
sentidos, ou da
mente, e nos faz
tomar uma coisa
pela outra. Aí está o
perigo de muitos
devaneios. As
pessoas que a
amam receiam por
você, pelo que possa
vir a sofrer no futuro

se não levar sua vida mais centrada na realidade.

— Tem hora em que você fala igual à Júlia. Aliás, vocês são muito parecidos um com o outro.

Não sei por que não se apaixonou por ela, e sim por mim, Luiz.

— Simplesmente porque me apaixonei por você, e não por ela! — exclamou Luiz, sorrindo. — Quero deixar bem claro que não estou exigindo que você seja como eu acho que deve ser. A maneira de cada um é pessoal, e nenhum de nós conhece a si mesmo. Em vista disso, não se pode pretender conhecer a alma do outro. Gostaria apenas que você conseguisse considerar a possibilidade de

construir sua vida,
que apenas começa,
com recursos mais
profundos, e não só
com a sua beleza,
que poderá
facilmente enganá-
la.

Cansada de falar
sempre no mesmo
assunto, Marília
respondeu:

— Tudo bem, Luiz,
vamos mudar de
assunto. Que tal
correremos um
pouco?

— Ótimo, vamos ver
quem ganha à
corrida.

Felizes, os dois
jovens começaram a
correr e a brincar
por entre os
vibrantes girassóis.

Enquanto isso, Júlia,
chegando a casa,
perguntou pela
irmã.

— Onde está Marília,

mamãe?

— Faz algum tempo
saiu com Luiz.

— Nem é preciso
perguntar aonde
foram.

— Isso é verdade,
não sei como Marília
não se cansa de ir
ao campo; faz isso
todos os dias.

— Ela se queixa de
que a cidade não
tem nada a oferecer,
mas também não
vai a lugar nenhum
a não ser ao campo
dos girassóis.

— Sua irmã age
assim desde bem
pequena porque
herdou de seu avô a
paixão por essas
flores.

— Mãe, se não
estiver muito
ocupada gostaria
que me falasse mais
sobre a minha
bisavó Amélia. A
senhora chegou a
conhecê-la?

— Não, Júlia, não a

conheci. Quando
comecei a namorar
seu pai ela já havia
desencarnado.

— Mãe, cada vez
que me lembro de
dona Amélia,
experimento uma
sensação muito boa,
de paz, de amparo...
Não sei dizer ao
certo. Não é
estranho?

— Deve existir
alguma razão. Se
lhe faz bem, o
motivo deve
também ser bom.

— Gostaria de saber
um pouco mais
sobre sua vida
quando encarnada.

— Filha, não posso
lhe dizer muita
coisa, a não ser o
que minha sogra me
dizia.

— Diga-me então o
que sabe.

— Ela também não a
conheceu
pessoalmente, mas
todos que a

conheceram não
poupavam elogios
em relação ao seu
caráter e suas
atitudes
humanitárias.
Diziam ser uma
pessoa muito nobre.
Mulher valente,
sempre pronta a
ajudar os
necessitados,
ampará-los em suas
aflições. Enfim,
muito caridosa. Era
temente a Deus, e
seu intenso amor ao
Criador
transformou-a em
uma fiel criatura do
bem, que se
dedicava
incansavelmente à
prática da caridade.
Como você já sabe,
dona Amélia
desencarnou
relativamente nova
e deixou saudade no
coração de quantos
privaram de seu
convívio. Só posso
lhe dizer isso, filha,

não sei muita coisa
mais.

— Estou satisfeita,
mãe, não há
necessidade de
mais; isso me basta.
Queria apenas saber
do seu
relacionamento com
as leis divinas, a sua
postura de vida e se
de verdade tinha
amor pelas
criaturas.

— Quanto a isso,
Júlia, dona Amélia
era positivamente
uma criatura de
Deus.

— Isso caracteriza
sua posição elevada
no reino dos céus!

— Acredito que sim,
porque nunca se
soube de um gesto
seu que a afastasse
do caminho do bem.

— Devo crer que é
um espírito de luz,
possuindo condições
de auxiliar os
encarnados por
inspirações, para o

caminho reto?

— Júlia, não
conheço muito sobre
a Doutrina Espírita,
mas, se a luz
espiritual é a reação
das boas ações
praticadas na Terra,
devo crer que dona
Amélia possui, sim,
condições para
amparar os
encarnados sob a
permissão de Jesus.
Mas diga-me o
porquê de tanto
interesse repentino
sobre a vida de sua
bisavó.

— Para ser sincera,
nem eu mesma
compreendo. De uns
tempos para cá,
tenho pensado
muito nela, aliás,
desde aquele sonho
que tive há alguns
meses, lembra?
Achei muito
significativo, trouxe-
me uma sensação
de amparo, de
suporte para minha

vida... Não sei explicar direito, mas é com certeza uma impressão muito boa. Ocorrem-me às vezes idéias que parece não vir de mim, mas que me levam a pensar, refletir sobre mim mesma e o que realmente quero.

— Isso é bom, filha, mas não fique assim tão sugestionada.

— Não estou sugestionada, mas relatando o que acontece e me faz muito feliz e confiante.

“Espíritos bons: predomínio do espírito sobre a matéria; desejo do bem.” Suas qualidades e seu poder de fazer o bem estão na razão do grau que

**atingiram.
Compreendem
Deus e o infinito e
gozam já da
felicidade dos
bons. Sentem-se
felizes quando
fazem o bem e
quando impedem
o mal. Suscitam
bons
pensamentos,
desviam os
homens do
caminho do mal,
protegem durante
a vida aqueles que
se tornam dignos
e neutralizam a
influência dos
espíritos
imperfeitos sobre
os que não se
comprazem nela.**

**Quando
encarnados são
bons e
benevolentes para
com os
semelhantes; não
se deixam levar
pelo orgulho, nem
pelo egoísmo,**

**nem pela
ambição; não
provam ódio, nem
rancor, nem inveja
ou ciúme, fazendo
o bem pelo bem.**

**Sua qualidade
dominante é a
bondade; gostam
de prestar
serviços aos
homens e de os
proteger; mas o
seu saber é
limitado: seu
progresso
realizou-se mais
no sentido moral
que no intelectual.**

**"Pertencem à
quinta classe:**

Espíritos

Benévolos."

(O Livro dos

Espíritos — Allan

Kardec — Capítulo

I — item 114)

Capítulo III

Três anos depois

Marília acordou feliz. O sol entrando pela fresta da janela de seu quarto anunciava um dia lindo, cheio de calor, de acordo com a expectativa que sentia de completar, naquele dia, dezoito anos.

Levantou-se e, abrindo a janela, deu bom-dia à natureza, que se agigantava majestosa diante de seus olhos. A grande cadeia de montanhas que compunham o horizonte visto de seus aposentos despertava nela as mesmas ilusões que os girassóis.

— Vocês são belas e poderosas como os girassóis — dizia —, e é assim que quero ser. Faço parte desse contexto,

dessa energia, desse vigor. E como vocês vou dominar o mundo e ser alguém de destaque nessa sociedade hipócrita, repleta de gente que deseja o mesmo que eu, mas não tem coragem de admitir e se esconde no falso moralismo. Prometo a mim mesma!

Acreditando que tudo mudaria a partir dessa data em que completava os tão esperados dezoito anos, Marília rodopiava exultante, ensaiando passos de valsa e entregando-se, como sempre fazia aos seus devaneios.

Completara os estudos, e nem de longe considerava a hipótese de seguir em frente, preparando-se como fizera sua irmã, que

dentro de mais um ano receberia seu diploma universitário. Ao se lembrar de Júlia, disse a si mesma: — Como Júlia pode ser tão ingênua e tão boba? Em vez de se importar consigo mesma, dedicou esses anos a estudar para se formar assistente social com a finalidade de passar a vida toda ouvindo lamentação e tentando resolver problemas que não lhe pertencem. Comigo, com certeza, será diferente. Agora sou maior de idade e, no momento certo, quando a oportunidade aparecer, poderei seguir o meu caminho.

Nem por um instante lembrou-se de Luiz, que

continuava ao seu lado tentando, como sempre, abrir-lhe os olhos para a realidade da vida, que poderia ser de felicidade se agisse com sensatez e equilíbrio.

Nada importava a Marília, que continuava perdida em sua obstinação de ser famosa.

Confiava cegamente em sua beleza, que, com o passar do tempo, ficava cada vez mais exuberante.

Marília voltou à realidade ao ouvir sua mãe batendo levemente na porta e dizendo:

— Filha, levante-se. Hoje o dia será de muito trabalho. É seu aniversário, esqueceu? Temos muito que fazer até a noite. Não quis uma linda festa?

Pois então venha
ajudar a prepará-la.
— Já vou, mãe, um
minuto só! —
respondeu eufórica.
— Minha mãe acha
que por um instante
eu poderia esquecer
o dia de hoje,
pensou ela. Justo
hoje, que marca a
minha liberdade
para dar a minha
vida o rumo que eu
quiser. Meu coração
vai estar onde
estiver à
possibilidade de me
tornar alguém de
verdade, não me
importa como.

**O coração do
homem é sua
bússola; ele o leva
para o bem ou
para o mal,
depende do amor
que balsamiza a
alma. Não se
consegue**

**felicidade sem
coração limpo.
Não se constrói
um mundo melhor
sem aprender a
amar com a
dignidade e a
transparência que
o verdadeiro amor
possui.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

Ao entrar na sala, Marília deparou com seus pais e irmãos, que assim que a viram, começaram a cantar Parabéns a você com toda a alegria e carinho que sentiam por ela.

Abraçaram-se, e a festa programada para a noite começou naquele momento em que os corações sinceros se encontravam,

tentando mostrar a Marília que, mais importante que qualquer sucesso material, a felicidade é ser alvo da atenção das pessoas que nos amam.

O desjejum transcorreu em meio à alegria de todos.

— Agora você já é maior de idade e pode fazer o que quiser Marília — disse Rafael à irmã, imprimindo à voz o tom de apoio às suas decisões.

— Rafael, o fato de Marília completar dezoito anos, assim como aconteceu com Júlia, não significa que deixou de ter pais para cuidar dela e orientá-la — afirmou Antunes, incomodado com o que Rafael dissera.

— Vamos deixar claro que o que

muda é somente sua idade cronológica, porque o restante continua a mesma coisa, como sempre foi. Não fique colocando mais idéias na cabeça dela, que não sabe nem coordenar as que já têm.

— Não sei não, pai!

— disse Júlia.

— Júlia — respondeu Marília —, não sei por que estão preocupados com isso. Eu mesma não falei nada. Vamos deixar o tempo correr, não é melhor?

— Bem, mudemos de assunto — disse Marta, — Agora é hora de alegria. Depois teremos muito que preparar, e não podemos perder tempo.

Enquanto saboreavam o gostoso café da

manhã preparado
com dedicação por
Marta, a campainha
tocou.

— Deixe que eu
atendo. — E Felipe
se levantou, indo em
direção à porta.

Voltou trazendo
nas mãos um
encantador
ramalhete de flores
do campo.

Entregou-o a Marília,
que, ansiosa, abriu o
pequeno envelope.

No cartão, os
dizeres: "Meu amor,
parabéns. Acredito
ser hoje o nosso dia
de felicidade. Beijos,
Luiz".

— Nossa, que
romântico! —
exclamaram juntos
Rafael e Felipe, ao
ouvirem a irmã ler o
cartão em voz alta.
Marília leu e releu o
cartão, tentando
entender o que ele
queria dizer com
"nosso dia de

felicidade".

— Não compreendo
mãe. O que Luiz
quer dizer com isso?

— Ora, Marília — foi
Júlia quem
respondeu —, vocês
namoram há três
anos. É justo que ele
se imagine fazendo
parte deste dia, que
considera tão
importante.

— Não sei Júlia,
senti alguma coisa
que não me
agradou...

— Filha, precisa
parar de estar
sempre na defensiva
— falou Marta.

— A senhora tem
razão, mãe. Tudo o
que se fala com
Marília, ela logo
responde como se
estivesse se
defendendo de algo.

— Pára com isso,
Felipe!

— É verdade. Acha
que só você tem
razão e sabe das

coisas. Prefiro mil vezes conversar com Júlia do que com você.

— Pois então converse com ela. Não faço questão nenhuma de saber o que vai a sua cabeça. Aliás, disso todo o mundo já sabe.

— Do mesmo jeito que todo mundo também já conhece quais são os seus sonhos e ilusões, não é, Marília? Nada para você importa a não ser o que sonha e quer. Desculpe, mas você passa de uma egoísta.

— Chega! Vamos parar com isso! — exigiu Antunes, com autoridade. — Hoje é o aniversário de Marília. Vamos respeitá-la e passar este dia em paz e com alegria.

— Você tem razão,

Antunes, não
devemos estragar
um dia auspicioso
como este. Vamos
terminar logo com
esse café e começar
a preparar a festa.
Trabalho é que não
nos falta —
completou Marta.

Entregue aos
afazeres, Marília
nem percebeu o
escoar das horas. No
início da noite,
entrava ela na sala
de sua casa, linda,
sob aplausos e
olhares de
admiração de seus
convidados.
Luiz aproximou-se
da namorada e
beijou-lhe o rosto.
— Você está linda,
Marília!
— Obrigada, Luiz —
disse sem muita
emoção, preocupada
apenas com o efeito

que causava nas
pessoas presentes.

Os comentários
corriam soltos, e
Marília cada vez
mais acreditava ser
o início de uma nova
vida, a vida que
realmente queria e
esperava que
acontecesse o mais
rápido possível.

— Como sua filha é
linda, Antunes —
dizia Waldemar. —
Luiz soube escolher
minha futura nora.

— É verdade —
concordou Ângela.

— Marília é uma
moça encantadora.

— Você é um
homem de sorte.

Tem duas filhas
dignas de
admiração;
diferentes uma da
outra, mas ambas
possuem encanto e
beleza.

— Realmente Marta
e eu temos muito
orgulho de nossos

filhos.

Marília circulava por entre os presentes entregue à sua excessiva vaidade. Tinha consciência do poder que exercia sobre os outros por seus incontestáveis dotes físicos.

— Marília? — Júlia se aproximou da irmã. — Notei a sua falta de atenção em relação a Luiz. Ele está sozinho em um canto, enquanto você circula como se não o conhecesse.

— Pelo amor de Deus, não comece. E, por favor, não estrague a minha noite, nem a minha festa. Sem sermão, pelo menos hoje.

— Marília, isso não é um sermão — defendeu-se Júlia. — Luiz é seu namorado, está praticamente

sozinho enquanto
você é toda sorrisos
para os outros.

— Você pode me
fazer um favor?

— Claro, o que
quer?

— Vá fazer
companhia a Luiz, já
que está com tanta
pena dele. —
Dizendo isso,
afastou-se da irmã,
não lhe dando
chance de resposta
e deixando-a
boquiaberta.

Júlia olhou em
direção a Luiz e
condoeu-se em vê-
lo afastado dos
demais. Seguindo
seu impulso, foi em
sua direção.

— Por que tão
sozinho Luiz? Vá
para junto de
Marília.

— Não, Júlia, é
melhor deixá-la
livre. Você sabe o
quanto ela gosta de
se promover.

— Desculpe-me,
mas isso não está
certo. Vocês são
namorados devem
ficar juntos,
principalmente na
noite de hoje, que é
de festa e alegria.

— Penso como você,
Júlia, mas
infelizmente Marília
não se afins com
nossas idéias.

— Luiz, sei que não
deveria me
intrometer, mas
acho que você
precisaria se impor
um pouco mais,
defender com mais
firmeza suas
vontades, e não
aceitar tudo
passivamente,
permitindo que as
coisas aconteçam
como Marília quer. O
que me passa é que
gosta de estar
sempre à sombra
dela. Estou errada?

— Não totalmente,
Júlia.

— E porque que não reage dando vazão à sua própria personalidade?

— Por medo de perdê-la.

— E agindo assim você acha mesmo que a tem?

Luiz levou um susto.

— O que quer dizer com isso?

— Que vocês namoram há três anos e ninguém nota progresso nenhum em seu relacionamento. É um namoro morno, sem carinho, companheirismo ou cumplicidade. Pensam diferente e agem mais diferente ainda.

— Júlia, Marília é muito nova, é preciso ter paciência!

— Até onde deve ir essa paciência, Luiz? Para um

relacionamento dar certo o carinho e a atenção deve ser recíproco. É necessário que um se preocupe com o outro. Além do mais, Marília sabe muito bem o que quer. Defende suas idéias com todo o vigor sem dar nenhuma chance a quem quer que seja de contrariá-la. Isso prova que não é tão nova assim, que tem capacidade de perceber as coisas e definir seus sentimentos. Deve saber o que espera de você, se é que espera alguma coisa.

Pelo olhar triste de Luiz, Júlia percebeu que tinha ido longe demais. Tentando aliviar a tensão que criara, disse-lhe:
— Perdoe-me, estou

constrangida. Acho que exagerei. Não devia ter me intrometido; afinal, esse é um assunto que só diz respeito a vocês, e não a mim. Desculpe-me, por favor!

— Não me peça desculpas, Júlia, sei que quer o nosso bem. Ou, melhor dizendo, o meu bem, porque para Marília tudo está indo às mil maravilhas, conforme ela deseja.

— Não vou negar que quero o seu bem, Luiz, talvez mais do que você possa imaginar. Mas isso não me dá o direito de me intrometer na sua vida.

— Eu lhe dou esse direito.

A conversa foi interrompida pela chegada de Marília.

— Vocês dois até parecem namorados conversando sozinhos no canto da sala.

— Marília, não gosto nem acho elegante esse seu jeito de se expressar — protestou a irmã.

— Júlia, nada do que faço ou falo você aprova ou acha elegante, como disse. Por isso, não me surpreende nem me preocupa o fato de você não gostar.

— Virou-se para Luiz e, autoritária, falou ao namorado: —

Venha, vou soprar as velinhas do bolo, e o mínimo que posso esperar do meu namorado é que esteja comigo nesse momento.

Luiz olhou para Júlia, novamente para Marília, e disse:

— Não estivemos juntos até agora

porque você não quis. Estava muito ocupada consigo mesma para se lembrar de que tem um namorado.

— Está pegando a mania de Júlia? Pare de reclamar e me siga! — E o puxou pela mão.

Antes que os convidados iniciassem a canção, a porta da frente se abriu, e Carlos, amigo de Luiz, entrou acompanhado de Marcelo. Luiz, assim que o viu, foi ao seu encontro acompanhado de Marília e feliz com a presença do amigo. — Carlos, pensava que não viesse mais! Já é tarde! — Desculpe o atraso, Luiz, tive um contratempo. Sei que é tarde, mas não poderia deixar

de vir cumprimentar
sua namorada.

Respondendo ao
olhar indagador de
Luiz, Carlos
apresentou o amigo:
— Este é Marcelo.

Convidei-o sem
avisar e espero que
não se importem e
me desculpem.

Marcelo, este é Luiz,
e esta, Marília, sua
namorada e a
aniversariante.

— Muito prazer. —
Luiz estendeu-lhe a
mão. — É bom tê-lo
aqui conosco. Fique
à vontade.

Marília, educada,
seguiu o gesto do
namorado e também
lhe estendeu a mão,
fitando-o
demoradamente.

Que belo rapaz,
pensou.

— Carlos, somos
amigos há bastante
tempo e não me
lembro de ter visto
Marcelo por aqui.

— Não deve ter visto mesmo, Luiz. Ele mora na capital e vem muito pouco aqui, devido aos seus afazeres.

— É verdade, Luiz, não tenho muito tempo para o meu lazer. Viajo muito por conta do meu trabalho, mas hoje tenho o enorme prazer de conhecê-lo. Carlos fala muito bem de você, com grande admiração.

— Obrigado. Carlos é um amigo querido. Mas, diga-me, qual é o seu ramo de atividade? — perguntou Luiz, interessado.

— Sou sócio de uma empresa de modelos e viajo muito por conta dos contratos. Essas coisas relacionadas à moda em geral.

Marília levou um choque. Não

desviava os olhos de Marcelo. Estava impressionada com o porte físico do rapaz e, sobretudo com sua condição de morar na capital, e mais ainda por trabalhar no lugar onde sua vida inteira sonhara estar.

Preciso me aproximar dele. Aí está a minha grande e talvez única oportunidade de entrar nesse mundo que me fascina.

Júlia, aproximando-se, foi apresentada a Marcelo, que, galante, disse:

— A beleza é um bem de família?

— Obrigada... —

Júlia respondeu, meio sem jeito.

Marília fuzilou a irmã com o olhar. É melhor não criar nenhuma ilusão, queridinha, porque esse será meu. Ou

não me chamo
Marília!

Júlia,
conhecendo a irmã,
percebeu um brilho
diferente em seus
olhos e um ar de
desafio em seu rosto
que tão bem
conhecia. Com
naturalidade,
convidou:

— Bem, vamos
todos cantar os
parabéns para
Marília!

Júlia notara o
interesse no
semblante da irmã e
sabia quanto ela era
impulsiva e
voluntariosa; daí
para alguma
situação
desagradável
ocorrer era apenas
um passo.

Seguindo a
sugestão de Júlia,
todos se reuniram e,
com alegria,
cantaram para
Marília, que, sem se

importar muito com o entusiasmo dos presentes, procurava Marcelo com os olhos, no que era correspondida.

Marcelo percebera o interesse que despertara em Marília e, por sua vez, impressionado com sua beleza e porte, devorava-a com o olhar insistente. É uma questão de tempo, disse a si mesmo. Aliás, muito pouco tempo.

— Carlos, que moça linda é essa! Parece até uma deusa. Você não me disse que a aniversariante era essa beldade toda.

— Calma, Marcelo, ela é namorada de Luiz, esqueceu? Não me meta nem me coloque em situação

difícil.

— Namorada não é esposa; hoje é e amanhã pode não ser. Vamos falar a verdade, é uma pena esconder esse rosto numa cidade sem nenhuma chance. Marília deve ser mostrada ao mundo, meu amigo.

— Deixe-a em paz, Marcelo. Marília não é para você.

— Aí é que você se engana. É o tipo de garota que realmente é para mim, basta que você preste atenção.

— O que está querendo dizer?

— Carlos, escute. Se ela estiver bem com o namorado, se de fato gostar dele, o que não me parece, nada irá separá-los. Mas, analisando os olhares que ela está me dando devo crer que Luiz não está

tão seguro assim.

— Pelo amor de Deus, Marcelo, o que está inventando?!

— Eu, inventando? Carlos, essa garota está me paquerando abertamente. Nem se importa que os outros possam perceber. Se prestar mais atenção, poderá constatar o que estou dizendo. Ela não tira os olhos de mim. É ou não um convite? Por falar nisso, há quanto tempo eles namoram?

— Parece-me que há três anos.

— Puxa! Esse Luiz ou é muito ingênuo ou é trouxa mesmo.

— Marcelo, não vou permitir que fale assim do meu amigo, que, aliás, recebeu você muito bem. Ele é uma das melhores pessoas

que conheço! —
exclamou Carlos,
com indignação.
— Calma. O que eu
disse não anula o
caráter dele. O
rapaz continua
sendo a melhor
pessoa que você
conhece. Talvez o
fato de ser assim
tão correto o impeça
de perceber o tipo
da namorada dele.
— Como assim? O
que você quer dizer?
— Nada de mais,
Carlos. Apenas
percebo a realidade,
e essa intuição,
vamos dizer assim,
adquiri em todos
esses anos com meu
trabalho. O tempo
dirá meu amigo.
— Eu o trouxe para
prestigiar meu
amigo, e não para
ficar de prosa com
você analisando
uma questão que
não nos diz respeito.
Vamos mudar de

assunto.

— Tudo bem!

Júlia não deixou de observar os dois rapazes.

Incomodada, aproximou-se e os convidou:

— Venham mais para perto. Luiz quer dizer algumas palavras para Marília.

Carlos e Marcelo trocaram olhares e, gentis, seguiram Júlia. Ao ver todos reunidos, Luiz, um pouco nervoso, dirigiu-se primeiro aos pais de Marília, dizendo:

— Seu Antunes e dona Marta, se me permitem, gostaria de me dirigir aos senhores e fazer um pedido a Marília.

— Fique à vontade, Luiz!

— É do conhecimento dos senhores o tanto

que amo sua filha e
meu desejo sincero
de fazê-la feliz.
Nosso namoro já
dura três anos,
nossas famílias se
conhecem há longo
tempo se estimam e
se respeitam.
Portanto, não vejo
motivo para adiar
mais este pedido.
Marília sentiu uma
agonia inexplicável e
encarou o
namorado.
— Luiz!

O rapaz,
interpretando o
chamado como algo
positivo e
emocionado, sentiu-
se encorajado, e
continuou feliz:
— Calma querida! —
Olhou para Antunes
e Marta. — Quero
pedir a mão de sua
filha em casamento.
Luiz retirou do bolso
um pequeno estojo,
abriu-o e deixou à
mostra um lindo

anel de brilhante.
Segurando a mão da
namorada, ofereceu-
lhe a jóia,
perguntando:
— Marília, você quer
se casar comigo?

Ela nada
respondeu, nem
demonstrou emoção
alguma. Sua reação
provocou nos
presentes um
incômodo silêncio. A
expectativa foi
geral. Júlia, sem
conseguir se
controlar permitiu
que seus olhos se
enchessem de
lágrimas, que
escorreram soltas
por suas faces. Meu
Deus pensou tudo
perdido. O momento
que mais temia
chegou.

Ninguém tirava
os olhos de Marília,
que continuava
parada, sem reação
e sem saber o que
fazer. Docemente,

Luiz repetiu a pergunta, acreditando estar à namorada sob o efeito de grande emoção:

— Querida, você quer se casar comigo?

Deixando todos os presentes perplexos, Marília respondeu com firmeza:

— Não!

Sem entender, Luiz indagou:

— Não?

— Não, Luiz, não quero me casar com você.

Marcelo sussurrou para Carlos:

— Não disse? Foi mais rápido do que eu mesmo imaginei.

— Fique quieto, Marcelo!

— Mas, Marília... Eu pensei... —
continuou Luiz.

— Pensou o que, Luiz? O fato de estarmos

namorando há
alguns anos não lhe
dá o direito de achar
que quero me casar
com você.

— Marília! —

Antunes ficou pasmo
com a atitude da
filha.

— Desculpe pai, mas
Luiz deveria ter
falado comigo antes,
para não fazer o
papel ridículo que
está fazendo!

Júlia, indignada,
correu para a irmã e
lhe disse, quase aos
gritos:

— Você não tem o
direito de dizer isso
a Luiz, humilhando-
o perante as
pessoas!

— Por quê?

— Porque é preciso
respeitar os
sentimentos dos
outros, Marília. Se
você quer mais um
tempo para pensar,
diga isso de uma
maneira mais

sensata e generosa,
em um lugar mais
adequado, onde
possam estar mais à
vontade para falar.

— Não, Júlia, não
irei a nenhum lugar
mais adequado,
porque o que tenho
para falar não
preciso esconder.

Foi bom que
aconteceu agora,
porque já não
suportava mais essa
situação. Será que
alguém pode me
entender?

— O que quer dizer,
filha? — perguntou
Marta, constrangida.

— Quero dizer o que
sempre disse a
minha vida inteira e
a que ninguém deu
importância. Não
quero me casar com
Luiz, nem hoje, nem
nunca, porque não
vou passar minha
vida nesta cidade
em meio a panelas e
filhos. Quero alçar

vôo, mãe, entende
isso?

— Por que então me
namorou todo esse
tempo? —

questionou Luiz,
com o fio de voz que
ainda lhe restava. —

Por que brincou com
meus sentimentos?

— Luiz, eu gosto de
você; não da

maneira que você
gostaria, mas como
amigo. Não tive a

intenção de brincar
com seus

sentimentos, apenas
não o amo. Se fiquei
com você todo esse
tempo foi porque me

sinto bem em sua
companhia, gosto de
conversar com

você... Enfim, é bom
ter com quem sair e
me divertir.

Luiz mal podia
acreditar no que
estava acontecendo.

Sentia-se vazio,
tonto, como se o

chão lhe faltasse sob

os pés. Lentamente fechou o estojinho e guardou-o no bolso. Não sabia o que fazer, que atitude tomar; não conseguia definir o que realmente sentia naquele instante.

Seus pais, envergonhados com toda aquela situação, pegaram-no pelos braços e convidaram-no a sair.

— Vamos, filho, você não tem mais nada o que fazer aqui. Chega de humilhação por hoje.

Como um autômato, Luiz saiu acompanhado de seus pais e seu irmão. No instante em que atravessava a porta, Marília o chamou.

— Luiz!

Ele se virou para

responder:

— Chega Marília,
não temos mais
nada a nos dizer.
Acabou.

Antunes e Marta
correram ao
encontro de
Waldemar e Ângela.
Antunes, tomando a
frente de Marta,
disse-lhes,
embaraçado:

— Amigos, estamos
tão aturdidos quanto
vocês com o
procedimento
inesperado e
desagradável de
minha filha. Peço-
lhes que nos
desculpem em nome
de todos os anos de
nossa amizade. Não
sei o que fazer para
reparar a decepção
que com razão,
devem estar
sentindo.

— Nunca
poderíamos
imaginar que fosse
acontecer esse

episódio tão triste
em meio à alegria
da festa que
preparamos com
tanto gosto — Marta
afirmou. —

Gostamos e
admiramos muito
seu filho, e sempre
vimos com alegria o
namoro dos dois,
acreditávamos
mesmo que daria
certo.

— Acredito dona
Marta. Ângela e eu
sabemos que vocês
não tinham
conhecimento de
nada, e muito
menos tiveram
participação de
alguma forma. Não
os culpamos de
absolutamente nada
e nossa amizade não
irá se abalar por
essa atitude tão
leviana de Marília.

— Só não
compreendo por que
ela deixou o namoro
ir tão longe,

chegando a ponto de Luiz acreditar no casamento. Por que sua filha alimentou o sentimento de meu filho? — perguntou Ângela, com lágrimas nos olhos. — Isso eu também me pergunto! — respondeu Antunes. — Desculpem-me o que vou dizer, mas muitas vezes disse a Luiz que ele não havia feito a escolha certa. Júlia é a pessoa certa para ele, mas os jovens nunca escutam os conselhos dos pais. Agora é amargar a dor do desprezo feito na frente de todos — desabafou Waldemar. Luiz, que até então ouvira tudo em silêncio, respondeu sem conter sua irritação: — Gostaria que parassem com esses

comentários. Marília está no direito dela de não aceitar. Não quer se casar comigo, quanto a isso não temos mais o que questionar. O assunto está morto; nosso caso, encerrado. Não vou ficar me lamentando por alguém que não teve a preocupação e a consideração de me poupar diante de tantos convidados. Humilhou-me sem pensar no que eu poderia estar sentindo naquele momento, em meu sonho de felicidade, que caía por terra. Se houvesse pelo menos respeito por mim, a mesma atitude poderia ter sido tomada de uma maneira mais delicada, sem a clara intenção de me machucar. O ponto final foi colocado.

Obrigado, dona
Marta e seu
Antunes, por terem
me recebido tão
bem em sua casa. —
Virou-se e, sem
esperar pelos pais,
alcançou a rua.
— Luiz, espere-nos!
— Não, pai, eu já
vou. Prefiro
caminhar sozinho.
Assim coloco meus
pensamentos no
lugar.

Retornando à
sala, Antunes e
Marta aborreceram-
se com os
comentários que se
faziam entre os
convidados.

Marcelo, no íntimo,
se deliciava com o
ocorrido.

— Vamos embora,
Marcelo — convidou
Carlos.

— Calma, vou me
despedir de Marília.

— Aproximou-se
dela, segurou-lhe as
mãos, e levou-as

aos lábios. — Boa noite senhorita. A festa estava excelente. Espero tornar a vê-la. Marília respondeu com um sorriso nos lábios:

— Boa noite, Marcelo, foi um prazer conhecê-lo. Com certeza nos veremos novamente.

Júlia, observando a irmã, percebeu sua intenção e pensou você não toma jeito! Aproximou-se mais um pouco e se despediu:

— Boa noite, seu Marcelo!

— Não acha que sou muito novo para ser tratado com tanta cerimônia?

— Imagino ser o tratamento adequado quando não se tem nenhuma

intimidade.

— Pára com isso, Júlia, Marcelo já é nosso amigo; estou enganada? — Marília o encarou.

— De modo algum. Eu já os considero meus amigos. — E deu uma piscadinha para Marília, que respondeu com mais um caprichado sorriso.

Júlia puxou a irmã para um lado, irritada.

— Não tem vergonha, Marília?

— Não, Júlia, não tenho.

— Grosseiramente dispensa seu namorado sem a menor preocupação em poupá-lo do vexame, e, nem bem acaba a festa, derrete-se toda para outro convidado.

Acha que não percebi seu interesse por esse

tal Marcelo a noite
toda? Um rapaz que
mal conhecemos!
— E daí? Não
terminei o namoro
com Luiz? Não tenho
que dar satisfação a
ninguém do que faço
da minha vida,
simplesmente
porque é um
problema meu, e
muito menos a você.
A não ser que
também esteja
interessada nele.
Acertei?
— Não seja boba,
Marília. Sabe o que
mais me intriga?
— O quê?
— De que será feito
o seu coração?
— Ele é feito de
vontade de viver,
que é exatamente o
que falta em você.
— Marília, vá
despedir-se dos
convidados. A festa
acabou — disse
Marta, chegando
perto das filhas.

— Mãe, é muito cedo!

— Não, já é muito tarde, considerando o estrago que você fez.

— Mas...

— Chega! Despeça-se das pessoas. Antes de dormir, temos muito que conversar.

Marília obedeceu. Em menos de trinta minutos, a casa estava vazia.

— Felipe e Rafael, vão para o quarto — ordenou Antunes.

— Pai deixe-nos ficar, já somos grandes — pediu Rafael.

— Não vou falar duas vezes. Minha paciência chegou ao fim, Marília se encarregou disso.

— O senhor prefere que eu saia também?

— Você não, Júlia. Quero que fique.

— A queridinha vai ficar. Já sei, lá vem sermão...

— Cale-se, Marília! Tenha pelo menos o bom senso e o respeito de ouvir seus pais e dar a eles uma boa explicação.

Diante do tom enérgico de Antunes, Marília não ousou dizer nada. Sentou-se e, em silêncio, ouviu o que seu pai tinha a dizer.

— Muito bem, imagino que deva ter uma explicação aceitável, que justifique sua atitude desagradável humilhando seu namorado, na frente de todos os convidados, deixando todos nós, sobretudo os pais dele, em uma posição desconfortável,

vexatória mesmo.
Não reaja como se
nada tivesse
acontecido, porque
aconteceu, e o mal
que você fez a Luiz
pode ter uma
conseqüência maior
do que possa
imaginar.

Nesse momento,
Marília caiu em si.
Percebeu a real
extensão do que
fizera e o quanto
havia magoado Luiz
e seus pais. Não
sabia o que dizer,
pois compreendeu
naquele instante que
tinha ido longe
demais.

Conscientizou-se da
sua presunção e de
seu enorme
egoísmo. Sem saber
como explicar,
balbuciou apenas:
— Desculpe-me, pai!
— Tudo bem,
Marília, sua mãe e
eu podemos até
desculpá-la, mas

como tirar a dor da
humilhação, a
mágoa e a decepção
do coração de Luiz?
Por mais que você
peça desculpas,
minha filha, o cravo
da dor já marcou o
coração dele.

— Luiz irá me
esquecer logo, vocês
verão.

— Marília, preste
atenção. As pessoas
esquecerão o que
nós dissemos um
dia; esquecerão o
que nós fizemos, ma
nunca a maneira
como nós as
tratamos. E isso que
eu gostaria que você
aprendesse: como
tratar as pessoas.
Marília, após alguns
segundos calada,
voltou à sua
natureza
voluntariosa e
respondeu ao pai:
— Pedi desculpas ao
senhor e a mamãe.
Posso até me

desculpar com Luiz e seus pais. Mas tirar a mágoa do coração dele não posso, isso é um fato. O que fiz está feito e não tem conserto. Ele vai ter que aceitar e levar a sua vida como quiser, contanto que não atrapalhe a minha.

— Marília! — Marta a admoestou.

— É isso mesmo, mãe. Não amo Luiz, não vejo motivo algum para casar com ele e estragar minha vida que está apenas começando, anulando os meus sonhos, minhas ilusões e meus objetivos.

— Filha, por que namorou o rapaz por três anos? Por que brincou com os sentimentos dele, iludindo-o?

— Não brinquei nem iludi ninguém. Luiz

deveria ter me consultado antes, para não fazer o papel ridículo que fez hoje.

— Posso dar minha opinião, pai?

— Claro Júlia.

— Penso Marília, que ele confiou no relacionamento de vocês, que já durava três anos, porque ninguém namora uma pessoa tanto tempo sem gostar dela.

Ninguém podia imaginar o quanto Júlia sofria por saber que o homem que ela amava enfrentava o desprezo de sua própria irmã.

— Júlia tem razão!

— Então vocês gostariam que me casasse com ele e fôssemos os dois infelizes? É isso?

— Não, minha filha

— voltou a dizer

Antunes. — Todos querem a sua felicidade e a de Luiz. O que questionamos foi à maneira cruel de recusar o pedido feito com tanto amor; foi jogar no chão as esperanças dele. Você expôs o rapaz que a ama fazendo sofrer seus pais. Entende?

— Tudo bem. Eu deveria fazer o quê? Falar como?

Marta sentiu certa aflição ao perceber claramente que sua filha estava presa a conceitos sem nenhum fundamento mais nobre ou altruísta. Sua avaliação da vida estava relacionada à falsa ilusão de ser alguém por sua exuberante beleza. Carinhosa, segurou as mãos de Marília, para lhe

dizer:

— Quando respeitamos alguém, sempre temos a preocupação de não ferir essa pessoa, agindo com sensatez e prudência.

— O que a senhora queria que eu tivesse dito?

— Não teria sido melhor dizer que, apesar de se sentir lisonjeada, considerava importante conversarem sobre isso só os dois, com mais calma, no momento em que ele assim o desejasse ou no dia seguinte, quando estaria mais tranqüilo?

— Mãe, em que isso mudaria minha decisão?

— Sua decisão com certeza não mudaria em nada, mas a sua delicadeza, o

respeito com os
sentimentos dele e
com os presentes
decerto não
provocaria tanto
impacto como
causou sua resposta
inesperada e
imprevista.

— Sua mãe tem
toda a razão,
Marília. Existem
várias maneiras de
se dizer a mesma
coisa, e a que você
escolheu não foi a
mais acertada. Tudo
depende da
generosidade com
que se fala.

— Marília não se
importa com isso,
pai.

— Por que diz tal
coisa, Júlia?

— Porque percebi
Marília a noite toda
se insinuando para
aquele amigo de
Carlos.

— Que amigo é esse
que não me
apresentaram?

— O nome dele é Marcelo, e eles não tiravam os olhos um do outro.

— Isso é verdade, Marília?

— Eu odeio você, Júlia! — foi sua resposta.

— Não perguntei se ama ou odeia sua irmã; perguntei se é verdade o que Júlia está falando.

— Pai, não tenho culpa se ele não tirava os olhos de mim.

— Mas tem culpa de não tirar os olhos dele — respondeu Antunes, cada vez mais nervoso. — Você precisa se conscientizar de que age de um modo imprudente e muitas vezes leviano. Descarte da sua vida essa mania de grandeza, minha filha. Isso, além de não levá-la a nada,

poderá trazer-lhe
muita dor.

— Dor de que, pai?

— Dor da solidão,
Marília, que
machuca muito o
coração.

— Você se
interessou por esse
Marcelo? — Marta
quis saber.

— Sim, mãe.
Interessei-me
muito.

— Meu Deus, não
posso acreditar!
Três anos
namorando o
mesmo rapaz e vem
me dizer que se
interessou por um
que mal acabou de
conhecer! É de
enlouquecer,
Antunes.

— Mãe, deixe de
drama. O que eu
percebo é que todos
vocês fazem um
cavalo de batalha
por qualquer coisa.
Até hoje não
compreendem

minha
personalidade;
entendam que não
se muda a própria
natureza. Aceitem-
me como sou sem
querer me
modificar, porque
não vão conseguir.
Tenho traçado um
plano para minha
vida e não tenho o
menor interesse em
me desviar da
minha rota.

— Nem por nós,
minha filha?

— Eu os amo muito,
mãe, mas mesmo
assim afirmo que
nem por vocês,
porque
simplesmente luto
por mim, pelo meu
destino. É justo,
porque a vida é
minha e sou eu
quem deve
direcioná-la.

Marta não
resistiu ao
desapontamento ao
ouvir tal declaração

da própria filha.
Cobriu o rosto com
as mãos e chorou,
desabafando sua
decepção.

— Viu o que você
provocou em
mamãe? Está
satisfeita, dona do
mundo? — Júlia
abraçou Marta,
falando-lhe com
carinho: — Mãe, não
chore! Tudo vai dar
certo, fique calma.
Marília com certeza
não quis dizer isso,
ela está sob o efeito
de forte emoção.

Amanhã estará
pensando diferente.

— Onde foi que eu
errei com Marília?
Por que ela não
pensa e age como
você, Júlia?

— Porque somos
diferentes. Somos
dois espíritos
distintos, e cada um
com a sua natureza.
Nem a senhora, nem
papai erraram

sempre nos
ensinaram a
maneira certa de
agir. Quem está
errando é ela, e por
conta própria. Não
soube compreender
nada do que
disseram ou
mostraram com a
generosidade que
possuem. Só Marília
é a responsável,
mãe, mais ninguém.
— Pare com isso,
Júlia. Que direito
acha que tem para
opinar sobre mim?
— O direito de
defender nossos
pais, a quem você
vive desafiando
como se fosse dona
da verdade ou do
próprio nariz. Você é
ainda uma criança,
Marília, e como tal
tem muito que
aprender.

Antunes não
suportava mais
aquela situação. O
que era para ser

uma noite feliz
transformara-se em
decepção e
angústia. Com voz
enérgica que não
admite ser
contrariado, disse a
Marília:

— Chega por hoje.
Vá para o seu
quarto!

Marília não
ousou mais provocar
o pai. Levantou-se
e, ao passar perto
de Júlia, lançou-lhe
um sorriso malicioso
e falou baixo, para
que os pais não
ouvissem:

— Fique com Luiz.
Agora ele é todo
seu!

**Devemos orar
com sinceridade
para que nosso
espírito se
fortaleça no bem e
na moral. É
preciso vigiar com**

**cuidado nossas
atitudes para não
cairmos no abismo
do qual a volta se
torna difícil e
sofrida.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

Capítulo IV O abismo se aproxima

Os dias de Luiz desde a festa de Marília transcorriam como se pertencessem há um tempo só, sem hora, sem dia e sem noite, tal era o sofrimento que abatera sua alma.

Trabalhava como um autômato. Falava pouco, sorria nunca. Por mais que seus pais se

dedicassem a
alegrá-lo não
obtinham êxito.
Tudo lhe parecia
igual; perdera o
ânimo e
praticamente a
vontade de viver.

O coração de
Ângela se apertava
ao se lembrar do
filho sempre tão
alegre, disposto a
tudo sem nunca
esmorecer, e agora
vê-lo cabisbaixo e
tristonho. Mateus
ressentia-se da falta
do irmão; até as
brincadeiras feitas
diariamente com ele
tinham se acabado.
— Meu filho — dizia
sua mãe —, não
suporto mais vê-lo
assim tão triste. É
preciso aceitar as
coisas como são e
reagir, assumir a
realidade que,
parece-me, não irá
mudar. Tudo indica
que não há mais

nada a fazer porque,
com toda a certeza,
Marília não irá
mudar de opinião.
Sendo assim você
deve retomar o
ritmo de sua vida.
Posso estar sendo
cruel, mas meu
coração de mãe
sofre muito por
você, porque o
conheço e sei que
não merece o que
está passando.
Nessas horas Luiz
apenas respondia:
— Eu sei mãe, a
senhora tem toda a
razão.

Mas sentia não
ter forças para lutar,
tal a desilusão que
tomara conta de seu
peito. No silêncio em
que mergulhava,
pensava: Marília
nunca mais me
procurou. Não teve
a delicadeza de vir
falar comigo, para
se explicar melhor.
Tantos anos um ao

lado do outro,
namorando com
todo o respeito, para
no final sofrer esse
descaso e perceber
que por três anos
vivi um engano.

Nesses
momentos de
desabafo consigo
mesmo, não se
importava de que as
lágrimas molhassem
seu rosto. Sofria, e
isso ele não podia
negar.

Vinte dias
havam se passado
desde o rompimento
de Marília e Luiz.
Enquanto ele, mais
sensível, amargava
o sofrimento pela
separação, ela,
escondida de seus
pais, encontrava-se
com Marcelo todos
os dias em suas idas
ao campo dos
girassóis. Somente

Rafael tinha conhecimento desses encontros e acobertava a irmã. Nem estranhara o fato de Marília assumir outro pretendente logo após o rompimento com Luiz. Tudo o que sua irmã fazia ele achava perfeitamente natural.

— Rafael, ninguém manda no coração
— Marília lhe falava.
— O que importa na vida é saber aproveitar a oportunidade quando ela aparece.

— Como assim?
— Ora, você conhece meus sonhos, minha meta de vida, não conhece?
— Claro, cresci ouvindo você falar deles.
— Então deve me

entender. Acha que vou desprezar a chance que apareceu com Marcelo por aqui, de conseguir ir embora e alçar vôo na capital?

— Imagino que não.

— Imaginou certo, porque não vou mesmo.

— Mas o que ele pode fazer por você?

— Rafael, Marcelo é sócio de uma grande agência de modelos e quer me levar para a capital. Ele acredita que possuo beleza suficiente, charme e carisma para brilhar nas passarelas, e é o que pretendo fazer. Meio confuso, Rafael respondeu:

— Marília, você o conhece há pouquíssimo tempo, menos de um mês. Como tem certeza de que pode confiar

nele? Marcelo não mora aqui, logo irá embora. Como você ficará?

— Eu sei Rafael, daqui a uma semana ele irá voltar para a capital.

— E você?

— Eu? Enquanto Marcelo estiver fora, vou preparar minhas coisas, falar com nossos pais... No máximo em dois meses ele acha que tudo estará pronto e virá me buscar.

— Tudo bem. Você vai, e aí? Onde irá morar se não conhece ninguém por lá? Pensa que é fácil, Marília? Nem tem dinheiro para levar, não tem ainda trabalho. O que fará até conseguir o que Marcelo prometeu?

— Rafael, pensei que fosse mais esperto!

— Por quê?

— Quando falei que ele irá arrumar tudo é tudo mesmo, ou seja, apartamento, mobília e outras coisas, meu irmão.

— Ele vai investir tudo isso em você sem saber se dará certo ou não?

— Tudo na vida tem um preço, e eu estou disposta a pagar o meu. Você é criança mesmo. Vou morar com Marcelo.

— Vai morar com ele? Marília, você está se vendendo?!

— Essa sua colocação é muito forte, Rafael.

Digamos que estou cedendo à exigência dele. Marcelo está apaixonado por mim.

— E você por ele?

— Rafael, quando temos um objetivo bem firme para alcançar temos que esquecer o coração

para não perder a direção do que buscamos. Vamos dizer que me apaixonei pela vida que Marcelo poderá me proporcionar.

— Isso lhe basta?

— Neste momento sim.

— Sempre ouvi você dizer que jamais se amarraria a alguém.

— A ninguém que me colocaria entre panelas e filhos. Marcelo não é assim. Ele abrirá as portas do mundo da fantasia, do fascínio, o mundo com que sonhei minha vida inteira.

— Tudo bem, se você quer assim...

Mas e se amanhã vier a se apaixonar de verdade por alguém, como vai ser?

— Se isso acontecer já estarei pronta para caminhar

sozinha. E só dar um até logo e estarei livre.

— Deixando Marcelo, é isso?

— É isso. Com minha carreira estruturada, minha posição financeira sólida, despeço-me dele e vou tratar dos meus interesses.

Rafael ficou confuso. Sempre apoiara a irmã em suas loucuras, mas jamais pensara que chegaria a esse ponto. Pela primeira vez sentiu que Júlia poderia estar certa; Marília não possuía nenhum sentimento, pois seu egoísmo excessivo não permitia.

— Não sei se isso dará certo, Marília. Acho que você está exagerando.

— Rafael, preste bem atenção ao que vou lhe dizer.

Esquece tudo o que
lhe falei. Se abrir a
boca para alguém e
contar meus planos,
vai se ver comigo.

— E nossos pais?

— Na hora certa eu
direi a eles. Mas eu
farei isso, entendeu?

Rafael estou
estranhando você.

Sempre disse que
queria ir comigo
para a capital, e
quando a hora está
próxima você
questiona, fica
indeciso. Não estou
compreendendo.

— Não sei explicar,
Marília, mas de
repente comecei a
achar tudo muito
estranho.

— O que, por
exemplo?

— Você usa as
pessoas como se
fossem brinquedos
em suas, mãos, sem
se importar com o
que possam estar
sentindo ou

sofrendo. Vou pensar muito sobre tudo isso.

— Você é quem sabe. Pense o quanto quiser, só não me atrapalhe nem me cause problemas.

— Assusta-me saber que quer ir morar com uma pessoa que mal conhece só para se projetar na vida. Acho que você corre um risco grande. Para mim é como se estivesse se vendendo.

— Já disse isso, meu irmão. Vendendo é uma palavra muito forte. Estou investindo em mim; na verdade, dando a mim mesma a chance de encontrar meu verdadeiro amor, que poderá até ser Marcelo. Rafael sorriu com ironia.

— Sei!

Desde o dia em que teve essa conversa com Marília, Rafael ficou incomodado. Não sabia o que fazer. O certo seria trair sua irmã e revelar aos pais tudo o que tinham conversado ou deixar que ela mesma cuidasse de sua vida?

— Talvez seja melhor deixar o tempo passar — disse a si mesmo, e tirou o problema da cabeça.

Após uma semana, Marcelo realmente retornou à capital, deixando Marília na expectativa de sua breve partida para a cidade grande.

— No máximo em dois meses estarei de volta para buscá-

la — o rapaz lhe
dissera. — Vou
transformá-la na
maior modelo que o
mundo já viu. Todos
irão se curvar diante
de sua beleza, pode
apostar.

— Confio em você.
Estarei esperando.

— Posso lhe pedir
uma coisa?

— Claro!

— Não quero que se
aproxime de Luiz.

— Por quê?

— Receio que possa
ter uma recaída.

Marília riu
gostosamente.

— Está com ciúme?

— Estou. Quero você
só para mim.

— E eu sou sua,
querido. Nunca mais
falei com Luiz, nem
pretendo falar. Aliás,
nunca fui dele de
fato, porque meu
coração sempre foi
livre.

— E agora?

— Agora lhe
pertence.

— Ótimo! — Abraçou
Marília e a beijou
com paixão,

Júlia sentou-se à
mesa da cozinha
para tomar o café da
manhã. Após alguns
momentos de
silêncio, disse a
Marta:

— Mãe, a senhora
não percebeu nada
de estranho em
Marília?

— Estranho
propriamente dito
não, noto apenas
que ela anda meio
calada, pensativa.
Às vezes me
pergunto se ela se
arrependeu de ter
terminado com Luiz.
O que você acha?

— Não crie ilusões
em relação a Marília.
Seu jeito arredo me
faz crer que está
pretendendo
aprontar alguma.

— Júlia, você é

muito severa com sua irmã. O que ela poderia aprontar?
— Não é que eu seja severa, mãe.
Acontece que conheço muito bem Marília. Alguma coisa ela está arquitetando, e procura disfarçar. Nesse momento, Rafael ia entrando, e Júlia, sabendo da forte ligação dos dois, perguntou-lhe:
— Rafael, você, que é tão unido a Marília, sabe se está acontecendo alguma coisa com ela?
— Por quê?
— Não sei ao certo. Acho apenas que nossa irmã está muito estranha. Parece-me que tenta disfarçar alguma coisa, não sei.
Aflito, Rafael afirmou:
— Eu não sei de nada, não. — E

apressou-se em sair.

— Calma, por que tanto nervosismo?

— Nada, não, Júlia, tenho que sair mesmo.

Júlia não deixava nada escapar de sua observação.

— Mãe, acho melhor ficar atenta. Aí tem coisa, e aposto como Rafael sabe do que se trata.

Marta sentiu um desconforto em seu coração, como um pressentimento de que algo muito grave poderia acontecer envolvendo toda sua família.

Diante de seu silêncio, Júlia se assustou.

— Mãe, está pálida! O que houve? Parece-me angustiada.

— Nada, filha. Ou melhor, tive um pressentimento

ruim. Mas deve ser bobagem minha.

— Que pressentimento? Diga.

— Não sei explicar nem definir o que possa ser. O que sei é que senti um aperto no peito totalmente inexplicável.

Júlia a abraçou.

— Mãezinha, a senhora ficou impressionada com o que eu falei. Desculpe-me, deveria ter ficado quieta, não tenho o direito de colocar dúvidas em seu coração.

— Filha, não é nada disso. Você está certa, Marília anda mesmo muito esquisita. Afasta-se de nós, evita qualquer tipo de conversa que possa envolvê-la... Seu comportamento

mudou de uns dias para cá.

— Como lhe disse, eu também notei isso.

Após algum tempo calada, Júlia voltou a se manifestar:

— Mãe, a senhora está lembrada do que conversamos sobre a vó Amélia?

— Claro que sim.

— Pois bem, tenho tido uma intuição muito forte a respeito de Marília.

— Pensa que dona Amélia está se comunicando com você? Que vem dela essa sensação?

— Não posso afirmar com certeza, mas suspeito que sim.

— E o que sua intuição lhe diz?

— Mãe, uma intuição é como se fosse um pressentimento, igual ao que a senhora acabou de

dizer que sentiu.
Não sei explicar
direito, mas sinto-
me como se
estivesse em estado
de alerta, como se
esperasse que
alguma coisa fosse
acontecer. E o que
mais me intriga é
que acredito
firmemente que
Rafael tem
conhecimento do
que possa ser.

**Segundo Allan
Kardec, a intuição
e a inspiração têm
a mesma
finalidade [...]
Modo de
comunicação ao
qual vulgarmente
se deu o nome de
voz da consciência
[...] Cada
encarnado
sintoniza com os
seres do plano
espiritual,**

captando-lhes as influências que advêm em forma de conselhos elevados ou inferiores. No entanto, aceitar ou repelir esses conselhos é de sua livre escolha, de acordo com os próprios sentimentos, maneira de ser e interesses que o caracterizam.

**(Revista Espírita
Allan Kardec — 12
volumes —
Tradução: Júlio
Abreu Filho —
Edicel)**

— Por que diz isso, Júlia?

— Porque hoje eu sei que todos nós temos uma voz interior que nos fala, e o nosso mal, mãe,

é não escutá-la sempre. Se cada um de nós pensasse melhor nisso, com mais freqüência, com mais atenção, a humanidade inteira estaria melhor.

— Júlia! Estou admirada com você. Onde está aprendendo tudo isso?

— Tudo isso o que, mãe?

— Essas coisas com mais conteúdo que você anda falando.

— No centro espírita que estou freqüentando.

— Centro espírita? Você não me disse nada.

— Desculpe-me não ter falado disso com a senhora, foi esquecimento meu. Há algum tempo vou às reuniões do centro, onde estou aprendendo a Doutrina Espírita.

— Eu não sabia
filha. Por que não
me contou?

— Não sei mãe. Não
existe nenhum
motivo para não ter
lhe contado, foi
esquecimento
mesmo, talvez por
causa do meu
envolvimento com a
faculdade, a
escolinha, sei lá. A
senhora sabe que o
último ano é sempre
mais complicado.
Desculpe-me.

— Não tem
importância, Júlia.
Falei apenas porque,
se soubesse, teria
ido com você, só
isso.

— Mas a partir de
agora poderemos ir
sempre juntas. O
que acha?

— Adoraria. Mas
onde fica esse
Centro?

— Passando a Praça
da Matriz, a segunda
rua à direita. É bem

pertinho. Chama-se
Centro Espírita Deus
é Luz.

— Bonito nome!

Qual é o dia da
reunião?

— São realizadas
diariamente às vinte
horas. Mas eu nunca
fui à noite; vou
sempre na quinta-
feira à tarde, porque
assim posso ir após
a escolinha. Gosto
tanto, mãe, me faz
muito bem.

Aprendemos
bastante e nos
conscientizamos da
nossa
responsabilidade
perante a vida e nós
mesmos. É como se
adquiríssemos força
para prosseguir
vencendo os
obstáculos que
aparecem no nosso
caminho, com
equilíbrio e sem
perder a fé em
Deus.

— Fico muito feliz

ouvindo isso de
você. Como gostaria
que Marília também
pensasse assim, e
desse a ela mesma
a oportunidade de
aprender sobre as
questões espirituais,
que com certeza a
tornariam mais
humilde, menos
vaidosa e mais
alerta aos conselhos
das pessoas que a
amam.

— Mãe, na última
reunião tive a
oportunidade de
conversar com o
mentor espiritual do
centro e revelei a
ele a minha
preocupação com
essa intuição,
pedindo proteção e
ajuda para que
Marília não
cometesse nenhuma
imprudência, nada
que pudesse
prejudicá-la; enfim,
que ela conseguisse
se situar mais na

realidade e nas coisas verdadeiras e elevadas. Aflita, Marta perguntou: — Qual o conselho que ele deu? — Disse-me que realmente eu tinha ao meu lado um espírito familiar cuja missão era me inspirar para que cada vez mais eu pudesse auxiliar o semelhante, não fugindo do meu compromisso espiritual. Que eu estava sendo preparada para, no momento certo, cumprir a tarefa que eu mesma havia pedido por ocasião do meu reencarne, e esse espírito iria acompanhar a minha trajetória dando-me o suporte, a coragem e a fé para que tudo se cumprisse.

— Quanto a Marília,

o que ele disse?
— Em relação a
minha irmã, o que
ouvi foi:

**Os obstáculos
aparecem para
que se possa
aprender a vencê-
los. Como evoluir
e crescer sem ter
passado por
nenhuma situação
de aprendizado
mais forte? Deus
dá o principal, que
é a vida, e cabe a
cada um
direcioná-la para
o destino seguro.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

— E completou:
"Essa irmã que tanto
a preocupa vem
tendo, ao longo dos
anos, pessoas
dispostas a auxiliá-

la, mostrando-lhe
com clareza o
caminho do
equilíbrio e da
felicidade.
Imprudently
ela vem
desprezando as
palavras sensatas
daqueles que a
amam, por
direcionar sua
atenção apenas para
si mesma e para as
coisas efêmeras da
vida. Todas as ações
realizadas na
existência física,
minha filha,
provocam uma
reação; têm um
preço, e se paga
muito caro quando
elas são levianas,
insensatas e
imprudentes".
Perguntei-lhe o que
eu podia fazer para
ajudá-la.
— E qual foi à
sugestão?
— O que você
sempre fez mamãe:

mostrar-lhe que o
brilho da ilusão é
passageiro, e,
quando ele se vai,
deixa atrás de si o
desavisado
mergulhado na dor.
Todos nós já
tentamos por
diversas vezes abrir
os olhos dela, mas
Marília não ouve
ninguém.

— Então, filha,
cubra-a com a
energia positiva de
suas orações, seja
generosa e
incansável em seu
auxílio. Marília usará
o seu livre-arbítrio,
a sua liberdade de
escolha, e quando
isso acontecer não
perca a fé e
continue orando a
Jesus por ela.

— Veja mãe, não
tenho motivos para
estar preocupada?

— Não só você, mas
todos nós temos
razões de sobra para

nos afligir por ela,
como sempre
tivemos.

— Volto a afirmar:
algo me diz que
minha irmã está
planejando algo que
não quer que
saibamos, e Rafael
tem conhecimento
do que possa ser.
Não seria o caso de
a senhora conversar
com ele e tentar
descobrir de que se
trata?

— Vou fazer isso.
Fique tranqüila,
Júlia, tomarei
providência a esse
respeito.

Após alguns
instantes em que
mãe e filha
permaneceram em
silêncio, cada uma
com suas
conjecturas, Marta
comentou com a
filha:

— Há tempos não
vejo Luiz. Sabe
como ele está?

Waldemar e Ângela
desapareceram
daqui de casa, e não
tenho tido mais
nenhuma notícia
deles.

— Natural que seja
assim, mãe. Depois
do que aconteceu,
devem estar
evitando encontrar
Marília. É difícil
superar a
humilhação que
enfrentaram por
causa da
inconseqüência de
minha irmã. Quanto
a Luiz, estive com
ele uma semana
atrás, conversamos
durante algum
tempo e ele me
pareceu um pouco
diferente do que era
antes.

— Como assim?

— Não sei bem
explicar, mas senti
que fazia cerimônia
comigo, que perdeu
a naturalidade. Tive
a impressão de que

minha presença o
incomodava.

— Foi realmente
uma pena tudo o
que aconteceu!

— Concordo. Mãe,
por que a senhora
não os procura? Vá
até eles, demonstre
sua vontade de
recebê-los aqui em
casa. Pode ser que
estejam esperando
que a senhora e o
papai tomem essa
atitude.

— Talvez tenha
razão, querida. Vou
combinar com seu
pai para irmos até
lá. Gostaria que
tudo voltasse ao
normal, como era
antes.

— Isso vai
acontecer. Acredito
que é uma questão
de tempo.

— Júlia, há dias
quero fazer-lhe uma
pergunta, mas temo
machucá-la.

— Nada disso, mãe,

pode perguntar o
que quiser.

— Algumas vezes
escutei Marília fazer
insinuações sobre
você e Luiz. Depois
da festa de
aniversário dela,
quando seu pai a
mandou para o
quarto, ouvi Marília
lhe dizer: "Agora ele
é todo seu!". O que
ela quis dizer com
isso?

— Não sei mãe.
Apenas uma
provocação,
imagino.

— Essa provocação
não existiria se na
cabeça dela não
houvesse uma
suspeita. Você gosta
de Luiz?

Com essa
pergunta Marta
deixou a filha
completamente
desconcertada. Suas
faces enrubesceram,
e seus olhos úmidos
traíram seu coração.

— Responda sem constrangimento, Júlia, quero apenas saber, e não julgar.

— Mãe, jamais interferi no namoro de Marília e Luiz; ao contrário, sempre a aconselhei, tentando abrir os olhos de minha irmã para a pessoa especial que tinha ao seu lado.

Nesses três anos de namoro, percebi claramente que Marília não o amava, apenas o usava para ter companhia. Juro que, apesar de ter conhecimento da total falta de amor de Marília, nunca aproveitei para me insinuar para Luiz, ou coisa parecida. Antes, fiz o possível para que ela entendesse a pessoa especial que ele é.

— Calma, não duvido disso, sei quem você é.

Porém, não é isso
que está em
questão. Quero
saber é do seu
coração. Você gosta
dele de verdade?

Júlia correu para os
braços da mãe.

Entre lágrimas,
disse-lhe:

— Mãe, perdoe-me.
Sempre amei Luiz,
mas nunca fiz nada
para atrapalhar o
relacionamento de
Marília. Sabia que
Luiz a amava, e
respeitei seu
sentimento.

Marta acarinhou a
filha.

— Fique calma,
Júlia, não precisa se
angustiar. Seu pai e
eu conhecemos
você, seu caráter,
sua generosidade.
Entristece-me
apenas saber que
sofre há anos por
um sentimento não
correspondido.

— Não sei o que

fazer mãe, não consigo tirá-lo da cabeça, e muito menos do coração. Luiz nunca se interessou por mim, e agora menos ainda.

— Vamos dar tempo ao tempo; não é o que se diz? Ele se encarregará de apagar as cicatrizes. Quando tudo passar, é possível que Luiz passe a enxergá-la com outros olhos.

— A senhora acredita ser possível?

— Lógico. Se o seu destino for ser feliz com ele, será.

— E Marília? Se isso acontecer ela irá aceitar?

— Sua irmã não o quis, portanto, não terá direito de cobrar nem reivindicar nada. Ela mesma deu a liberdade para o

rapaz, e o direito de agir como bem entender.

— A senhora aliviou meu peito. Não agüentava mais sufocar isso sozinha. É muito bom dividir com alguém as questões que nos angustiam.

— Você merece ser feliz, minha filha, e será; com Luiz ou com quem estiver destinado por Deus.

— Obrigada, mãezinha.

De repente se deram conta de que Marília estava encostada na porta, observando as duas.

— O que é isso? — perguntou quase irônica. —

Segredinhos de família?

— Oi, filha! Junte-se a nós, venha.

Percebendo os olhos lacrimejantes da irmã, Marília se

dirigiu a ela:

— Chorando, Júlia?!
A poderosa está com
problemas?

— Marília, por que
gosta sempre de
dizer coisas
desagradáveis? —
repreendeu-a Marta.

— Deixe mãe. —
Júlia fez menção de
ir para o quarto.

Ao passar por
Marília, esta mais
uma vez alfinetou a
irmã:

— Aposto que é por
causa de Luiz. Ainda
não conseguiu
agarrá-lo, Júlia?

Júlia passou por ela
sem dar-lhe
nenhuma resposta.

— Por que provoca
tanto sua irmã,
Marília?

— Ora, mãe, pensa
que não sei que Júlia
sempre foi
apaixonada por
Luiz? Fiz um favor a
ela quando terminei
com ele, e espero

que faça bom
proveito.

— Por falar nisso,
quero mesmo
conversar com você.

— Sobre o quê?
Algum problema? O
que foi que fiz que a
senhora não gostou?

— Espero que não
tenha feito nada,
Marília, nem
pretenda fazer.

— Por que a senhora
me controla tanto,
mãe? Tenho idade
suficiente para
conduzir a minha
vida. Vocês não
percebem que já
não sou mais
criança?

— Você se engana,
filha. É ainda muito
nova para pretender
assumir o controle
geral da sua
existência, e espero
que seja prudente o
suficiente para não
se meter em
confusão.

— A senhora não

confia em mim!

— Não é uma questão de confiar ou não; você é muito sonhadora, ambiciona coisas que não fazem a felicidade de ninguém.

— O que importa é o que eu penso. Para mim fazem, sim; é a felicidade em que acredito e que quero o resto não me interessa. Vou mais uma vez deixar bem claro: não nasci para ser mais uma no mundo, mas para ser diferente, para conquistar o meu espaço.

— A que preço, minha filha?

— O preço é o que menos importa. Pagarei o que for preciso para realizar o meu desejo, porque considero que nenhum preço é alto demais quando

se trata da
satisfação pessoal.

— Não fale assim,
Marília!

— Mãe, a vida é
muito curta e uma
só. É preciso
aproveitar as
oportunidades e
correr atrás da
felicidade que se
almeja.

Que diferença de
Júlia..., pensava
Marta, sentindo uma
grande angústia e
ansiedade
oprimindo-lhe o
peito. Não sabia
mais o que dizer.
Percebia ser inútil
qualquer tentativa
de ponderação com
Marília. Sua filha
ouvia somente a si
mesma.

— O que foi mãe?
Calou-se de repente.
Cansou de me
censurar?

— Filha, temo por
você. Não posso
concordar com seus

argumentos, pois
são frágeis e sem
conteúdo. Receio
que venha a sofrer.

— Isso só
acontecerá se eu
ficar presa para
sempre nesta cidade
vazia e sem
nenhuma
expectativa de
futuro.

— Pois bem, minha
filha, já falou tudo o
que queria, agora
sou eu que lhe
pergunto: o que
está planejando?

— Como assim,
mãe, o que quer
dizer?

— Ando observando
você, e sinto que há
algo de muito
estranho
acontecendo.

— Não há nada de
estranho nem de
errado — falou
Marília, irritada. —
Se a senhora me der
licença, preciso sair.

Sem esperar

resposta, a jovem se virou, deixando Marta entregue a suas angústias. Júlia tem razão, essa menina está escondendo algo. E deve ser coisa séria.

Marcelo conversava com Daniel, seu sócio e amigo.

— Marcelo, você já tem uma data certa para buscar essa "deusa" de que tanto fala?

O rapaz sorriu.

— Daniel, você brinca porque não a conhece, não tem a mínima noção de como é realmente uma deusa. E o mais importante: não tem nenhum escrúpulo quando o assunto é seu futuro, ou melhor, sua fama.

— Como assim?

— A menina tem

uma obsessão em ser famosa, virar celebridade. Tem plena consciência da sua beleza e quer brilhar a qualquer preço.

— Conclusão: é tudo de que precisamos!

— Claro! E só adoçar sua vaidade e nossos problemas se resolvem, entendeu?

— Você enxerga longe, amigo. Mas espere aí, ela não tem família?

— Evidente que sim, Daniel.

— E eles permitirão que ela venha para cá assim, sem conhecer você direito, sem saber ao certo o que faz como a garota vai viver, onde irá morar, essas coisas?

— Daniel, você pode achar que exagero, mas a menina é dona de uma personalidade forte,

marcante; é voluntariosa e não liga a mínima para o que os outros dizem. Nem aos conselhos dos pais e da irmã mais velha ela dá ouvidos. Está absolutamente focada em seus interesses e não admite interferência de quem quer que seja.

— E é maior de idade?

— Completou dezoito anos em uma festa que foi o alvo de comentários na cidade.

— Por quê?

Marcelo narrou com detalhes os acontecimentos da festa de Marília.

Daniel a tudo ouvia boquiaberto.

— O que está me contando, Marcelo? Não pode ser. Essa menina parece não ter limites quando

se trata dela
mesma.

— É isso mesmo, ela
não tem limites.

— Mas e o
namorado dela,
como ficou nessa
história?

— Arrasado. É
amigo de um amigo
meu, excelente
rapaz, de fibra; um
pouco pacato para o
meu gosto, porque,
se fosse comigo, o
resultado teria sido
outro.

— Eles namoravam
havia muito tempo?

— acredite:
namoraram por três
anos. Foi um
impacto para todos
os presentes, nem
os pais dela sabiam
o que estava
acontecendo.

— E como você
entrou na vida dessa
moça, já que mal a
conhecia?

— Durante a festa,
percebi qual era a

dela no exato momento em que ela soube do meu trabalho na agência. Nem se preocupava em disfarçar os olhares que me dirigia durante toda a noite. Agora você vai se surpreender mais ainda. Dois dias após essa noite inesquecível para quantos estiveram lá, ela me procurou.

— E...

— E aí passamos a nos encontrar todas as tardes em um vasto campo de girassóis. A bem da verdade, nunca vi coisa igual em beleza.

— E onde fica esse campo?

— Na zona rural da cidade, e pertence aos pais dela, que herdaram do avô paterno. Por conta desses encontros, acabei me

envolvendo
emocionalmente
com a menina com
uma intensidade que
me deixou
admirado. Acabei
fazendo-lhe um
convite para vir para
cá tentar a carreira
de modelo,
garantindo-lhe que a
ajudaria a se firmar
no mundo com o
qual tanto sonhava.
— Pelo que já sei,
ela aceitou!
— Imediatamente,
sem esperar que eu
perguntasse duas
vezes. Já lhe disse
Daniel, ela não tem
limites nem pudor
quando deseja
alguma coisa, e o
que de verdade ela
quer é dinheiro,
poder e brilho.
Mergulha na própria
beleza e na certeza
de que ainda terá o
mundo a seus pés.
Possui uma ilusão
desmedida que nem

eu sei aonde irá
chegar.

— Enfim, quando
pretende buscá-la?

— Em breve. Já
aluguei um
apartamento, e
espero que esteja
pronto dentro de no
mais tardar vinte
dias.

— Espere aí,
Marcelo. Não vai me
dizer que tem a
intenção de morar
com ela; ou tem?

— Morar
propriamente não.
Vamos dizer que
pretendo visitá-la
algumas vezes para
que não se sinta tão
só. Por que você
acha que estaria
preparando um
apartamento,
gastando sem
economizar, se não
fosse para receber o
que espero?

— Amigo, não está
se esquecendo de
nada?

— Do quê?
— De Letícia!
— E o que tem Letícia?
— Tem que ela é sua mulher!
— Não, Daniel, não esqueci. Não é porque sou casado que morri para a vida, meu amigo. Existem muitas coisas que podemos fazer mesmo estando casados.
— Mas e se ela descobrir?
— Letícia saberá se você contar — falou Marcelo, irônico. — E imagino que não fará isso. Estou certo?
— Claro. A vida é sua, não tenho que me meter. Mas responda-me uma última pergunta.
— Faça!
— A garota sabe que você é casado?
— É vidente que não!

— E qual será a desculpa para vocês não morarem juntos?

— A mais simples. Tenho uma mãe doente que precisa de meus cuidados, não posso deixá-la só, e ela não aceita ninguém ao meu lado devido ao excessivo apego que tem por mim, seu único filho.

— Acha que essa mentira se sustentará por quanto tempo?

— Pelo tempo que eu quiser. Já lhe disse Daniel, mesmo que ela venha a descobrir a verdade, nada fará, para não perder o que tanto quer.

— Você é quem sabe o que deve fazer na sua vida. Que ela seja bem-vinda. A agência a aguarda de portas e braços

abertos.

— É isso aí, sócio.

Sabia que iria me compreender.

— Compreender, na verdade, não compreendi, mas, se tem que ser assim, que seja.

Luiz, como era seu costume desde o dia em que seu coração fora magoado terrivelmente por Marília, caminhava devagar, preso aos pensamentos, em direção à loja em que trabalhava, quando ouviu uma voz que o chamava com insistência:
— Luiz... Luiz...
Virou-se sem grande entusiasmo e deparou com o sorriso sempre cativante de Júlia.
— Júlia! —

exclamou.

— Nossa você
custou a me ouvir!

— Desculpe. Estava
mesmo muito
distráido.

— Como você está
Luiz?

— Posso dizer que
estou bem.

— Como assim? Não
entendi.

— Quero dizer que
fisicamente estou
muito bem, mas...

— Mas?

— Com você acho
que posso me abrir,
Júlia, pois sempre
foi minha amiga.

— Claro, vamos
conversar.

— Ando muito
desanimado, apenas
vivendo sem grande
expectativa. Você
me entende?

— Posso até
entender, mas não
consigo aceitar que
um rapaz tão
especial como você
ainda se encontre

nesse estado de
desânimo,
angustiado por
causa de uma
leviandade de
Marília. Acha que ela
merece a mudança
total da sua vida?

— Júlia, me admiro
por você se referir
assim à sua irmã.

— Luiz, amo muito
Marília, mas não
concordo com a
maioria de suas
atitudes, que
geralmente sempre
são a favor dos
próprios interesses.

— Pode ser, mas
não é fácil esquecer
algo que se
alimentou por tanto
tempo. Sinto-me
como se alguma
coisa tivesse sido
arrancada de dentro
de mim, deixando
um vazio que não
tenho a menor
noção de como
preencher.

O coração de Júlia

se apertou. Por que não consegue perceber o amor que sinto por você, Luiz? Pensou. Movida pelo seu sentimento e decidida a lutar por ele, Júlia respondeu: — É preciso querer esquecer e dar a si próprio oportunidade para enxergar outro caminho, notar outras pessoas, acreditar em outras possibilidades, Luiz. Precisa considerar que tem uma vida inteira pela frente e não deve se negar a chance de encontrar outra pessoa que o admire e o ame realmente, como você merece, e voltar a ser feliz. — Você diz outra pessoa, Júlia, mas não quero ninguém. Prefiro seguir sozinho a ter que sofrer outra decepção.

— Está sendo muito radical. As pessoas são diferentes umas das outras e age de modo diferente, cada uma de acordo com sua natureza. É preciso crer na vida e no ser humano.

— Pode ser...

— Luiz, poderíamos conversar sobre esse assunto mais detalhadamente.

Que tal nos encontrar para falar com mais calma? Penso que se você desabafar irá se sentir melhor. O que acha?

— Talvez você tenha razão.

Animada, Júlia prosseguiu:

— Então vamos aproveitar amanhã, que é sábado. Fica bom para você?

— Se você quiser, para mim está ótimo. Mas vou adiantar que temo

não ser uma boa
companhia, e
poderei aborrecê-la.
— Não me aborreço
em sua companhia.
Além do mais,
interessa-me ajudá-
lo a se sentir melhor
e mais animado para
retornar a alegria de
antes. Você é muito
jovem e deve agir
de acordo com o
vigor de sua
juventude.

Luiz fixou os olhos
em Júlia e lhe disse:
— Obrigado pelo seu
interesse. Admiro
você, que é muito
diferente de Marília.
— Vou repetir o que
já lhe falei Luiz: não
se pode julgar uma
pessoa pela atitude
de outra, porque
todos somos
diferentes e agimos
de acordo com
nossa natureza.
Pense bem nisso.
Luiz se animou.
— Então está

combinado, vamos nos encontrar amanhã. Passo na sua casa às dezoito horas e iremos jantar em algum lugar. Está bem assim?

— Por mim está ótimo. Espero você.

— Agora tenho de ir. Meu pai deve estar estranhando minha demora.

— Também já estou um pouco atrasada. Despediram-se, e Júlia seguiu seu caminho levando o coração feliz e cheio de esperança.

Certo dia, Rafael se aproximou de Marília querendo saber de seu assunto com Marcelo.

— Ele já lhe mandou notícias, Marília? Faz tanto tempo que viajou...

— Sim, Rafael, não se preocupe, já falei com Marcelo.

— Quando e como?

— Há dois dias, por telefone.

— No telefone de casa?! Duvido!

— Deixe de ser bobo, Rafael.

Quando Marcelo partiu, ficou combinado que eu ligaria para ele em dia e hora

marcados, e foi o que fiz. Fui até o posto telefônico e liguei. Satisfeito?

— E daí, o que ele disse?

— Marcelo confirmou que dentro de no máximo quinze dias estará aqui para me buscar. Pediu que eu deixasse tudo pronto porque não poderá demorar.

— Marília, estou com medo dessa história. Acho que voe

deveria conversar
com nossos pais,
pedir opinião, saber
o que eles acham
disso tudo.

— Nem pensar, e eu
o proíbo de falar
qualquer coisa a
respeito. Ouviu
bem? Não quero
opinião de ninguém,
ainda mais quando
sei qual vai ser.

— Calma, não vou
dizer nada. — Rafael
pensou por alguns
instantes e por fim
disse: — Marília tive
uma idéia!

— Sim? E qual é?

— Marcelo é amigo
de Carlos. Isso quer
dizer que ele deve
conhecê-lo bem. Por
que não vai falar
com ele para lhe dar
informações
concretas sobre
Marcelo?

— Que informações?
Já sei o que
precisava saber.
Isso basta.

— Minha irmã,
pensou na hipótese
de ele ser casado?

— Você está
maluco? Claro que é
solteiro. Se assim
não fosse, não teria
se envolvido
emocionalmente
comigo, ou, melhor
dizendo, se
apaixonado por
mim.

— Isso não quer
dizer nada, minha
irmã. Sou mais novo
que você, mas às
vezes acho que você
é muito bobinha.
Acredita em tudo.

— Aí é que você se
engana, Rafael.
Acredito naquilo que
quero acreditar por
achar que me
convém.

— Não sei, não.
Continuo achando
que nossos pais
deveriam saber. Eles
vão sofrer muito,
Marília.

— No começo pode

ser que sim. Depois
superarão e tudo
voltará ao normal,
como sempre foi.
Não se esqueça de
que existe a
possibilidade de
irem me visitar.
— Bem, você é
quem sabe. Afinal, a
vida é sua.
— Disse bem: a vida
é minha.

Enquanto o
coração de Marília
batia
descompassado,
ansioso pela nova
existência de luxo e
fama, o de Júlia
abrigava a
esperança de
finalmente ter
alguma chance de
penetrar no coração
de Luiz.

Uma sonhava
com a felicidade
efêmera, nascida de
uma ilusão,
enquanto a outra
tinha como objetivo
viver a ventura de

um amor sincero e duradouro.

A vida é um bem precioso, e não é prudente desperdiçar essa oportunidade que nos foi dada alimentando ilusões vãs. Tudo o que se semeia nesta vida terrena colhe-se na vida espiritual, e será cobrado até o último centil, como disse Jesus.

(A Essência da Alma — Irmão Ivo)

Capítulo V
O pior cego é aquele que não quer ver

O sábado tão
esperado por Júlia
finalmente chegou.
Às dezoito horas,
como havia
combinado, Luiz
tocou a campainha
de sua casa.
Ansiosa, a jovem
correu para abri-la.
— Oi, Luiz! Gosto de
gente pontual.
— Não houve
nenhum
contratempo.
Consegui chegar no
horário. E, como
você, também não
gosto de me atrasar,
mas às vezes é
impossível ser
pontual.
— Quer entrar? —
convidou Júlia, sem
a menor
preocupação em
esconder seu
entusiasmo.
Luiz ficou indeciso, e
finalmente
respondeu:
— Melhor não, Júlia.
Prefiro aguardá-la

aqui fora.

Júlia

compreendeu o receio de Luiz e julgou melhor não insistir. Ele tem medo de se encontrar com Marília, concluiu. Tudo bem faça como quiser.

— Vou pegar minha bolsa e avisar minha mãe que estou de saída. Não me demoro.

Assim que Júlia se afastou, Luiz deixou que os pensamentos povoassem sua mente, provocando certo desconforto no coração.

Meu Deus, o que faço para esquecer Marília? Quanto mais o tempo passa, mais eu sofro por esse rompimento tão inesperado. Que amor é esse que tanto me faz sofrer

machuca minha
alma e não me deixa
entender que ela
não me quer,
porque na realidade
nunca me amou?
Preciso tirá-la de vez
da cabeça, do
coração e da minha
vida.

Estava tão absorto
que não ouviu a voz
de Júlia chamando-o
delicadamente:

— Luiz, onde você
estava que não me
escutou?

Meio constrangido,
desculpou-se:

— Perdoe-me, Júlia,
estava mesmo muito
distráido. Não fiz por
mal.

— Tudo bem, não
vou perguntar onde
estava sua atenção,
nem em quem
pensava, porque sei
perfeitamente a
resposta.

— Desculpe-me,
Júlia, não quis de
forma alguma

magoá-la.

— Você não me magoou de jeito nenhum. Não me deve nenhuma explicação, somos apenas amigos — completou, com grande tristeza. Eu daria tudo para ser mais que uma simples amiga, pensou melancólica.

— Vamos, então — convidou Luiz.

— Claro, vamos.

Da janela de seu quarto, Marília observava os dois se retirando.

— É uma pena, Luiz, que você não passe de um rapaz comum sem nada de especial para me oferecer. Se não fosse assim, nosso caso teria tomado um rumo bem diferente — dizia a si mesma, sentindo a contragosto uma leve ponta de ciúme

ao ver Júlia ao lado do ex-namorado. — Mas não estou disposta a me esconder aqui para sempre. Quero voar mais alto, e só Marcelo poderá me proporcionar esse vôo tão cobiçado.

Luiz e Júlia, alheios ao olhar de Marília, seguiam lado a lado, cada um com suas conjecturas. Para quebrar o silêncio que se fizera, Luiz disse a Júlia:

— O que acha de tomarmos um sorvete? É muito cedo para jantarmos.

— Por mim está perfeito.

Dirigiram-se a uma aconchegante sorveteria e se acomodaram a uma mesa rodeada de plantas, no meio de um pequeno, mas

pitoresco jardim.

— Aqui está bem para você, Júlia?

— Está ótimo.

Fizeram o pedido.

Júlia, ansiosa para entrar no assunto, perguntou a Luiz:

— Você ainda ama minha irmã?

Um pouco

encabulado, ele

afirmou:

— Júlia, não se arranca do coração, de uma hora para outra, um

sentimento que foi alimentado por tantos anos. É preciso tempo.

— Concordo com você. Realmente é necessário tempo e uma dose de boa vontade. É

importante que se queira extinguir o sentimento que a outra parte

desprezou, para que se possam enxergar outras maneiras de

ser feliz.

— Pode se explicar melhor?

— Claro. Quero dizer que o sentimento declaradamente sem futuro acaba nos fazendo um mal tão grande que, sem que nos demos conta, mergulhamos no lago escuro da tristeza e passamos a não ver saída.

Ficamos impedidos de enxergar nova oportunidade de construir nossa felicidade por conta da teimosia de querer o que não nos querem dar.

Você me entende?

Luiz ficou pensativo.

— Quer me dizer que não há nenhuma chance de Marília reconsiderar?

— Importa-se se eu for absolutamente sincera, Luiz?

— Não! Quero que responda com toda

a clareza.

— Pois bem. Para mim, não há a menor chance. E vou mais além, afirmando que tenho toda a certeza de que esse rompimento é definitivo.

Ao ver o rosto triste de Luiz, Júlia se apiedou.

— Perdoe-me, mas o seu erro foi ter colocado sua felicidade nas mãos dela, sem perceber que para Marília a felicidade está em outro lugar.

— Continue.

— Minha irmã nunca escondeu de ninguém, nem de você, que não queria viver aqui. Sempre soube disso, Luiz. Ela sonha com um mundo diferente do seu, do meu, enfim, é o mundo que Marília idealiza como

sendo a felicidade.
Você nunca fez
parte desse
universo, porque os
seus anseios não
combinam com os
dela. Ao rejeitá-lo,
minha irmã se
permitiu mostrar
como realmente é e
o que de fato quer.
Não a culpo pelo que
fez. O indesculpável
foi à maneira
desrespeitosa como
agiu. Marília poderia
ter sido mais
ponderada, prudente
e generosa,
evitando levar tanta
mágoa a seu
coração e ao de
seus pais.

— Pode ser que
tenha razão. Mas
olhe só o que ela fez
comigo. Estou
desesperançado,
sem ânimo e sem
vontade de assumir
minha vida de
antigamente.

— Mais uma vez

peço que me
desculpe Luiz, mas
quem está fazendo
isso com você não é
Marília, mas você
mesmo.

— Como assim,
Júlia? — Dessa vez,
Luiz ficou irritado.

— Você aceitou a
mágoa de forma
definitiva, e não
permite que seu
coração reviva,
ressurja que busque
soluções.

— E como se
buscam soluções?
Eu não sei!

— Você se afastou
dos amigos, não
quer sair, não sorri e
passou a ostentar no
rosto a fisionomia
dos derrotados.

— Eu sou um
derrotado!

— Não... Não é.
Você é apenas mais
um entre muitos que
não teve seu amor
correspondido, e
isso não quer dizer

de forma alguma ser um derrotado.

— Júlia, você não está sendo severa demais?

— Não. Apenas falo a verdade, Luiz. Estou fazendo com você um tratamento de choque para ajudá-lo a compreender que somos nós que comandamos nossa vida, que fazemos nossas escolhas, e, acredito eu, a sua não foi à opção mais acertada.

— Você fala como minha mãe.

— Estou falando como as pessoas que amam você fariam.

— Amam?!

— Sim, amam — afirmou Júlia. — Parece-me que você não percebe mais a vida acontecendo alheia ao seu desapontamento.

Penso que,
misturada a esse
amor, pode existir
uma ponta de
orgulho por ter sido
rejeitado. Será que
não?

— Orgulhoso, eu?

— Luiz, as pessoas
lançam flechas que
podem nos ferir
profundamente, mas
sempre temos a
opção de querer
emergir da
decepção, do
desapontamento, e
continuar vivendo,
percebendo que a
felicidade não está
nas mãos de um
único alguém, mas
sim no nosso
empenho em querer
colorir a nossa vida.
Luiz estava
estupefato com a
veemência com que
Júlia explanava suas
idéias.

— Nunca imaginei
que você possuísse
essa capacidade e

eloqüência para se expressar!

— Pode ser que esteja lutando por mim mesma, Luiz.

— Não entendi!

— Não faz mal, não é hora ainda de entender. Tudo no tempo certo.

O sorvete foi servido.

Saboreavam a guloseima em silêncio quando Luiz dirigiu a Júlia uma questão inesperada:

— Desculpe-me perguntar, Júlia, mas somente agora me dei conta de que nesses anos todos de amizade nunca vi você com nenhum namorado. Por quê? Ela, surpreendida com a indagação imprevista, sentiu-se ruborizar.

— O que é isso? Por que essa pergunta?

— Nada de especial. Perdoe-me se a

ofendi, não tive a intenção. Se não quiser, não precisa responder.

— Você não me ofendeu, de maneira nenhuma, apenas não entendi o interesse.

— Curiosidade apenas — respondeu o amigo sem perceber o quanto a magoava com essa resposta sem nenhum conteúdo.

— É que acho você uma garota muito bonita, inteligente, com todos os predicados que um homem poderia desejar em uma mulher. Entretanto está sempre sozinha.

— Engana-se; não estou sempre sozinha. Tenho o meu trabalho, convivo com as crianças, tenho amigos. Como pode

perceber, não vivo só, principalmente porque faço parte de uma família linda que amo e que me ama.

— Tudo bem, mas estou me referindo ao coração. Como ele está? Nunca se apaixonou por ninguém? Mais uma vez Júlia sentiu o rosto corar.

— Quem sabe? Pode ser que sim.

— Entendi um amor não correspondido. Isso explica por que entende tão bem o meu sofrimento.

— Nossa diferença, Luiz, é que não deixei de viver por causa desse amor. Muito ao contrário, acredito que se essa pessoa tiver de ser minha será. Se nada acontecer durante certo tempo, não pretendo anular a minha capacidade

de amar, darei um
novo rumo ao meu
coração.

— Júlia, se você
consegue
administrar tão bem
assim o que sente,
acredito que não
seja amor
verdadeiro.

— Engana-se, Luiz,
é amor verdadeiro
sim, e de muitos
anos; o que não
quero é passar
minha vida inteira
em branco no que
diz respeito ao
amor, pois sonho
em construir minha
família, com um
bom marido e filhos
correndo pela casa.
Creio que, se não for
essa pessoa, com
certeza Deus
colocará outra no
meu caminho. E se
isso acontecer quero
estar preparada e
aberta para
perceber.

— É o que você

sempre me
aconselhou a fazer,
não?

— Claro! Não vou
ficar a vida toda
presa a um amor
impossível, sombra
de alguém que não
me quer. Na criação
de Deus existem
inúmeras pessoas
notáveis; alguma há
de estar reservada
para mim.

— Como a admiro,
Júlia! Gostaria muito
de conhecê-la
melhor.

— Luiz, você me
conhece há tantos
anos!

— Sim, mas pode
ser que não tenha
notado, durante
todo esse tempo,
quem você é na
realidade.

— Nossa, que
transformação!

— Ainda não é uma
transformação, mas
quem sabe você não
poderá me ajudar

nessa busca, nessa
mudança a que
tanto me aconselha?

Bem, isso se...

— Se?

— Se você quiser, é
óbvio. Sei que tem
um amor não
correspondido e não
quero me impor
nem prejudicá-la em
relação a essa
pessoa.

— Como você é
bobo, Luiz... Bobo,
ingênuo e desligado.

— Nossa, por quê?

— Por nada!

— Como por nada?
Existe alguma coisa
que eu ainda não
percebi?

— Se existe e você
ainda não percebeu,
é como eu disse:
não chegou a hora
ainda. Huum, este
sorvete está mesmo
uma delícia! —
completou Júlia,
querendo encerrar o
assunto.

— Quer que eu peça

outro?

— Nem pensar.

Depois, terei que correr atrás do prejuízo, para tentar eliminar as gordurinhas.

— Você não precisa se preocupar com isso. Possui um corpo muito bonito.

— Obrigada. Vejo que de repente você resolveu ficar galanteador. Posso saber por quê?

— Como você mesma diz, por nada.

Sorriram felizes.

— Afinal, vamos ou não jantar?

— Se eu lhe disser que este sorvete tirou-me totalmente a fome, você acredita?

— Acredito, porque aconteceu a mesma coisa comigo.

— Nesse caso, não se importará se cancelarmos o

jantar, não é?

— Evidente que não.

O que faremos
então, Júlia? Bom, é
melhor voltarmos
para casa. Aqui não
existe mesmo outra
opção.

— Você é quem
sabe.

Luiz pagou a
conta, e logo os dois
seguiam lado a lado,
até alcançar o
portão da residência
de Júlia. Trocaram
durante o trajeto
poucas palavras,
cada um seguindo
entregue a seus
pensamentos.

Assim que
chegaram, Luiz
segurou as mãos
dela, dizendo-lhe:

— Muito obrigado
por esse passeio.
Fez-me um bem
enorme estar com
você.

— Posso dizer o
mesmo, Luiz. Você é
uma companhia

muito agradável.
— Não concordo.
Você é uma
companhia
agradável, e não eu.
Conversar com você
proporcionou-me
muita serenidade.
Parece-me que a
partir de agora tudo
irá ficar mais fácil.
— Não fui eu quem
fez isso; é você que
está se permitindo
renascer para a
vida.

Luiz ia se
despedir de Júlia
quando, de repente,
Marília apareceu à
porta. Assim que a
viu, Luiz sentiu um
forte desejo de feri-
la, mostrar-lhe que
não significava mais
nada para ele. Num
impulso, segurou o
rosto de Júlia e a
beijou.
Júlia, que também
havia visto a irmã,
logo entendeu a
intenção dele, e se

desvencilhou
magoada.

— Luiz, se sua
pretensão foi ferir
Marília, garanto que
não conseguiu. A
única que saiu ferida
fui eu, por ter sido
usada em sua
tentativa de
mostrar-lhe que a
esqueceu. Não se
importou se estava
me magoando ou
não. Pensei que me
respeitasse como eu
o respeito; pelo
visto, me enganei.
Nem amiga você me
considera, ou não
teria se comportado
de maneira tão
grosseira comigo.

— Júlia... — Luiz,
aflito, caiu em si,
compreendendo a
leviandade que
cometera. — Deixe-
me explicar...

— A explicação eu já
conheço. Suas
palavras ditas
durante o nosso

passeio a partir de
agora tomam sua
dimensão real,
Passe bem, Luiz.
Júlia deu-lhe as
costas e entrou.

Luiz,
envergonhado por
sua atitude, baixou
a cabeça e ia saindo
quando Marília, que
tudo presenciara,
aproximou-se do
antigo namorado e
disse-lhe, com
ironia:

— Queria tanto
conhecer os motivos
pelos quais nunca
me apaixonei por
você, Luiz. Agora
conhece um deles:
você não enxerga
nada que acontece a
sua volta, e
principalmente não
conhece nem um
pouco as pessoas
que o cercam.

Antes que o
rapaz pudesse dizer
alguma coisa,
Marília voltou-se e

entrou também,
deixando-o
angustiado pela
atitude deselegante
que tivera.

Júlia, uma vez em
seu quarto, jogou-se
na cama e chorou.

Pela porta semi-
aberta, Marília
observava a irmã.
Pela primeira vez
sentiu uma real
vontade de se
aproximar de Júlia
como uma
verdadeira amiga.

— Posso entrar? —
perguntou baixinho.

— Por favor, Marília,
quero ficar sozinha,
me deixe em paz.

Marília insistiu:

— Deixe-me entrar,
Júlia, quero estar
com você. acredite,
é de coração.

Não esperou a
resposta da irmã.
Entrou e se

aproximou.

Contrariando sua natural maneira de ser, afagou os cabelos de Júlia com um carinho até então desconhecido por ela mesma.

— Não fique triste, minha irmã. Um dia Luiz enxergará que é você quem o ama de verdade. Ele só precisa de tempo. Júlia, confiando na sinceridade de Marília, levantou-se e a abraçou.

— Não adianta mais negar, Marília, eu amo Luiz, sempre o amei. Mas hoje tomei consciência de que preciso me esforçar para esquecê-lo. Ele não me ama, e não vejo nenhuma possibilidade de que isso venha a acontecer.

— Discordo. Creio mesmo que ele

esteja com o
orgulho ferido, e
muito perdido. É
preciso dar-lhe um
tempo maior para
que consiga
perceber e
compreender de
uma vez que o
nosso caso terminou
e não existe
nenhuma chance de
retorno.

— É mesmo verdade
o que diz? Não há
nenhuma
possibilidade de
você se arrepender
e querer voltar?

— Pode apostar
nisso, minha irmã.
Não tenho o menor
interesse nele. Se
assim não fosse,
não teria tido o
menor sentido agir
como agi. Não acha?
Dou-lhe a maior
força; lute por Luiz
da mesma maneira
como estou lutando
para conquistar o
espaço que sempre

sonhei ocupar.

— O que quer dizer com isso?

— É melhor lhe contar, Júlia. Sente-se aqui ao meu lado.

Júlia passou as mãos sobre os olhos enxugando as lágrimas que escorriam por suas faces. Acomodou-se mais perto de sua irmã.

— Fale Marília, o que quer me contar?

— Vou dividir com você os meus planos, mas peço-lhe que ouça com atenção. Se não concordar, dê sua opinião, não me oponho, mas faça-o sem me agredir. Pode ser?

— Claro. Sou grata pela sua confiança em mim.

Marília respirou fundo, esperando com esse gesto adquirir coragem

para revelar à irmã
seus planos até
então secretos.

Júlia, notando sua
indecisão,

encorajou-a:

— Vamos, Marília, o
que quer me contar
que necessita de
tanta coragem? Não
tenha receio, não
vou recriminá-la por
nada.

— Jura?

— Juro. Não vou
censurá-la, mas
também não posso
prometer que irei
concordar certo?

— Certo.

— Em se tratando
de você, minha
irmã, não se pode
prometer nada, pois
tudo pode
acontecer, até as
coisas mais
inusitadas.

Marília sorriu.

— Você exagera,
não é tanto assim...

— Ande Marília, fale
logo!

— Sabe o que é? Só sei viver de maneira intensa, indo em busca do que realmente quero, e o que quero não está aqui.

— Tudo bem, continue.

Com coragem Marília disse, sem hesitar:

— Eu vou embora desta cidade. Júlia levou um susto.

— Você vai o quê?!

— Embora daqui — repetiu Marília.

— Você enlouqueceu?!

— Com certeza, não.

— Para onde irá?

— Vou ao encontro dos meus sonhos, dos meus objetivos de vida.

— Espere aí, vamos com calma, Marília.

Conte-me essa história desde o início. Quem é que está metido nisso?

Sim, porque imagino

que não irá sozinha.

— Não, não irei.

Você se lembra de Marcelo, o amigo de Carlos?

— Aquele rapaz que veio à sua festa de aniversário e que não tirava os olhos de sua pessoa, sendo correspondido levemente por você, Marília?

— Ele mesmo.

— O que tem esse moço a ver com tudo isso?

— Pois bem. Logo depois de meu rompimento com Luiz, encontrei-me com Marcelo no campo de girassóis. Desde então estamos namorando e nos apaixonamos.

— Mas ninguém sabia que vocês estavam namorando.

Pensávamos que o rapaz tinha embora.

— Nós nos

encontrávamos às escondidas.

Achamos que assim não daríamos motivos para falatório. Ele ficou aqui mais ou menos um mês e retornou para a capital.

— E como vocês se comunicam?

— Através de cartas e alguns telefonemas.

— Eu sabia que você andava escondendo alguma coisa de todos nós. Diga-me uma coisa: Rafael sabe disso tudo?

— Sabe. Mas ele não tem culpa de nada. Eu o ameacei, caso viesse a contar para alguém.

— Imagino que Rafael deva ter concordado com essa loucura.

— Muito ao contrário, Júlia. Nosso irmão tentou me convencer a não

fazer isso, mas não
lhe dei ouvidos.

— Marília, por favor,
explique-me isso
direito.

— É muito simples.
Estamos namorando
e resolvemos que eu
vou para a capital
com ele. Dentro de
poucos dias Marcelo
virá me buscar.

— Marília! — Júlia
estava atônita. — O
que você vai fazer?
Vocês nem se
conhecem direito,
faz tão pouco
tempo!

— Ora, conheço-o o
suficiente para saber
que somente ele
poderá me
proporcionar o que
tanto quero.

— Como assim?

— Preste atenção.
Marcelo é sócio de
uma grande
empresa de
publicidade, onde
também trabalham
com modelos de foto

e passarela. Todas essas coisas que me atraem.

— E daí?

— Daí que Marcelo me convidou para ir embora com ele e fazer parte do quadro de modelos da empresa. Disse ter certeza de que a minha beleza abrirá todas as portas desse imenso universo de glamour.

Júlia estava completamente confusa. Mal acreditava no que ouvia.

— E você aceitou o convite?

— Claro Júlia! Não é isso o que sempre quis?

— Marília, pense melhor. Você vai arriscar sua vida com alguém que mal sabe quem é e que talvez queira apenas usá-la para

enriquecer mais.
Ninguém o conhece;
pode até ser que
seja casado. Você
pediu informações
dele ao Carlos?

— Evidente que não.
Confio nele, pois sei
que está apaixonado
por mim.

— E você? Está
apaixonada por
Marcelo?

— Júlia, vou ser
muito sincera com
você. Não acredito
em amor, paixão,
essas coisas que só
dão certo em
romances. Estou
apaixonada pelo
mundo dele, e essa
paixão eu sei que
não acaba. A outra,
minha irmã, dura
muito pouco e só
nos traz sofrimento.

— Não acredito no
que estou ouvindo!
Você não tem medo
de se frustrar?

— Não, porque a
minha expectativa é

apenas conseguir
ingressar no mundo
da moda, do brilho.
Estando dentro
desse universo, não
me importa o resto.
— E o amor, Marília?
Seu coração, como é
que fica?

— Já lhe disse que
não acredito no
amor. Ele acaba, e
nem sempre nos
proporciona o que
realmente queremos
e precisamos. A
realização dos
nossos sonhos,
Júlia, não tem
preço, porque o que
conta é a satisfação
de conseguir trazer
a ilusão para a
própria realidade.
Para mim, minha
irmã, isso é
felicidade.

Júlia ficava cada vez
mais surpresa com
os conceitos errados
de sua irmã.

— Marília, você não
deve se esquecer de

que a ilusão tem limites. Quando nos iludimos demais, o tombo é muito grande e deixa marcas profundas. O silêncio se fez entre as duas irmãs.

Júlia sentiu que Amélia se aproximava. Sem demora, captou a benéfica inspiração de sua bisavó. Elevou seu pensamento ao Mais Alto e rogou auxílio. Confiando na proteção divina, serviu-se de instrumento entre os dois mundos.

— Marília, em momento algum você mencionou Jesus, falou de fé ou pediu ajuda na sua decisão. Por que não crê que poderia ser ajudada nesse momento?

— Júlia, se Deus realmente existir

deve estar sabendo
dos meus planos e
com certeza
trabalhando para
que tudo dê certo.
Não dizem que Ele
quer a felicidade do
homem? Devia estar
promovendo a
minha quando
enviou Marcelo para
junto de mim.
— Você está muito
enganada, Marília.
Jesus não invade o
nosso coração, é
preciso abri-lo para
que o Cristo entre.
Pelo menos uma vez
na vida é necessário
reconhecer Deus e
se ligar a Ele pelo
amor. A tarefa da
construção da nossa
felicidade é nossa.
Deus ofertou ao
homem os meios, as
condições físicas e
intelectuais para
essa conquista; ama
tanto as Suas
criaturas que enviou
Jesus para

esclarecer a
humanidade,
exemplificar o amor
universal, falar do
que realmente
importa para a
evolução da alma e
levantar o obscuro
véu para que o
homem saísse da
ignorância espiritual.
É preciso reconhecer
Jesus como o
grande farol a
iluminar nossas
buscas.

Marília ficou
pensativa por alguns
instantes.

— Nunca a ouvi falar
assim!

— Talvez porque o
momento certo não
tivesse chegado
ainda.

— Diga-me então
como os
excepcionais,
aqueles portadores
de enfermidades,
anomalias que os
impedem de
construir essa

felicidade de que
você fala, podem ser
felizes se não
possuem essa
chance. Isso não é
injusto?

— Marília, São
Francisco de Assis
dizia: "A felicidade é
conquista interior; é
um estado que só
nós podemos criar,
cultivando nossos
valores e alegrias da
nossa alma". Isso
quer dizer que a
felicidade não pode
ser confundida com
as alegrias
materiais,
passageiras, porque
é algo muito mais
profundo.

Aqueles que se
encontram por ora
impedidos de agir
fisicamente em
benefício de si
mesmos estão
fortalecendo o seu
espírito no
aprendizado moral e
espiritual do amor.

Aprendendo á
valorizar cada célula
do seu corpo; enfim,
progredindo
espiritualmente e
quitando seus
débitos pretéritos
com a Lei divina.

Nada na criação de
Deus é por acaso,
Marília, porque Sua
justiça se faz
presente sempre em
benefício de todos.

— Tudo bem, mas o
que tem isso a ver
comigo?

— Tem a ver que
devemos pensar
muito bem nas
atitudes que
tomamos, sobretudo
quando elas estão
fundamentadas na
 vaidade, no orgulho
ou egoísmo.

Podemos nos
tornar vítimas de
nós mesmos, e
quando isso
acontece é muito
comum ouvirmos
pessoas dizerem que

Deus se esqueceu
delas. Culpam o
Criador pela própria
imprudência.

Mais uma vez o
silêncio reinou entre
as irmãs.

De repente, Júlia
indagou:

— Marília, e nossos
pais? Não pretende
informá-los dessa
decisão fora de
propósito?

— Não é fora de
propósito, Júlia,
esforce-se para me
entender.

— Tudo bem. Já
pensou no
sofrimento deles?

— Eu queria que me
ajudasse a
convencê-los.

— Eu?!

— Sim, Júlia, eles
sempre aceitam
tudo o que você
fala.

— Desculpe, mas
não posso Marília,
porque não
concordo e não

aceito essa sua
leviandade. Não vou
ser falsa comigo
mesma.

— Júlia! O que lhe
custa me ajudar?

— Custa a minha
sinceridade, estar
em paz com a minha
maneira de enxergar
a situação. Não acho
que isso seja ajudar,
muito pelo contrário.
Eu estaria
colaborando com
uma situação que
considero perigosa
pelo único motivo de
ser completamente
imprudente.

— Mas, meu Deus,
por que você acha
ser tão ameaçador
para minha vida o
simples fato de
querer realizar um
sonho acalentado
durante anos?

— Não é o sonho,
Marília, é a maneira
como você quer
realizá-lo: unindo-se
a um rapaz que mal

conhece. Não sabe nada da família dele, se é casado ou não... E, além do mais, não tem certeza se a intenção dele é realmente séria, como ele diz. Quer realizar um sonho sufocando seus sentimentos mais nobres, seus princípios. Só sei que não consigo concordar com você, com sua maneira de pensar. Não quero ser coadjuvante nessa peça leviana e imprudente que está pregando em você mesma.

Marília se irritou.

— Tudo bem, Júlia.

Sabia mesmo que não poderia contar com você, que nunca concordou ou me apoiou em nada.

— Você não está entendendo. Não é uma questão de

concordar ou apoiar,
é...

— Chega! Estou
compreendendo
muito bem. Só lhe
peço que não
atrapalhe meus
planos e que não
conte nada aos
nossos pais por
enquanto. Deixe que
eu mesma farei isso
na hora certa. Não
atrapalhe, já que se
nega a me ajudar.
Júlia ainda tentou
fazer uma última
pergunta:

— Marília, diga-me,
quando é que
Marcelo vem buscá-
la?

— Não vou lhe dizer
mais nada. Você
ficará sabendo no
momento certo.
Sempre estive
sozinha nesta casa.
É bom mesmo que
eu me vá, assim não
trarei mais
problemas para
vocês.

— Não faça drama.
Todos nós queremos
o seu bem-estar.
Queremos que seja
feliz.

— Sim, desde que
seja do seu jeito, do
modo como vocês
encaram a
felicidade, sem se
importarem se é a
minha maneira de
ver e sentir essa tal
felicidade. E eu que
vim aqui para
consolar você,
ajudá-la! Entretanto,
tive mais uma
decepção; sempre
foi assim.

Júlia tentou mais
uma vez argumentar
com sua irmã, mas
Marília, sem lhe dar
ouvidos, saiu do
quarto batendo a
porta com força,
acreditando ser uma
maneira de agredir
sua irmã.

Júlia sentiu-se
abatida. Culpava-se
por não conseguir

resolver nem o seu problema e muito menos o de Marília. Por mais que pensasse, não era capaz de vislumbrar nenhuma idéia que pudesse abrir os olhos da irmã, impulsionando-a pelo menos a ponderar, avaliar melhor a situação.

Seu pensamento e sua força de vontade para tentar fazer alguma coisa por Marília levou-a a lembrar-se de Amélia, a bisavó querida que tanto a auxiliava nos momentos de indecisão.

Com doçura e confiança, dirigiu sentida prece a Jesus:

— Senhor, venha em meu auxílio. Permita que meu espírito protetor ajude-me a

encontrar um modo
de abrir os olhos de
minha irmã para que
ela não caia no
abismo da ilusão.
Que o espírito de
minha bisavó Amélia
possa clarear meus
pensamentos,
mostrando-me a
direção certa a
seguir. Obrigada,
Senhor.

Em segundos, Júlia
sentiu-se envolvida
pela inspiração de
Amélia.

— Por que não
pensei nisso antes?
Carlos! Ele poderá
fornecer
informações seguras
sobre Marcelo. São
amigos; um pouco
de sua vida Carlos
deve saber. Vou
procurá-lo amanhã
logo cedo.
Animada, foi se
preparar para
dormir!

Aconchegada em
sua cama, não

conseguia se entregar ao sono reparador. Ansiosa, memorava tudo o que Marília lhe dissera. Ficava impressionada com a intenção de sua irmã. Temia por ela, pelo que poderia acontecer caso concretizasse seu propósito, que considerava imprudente.

— O que devo fazer meu Deus? Coloco nossos pais cientes desse seu objetivo ou deixo que ela mesma resolva? — Lembrou-se de Rafael. — Por que ele não comentou sobre os planos de Marília, já que está ciente de tudo?

As perguntas vinham à sua cabeça, mas continuavam sem respostas. Cansada, Júlia apagou as

luzes, tentando
adormecer. Amélia,
aproximando-se,
aconselhou-a:
— Júlia, ore a Jesus.

**A prece é uma
invocação, e
através dela os
bons espíritos se
aproximam para
auxiliar e inspirar
pensamentos
edificantes,
ajudando a
adquirir a força
moral necessária
para se vencer as
dificuldades que
muitas vezes o
próprio homem
cria para si
mesmo.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

Júlia, sensível à
inspiração do
querido espírito,
elevou seu

pensamento a Jesus e orou com fé. Ao terminar sua prece, disse a si mesma: — Vou dormir em paz. Amanhã será outro dia, e com certeza saberei o que fazer.

Enquanto Júlia finalmente entregava-se ao sono reparador, Marília, em seu quarto, ainda remoia a mágoa que sentia da irmã por ter se negado a ajudá-la. — Como Júlia é ingrata! — dizia a si mesma. — Fui com toda a boa vontade, com carinho, confortá-la, e ela tem coragem de me negar um pedido de auxílio! Isso é para eu aprender a não me meter nos problemas dos outros. Tenho certeza de que se Júlia ficasse do meu

lado nossos pais
acabariam aceitando
a minha decisão.

Mas, como sempre,
ela se volta contra
mim, e pelo jeito vai
ser muito difícil
convencê-la do
contrário.

Lembrou-se do
namorado.

— Meu Deus, em
breve Marcelo estará
aqui para me
buscar! Tenho que
resolver isso o
quanto antes. Caso
contrário, como irei
preparar minhas
coisas para ir
embora? Não dá
mais para adiar,
preciso enfrentar
isso logo.

Inquieta, demorou a
adormecer.

No dia seguinte
Marta e Antunes
tomavam junto o
desjejum quando

Antunes interrogou
sua esposa:

— Marta, tenho
observado que você
de uns tempos para
cá vem se
mostrando muito
tensa. Não prefere
dividir comigo o que
a está afligindo?

Marta tentou
desconversar, mas
Antunes insistiu:

— Confie em mim e
diga-me o que é.

Duas pessoas
sempre pensam
melhor e podem
juntas, encontrar
mais facilmente a
solução.

— Não lhe disse
nada, Antunes,
porque não existe
nada de concreto.
Mas é que tenho
experimentado uma
sensação estranha
que me incomoda
muito em relação a
Marília.

— Mas o que ela fez
para deixá-la assim

tão preocupada e ansiosa?

— Como falei nada de concreto.

— Então!

— É que ando sentindo uma coisa estranha, uma intuição não muito boa.

— Sobre o quê?

— Há tempos Marília vem se

comportando de uma maneira que me aflige.

— Como assim?

— Está com um comportamento diferente do habitual. Júlia também percebeu isso.

— Explique-se melhor, Marta.

— Desde o rompimento dela com Luiz, ela começou a sair sempre no mesmo horário sem dizer para onde ia, sem dar nenhuma

satisfação. Quando a interrogava, respondia de maneira evasiva, como se usasse de subterfúgio para me enganar. O tempo passou e suas saídas diminuíram, mas soube por Vera que...

— Quem é Vera?

— A telefonista do posto telefônico. Pois bem, soube por ela que Marília quase diariamente faz uma ligação para a capital.

— Para a capital? — Antunes espantou-se. — Mas não conhecemos ninguém na capital!

— Pois é. Com quem ela fala e o que está pretendendo?

— Você perguntou isso a nossa filha?

— Várias vezes.

— E o que Marília respondeu?

— Não responde.

Apenas diz que o assunto é dela e que não tenho o direito de me intrometer, pois já é maior de idade e tem condições de agir por conta própria.

— Devia ter insistido, Marta.

— Insisti. Aí ela veio com uma resposta que não me convenceu.

— Qual?

— Disse que se tratava de uma menina que havia conhecido na casa de Laura, e que as duas se tornaram ótimas amigas. Completou dizendo que não via nenhum mal nisso.

— Por que não telefonava daqui de casa?

— Porque você não gosta que se use o telefone por bobagem, e no posto telefônico

podia conversar
mais à vontade.
Antunes pensou por
um tempo e
finalmente disse a
Marta: — Você tem
razão. Aí tem coisa,
e não estou
gostando nada
disso.

— É o que estou lhe
dizendo.

— Mas isso será
esclarecido hoje
mesmo. Vou esperar
Marília se levantar.
Ela terá que me
explicar essa história
direitinho, e vai ser
agora pela manhã.

— E o seu trabalho?
Irá se atrasar.

— Não importa,
chego mais tarde.
Essa história, pelo
que me disse, já foi
longe demais.

Em silêncio
terminaram a
refeição.

Enquanto Marta
ocupava-se na
cozinha, Antunes foi

para a sala ler o jornal e aguardar por sua filha.

Capítulo VI **Rastro de** **sofrimento**

Após uma hora de espera, Antunes, impaciente, disse à sua mulher:

— Marília está demorando muito, e essa demora está me deixando nervoso. É melhor você ir até seu quarto e chamá-la.

— Por que o senhor está nervoso, pai? — perguntou Felipe, entrando acompanhado de Júlia e Rafael.

— É mesmo, pai. Aconteceu alguma coisa que o deixou assim?

— Se aconteceu, não sei. Mas espero

que não, Rafael,
para o bem de
Marília. Não entendo
por que ainda não
desceu. Já passou
da hora de levantar.

— Calma pai —
disse Júlia. — Ela
deve estar dormindo
ainda. Fomos nos
deitar muito tarde
ontem.

— Que ela está
dormindo eu
imagino Júlia. —
Dirigindo-se a
Felipe, pediu: —
Faça-me um favor,
filho, vá até o
quarto de sua irmã e
diga-lhe para
descer, que estou
esperando.

— E se ela estiver
dormindo?

— Acorde-a. Preciso
ter uma conversa
com Marília, e quero
que seja agora —
disse Antunes, cada
vez mais irritado.

Felipe,
obediente, subiu

apressado e foi
chamar a irmã.
Júlia, sem entender
a razão do
nervosismo de seu
pai, aproximou-se
de sua mãe.

— Mamãe, o que
há? Por que papai
está nervoso desse
Jeito?

— Júlia, acho melhor
você ficar quieta e
esperar. Demorou,
mas chegou à hora
de esclarecermos
algumas coisas com
Marília.

Júlia sentiu que
o momento era de
muita tensão e
começou a ficar
preocupada com
seus pais. Pensou
que seria melhor
colocar a mãe ciente
de sua conversa
com Marília,
acreditando que se
Marta soubesse
poderia evitar uma
atitude mais seria de
Antunes.

— Mãe, preciso muito falar com a senhora.

— Depois, minha filha, agora não é o momento.

— Desculpe-me se insisto, mas é muito importante. É sobre um assunto do qual só tomei conhecimento ontem à noite.

— Filha, seja o que for, deixe para mais tarde. Outra hora conversaremos com calma. Seu pai está muito nervoso, e eu nem sei se realmente tem motivo para tanto. Vamos esperar tudo se acalmar, está bem?

— Tudo bem, mãe, outra hora conversaremos. Marta, tentando se mostrar calma, disse a Júlia e Rafael:

— Enquanto aguardamos Felipe e

Marília, sentem-se e tomem seu café. As torradas estão quentinhas.

Júlia admirou a postura de sua mãe. Sempre equilibrada, hein, dona Marta?

Pensou.

Enquanto isso, Felipe batia na porta do quarto de Marília.

— Marília, acorde!

Reconhecendo a voz do irmão, Marília respondeu:

— Só podia ser você, Felipe, para vir me acordar a esta hora. O que quer?

— Eu, nada. Foi papai quem mandou chamá-la, e mandou que descesse o mais rápido possível, pois quer conversar com você.

— O que ele quer?

— Não sei, mas é melhor obedecer, porque papai está muito nervoso.

— Diga que já estou

indo.

— Tudo bem.

Marília se
espreguiçou.

Enquanto se
trocava, pensava:
Nesta casa não se
tem direito nem
para dormir e
acordar em paz. O
que será que vou
enfrentar desta vez?
Recordou-se da
conversa que tivera
com Júlia, na
véspera.

— Meu Deus, será
que Júlia contou a
eles o que
conversamos? Não,
não é possível, ela
não iria desrespeitar
a minha confiança,
tudo o que lhe
revelei. Júlia não
faria isso. O motivo
deve ser outro. E
espero que seja
mesmo, porque, se
foi minha irmã quem
provocou em nosso
pai essa vontade
sem razão de querer

falar comigo logo cedo, juro que nunca mais troco uma palavra com ela. Não suporto traição!

Terminando de se arrumar desceu em seguida.

— Até que enfim, Marília. Estou cansado de esperar por você. Qual a razão da demora?

— Estava me arrumando para não descer de qualquer jeito. Que mal há nisso?

Antunes, não conseguindo mais controlar o nervosismo, disse, um pouco alterado:

— Por favor, não me provoque, porque não estou para brincadeira!

— Pelo amor de Deus, pai, não estou provocando! Apenas estranhei o senhor ficar tão tenso por

uma coisa sem importância. Que mal existe em levantar um pouco mais tarde? Sempre fiz isso.

— Das outras vezes não a esperava, e acreditava não haver motivo para tanto. Hoje é diferente.

— E posso saber por que hoje é diferente? — indagou Marília começando a se inquietar.

Olhou para Júlia, tentando perceber através de sua expressão se ela havia comentado alguma coisa. Mas Júlia permanecia completamente impassível.

— Porque tenho motivos para suspeitar que você nos esconde alguma coisa, e temo ser algo grave, ou você

não esconderia de seus pais. Pretendo esclarecer tudo agora, de uma vez por todas.

— Pai, quem lhe disse que escondo algo de vocês? — Marília se voltou para a irmã, encarando-a.

Júlia percebeu seu receio e sustentou o olhar, dizendo:

— Não tenho nada a ver com isso. Pode acreditar.

— Não foi Júlia, se é o que está pensando.

— Foi quem, então?

— Marília devolveu a pergunta. — Já sei: Rafael!

— Errou de novo.

Seus irmãos se sabem de alguma coisa, não disseram nada. Acredito que estejam esperando que você mesma o faça.

— Quem foi papai?

— Foi sua mãe quem me alertou sobre o seu comportamento.

— Mamãe! Mas o que foi que eu fiz?

Em poucos, instantes Marta a colocou ciente de tudo o que a preocupava.

— É isso, Marília — concluiu. — Estou realmente muito preocupada com você, pois não sei aonde vai, o que faz com suas longas ausências... Você não me dá nenhuma satisfação sobre a sua vida!

— Mas o que a senhora quer saber?

Antunes se adiantou:

— Ora, não se faça de desentendida. Que tal começarmos com os seus telefonemas quase diários para a

capital?

— Quem lhes disse
isso?!

— Foi Vera quem me
contou — afirmou
Marta.

— E a senhora
acreditou? Mãe,
Vera é uma
fofoqueira, não se
pode dar crédito ao
que ela fala.

— Chega Marília! —
Antunes ficava cada
vez mais alterado.

— Não é fofoca
dessa moça, é a
verdade, e você
sabe disso. Com
quem fala todos os
dias pelo telefone?

— Já disse que é
com uma amiga que
conheci na casa de
Laura. Mamãe sabe
disso.

— Isso é o que você
diz, mas não
corresponde à
realidade, e eu
quero apenas a
verdade, nada mais.
Com quem tem

falado ao telefone?

Júlia, impaciente,
falou para a irmã:

— Fale de uma vez,
Marília, não adianta
ficar escondendo.

— Cale a boca e não
se meta! O assunto
é meu!

Antunes, no auge da
impaciência, dirigiu-
se a Marília quase
gritando:

— Não mande sua
irmã calar a boca! —

E voltou-se para
Júlia. — Se você
sabe de alguma
coisa a esse
respeito, por favor,
conte-nos.

— Ela não sabe de
nada, papai.

— Deixe que ela
mesma responda
Marília. — Sem dar
chance à filha mais
nova, tornou a se
voltar para Júlia. —
Posso até

compreender o fato
de você não querer
se intrometer no

assunto de sua irmã. Mas, se sabe de algo, é melhor e mais prudente nos dizer. Seu silêncio poderá ocasionar uma desgraça na vida de Marília e na nossa. Volto a insistir: se tem conhecimento de alguma coisa, digam-nos. Sua mãe e eu temos o direito de saber.

Júlia se sentiu acuada.

Marília, receosa do que a irmã poderia revelar, tentava de todos os modos impedi-la de se pronunciar.

Antunes, cada vez mais nervoso e certo de que realmente existia um segredo, com autoridade ordenou que uma ou outra o revelasse.

Júlia fez menção de contar, mas

Marília, em uma última tentativa de fazê-la mudar de idéia, quase gritou:

— Não, Júlia, por favor, não!

— Sinto muito, Marília, mas não posso omitir de nossos pais o que pretende fazer; se você não falar, falo eu.

Diante do silêncio de Marília e da expectativa de seus pais, Júlia tomou coragem.

— Pai, a pessoa com a qual Marília vem falando ao telefone é Marcelo.

— Quem é Marcelo?

— Aquele amigo de Carlos que esteve no aniversário dela, lembra?

— E por que sua irmã fala com ele com tanta assiduidade?

— Porque estão namorando.

— Namorando?!
Você sabia disso,
Marta?

— Não, Antunes,
mas deve ser o
motivo das saídas
dela. Marília, sem
esconder a raiva que
sentia da irmã,
disse, rancorosa:

— Você me paga,
Júlia.

— Pare de ameaçar
sua irmã e diga-me
por que esconde
esse rapaz. Existe
algum problema
com ele que não
podemos saber?

— Não, pai,
problema algum.

— Vocês estão
mesmo namorando?

— Sim. Desde meu
rompimento com
Luiz.

— Todo esse tempo
e não nos falou
nada! — exclamou
Marta,
decepcionada.

— Com certeza,
Marta, é alguma

brincadeira de
criança, por isso ela
preferiu não nos
dizer. E isso,
Marília?

— Digamos que sim,
pai. Ainda não é
sério, então não quis
adiantar nada. Pode
nem dar certo.

Júlia estava
atônita. Marília
perdia a
oportunidade de
revelar a eles a
verdade, tudo o que
estava pretendendo
fazer. E, além do
mais, mentia sem o
menor respeito por
seus pais. Não
suportando mais vê-
los serem
enganados
levianamente pela
irmã, resolveu
acabar com aquilo:
— É mentira, pai,
não é um namoro de
brincadeira.
— O que diz? Como
assim?
— Pare Júlia —

Marília tomou a
gritar com a irmã.
— Sinto muito, mas
não posso parar.
Eles têm o direito de
saber o que você
está tramando.
— Então nos diga
minha filha.
— Pai, esse namoro
é sério. Marília vai
embora com ele.
— O quê?! Você
disse que ela vai
embora?!
— Sim. Marcelo virá
buscá-la em poucos
dias.
— Vocês vão se
casar? — questionou
Marta, com um fio
de voz.
— Não é possível —
completou Antunes.
— Você mal o
conhece.
— Eles não vão se
casar; Marília vai
morar com ele.
— Sem se casar?
Não posso permitir
isso.
— Calma, Marta,

vamos ouvir o que Marília tem para nos dizer. Explique-se, menina.

— Explicar o que, pai?

— É verdade o que Júlia disse?

— Sabe o que é pai...

— Só quero uma resposta: é verdade ou não? Tímida, Marília confirmou:

— Perdoe-me, pai, mas é.

Marta não agüentou. Sentou-se e cobriu o rosto com as mãos.

Antunes não sabia o que dizer, tamanho o impacto que a notícia causou em seu coração.

Sentia-o bater forte e descompassado em seu peito magoado. Custava a acreditar no que sua filha confirmara.

— Por favor, filha, diga que não é verdade, que tudo

isso não passa de
uma brincadeira.
Resoluta e senhora
de si, Marília
respondeu:
— Já que tudo veio
à tona, serei franca.
É verdade, sim, pai,
não vou mais negar.
Irei embora com
Marcelo para a
capital. Vou em
busca do meu
sonho, da minha
vida, ou seja, da
vida que desejo para
mim.
— Mas a sua vida é
aqui, junto de sua
família!
— Engano seu, pai.
Minha vida é no
lugar onde está o
que ambiciono
desde sempre: ser
famosa, ser alguém.
— A fama nem
sempre traz a
felicidade. É um erro
pensar que somente
os famosos são
felizes.
— Se eles são eu

não sei, nem me interessa. O que sei é que serei feliz com Marcelo, pois só ele pode me dar o que quero.

— Filha, você nem o conhece o bastante para tomar essa decisão, está sendo precipitada.

— Conheço o suficiente para saber que é isso o que quero.

— Nós não o conhecemos, não sabemos nada sobre sua família. O rapaz pode estar enganando você. Já pensou que ele pode até ser casado?

Pense melhor, Marília, não faça nada por impulso, ou poderá se arrepender amargamente.

— Desculpe-me, pai, mas vou fazer sim, e sei que não me arrependerei. Como

já disse, Marcelo possui o que desejo, sem dizer que está apaixonado por mim.

— Se está tão apaixonado por você, qual a razão de não ter pedido sua mão em casamento? Por que nunca quis vir falar conosco sobre vocês? Não acha estranho?

— Não. Acho perfeitamente normal. As coisas hoje são diferentes pai, porque o mundo se modificou nada é mais como em seu tempo.

Enquanto Antunes conversava com Marília tentando trazê-la de volta à razão, Marta, em um canto, chorava desesperada.

Júlia, Rafael e Felipe não sabiam que atitude tomar,

nem o dizer para aliviar a dor de sua mãe. Entretanto, Marília permanecia fria, irredutível e insensível à dor que causava a seus pais.

— Pode me dizer o que pretende fazer na capital, Marília?

— Ora, pai, vou trabalhar em uma grande agência de modelos. Em pouco tempo poderão ver meu nome brilhando nas revistas mais importantes.

— Marília, não permitirei que faça essa loucura. Desta casa você não sai!

Mais audaciosa ainda, Marília respondeu:

— Se eu fosse o senhor, não tentaria me impedir.

— Posso saber por quê?

— Porque eu irei o senhor deixando ou não. Não vou

permitir que
ninguém atrapalhe
meus planos; nem
mesmo o senhor.

— Não lhe darei um
centavo sequer,
Marília!

— Pai, o senhor
ainda não entendeu,
portanto, não se
desgaste. Não
preciso do seu
dinheiro. Marcelo é
rico, possui uma
posição social
invejável. Assim,
não precisarei de
nada nem de
ninguém. Ou,
melhor dizendo, vou
precisar apenas de
Marcelo e da minha
beleza.

Júlia, decidida,
aproximou-se da
irmã, segurou-a pelo
braço e falou com
autoridade:

— Chega, Marília,
você já atingiu
nossos pais o
suficiente para
deixá-los tristes e

preocupados. É
melhor parar!
— Eu disse para
você que isso não ia
dar certo, eu avisei
— falou Rafael.
— Não seja bobo. O
que foi que não deu
certo? Tudo está
evoluindo para a
finalização concreta
do meu desejo.
Felipe, sempre
sensato, expressou-
se com cautela:
— Marília, se você
quer colocar sua
vida em risco tudo
bem, é um problema
seu. Mas o que não
pode fazer é
magoar, desafiar
nossos pais da
maneira como está
fazendo. Isso eu não
vou deixar.
— E quem é você
para falar comigo
desse modo?
— Sou apenas um
filho que não tem
medo de defender
seus pais, e o farei

caso você insista em feri-los. Portanto, abaixe seu tom de voz e trate-os com respeito.

Marília, sentindo a força moral de Felipe, conteve-se. Todos admiravam a firmeza com a qual Felipe contornara a situação.

Antunes, aproveitando o instante de calma, mostrando-se cansado e abatido, dirigiu-se à filha: — Pelo que senti ninguém poderá detê-la nessa sua loucura. Mas vou dar-lhe um aviso: não se esqueça de que enquanto estiver na minha casa deverá seguir as regras impostas por mim e sua mãe, comportando-se da maneira como sempre ensinamos e que exigimos.

Sobretudo não ouse desrespeitar sua mãe. Agora, suba para seu quarto.
— Mas, pai, nem tomei meu café...
— A hora já passou. Daqui a pouco o almoço será servido. Por enquanto, faça o que estou mandando: suba!

Marília,
querendo demonstrar sua irritação, subiu as escadas batendo os pés com firmeza. Chegando ao quarto, bateu a porta com violência.

Júlia abraçou a mãe, dizendo-lhe com carinho:
— Não fique assim. Quem sabe ela não muda de idéia?
Marta fixou seus olhos tristes e úmidos na querida filha.
— Era sobre isso que você queria

conversar comigo,
não era?

— Sim, mãe. Mas
agora não tem mais
importância. Foi
melhor assim; pelo
menos tudo será
feito às claras.

— Marília não tem
noção do espinho
que cravou em
nosso coração, meu
e de seu pai.

**De todas as
provas, as mais
penosas são as
que afetam o
coração; alguém
suporta com
coragem a miséria
e as privações
materiais, mas
sucumbe ao peso
dos desgostos
domésticos,
esmagado pela
ingratidão dos
seus.**

**(O Evangelho
Segundo o
Espiritismo —**

Allan Kardec — Capítulo XIV)

Júlia, após auxiliar sua mãe nos afazeres domésticos, tomou a decisão de ir à procura de Carlos. Acreditava que talvez ele tivesse informações sobre a vida de Marcelo que pudessem transformar a decisão leviana de Marília.

— Mãe, estou pensando em procurar Carlos. Ele é amigo de Marcelo, e foi quem o trouxe à nossa casa.

Acredito que poderá nos ajudar nessa questão contando-nos o que sabe sobre a vida de Marcelo. O que a senhora acha?

— Não vejo mal nenhum, Júlia, tudo

é válido para ajudar Marília a desistir dessa loucura.

Assim ficaremos sabendo mais sobre esse moço. Acho que deve ir, sim. Felipe, que escutara a conversa, disse à irmã:

— Júlia, quero ir com você.

— Que bom Felipe. Vou até meu quarto e volto em seguida.

— Tudo bem, eu espero.

Júlia subiu.

Ao passar pela porta do quarto de Marília, ouviu os soluços da irmã.

— Posso entrar Marília?

— Não, Júlia, não pode. Vá embora e deixe-me em paz!

— Marília, está agindo como uma criança mimada.

Deixe-me entrar. Preciso falar com você, é de seu

interesse.

Após alguns instantes de silêncio, Marília resolveu abrir a porta.

— O que quer ainda? Acabar de me destruir?

— O que é isso, Marília? Calma, não vim aqui para discutir ou destruir ninguém, quero apenas ajudar.

— Sei! Só rindo! O que você fez foi colaborar para piorar as coisas para mim!

— Não, não fiz isso. Você é que ainda não entendeu que tudo se torna mais fácil quando usamos de sinceridade e transparência ao tratar com as pessoas, principalmente nossos pais. Mas isso não vem ao caso agora; o que está feito não se

precisa fazer.

— O que quer?

— Lembra-se de Carlos?

— Claro, é o amigo do Marcelo, foi ele quem o trouxe aqui.

— Isso. Agora, a questão maior é que ninguém conhece nada da vida de Marcelo, concorda?

— Concordo.

— Carlos é o único que poderá nos dar informações concretas sobre ele, pois o conhece há muito tempo. Isso lhe dá condições de saber quem Marcelo é na realidade.

— E daí?

— Daí que eu e Felipe vamos falar com ele, e gostaria que você viesse conosco. Seria bom para você.

— Vocês vão falar o que, Júlia?

— Ora, o que eu lhe disse: tentaremos

descobrir um pouco sobre ele.

— Sinto muito, mas não irei.

— Por quê?

— Porque não quero.

— Qual a verdadeira razão, Marília?

— Nenhuma em particular, apenas não quero saber nada mais do que já sei.

— Está com medo?

— Medo de que, Júlia? Não é isso, apenas não acho certo ficar

investigando a vida da pessoa à qual vou me unir.

— Mas é justo; por isso deve investigar Marília.

— O que ele me contou me basta, e vou adiantando que nada que você vier a me contar como sua grande descoberta irá me fazer mudar de idéia.

— Você se julga adulta o bastante para tomar decisões importantes e tem medo de enfrentar revelações que poderiam salvá-la dessa loucura.

— Por favor, Júlia, saia do meu quarto; cansei de ouvi-la. Deixe-me em paz e não se meta mais nesse assunto, que só diz respeito a mim.

— Tudo bem, Marília, você é quem sabe. Aprendi que devemos respeitar o livre-arbítrio de cada um, e eu vou respeitar o seu.

— Acho muito bom. Agora me deixe sozinha.

Júlia desceu decepcionada. Ela está com medo de descobrir alguma coisa que a obrigue a alterar seus planos, concluiu.

— Demorou Júlia —
disse-lhe Felipe.

— Estava tentando
convencer Marília a
ir conosco.

— Conseguiu?

— Não, mãe. Ela
está irredutível,
acredito mesmo que
nada nem ninguém
a faria mudar de
idéia.

— Filha, vá assim
mesmo conversar
com esse rapaz.
Talvez através dele
tenhamos alguma
chance de modificar
essa situação.

— Claro, mãe, já
estamos indo.

Vamos, Felipe.

Os dois irmãos
seguiram em direção
à residência de
Carlos.

Lá chegando,
foram informados de
que o rapaz se
encontrava no
trabalho. Anotaram
o endereço e
seguiram até a

empresa onde
Carlos trabalhava.
A recepcionista,
atendendo-os com
gentileza, os
conduziu até a sala
de Carlos.

— Como vai, Carlos?
Lembra-se de mim?

— Deixe-me ver...

Já sei... Você é a
irmã de Marília, ex-
noiva de Luiz.

Acertei? —
perguntou sorrindo.

— Acertou. Meu
nome é Júlia, e este
é meu irmão, Felipe.

— A que devo a
alegria de revê-los?

— Precisamos de
sua ajuda.

— Se estiver ao meu
alcance, com o
maior prazer.

— Carlos, o que nos
traz aqui é um
assunto muito
delicado.

— Fiquem à
vontade.

— Gostaríamos que

você nos contasse um pouco sobre a vida daquele seu amigo, Marcelo.

— Falar sobre Marcelo? É um pedido difícil.

— Eu sei.

— Posso saber o motivo dessa curiosidade?

— Evidente que sim.

Júlia e Felipe narraram tudo o que sabiam sobre o envolvimento de Marília com ele. Carlos ficou surpreso.

— Como aconteceu isso, como Marília foi se envolver com ele? Espere aí, então foi por causa dele que ela rompeu o noivado com Luiz?

— Não podemos dizer ao certo, mas da maneira como se olhavam podemos até concluir que é possível.

— Lembro-me bem

do quanto ele ficou impressionado com a beleza dela. Cheguei a pedir-lhe que não se envolvesse com Marília, pois era uma moça de família. Meu Deus lembro-me muito bem disso.

— Enfim, aconteceu. Meus pais estão desesperados com a idéia de Marília se unir a ele indo para a capital em uma aventura que tem tudo para dar errado.

— Acredito que dará mesmo.

Júlia e Felipe se olharam assustados.

— Como assim, Carlos? O que o faz pensar assim?

— Embora Marcelo diga para todo o mundo que toma conta de sua mãe doente para justificar sua

ausência em
determinados
lugares e
compromissos, não
é verdade.

— Não?

— Não. Ele é
casado, e nem
sempre consegue
sair sem a mulher.
Júlia e Felipe
empalideceram.

— Não é possível!
Marília sabe disso,
Júlia?

— Penso que não,
Felipe; ela não
chegaria a tanto.

— E nunca se
importou em saber?
Quem respondeu foi
Carlos:

— Desculpe-me me
intrometer, mas
pode ser que ela
tenha medo de
perder a
oportunidade com
que sonhou a vida
inteira. Não é isso o
que Marília sempre
quis? Pelo menos
era o que Luiz me

dizia.

— Ele vive de que, Carlos? Pelo menos é verdade que é dono de uma agência de modelos?

— Isso é verdade.

Tem um sócio chamado Daniel e trabalham juntos há muito tempo.

— É uma agência grande?

— Aparentemente sim.

— Não entendi.

— O porte de sua agência chega a levantar suspeita, considerando os poucos trabalhos que realiza com as modelos.

— Explique isso melhor, por favor.

— Paralelamente eles realizam transações que nada têm a ver com as modelos, e são essas atividades que dão sustento financeiro à agência.

— Que atividades são essas, Carlos?

— Não sei responder, Júlia. O que posso lhe dizer é que Marcelo não serve para Marília, que pertence a uma família bem estruturada, com formação decente e digna.

— O que vamos fazer Felipe?

— Não sei Júlia, estou tão desorientado quanto você.

— Perdoem-me, mas por que permitiram que esse relacionamento chegasse a esse ponto?

— Porque ninguém sabia Carlos. Marília escondeu de todos nós, e só hoje pela manhã tomamos conhecimento de seus planos. Nossos pais estão sofrendo muito, e não

sabemos o que fazer para ajudá-los.

— Gostaria muito de colaborar, mas não vejo como.

— Você já fez o que estava ao seu alcance, Carlos.

Mostrou-nos quem é Marcelo de verdade, e somos muito gratos. Agora teremos de pensar, para agir enquanto é tempo.

De repente passou pela cabeça de Júlia uma idéia que considerou viável.

— Carlos, já que se mostrou disposto a nos ajudar, posso pedir-lhe um grande favor?

— Claro, Júlia, peça o que quiser. Como disse, gostaria muito de colaborar.

— Vocês são amigos... Seria possível que conversasse com Marcelo e tentasse

dissuadi-lo de vir
buscar Marília?
— Posso fazer isso
sim, com certeza.
Tentarei convencê-lo
a desistir de Marília.

— Que ótima idéia
você teve, Júlia! —
apoiou Felipe.

— Ficaremos muito
gratos pela sua
gentileza e
compreensão,
Carlos.

— Assim que
conseguir falar com
Marcelo entrarei em
contato com vocês e
os colocarei a par de
nossa conversa.

Está bem assim?

— Ótimo. Carlos,
você é um bom
amigo, não sei como
poderemos
agradecer.

— É verdade,
Carlos, muito
obrigado.

— É o mínimo que
posso fazer. Afinal,
fui eu quem o levou

para dentro de sua casa. Num certo ponto, sinto-me responsável.

— Nem pense nisso. Se existe um culpado, só pode ser Marília. E ela que não consegue se situar na realidade e vive em uma redoma de sonhos. Bem, ficaremos aguardando notícias suas.

— Espero tê-las o mais rápido possível.

Despediram-se.

Júlia e Felipe caminhavam conversando, tentando achar um jeito menos sofrido de revelar aos pais a verdadeira situação de Marcelo.

— Júlia, estou pensando que é melhor esperarmos a resposta de Carlos. Pode ser que ele convença

Marcelo a desistir de Marília, e se isso acontecer não precisaremos dizer aos nossos pais que ele é casado. Será um sofrimento a menos.

— Tem razão, Felipe, não aumentaríamos a dor que já estão sentindo.

Marta esperava ansiosa a volta de Júlia e Felipe. Sem esconder a preocupação, correu ao encontro dos filhos assim que os viu chegar.

— Como foi à conversa com o Carlos? Ele esclareceu alguma coisa sobre a vida de Marcelo?

— Calma mãe! — pediu-lhe a filha.

— Não me peça para ficar calma, Júlia, por favor. Não tenho a mínima condição

de controlar minha
ansiedade e meu
receio em relação ao
futuro de Marília,
por isso, seja lá o
que for que ele
tenha dito não me
escondam
absolutamente
nada.

Os dois irmãos se
olharam. Felipe
antecipou-se a Júlia:

— Fique tranqüila,
não vamos esconder
nada da senhora.
Mas por enquanto
não temos nada a
dizer de concreto.

— Como assim,
Felipe? Não
entendo. Carlos não
o conhece ou não
disse nada para não
contrariar o amigo?
Júlia, com cautela,
interveio:

— Mãe, sente-se
aqui, vou explicar
tudo para a senhora.
Marta obedeceu,
sentando-se
próxima à filha e

esfregando as mãos,
nervosa.

— Carlos é uma
ótima pessoa,
demonstrou boa
vontade e muita
consideração
conosco. Prometeu
verificar tudo o que
diz respeito a
Marcelo, e assim
que tiver as
informações irá nos
colocar ciente de
tudo. É sem dúvida
um ótimo caráter,
mãe, além de
solidário e gentil.

— Não compreendo
a razão dessa
demora. Se ele é
amigo de Marcelo
deve conhecê-lo,
pelo menos saber
das questões mais
importantes da sua
vida, por exemplo,
se é casado ou não.
Isso é o que mais
preocupa a mim e o
seu pai.

— Mãe, Carlos sabe
sim muita coisa a

respeito do Marcelo,
mas preferiu ser
cauteloso para não
se enganar em um
assunto tão sério.

— Tudo bem.

Quanto tempo
vamos ter que
esperar?

— É rápido, mãe,
não mais que dois
ou três dias.

Vendo a grande
inquietação no rosto
de Marta, Júlia
voltou a dizer:

— Mãe, não fique
assim. Ele apenas
não quis se
precipitar preferiu
ser prudente para
não cometer
nenhum engano.

— Tudo bem, filha,
Carlos está certo. Eu
é que estou muito
assustada. Mas
vamos esperar.

— E Marília? —

Felipe quis saber. —

Já saiu do quarto?

— Ainda não. Está
trancada desde

cedo. Nem obtive resposta quando bati em sua porta. — É melhor deixá-la quieta! — exclamou Júlia. — Acredito que deve estar confusa.

Lembrando de algo, Marta dirigiu-se à filha:

— Estava me esquecendo, Júlia: Luiz ligou para você. O coração de Júlia se sobressaltou.

— O que a senhora disse mãe? Luiz me telefonou?

— Sim, filha, disse-me que precisava falar com você.

— A senhora não falou que tinha ido falar com o Carlos, não é?

— Lógico que não, filha. Disse apenas que havia saído com Felipe.

— Ele perguntou para onde?

— Não. Falou que

queria conversar
com você e que liga
mais tarde.

Júlia se encheu de
esperanças. Meu
Deus será que e
sentiu saudade de
mim?

Rafael entrou
correndo na cozinha,
dizendo, afobado:

— Mãe, é melhor
irmos até o serviço
do papai. Parece que
ele não está se
sentindo bem.

Todos se
assustaram.

— Como soube?

— Eu vinha para
casa quando me
encontrei com
Pascoal, um rapaz
que trabalha na
mesma firma que
papai. Pascoal
estava vindo nos
avisar.

Sem perguntar
mais nada, Marta
saiu apressada em
direção à firma,
seguida dos filhos.

Meu Deus socorra-me, e muito problema para um dia só, pensava.

Ao chegarem, foram encaminhados para a sala de enfermagem, onde os empregados recebiam os primeiros atendimentos.

Encontraram Antunes deitado, pálido, e quase não esboçou nenhuma reação quando os viu.

— Meu querido — disse Marta, carinhosamente —, o que aconteceu? O que está sentindo? A enfermeira se antecipou:

— Dona Marta, acalme-se, seu marido já está bem.

— Por favor, diga-me o que ele tem.

— Sua pressão subiu muito, e, em conseqüência, seu

Antunes se sentiu mal. Mas já está medicado, a pressão baixou um pouco. Ele precisa apenas descansar.

— Tem certeza de que ele está bem?

— Por ora, sim. O que recomendo é encaminhá-lo para um médico a fim de examiná-lo e decidir o que fazer para controlar sua pressão, evitando a repetição desse episódio.

— Nós procuraremos um médico, com certeza.

— Desculpe-me perguntar, dona Marta, mas seu Antunes passou por algum aborrecimento importante?

— Por quê?

— Todos notaram que ele chegou muito aborrecido, angustiado... Parecia

não estar bem,
mesmo.

— Sim. Meu marido
passou por uma
grande
contrariedade, que o
deixou muito
nervoso e bastante
abalado.

— Isso pode explicar
a pressão ter se
elevado. Esperem
que descanse mais
um pouco, e então
poderão levá-lo para
casa. Aconselharia
evitarem tocar no
assunto que o
abalou tanto. É
importante que
repouse, e, assim
que puderem,
levem-no ao médico
para investigar se
ele não é hipertenso
ou se tem algum
outro problema.

— Obrigada. Posso
ficar aqui com ele?

— Claro dona Marta,
eu também estarei
aqui o tempo todo.
Mas fique tranqüila,

seu marido já está bem.

Marta pediu aos filhos que fossem para casa e avisassem Marília do ocorrido.

No caminho, Júlia notou que Rafael estava mais silencioso que de costume.

— Rafael, o que você tem? Está tão calado... Se for por causa de papai, ele está bem. Não ouviu a enfermeira falar?

— Não é nada, Júlia, estou apenas pensativo.

— Não quer me dizer o que o preocupa? Podemos conversar, e talvez você se sinta mais aliviado. O que acha?

— Fale Rafael, posso apostar que sei do que se trata — disse Felipe.

Júlia insistiu:

— Seja o que for,
diga, desabafe. Dê-
nos a oportunidade
de ajudá-lo. Somos
irmãos, e os irmãos
ajudam uns aos
outros.

Encorajado, Rafael
se abriu:

— Sabe o que é
Júlia? Estou
impressionado com
Marília. A que ponto
ela chegou para
alcançar seu
objetivo! Nunca
pensei que ousasse
tanto. Está passando
por cima de sua
família, de seus
pais, em nome de
algo que ela nem
sabe o que de
verdade lhe reserva.

— Marília está
enganando a si
própria, Rafael;
anda pela vida muito
distráida e não
consegue assimilar
os verdadeiros
valores da alma.

— O que me

angustia é que durante anos a fio fui conivente com seus conceitos, admirando sua maneira de ser. Pensei e agi como ela. Assumo que escondi muitas atitudes dela, e hoje reconheço que, se tivesse pensado e agido diferente, revelando aos nossos pais sua intenção desde muito nova, pode ser que não tivesse chegado a esse ponto. Sinto-me muito culpado por isso.

— Não carregue culpa, irmão. Marília já está bem crescadinha para saber o que fazer. Sempre deu prioridade aos seus impulsos e não consegue perceber que, quando os instintos nos

dominam, estamos
mais próximos do
ponto de partida do
que do objetivo.

— O que isso quer
dizer?

— Marília está se
perdendo na ilusão,
e se esquece de que
o amor, em todas as
suas formas, é a
primeira palavra do
alfabeto divino, e a
tarefa do amor é
longa e difícil, mas
se cumprirá, porque
assim Deus o quer.
Infelizmente,
aqueles que vivem
escravos da ilusão,
como diz a palavra,
estão se iludindo, e
a realidade será
mais dura quando
chegar. — Tenho
receio por Marília.
— Nós também
temos, não é,
Felipe? Mas o que
estiver por vir é a
própria Marília quem
está semeando. O
fato de sentir-se

culpado é o
prenúncio do
acordar de sua
consciência, ou seja,
você passará a
perceber agora que
tudo se deve
questionar; deve-se
analisar o
verdadeiro conteúdo
dos fatos, e não tão-
só aceitar.

Felipe, que até o
momento apenas
ouvia sentindo
admirarão pela irmã,
disse ao irmão:

— Concordo com
Júlia, Rafael. Esse
seu despertar irá
com certeza lhe
proporcionar
atitudes mais nobres
que lhe mostrarão
uma direção mais
segura.

Rafael alegrou-se
com a compreensão
dos irmãos e sentiu-
se protegido.

— Obrigado. Jamais
pensei que me
compreenderiam.

Imaginei que me apontariam como culpado; entretanto, sou aceito por vocês, apesar dos meus erros.

— Somos seus irmãos, esqueceu-se disso? Além do mais, você não errou tanto assim como pensa. Não julgue a si mesmo de maneira tão severa. Marília está agindo dessa forma porque quer; nem você, nem ninguém está induzindo seu comportamento. Somos responsáveis por nós, e não devemos nos esquecer disso.

Somos os responsáveis por nossa vida, e mais ninguém.

— Sente-se mais aliviado, Rafael?

— Sim, Felipe.

Agradeço muito pelo carinho de vocês;

sempre agem como verdadeiros irmãos, e eu na maioria das vezes não consegui entender isso. Sei que estão protegendo nossos pais não dizendo que já sabem que Marcelo é casado. Júlia e Felipe o encararam surpresos.

— Por que acha que sabemos?

— Porque os vi saindo do trabalho de Carlos. Imaginei que foram buscar informações sobre Marcelo, e Carlos sabe que ele é casado.

— Espere aí, Rafael. Como sabe disso, e desde quando?

— Mais ou menos um mês atrás tomei conhecimento de que Marcelo é casado através do primo de um amigo meu lá do clube. Ele

mora na capital e viu Marcelo aqui algumas vezes; reconheceu-o e me contou que ele é marido de um parente distante de sua namorada.

— Por que não nos disse?

— Falei para Marília. Tentei convencê-la a desistir desse relacionamento, mas ela ignorou e me proibiu de comentar com quem quer que fosse.

Júlia e Felipe ficaram atônitos.

— Marília sabe que ele é casado?

— E mesmo assim continuou com essa loucura! —

completou Felipe.

— Foi por isso então que ela se recusou a ir conosco falar com Carlos e disse que nada a faria mudar de opinião. Agora estou entendendo.

— Rafael, Marcelo tem conhecimento de que ela sabe que é casado?

— Não, Júlia. Ele pensa que a está enganando, nem imagina que nossa irmã sabe a verdade. Marília descobriu logo depois que ele foi embora; disse-me que não falaria nada para não estragar seus planos.

— Marília enlouqueceu! — exclamou Júlia, indignada.

— Ela não gosta dele; quer apenas usá-lo para alcançar seu objetivo.

— Por favor, Rafael, não me diga mais nada, estou absolutamente boquiaberta.

— Viu por que eu sentia tanta culpa Júlia?

— Já conversamos

sobre isso, Rafael.
— Aprendi a lição.
De agora em diante
pretendo levar
minha vida com
mais prudência.
— Até os sonhos,
Rafael!
— Entendi Júlia, até
os sonhos.

Antes de
chegarem em casa,
Júlia e Felipe
contaram a Rafael a
conversa que
tiveram com Carlos
e a tentativa deles
de fazer Marcelo
desistir de Marília.

Capítulo VII **Consolo em meio** **à tempestade**

Assim que
entraram em casa
depararam com
Marília deitada
preguiçosamente em
um sofá, lendo uma
revista. Apesar de

ver os irmãos, a jovem não esboçou nenhuma reação, e continuou com sua leitura.

Júlia, inconformada com o que acabara de saber por Rafael, aproximou-se dela e lhe disse:

— Tudo bem, Marília?

A irmã respondeu-lhe apenas com um sussurro:

— Tudo...

Impaciente, Júlia retrucou:

— Precisamos conversar. Pode ser agora?

— Não. Não tenho o menor interesse em conversar com você.

— Mas eu tenho, e vou conversar agora. Se não quiser responder, é um problema seu, mas vai ter que me ouvir.

Marília fechou a revista, sentou-se e

encarou os irmãos.
— O que será que a dona do mundo quer me dizer com tanta pressa? Mais sermão? Se for, vou logo dizendo que estou farta da sua "sabedoria", ou, melhor, da sua mania de acreditar que sabe tudo, que entende tudo e pode ir falando o que quer para as pessoas sem considerar que elas podem não querer falar com você.
Júlia, impaciente e sem ligar para o que Marília falava, respondeu:
— Não me interessa o que pensa, porque quem está farta de sua leviandade e falta de respeito com nossos pais e com você mesma sou eu, minha irmã. Será que não consegue ver a realidade das

coisas? É impossível acreditar que você, por livre e espontânea vontade, se lança em um abismo, correndo todos os riscos de estragar sua vida, talvez para sempre... Não receia o sofrimento que a espera?

— Do que está falando? Que sofrimento é esse, Júlia? De onde você tirou isso? Como estragar a minha vida se estou a um passo de conquistar meu espaço no mundo em que escolhi para viver?

— Tudo bem, mas a que preço, Marília? Será que para conseguir o que quer é válido se unir a um homem casado, destruindo sua vida e a de uma família já constituída? É esse o

preço de sua
ambição?
Marília empalideceu.
Com ódio no rosto
transfigurado, olhou
para Rafael.

— Foi você, seu
traidor! Jamais
esqueço quem me
traí, e você vai me
pagar muito caro
por isso.

— Não foi ele quem
nos contou Marília.

— Quem foi então,
se só Rafael sabia?

— Carlos também
sabe. Eu lhe disse
que iria falar com
ele. Convidei você
para irmos juntas,
mas não quis. Agora
entendo por que:
teve medo de se
trair e percebermos
que você já sabia,
não foi isso?

— E como soube que
eu já tinha
conhecimento desse
detalhe, se nem
Marcelo sabe?
Rafael adiantou-se e

enfrentou a irmã.

— Marília, esse é o pormenor mais importante, e fui eu quem contou a Júlia e Felipe. Falei para eles que você já sabia, mas que não se importava. Disse também que Marcelo nem desconfia que você tem conhecimento da situação dele.

— Eu sabia que não podia confiar em você!

Felipe, dirigindo-se à irmã, lhe disse:

— Você perdeu mesmo a noção exata das coisas.

Está tão preocupada consigo mesma que não consegue imaginar o mal que faz a si própria e aos nossos pais.

— Pode me explicar o que foi que eu fiz?

— Posso dizer o que está fazendo com nossos pais, porque,

quanto a você,
aprenderá com o
tempo.

— Tudo bem, e o
que fiz a eles?

— Papai passou mal
no trabalho. Sua
pressão subiu muito
em virtude do
desgosto que você
não percebe que
está causando.

Mamãe ficou com
ele, e, enquanto os
dois sofrem você
fica aí, mais
preocupada com o
ódio que sente de
todo o mundo.

Marília calou-se.

Inesperadamente,
começou a chorar.

— O que foi agora,
Marília?

— Eu não queria que
nada disso
acontecesse.

Bastava apenas que
vocês se
esforçassem para
compreender a
importância que tem
para mim essa

oportunidade de ir para a capital com Marcelo, mas nem acreditam que ele me ama!

— Mesmo que ele a ame, Marília: o rapaz é casado e não lhe contou, portanto está enganando você. E tem mais: você está anulando seus sentimentos, porque não o ama. Assim, também o está enganando. Está usando Marcelo e destruindo o casamento de uma pessoa que, como você, acreditou no sonho de uma união. Não se pode construir a felicidade passando por cima dos sentimentos dos outros, querida, e é o que você pretende fazer.

— Quero que me perdoem, mas é mais forte que eu.

Tenho que ir preciso acreditar que tudo dará certo. Afinal, Marcelo é um bonito rapaz, e, para completar, é rico. Tente entender, Júlia, talvez seja a única oportunidade que terei e não posso desprezá-la. Sei que vocês jamais me entenderão, mais o dia em que eu estiver muito rica... Creio que aí vocês irão me aceitar.

— Por que acha isso?

— Porque o dinheiro compra tudo, Júlia, até o esquecimento das pessoas. Acho melhor encerrarmos esse assunto.

— E nossos pais, o que irão sentir ao saberem que está morando com um homem casado?

— Se vocês não contarem, eles não

saberão, e assim
sofrerão menos.

— Marília, estou
perplexa. É difícil
acreditar que você
se tornou essa
pessoa egoísta,
insensível à dor
alheia,
principalmente à dos
seus pais.

— Se para você é
difícil acreditar, é
muito simples: não
acredite, pois para
mim não fará a
menor diferença. O
que não posso e não
quero é abdicar dos
meus sonhos por
causa do que
pensam os outros,
mesmo os meus
pais, que para mim
estão parados no
tempo, querem que
tudo seja como na
época deles e não
aceitam que as
coisas mudaram.

— Marília, percebe
que fala dos nossos
pais como "os

outros"? Eles são a
nossa família! Isso
para você não
conta?

— Conta, e muito.

Lamento

decepcioná-los e ser
a causa das aflições
deles, mas deve
concordar que não
posso abrir mão dos
meus desejos e
minhas ilusões.

Escutaram o barulho
da chave na porta
da frente.

— Eles estão
chegando — disse
Felipe. — É melhor
pararmos com essa
conversa.

— Tem razão. Papai
não pode sofrer
mais
aborrecimentos,
pelo menos por uns
dias. Mais tarde
pensaremos numa
maneira mais
tranqüila de
esclarecer tudo isso.
Marta e Antunes
entraram, e Marília

foi ao encontro do pai. Abraçou-o, desconcertada, e disse-lhe:

— Perdoe-me, pai, não tive a intenção de magoá-lo tanto.

— Tudo bem, filha — foi à resposta de Antunes.

Temendo que acontecesse de novo o mesmo falatório a respeito da decisão de Marília, Marta logo definiu a situação que considerava melhor para o marido:

— Meninos, cada um que procure o que fazer. O pai de vocês precisa descansar. —

Virando-se para o marido, completou:

— Querido, prefere ficar aqui na sala ou no nosso quarto?

— Prefiro subir, Marta. Sinto-me cansado, e gostaria que ninguém me

incomodasse, com exceção de você.
— Fique tranqüilo, não deixarei que ninguém o incomode. Vocês ouviram, não?
— Sim, mãe — todos responderam.
Três dias se passaram desse episódio.

Embora Júlia tivesse esperado com ansiedade, Luiz não o procurara mais. O telefonema esperado não acontecera. Pensamentos de angústia tomavam conta do seu íntimo, trazendo-lhe na maioria das vezes a desesperança. Nessas horas conversava consigo mesma, buscando uma solução que não encontrava:
— Começo a crer que é bobagem lutar para conquistar o

amor de Luiz. Há anos venho esperando, mas acho que ele jamais irá me enxergar como uma possível namorada, alguém que possa vir a amar e com quem pretenda construir uma família. Serei sempre o ombro amigo que escuta e consola, enquanto Marília permanecerá sempre em seu coração como uma sombra entre nós dois.

O som do telefone trouxe-a de volta à realidade. Mais uma vez, independente de sua vontade, seu coração disparou. Correu a atender. — Júlia? — disse uma voz ainda pouco conhecida. — Aqui é o Carlos. Novamente a decepção.

— Oi, Carlos, tudo bem? Tem notícias para mim?

— Tenho Júlia.

Cumpri o prometido, e quero colocá-la ciente do que foi minha conversa com Marcelo.

— Claro. Que bom que você conseguiu. Quando podemos nos encontrar?

— Se estiver bom para você, por mim estaria perfeito se fosse agora.

— Para mim também. Mas terei que ir sozinha, porque meus irmãos não estão em casa. Quer que eu vá até o seu trabalho?

— Se não se importa, prefiro que não seja aqui. Pode ser na praça em frente à igreja daqui quinze minutos?

— Estarei lá.

Meu Deus permita que tenha

dado tudo certo.
Meus pais não vão
agüentar o desgosto
de ver Marília
morando com um
homem casado.

Lembrando-se
de Amélia, solicitou
auxílio através do
pensamento sincero:
Querida avó, meu
espírito protetor,
alivie a angústia de
minha alma e
proteja minha irmã.
Não demorou e o
auxílio se fez
presente pela
inspiração de
Amélia:

— Júlia, a partir do
momento em que o
coração se enche de
certeza de que a
Terra é um lugar
temporário,
passamos a aceitar
as aflições da vida
com mais
serenidade e
equilíbrio,
resultando disso a
paz de espírito que

ameniza todas as dores. Deus não quer ver nenhuma de Suas criaturas sofrendo, mas respeita a vontade de Seus filhos porque deu a eles o livre-arbítrio. — E continuou: — Marília está agindo de maneira imprudente e sofrerá as conseqüências desses atos levianos. Não se esqueça que todos colherão os frutos da árvore que plantar. Podemos inspirar o caminho seguro inspirando o bem e a prudência, mas não mudar a rota traçada pelo homem, porque respeitamos a vontade de cada um.

Meu Deus pensou Júlia, devo concluir que nada deu certo. Embora

triste, despediu-se de sua mãe e foi ao encontro de Carlos. Aproximando-se do local, Júlia avistou o amigo sentado em um banco, esperando-a.

— Olá, Carlos!

— Oi, Júlia. — O rapaz se levantou e a cumprimentou, gentil, com um ligeiro beijo no rosto.

— Carlos, estou muito ansiosa para saber o que aconteceu. Sinto um aperto no peito, como um pressentimento de que as notícias não são boas.

Carlos olhou penalizado para a amiga e convidou-a a sentar.

— Sinto muito, Júlia, mas você tem razão; as notícias de fato não são boas.

— Pode falar.

— Conversei longamente com Marcelo.

— E aí?

— Ele não está disposto a abandonar Marília. Afirmou estar apaixonado por ela e a quer junto dele.

— Mas confirmou que é casado?

— Confirmou. Disse ter dois filhos ainda pequenos, mas que não via nenhum impedimento de manter um relacionamento com Marília.

Indignada, Júlia exclamou:

— Céus, o que ele pretende na realidade fazer com Marília?!

— Levá-la para um apartamento mobiliado com requinte e viver com ela.

— Como uma amante.

— Fico constrangido em dizer, mas foi o que ele disse.

— Não é possível que Marília concorde com isso!

— Júlia, é preciso avisá-la, pois está sendo enganada por Marcelo.

Envergonhada, Júlia não ousou dizer a Carlos que Marília sabia da condição de Marcelo e não se importava. Ela também o estava enganando, pois queria apenas o sucesso que acreditava poder alcançar ao lado dele, não se importando com o preço que teria que pagar.

Angustiada e mal podendo suportar a verdade, Júlia deixou que lágrimas copiosas descessem pelo seu rosto. Carlos

delicadamente
puxou-a para si e
encostou sua cabeça
em seu ombro,
passando as mãos
em seus cabelos e
dando-lhe o apoio
necessário naquele
momento.

— Não fique assim
desesperada,
acalme-se. Pode ser
que Marília, ao saber
da verdade, desista
dessa loucura.

Enxugando o pranto
com o lenço
oferecido por Carlos,
Júlia respondeu:

— Nada irá fazê-la
mudar de idéia,
Carlos, tenho
absoluta certeza
disso.

— Não sei o que
dizer Júlia, apenas
afirmar que pode
contar com minha
amizade para o que
precisar.

— Sei disso, e
agradeço de
coração. Agora, se

você não se importa, gostaria de ir para casa. Preciso pensar em um jeito de contar aos meus pais. Mais uma vez, obrigada pelo seu empenho em nos ajudar.

— Lamento não ter conseguido trazer-lhe boas-novas, mas Marcelo não aceitou nenhum dos meus argumentos. Está mesmo decidido.

— A culpa não é sua, fez o que estava ao seu alcance. O resto é com Marília.

Somente ela poderá determinar o que quer para sua vida.

— Tem razão. Em todo caso, estarei sempre à disposição para o que vocês precisarem.

— Tenho certeza de que sim.

Despediram-se.

Júlia, a passos

lentos, retornou à sua casa.

Quatro meses se passaram.

Marcelo, como prometera, foi em busca de Marília, que, alheia aos conselhos de sua família, resolvera firmemente seguir o namorado.

Antunes, em uma última tentativa de evitar a insensatez da filha, proibira-a de sair de casa, mas Marília, no dia combinado com Marcelo, fugira e fora ao encontro do rapaz, convicta de que com esse gesto iniciaria uma nova vida, com a qual sempre sonhara cheia de brilho e luxo.

Seu pai se recuperava de um infarto que o surpreendera dois dias após sua

partida. Para ele fora difícil — quase impossível — aceitar a filha envolvida com um homem casado destruindo um lar onde havia duas crianças, e deixando para trás os valores que aprendera desde criança.

— Não foi isso o que ensinamos Marta — dizia sempre a esposa. — O desgosto é muito grande, a sensação de ter falhado machuca minha alma e é difícil suportar.

Realmente não agüentara.

Poucas vezes tocara no nome de Marília, e esta, entregue no seu novo mundo, esquecera-se de sua família; não enviava nenhuma notícia.

Embora a

tristeza machucasse
seus corações,
Marta e Antunes
tentavam
reorganizar suas
vidas. Entenderam
que nada mais
podiam fazer, e
Marília, passando
por cima de tudo,
conseguiu o que
queria.

Luiz poucas
vezes procurara
Júlia, que,
desiludida,
esforçava-se para
eliminá-lo de vez de
seu coração.

— Preciso entender
que não posso
mudar o coração de
Luiz, pois ele irá
sempre pertencer a
Marília, talvez por
toda a vida — dizia a
si mesma. — É
necessário aprender
a esquecê-lo e
direcionar minha
vida afetiva para
outro caminho.

Nesses

momentos, não conseguia impedir que lágrimas descessem pelo seu rosto. Sua amizade por Carlos se fortalecia a cada dia por conta da compreensão e do ombro amigo que lhe oferecia, assim como ela mesma fizera com Luiz, ou seja, mostrando-lhe que é necessário enxergar uma alternativa para, quem sabe, encontrar um novo amor. Quando isso acontecia, Júlia pensava: A posição se inverteu. Hoje sou eu quem não está aceitando o que não se pode mudar. Entregava-se ao trabalho humanitário e liderava o projeto que beneficiava as crianças da região.

Marília, assim
que chegou à
capital, se instalou
no confortável
apartamento
alugado por Marcelo.
Ansiava por começar
seu trabalho de
modelo, acreditando
que tudo aconteceria
como um passe de
mágica.

Rodopiava feliz
por entre os móveis
elegantes, mal
acreditando que
tudo que tão
ardentemente
desejara se tornará
real.

Após dois dias
de sua chegada,
Marcelo veio no final
da tarde, elegante,
perfumado e
segurando nas mãos
um ramalhete de
rosas vermelhas e
uma garrafa de
champanhe.
— Nossa! —
exclamou Marília,

entusiasmada. — O que vamos comemorar com tanto requinte? Já sei, não precisa nem falar. O início da minha carreira; é isso?

Marcelo aproximou-se mais de Marília, pegou-a fortemente nos braços e lhe sussurrou:

— Não, querida, vamos comemorar o início do nosso casamento.

Beijou-a com ardor, externando toda a sua paixão.

Surpresa, Marília mal conseguia corresponder ao furor do namorado, e foi tomada por um forte receio.

— O que está querendo dizer, Marcelo? Você nunca me beijou assim.

— Por favor, Marília, não vá agora se fazer de

desentendida, posar de santinha. Você teve dois dias para arrumar suas coisas e se adaptar à nova casa. Agora o momento é só nosso, vamos pensar só em nós dois.

Marília se apavorou.

— Mas eu pensei que...

— Pensou o quê? Não me diga que achou mesmo que eu a trouxe para a capital instalei-a neste confortável apartamento apenas para iniciá-la na carreira de modelo. Diante do silêncio dele, ele voltou a perguntar:

— Foi o que pensou?

Completamente perdida, Marília, por segundos, reviveu tudo o que dissera à sua irmã e tudo o que ouvira dela.

Sempre soube que
seria assim.

Conhecia a
verdadeira intenção
de Marcelo. Então,
por que chegada a
hora estou
fraquejando?

Impaciente, Marcelo
tornou a falar:

— Você não me
respondeu!

Diante da indecisão
da namorada, ele,
irritado, continuou:

— Preste muita
atenção. Não me
faça de bobo, e é
melhor fazer o que
eu quero. Não gosto
de ser contrariado, e
se isso acontecer...

— Se acontecer... —
repetiu Marília.

— Aconselho-a a
não pagar para ver.
Sem esperar
resposta, Marcelo a
pegou no colo e
levou-a para o
quarto.

Tinha início para
Marília uma longa

caminhada de
desilusão.

Depois de tudo
consumado, Marília
sentiu-se vazia,
como se aquele ato
que ela julgara
saber controlar
tirasse da sua alma
qualquer
possibilidade de
amar alguém.

Deitada ao lado
de Marcelo lembrou-
se de Luiz. Que
diferença, meu
Deus! Um é só
amor; o outro,
apenas desejo. Esse
é o preço que devo
pagar. Olhou para
Marcelo, adormecido
ao seu lado. Ao
contrário do que
você pensa, meu
caro, quem vai
dominá-lo sou eu.
Você não me
conhece, portanto
não sabe com quem
está lidando. De
você quero apenas o
dinheiro e o que

poderá me
proporcionar.
Levantou-se e foi
beber o último gole
de champanhe,
fazendo um brinde
para si mesmo.
— Ao meu sucesso!
E completou:
— Se tem que ser
assim... Que seja.

A rotina se
estabeleceu.
Marcelo a
visitava três vezes
por semana. Quando
questionado do
porquê de somente
comparecer no
período da manhã
ou da tarde, ele
respondia a mesma
história ensaiada
havia tempos:
— Querida, é
impossível, para
mim, sair à noite ou
mesmo dormir com
você. Já lhe disse
que cuido de minha

mãe, que é enferma e mora comigo; não posso deixá-la sozinha. A pessoa que toma conta dela permanece em casa até as dezoito horas. Você compreende, não?

Marília sorria e, enquanto afirmava que entendia sua posição e o admirava pelo bom filho que era, pensava: Seu mentiroso ordinário! Acho que está me enganando, mas quem o engana sou eu. Aceito isso porque você me é útil, mas chegará o dia em que lhe darei um chute muito bem dado.

Conscientizando-se da demora de iniciar sua carreira, Marília perguntou-lhe: — Marcelo, estamos juntos há algum tempo e nada

aconteceu para eu
começar a trabalhar.
Você conseguiu o
que queria, mas eu
ainda não. Pode me
dizer quando irá me
levar a agência para
fazer os testes?

Sempre versátil nas
mentiras que
contava, Marcelo de
pronto afirmou:

— Foi bom mesmo
você tocar nesse
assunto, pois queria
falar-lhe sobre isso.

Marília se alegrou:

— Finalmente!

— Estive
conversando com
Daniel, e chegamos
à conclusão de que,
para você, o melhor
é a agência de
Londres com a qual
mantemos um
negócio. Se não se
importar de ter que
viajar todos os
meses para tirar as
fotos, poderemos
investir na carreira
internacional. O que

acha?

Marília, sempre
ambiciosa, nada
questionou e
imprudentemente
disse:

— Londres! Marcelo,
você disse Londres?
Para mim está mais
do que ótimo, é
muito mais do que
eu esperava.

Fechado, faça o que
achar melhor.

Por dentro, Marcelo
sorriu. Ela caiu. Eu
apostava nisso. Vai
ser muito útil.

— Nesse caso, vou
acertar com Daniel
todos os detalhes,
entrar em contato
com a agência de lá,
e creio que não
haverá nenhum
problema. Em breve
você estará
iniciando seu
trabalho, Marília.

Ela correu a abraçar
o namorado.

— Você só precisa
confiar em mim —

disse-lhe Marcelo.
Nunca faça
perguntas e obedeça
cegamente tudo o
que lhe for instruído.
Certo? Posso
confiar?

— Claro, Marcelo,
pode confiar em
mim. Não lhe trarei
nenhum problema.

— Ótimo. Deve
saber como são
essas agências
estrangeiras, cheias
de quesitos que nem
sempre
compreendemos, ou
dos quais
discordamos, mas
como são elas que
projetam as
modelos, temos que
aceitar. Se for isso
mesmo o que você
deseja...

A felicidade de
Marília era tão
grande que nem
prestava atenção às
palavras dele.

— Marcelo, nada me
importa, faço o que

quiserem. Como disse, pode confiar em mim, pois farei tudo o que você quiser. A mim só interessa viajar para Londres ou para qualquer outro lugar que for necessário. Você sempre soube que é tudo o que mais quero.

Como é ingênua e imprudente essa menina! Dá a alma para conseguir o que quer.

Exatamente como eu disse a Daniel, tempos atrás, Marília é perfeita para nosso objetivo, ambiciosa demais. É só lhe dar um pouco de brilho e ela cai como um patinho. Voltou a dizer para Marília, alimentando seu ego vaidoso e egoísta:

— Referente a outros lugares, veremos mais tarde.

Pode ser que
aconteça, não sei
ainda. Tudo irá
depende de como
você se sairá. Se for
positivo,
estudaremos a
possibilidade. Tudo
bem?

Marília nem
sequer ouvia o que
Marcelo falava. Já se
via em Londres
sendo alvo de todos
os olhares e muita
bajulação.

— Não me importa.

— E rodopiou pela
sala feito uma
criança
inconseqüente.

— Marília, é
importante que,
enquanto aguarda o
momento de viajar,
cuide bem desse
rosto lindo e desse
corpo adorável que
é só meu.

Preciso distraí-la
enquanto montamos
todo o esquema
para que não haja

erros, pensava
Marcelo. Mais uma
vez, enlaçou a
namorada com
paixão.

Marília
alimentava o desejo
de Marcelo,
acreditando que
enquanto o
satisfizesse ele
estaria em suas
mãos. Ao ser
beijada com ardor
pelo namorado,
passava-lhe pela
mente: Aproveite
Marcelo, porque não
será por muito
tempo. Assim que as
portas do sucesso se
abrirem, partirei
sozinha rumo ao
meu prestígio e
popularidade.
Quanto a você,
continuará tomando
conta da sua "mãe"
doente e de seus
filhos. Por ora, o
melhor é aproveitar
o momento.

E entregava-se

ao namorado, não se importando com a violência moral que provocava em si mesma.

Marta procurou Júlia em seu quarto e disse-lhe, preocupada:

— Filha, ando muito aflita com seu pai.

— Por que, mãe, o que está havendo?

— Tenho observado que ele anda muito quieto. Quase não fala e, quando o faz, é por monossílabos. Receio que esteja acontecendo algo mais grave. Antunes já teve um infarto, temo que possa se repetir.

— A senhora está me assustando!

— Desculpe filha, mas realmente estou preocupada. Júlia levantou-se

apressada e disse
resoluta:

— Mãe, não vamos
nos apegar a
suposições.

— O que quer dizer?

— Que vamos agora
mesmo levá-lo ao
médico para
descobrirmos o que
há.

— Tem razão.

Foram até o
quarto de Antunes e
o encontraram
deitado, com o olhar
vago em direção ao
teto.

Júlia correu a
abraçá-lo.

Antunes continuou
imóvel, sem
nenhuma reação.

Júlia disse-lhe,
carinhosa:

— Pai, o que está
havendo com o
senhor? Por que
está assim?

Diante do
silêncio dele, Júlia
elevou o
pensamento ao Mais

Alto, clamando por
auxílio: Jesus,
Divino Amigo, tenha
compaixão de nós.
Se for da sua
vontade, alivie
nossa aflição;
mostre-nos o
caminho a seguir
neste momento de
ansiedade. Confio
que o auxílio virá, e
aceito seu desejo,
porque sei ser justo.

Amélia,
cumprindo sua
tarefa de anjo
protetor, colocou-se
ao lado de Júlia,
inspirando-a. A
jovem, após alguns
poucos segundos,
como se um véu que
a impedisse de
raciocinar com
clareza fosse
retirado, falou para
Marta:
— Mãe, senti em
meu coração uma
intuição que
considero a mais
viável para o caso

de papai.

— Como assim?

— O que papai tem, sem dúvida, é emocional, uma imensa tristeza. Não me parece ser patológico, ou seja, caso para o médico. Acho que devemos levá-lo à casa espírita. Lá ele receberá um passe, terá o benefício da água fluidificada e receberá orientação para adquirir forças a fim de aceitar o que tanto o está machucando. O que acha?

— Acho que você pode ter razão. Mesmo porque, se houver necessidade de levá-lo ao médico, eles com certeza orientarão.

— Isso mesmo, mãe. Acredito que papai deve estar sentindo uma tristeza muito

grande, e as orientações da espiritualidade lhe serão valiosas.

— Quando poderemos levá-lo?

— Não vejo motivo para não ser hoje mesmo. É bom não adiar a energia salutar, as palavras de conforto. Ele, sentindo-se amparado, terá mais coragem para enfrentar o que não podemos mais mudar.

— Tem razão, filha, vamos sim.

Júlia aproximou-se de seu pai e deu-lhe um beijo.

— Pai, lute contra o desânimo, confie que tudo se resolve quando entregamos a Jesus nossas dores, confiamos no auxílio divino e nos esforçamos para vencer nossos

problemas. Na casa espírita o senhor será amparado, mas é necessário compreender que a luta é sua, e é o senhor quem deve se esforçar para melhorar. Está me entendendo?

Antunes balançou a cabeça, dando sinal de que entendera.

— Gostaria de ir ao centro espírita?

Mais uma vez ele fez que sim.

— Por que não responde com sua voz, meu querido?

— perguntou Marta. Diante do silêncio do marido, beijou-lhe o rosto.

— Não se preocupe Antunes, tudo voltará ao normal.

— Então, mãe, iremos hoje mesmo. A reunião se inicia às vinte horas.

— Tudo certo, Júlia, iremos hoje.

— Eu também
gostaria de ir —
ouviu-se a voz de
Felipe.

— Também vou —
foi à vez de Rafael,
que desde a partida
da irmã sentia em
seu coração o peso
da culpa por não ter
revelado aos pais
sua intenção.

— Tudo bem —
disse Marta aos
filhos. — Iremos
todos.

A cabeça de
Antunes era
povoada de
pensamentos de
tristeza e
melancolia. No
decorrer do tempo,
sua dificuldade em
aceitar a escolha de
Marília aumentava,
tornando-se
insustentável.

— Ela irá sofrer —
dizia a si mesmo
constantemente. —
Marta e eu com
certeza erramos em

algum ponto. Não é possível tanta insensatez, tanta obstinação em querer realizar o seu sonho de uma maneira imprudente, a qualquer preço.

Seu sofrimento era tanto que nem orar pedindo auxílio conseguia. Entregava-se rigorosamente ao próprio sofrimento e decepção sem dar a si mesmo a chance de emergir da dor que o sufocava e o mantinha alheio à vida, que seguia o seu curso.

Às vinte horas em ponto, Marta e Antunes entravam na casa espírita acompanhados de seus filhos. Lugar simples e discreto,

onde apenas se via
uma tela retratando
o rosto de Jesus
com os dizeres:
"Jesus te ama!".
Uma mesa com alva
toalha era enfeitada
com um vaso de
flores brancas e
perfumadas,
compondo o
ambiente daquela
casa pequena no
tamanho, mas
gigante na prática
do bem, que
exercitava os
ensinamentos de
Jesus com total
fraternidade.
Acomodaram-se
entre os presentes e
em silêncio
aguardaram o início
da reunião.

Sem demora, o
orientador iniciou a
prece de abertura e
leu um trecho de O
Evangelho Segundo
o Espiritismo,
seguido de
edificante

explicação sobre
ele.

Ao final disse:

— Deus é bondade
suprema, e terá
misericórdia de
todos os seus filhos.
Mas Ele nos dá a
liberdade de querer
ou não essa
misericórdia.

Quando clamamos
por Ele com
sinceridade
absoluta, Seu auxílio
vem de imediato, de
uma forma ou de
outra. Nenhum de
nós será
abandonado, mas
seremos respeitados
no nosso desejo,
mesmo se o que
queremos for contra
nós mesmos.

**Inseguranças
todos têm medo
também, mas é
preciso acreditar
que a felicidade é
uma conquista**

**nossa que
alimenta nossa
alma com valores
verdadeiros. Não
devemos exigir
demais de nós,
mas também não
se pode cair na
lentidão, é preciso
encontrar o
equilíbrio.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

— Meus irmãos —
continuou o
orientador —,
quando não
podemos mudar a
situação que nos
aflige, quando
alguém machuca
nossa alma,
devemos orar ao
Senhor, emitir
energia positiva
para essa pessoa
que
imprudently
nos magoou, e não
percebendo que

machuca a si
mesma violenta sua
integridade
espiritual. O
prudente é não
cairmos no
desânimo, na
melancolia, que nos
levam à
enfermidade.
Necessário se faz
respeitar o livre-
arbítrio de cada um,
porque o Criador
respeita, e quem
somos nós para
questionar ou mudar
as leis divinas?

Marta apertava
a mão de Antunes
querendo, com esse
gesto, dar força ao
marido, que mal
conseguia agüentar
sua dor.

Antunes fitava-a,
deixando
transparecer em seu
olhar a timidez por
sua fraqueza.

O orientador
prosseguia:
— Deus concede a

seus filhos a liberdade de escolha, mas deixalhes toda a responsabilidade de seus atos e conseqüências que decerto virão. É preciso distinguir o que é a vontade de Deus e o que é a vontade do homem. Devemos amar e auxiliar o nosso próximo o quanto pudermos, mas não esquecer que não temos a capacidade de modificar nada no coração do homem se este não permitir ou não quiser.

Após a explanação, convidou os presentes a se beneficiarem com a energia do passe magnético, finalizando com a oferta da água fluidificada.

Os presentes se retiraram e as luzes se apagaram, mas no coração de cada um a chama da esperança permaneceu acesa; e com Antunes não foi diferente. No caminho de volta, antes que qualquer um fizesse algum comentário, Antunes se antecipou:
— Por favor, não digam nada. Amanhã conversaremos.

Marta e seus filhos, sem dizer nenhuma palavra, entenderam que a esperança renascia no coração de Antunes. Seguiram seu caminho, felizes.

A esperança é a filha diletta da fé. Ambas estão uma

para a outra como a luz reflexa dos planetas está para a luz central e positiva do sol. A esperança é como o luar que se constitui dos bálsamos da crença. A fé é a divina claridade da certeza.

**(O Consolador —
Chico Xavier —
espírito Emmanuel
— questão 257)**

Capítulo VIII **A dura realidade** **se revela**

Júlia,
acompanhada de Felipe, cruzava a rua onde se localizava a firma na qual Luiz trabalhava. Assim que a avistou, Luiz pegou um jornal colocado em cima de

sua mesa e,
segurando-o nas
mãos, rápido se
aproximou da
jovem.

— Júlia! — gritou
seu nome com a voz
um pouco alterada.
Ela se assustou com
a afobação que
tomava conta dele.

— O que será que
aconteceu para Luiz
estar assim tão
ansioso, Felipe?

— Nem imagino,
mas ele está mesmo
bastante alterado.

— Júlia! — repetiu
Luiz.

— O que foi Luiz,
por que está desse
jeito?

— Veja você
mesma. — E
ofereceu-lhe o
jornal.

Júlia pegou-o e, ao
abrir, teve um
impacto.

— Meu Deus, não
posso crer! Ela
conseguiu!

Felipe, tirando das mãos de Júlia o periódico, pôde verificar com os próprios olhos a causa de tamanho espanto.

Marília, em uma foto bem elaborada, mostrava seus lindos traços acompanhados dos dizeres: "A mais nova aquisição do mundo da moda. A dona deste belo rosto chama-se Marília e é a nova musa das passarelas, a sensação do momento".

— Ela conseguiu! — Júlia tornou a dizer. Mas a que preço? Pensou.

— Vocês não acham que foi muito rápido? — perguntou Luiz. — E tão estranho tudo isso acontecer assim de uma hora para

outra...

Felipe, com a intenção de abortar qualquer insinuação maldosa em relação à sua irmã, respondeu:

— Era de esperar que fosse rápido Luiz. Quando Marília se foi, tudo já estava devidamente combinado com a agência. Ela havia até mesmo enviado as fotos. Enfim, acredito que não deve ter acontecido nenhum problema. Luiz ponderou por alguns instantes e por fim concordou:

— É, tem razão. Desculpem-me, estou enciumado e desesperado por saber que a perdi de vez. — Voltou-se para Júlia.

— Gostaria de conversar com você, estou precisando de sua ajuda. Podemos

nos encontrar?

Júlia surpreendeu a si mesma ao dizer:

— Não, Luiz, não podemos.

O rapaz se espantou com a resposta inesperada.

— Júlia, não estou entendendo você.

Sempre me ajudou a superar meus maus momentos. Por que isso agora?

— Porque não sou sua babá, Luiz.

Cansei de ser a sua lixeira onde você joga seus problemas para que eu resolva um a um.

— Júlia! — Luiz arregalou os olhos.

— É isso mesmo.

Pensei que fosse no mínimo meu amigo, mas me enganei.

Para você sou aquela que só é lembrada nos seus momentos de busca, nas suas intermináveis crises

existenciais.

— Mas sempre achei que gostasse de mim!

— Infelizmente gostei mesmo, Luiz, e muito. Mas hoje consigo enxergar que para você não passo de uma bengala para amparar seus passos indecisos e sem atitude. Mereço mais que isso. Você insiste em continuar se fazendo de vítima, chorando por Marília, não sei até quando. Eu quero viver tendo ao meu lado alguém que, como eu, possui objetivos mais nobres do que apenas lamentar.

— Mas eu estou sofrendo, Júlia, é difícil entender isso?

— Sofre porque gosta de sofrer. Não permite a você mesmo nenhuma

outra chance que não seja chorar por algo que não terá mais. Cheguei a crer que poderia haver um futuro para nós dois, sonhei com isso, mas me enganei; você só me procura quando se sente acuado, perdido, sem saber o que fazer com sua saudade, e eu não quero passar a minha vida sendo substituta.

Felipe olhava Júlia com admiração. Até que enfim, minha irmã. Custou a perceber o egoísmo de Luiz. Luiz tentou ainda uma vez convencer Júlia:

— Ouça-me, vamos nos encontrar e começar de novo. Tudo pode ser diferente.

— Não.

— Por quê?

— Porque não tenho mais interesse algum por você. Alimentei durante anos um sentimento, mas graças a um bom amigo com o qual tenho saído dei a mim mesma uma nova chance de ser feliz.

— Ainda não. Mas não amar você já é um bom começo.

— Está sendo muito radical.

— Não, estou sendo prudente e sábia ao perceber que com você só teria mágoas. Prezo muito a mim mesma para me transformar em uma pessoa amarga. Quero ser feliz e promover a felicidade alheia, e isso só é possível quando temos o coração limpo, livre e cheio de esperança na vida

presente e futura.
Júlia se despediu de
Luiz e, de mãos
dadas com Felipe,
seguiu rumo à sua
casa.

Vendo-a distante,
Luiz concluiu: Fui
um tolo.

— Júlia, qual acha
que será a reação de
nossos pais quando
virem à foto de
Marília?

— Não sei Felipe.
Espero que não
sofram tanto,
principalmente
papai, que passou
por um momento
difícil e agora está
mais conformado.
Por enquanto não
diremos nada.
Vamos esperar; em
algum momento
com certeza irão
ver.

Ao entrarem em
casa avistaram
Marta e Antunes
sentados próximos
um do outro e

segurando nas mãos
o jornal com a foto
da filha. Não
perceberam a
chegada dos filhos.
Júlia sussurrou para
o irmão:

— Que Jesus proteja
nossos pais, Felipe;
eles estão sofrendo
muito!

Imprimindo um ar
de alegria à própria
voz, Júlia disse,
sorrindo:

— Vocês viram como
Marília está linda
nessa fotografia?

— Sim, muito linda

— concordou

Antunes. — Mas me
pergunto: a que
preço? O que teve
que fazer para
conseguir tão rápido
um espaço em um
jornal importante e
se consagrar como
uma musa
internacional? O que
me preocupa são os
meios que ela possa
estar empregando

para conseguir essa
projeção.

Carinhosa, Júlia
abraçou o pai.

— Papai, não fale
assim, está se
magoando. Isso era
previsto, iria
acontecer mais cedo
ou mais tarde. Não
foi para realizar o
seu sonho que ela
nos deixou? Então,
Marília conseguiu,
temos que nos
acostumar. Ela não
deve estar fazendo
nada de
vergonhoso. Essa é
a primeira de muitas
outras que com
certeza virão.

— Júlia tem razão,
Antunes, vamos dar
esse caso por
encerrado, porque
não podemos fazer
mais nada por nossa
filha a não ser orar e
pedir proteção dos
bons espíritos e a
bênção de Jesus.

— Mãe tem

razão, pai.

— Eu sei Felipe, Marta está coberta de razão, mas tudo isso me causa muito sofrimento.

— Preocupo-me com você, Antunes. Não quero vê-lo de novo entrando em depressão. O que temos que fazer é tentar levar a nossa vida com alegria e fé em Deus, e tudo dará certo. Temos ao nosso lado três filhos que, apesar de grandes, necessitam do nosso afeto e atenção.

— Fique tranqüila, Marta, não vou me deixar abater.

— Assim é que se fala pai. — Felipe abraçou Antunes. Mudando de assunto, Marta indagou:

— Vocês sabem onde está Rafael? Não o vejo desde

cedo.

— Fique calma, dona Marta — brincou Júlia —, ele está correndo atrás de algo que deixará à senhora e papai muito felizes.

— Diga-nos o que é filha.

— Não posso pai, não vou estragar a surpresa. No entanto, posso adiantar que é uma coisa boa.

Retornaram a seus afazeres.

Marta foi para o jardim molhar seus canteiros de lindas flores. Algum tempo se passou. Assim que Marta entrou novamente assustou-se com a voz alta e alegre de Rafael:

— Mãe! Pai! Onde estão vocês?

— O que é isso, Rafael, por que essa gritaria?

— Tenho uma boa notícia. Onde estão todos?

— Estamos aqui — respondeu Antunes, seguido de Júlia e Felipe.

— Vamos, Rafael, diga logo o que é.

— Arrumei um trabalho! Estou empregado, pai!

— Você o quê?

— Disse que eu arrumei um emprego.

— Mas, filho, e os seus estudos?

— Não irá atrapalhar pai, vou trabalhar só no período da tarde. Não é ótimo?

— Claro, filho, claro que é ótimo.

— Podemos saber onde irá trabalhar?

— perguntou Marta.

— Fui falar com o Carlos. Ele está precisando de um rapaz para fazer o serviço de rua da firma, e contratou-

me na hora. Estou empolgado!
— O que acha disso, Antunes?
— Fico feliz e aliviado em saber que Rafael mudou sua maneira de se comportar. O trabalho enobrece e não deixa tempo livre para pensar em bobagens. Tem o nosso apoio, filho. Estamos felizes por você.
— Obrigado, pai. Não vou decepcioná-los, podem ter certeza. A saída de Marília desta casa me fez reavaliar todos os conceitos que tinha. Quero uma vida diferente, junto de vocês. Marta e Antunes se emocionaram e abraçaram o filho, felizes.

Enquanto isso, na capital...

Marília, irritada, dizia a Marcelo:

— Você não me disse que seria assim.

— Mas o que você queria Marília? Que tudo caísse do céu como num passe de mágica? Não era o que esperava? Não foi isso o que acalentou durante anos como sua prioridade: ver o seu rosto estampado em jornais e revistas internacionais? Pois bem, está vendo.

— Porém, não desse modo.

— Marília, tudo tem o seu preço. Você é uma garota linda, mas ninguém chega a uma carreira internacional em tempo recorde sendo uma desconhecida, como aconteceu com

você, se não for por esse caminho. Ou percorre o trajeto normal para se chegar ao topo, ou seja, com trabalho, experiência, persistência e capacidade, galgando degrau por degrau, como a maioria fazem, ou envereda pelo atalho, que é o que você fez. Você escolheu.

— Não tive escolha, já estava lá mesmo.
— Podia ter recuado, mas preferiu ir até o fim. Não me venha agora com dramas de consciência. Você quis o sucesso fácil, a escolha foi sua, e agora, querida, ou é assim ou volta para sua pequena e pacata cidade natal. Você marcou seu nome e terá que conviver com isso. Aliás, não foi tão

ruim assim, foi?
Marília ainda tentou
convencê-lo por
meio da sedução:
— Você não fica
enciumado?
— No meu negócio,
meu bem, quem
tem ciúme ou
escrúpulos se dá
mal, dança.
Entendeu?
— Como assim,
Marcelo, o que quer
dizer?
— É bom que saiba
que neste ramo
quem entra não tem
como sair. Você já
entrou, e é melhor
não questionar
nada. Siga o
caminho que
escolheu e tente ser
feliz brincando com
suas fantasias e
ilusões. Afinal,
Marília, os homens
que conhece, ou irá
conhecer, serão
sempre finos,
elegantes e ricos.
O que será que ele

quer dizer com "irá conhecer", pensou Marília.

Após alguns instantes, Marcelo voltou a dizer:

— A encomenda que levou foi entregue nas mãos do destinatário?

— Claro. Já lhe disse mais de uma vez que pode confiar em mim. O que me intriga é ter que levar uma encomenda toda vez que viajo e não ter a menor noção do que se trata.

— Marília, são documentos importantes, secretos. Só colocamos esses documentos nas mãos de pessoas confiáveis. Você sabe como é a concorrência, não se pode bobear. Mas está recebendo por isso, não está?

— Estou Marcelo,
estou sim.

— Então, por favor,
não me faça
perguntas às quais
não poderei
responder.

— Tudo bem, para
ser sincera isso não
me interessa. O que
quero mesmo saber
é quando irei para
Londres para um
novo trabalho.

— Calma mocinha.
Existe um momento
certo para tudo, as
coisas precisam
caminhar com
segurança. Talvez o
próximo trabalho
não seja em
Londres.

— Verdade, você
está falando sério?!

— exclamou Marília,
deslumbrada.

Querendo encerrar o
assunto, Marcelo
disse-lhe:

— Agora... —
puxou-a para si —...
Vamos aproveitar

esses momentos
que estamos juntos.
Pode ser que daqui
a pouco esteja tão
famosa que mal
teremos
oportunidade de
ficarmos juntos.
Quero você todinha
só para mim.

Feliz — em sua
imprudência e
leviandade, e
achando estar
conseguindo tudo o
que queria —,
Marília se entregava
a Marcelo sem se
dar conta de em que
realmente estava se
transformando.

Os dias
transcorriam, e
Marcelo, com a
única finalidade de
distrair a atenção de
Marília, liberava
quantias altas para
que se deliciassem
com as compras que
fazia
compulsivamente.
Marília, em seu

delírio
inconseqüente,
achava tudo natural.
Receava questionar
ou desobedecer ao
namorado, temendo
perder o que para
ela era o sinônimo
da felicidade. Sob a
recomendação de
Marcelo, estava
sempre preparada
para viajar de
repente. Quando
questionado,
Marcelo respondia
que as grandes
agências trabalham
assim, ou seja, não
esperam.

— Querem tudo para
ontem — dizia. —
Você conquistou
uma posição que
não pode perder.
Eles apostam na sua
beleza e no carisma
que possui.
Marília sorria,
envaidecida.
— Por mim tudo
bem, não há
problema. Procuro

fazer bem o meu trabalho e estar sempre à altura de uma modelo internacional.

Marcelo, nessas horas, pensava: Meu Deus como pode alguém ser tão leviano a ponto de não perceber o que faz? Ela nem nota que o seu trabalho só acontece com as pessoas que indico, sempre levando documentos que nem questiona e moças bem crescidinhas que poderiam muito bem viajar sozinhas. Sua cega vaidade a impede de enxergar que nada acontece além de algumas fotos em uma revista paga para publicar. Desde que a conheci, percebi que seria presa fácil. Marília faz de tudo para viver no luxo.

Voltando à
realidade,
respondeu:
— Assim é que se
fala meu amor.

Certo dia, Marília,
atendendo ao
telefone, ouviu a voz
do namorado:
— Fique pronta que
dentro de duas
horas passarei aí
para apanhá-la.
Consegui um ótimo
trabalho para você.
Como sempre, irá
acompanhada de
duas moças que
estão se mudando
para lá.
— Outra vez,
Marcelo? Nunca
viajo sozinha!
— Porque, como já
lhe falei, confiamos
em você e sabemos
que as levará ao
lugar aonde
pretendem ir. Elas
não conhecem nada

por lá. Algum problema para você?

— Não, de jeito nenhum, fique tranqüilo. Só não entendo o porquê de acompanhá-las se também não conheço nada. Mas tudo bem, se é assim que quer. Afinal, aonde irei desta vez?

— Você vai ficar contente, meu amor. Irá para a Califórnia, Estados Unidos. O que achou?

— Marcelo, mal posso acreditar! Não precisa dizer mais nada, estarei pronta e ansiosa.

— Até já, meu amor. Desligando o telefone Marília disse a si mesma:

— Não entendo Marcelo. Cada vez que viajo tenho que levar documentos, moças que nem

conheço e que se mudam para lá. Poderiam ir sozinhas, já que são adultas. Bem, isso pouco me importa; enfim, não me diz respeito.

Sem querer se aprofundar na questão, ocupou-se entusiasmada com os preparativos da viagem, sonhando com o dia em que alçaria vôo sozinha deixando Marcelo e suas exigências para trás.

— Ele não perde por esperar...

Chegando ao destino traçado, as jovens foram encaminhadas — Marília e suas duas acompanhantes — para um hotel de luxo, onde um homem, segundo

Marcelo lhe dissera,
estaria esperando
para receber o
envelope que ela
trazia e encaminhar
as garotas para
outro local.

Rodolfo era
elegante, bonito e
galanteador.

Beijando-lhe as
mãos, disse-lhe com
charme:

— Tenho imenso
prazer em conhecê-
la pessoalmente,
Marília. Já me
falaram de você, e
sou um admirador
da sua beleza, que
conheci nas fotos
publicadas nas
revistas. Mas devo
confessar que elas
não fazem jus a
você, pois é sem
dúvida a mulher
mais linda que meus
olhos já viram.

Marília, mal
suportando o peso
de sua vaidade, que
crescia a ponto de

quase sufocá-la,
respondeu:

— Obrigada, fico
lisonjeada com suas
palavras gentis. E,
se me permite dizer,
o senhor é também
um homem muito
atraente e
charmoso.

— Isso me
envaidece. Bem,
agora vou deixá-la
descansar da
viagem e
acompanharei essas
duas moças até o
lugar aonde irão se
hospedar. Mais
tarde, às vinte
horas, virei buscá-la
para jantar. Está
bem assim?

— Está ótimo,
senhor...

— Rodolfo. Mas, por
favor, chame-me
apenas de Rodolfo.

— Estarei
esperando, Rodolfo.

— Imagino que deva
ter trazido uma
encomenda para

mim, estou certo?
— Ah! É verdade. —
Marília retirou da
bolsa um pequeno
envelope e o
entregou a ele.
Rodolfo se retirou
com as duas
garotas.

Que homem
atraente, pensou
Marília. Bem mais
bonito e atraente
que Marcelo. Talvez
seja ele o caminho
para eu me libertar
de Marcelo e fixar
residência aqui,
onde tudo de bom
acontece.

Uma vez em seu
quarto, Marília
arrumou suas coisas
no armário, deliciou-
se em admirar o
requite do
apartamento e, como
uma criança, relaxou
na enorme e
reconfortante
banheira.

Às vinte horas,
arrumada com

esmero, esperava
por Rodolfo, que
pontualmente
tocava a campainha
da suíte. Fazendo
pose de uma
verdadeira diva, ela
abriu a porta usando
seu charme e todo o
poder de sua
sedução.

Na sua
inconseqüência
brincava com
situações que a
levariam a dolorosas
lágrimas mais tarde.

Assim que
chegou, Rodolfo não
agüentou suportar
seu desejo
despertado assim
que viu aquela
mulher sedutora,
que levianamente
brincava com as
emoções dos
homens. Fechou a
porta rápido, e,
antes que Marília
pudesse repudiar
seu impulso quase
animalesco, tomou-a

com violência em
seus braços e
beijou-a. Marília
fingiu tentar repeli-
lo — o que no fundo
desejava fazer —,
mas, imprudente,
entregou se à
volúpia.

Quando tudo
terminou, como
sempre acontecia,
Marília
experimentou um
grande vazio dentro
de si. Sem que
pudesse entender ou
controlar, duas
lágrimas rolaram por
suas laces. Rodolfo,
ao perceber seu
estado emocional,
segurou suas mãos
e beijou-as.

— O que foi Marília,
está arrependida?
Foi tão ruim assim?

— Não sei —
respondeu,
angustiada. — Em
certas ocasiões eu
mesma não
compreendo minhas

reações e emoções.
Desculpe-me,
Rodolfo, não sei se
estou arrependida
ou não, mas nada
tem a ver com você.
Após pensar alguns
instantes, Rodolfo
voltou a falar:
— Marília, isso não
era para estar
acontecendo com
você. Imaginei que
já estivesse
acostumada, e até
esperasse por isso.
Entretanto,
surpreendo-me com
sua reação, que não
cabe em uma
pessoa como você.
— O que está
querendo dizer com
isso? Por que
deveria estar
acostumada ou
mesmo esperar por
isso?

Rodolfo não
sabia o que
responder.
Compreendeu que
Marília não tinha

conhecimento de
nada do que fazia ou
do que era na
verdade.

— É melhor
esquecermos tudo.
Vamos para o nosso
jantar, estou com
muito apetite. —
Aproximou-se dela
e, passando as mãos
sobre seu rosto,
disse-lhe: — Você é
o máximo, garota,
sabe cativar como
ninguém.

Levantando-se,
Marília foi se
arrumar, enquanto
Rodolfo se
entregava aos seus
pensamentos. Meu
Deus estou confuso.
Ou essa garota é
mesmo muito
ingênua — coisa em
que não acredito —
ou é absurdamente
esperta, o que acho
mais provável.
Marcelo me garantiu
que ela estava
acostumada; deve

representar muito bem, é a única conclusão possível. Vou levar esse assunto adiante. Em instantes, dirigiram-se ao restaurante.

Enquanto saboreavam deliciosos pratos feitos com sofisticação, como era do gosto de Marília, ela interrogou Rodolfo sobre Clara e Laís, as duas garotas que a acompanharam na viagem.

— Não se preocupe com elas, Marília, estão bem instaladas e em plena atividade.

— Não entendi. Você disse plena atividade?

Chegamos hoje, e em poucas horas já estão trabalhando?

— Você sabe muito bem que esse

trabalho não requer
muito tempo para
que a pessoa se
adapte. Deve estar
acostumada. Pelo
que sei, é sempre
você quem as traz.
— Rodolfo, que
trabalho é esse? São
fotos?

Cada vez mais
espantado com a
reação de Marília,
Rodolfo respondeu,
um pouco irritado:
— Vou ser bem
claro, minha
querida. Ou você é
muito esperta ou,
desculpe-me,
apenas possui um
rosto bonito e nada
mais.

— Não entendo...

— Marília, é difícil
acreditar que é
inocente nessa
história toda.

Marília sentiu um
tremor percorrer-lhe
todo o corpo.

— Pelo amor de
Deus, o que você

está querendo
dizer?!

— Digo que não é
possível que durante
todo esse tempo que
trabalha com
Marcelo ainda não
tenha percebido
quem você é na
verdade e qual a sua
função nesse
esquema.

Marília sentiu
algo indescritível,
como um
pressentimento de
ter se metido em
alguma grande
encrenca. Ficou
pálida.

— Se eu não sei
quem sou e em que
trabalho, diga-me
você.

— Quer mesmo
saber?

— Pode apostar que
sim.

Rodolfo teve
certeza de que a
moça trêmula e
medrosa que tinha à
sua frente não sabia

mesmo de nada,
nem desconfiava da
verdadeira atividade
da agência de
Marcelo. É
inacreditável que
ainda existam
jovens tão alheias à
realidade que se
entregam
facilmente,
acreditando em
promessas que não
se cumprem. E nem
se dão conta disso,
tão envolvidas estão
com a própria
 vaidade...

— Marília, você
notou que em cada
viagem sua traz
uma pasta em que
estão alguns
documentos para
serem entregues a
uma pessoa
específica,
determinada por
Marcelo?

— Claro que notei
Rodolfo.

— Pois bem.
Percebeu também

quantas vezes
trouxe com você
uma, duas e até três
garotas que
estavam se
mudando para o
mesmo destino seu?
— Como poderia não
notar, se sempre
sou eu quem as
entrego para a
pessoa que nos
aguarda no hotel?
— Por favor, Marília,
você nunca
questionou nada
disso?
— O que eu deveria
questionar? Marcelo
sempre pediu que
eu não fizesse
perguntas e que
apenas cumprisse
suas ordens.
— Mas não achava
estranho?
— Algumas vezes
sim, mas...
— Mas preferia
acreditar na sua
ascensão como
modelo internacional
e não se dava conta

de que suas fotos não passavam de umas poucas em revistas e jornais pagos pela agência de Marcelo. Marília, você não tem uma carreira de modelo. Não vê que suas fotos jamais foram ligadas a nenhum produto?

— Não?!

— Não. Nunca desfilou, nem fez campanhas importantes. Apesar disso acredita estar subindo na profissão.

— Mas e tudo o que dizem a meu respeito?

— Matéria paga; com o único intuito de distrair sua atenção. Nenhuma agência a conhece ou a quer.

— Por quê? —
Marília se sentia mal, oprimida e envergonhada.

— Porque todas a
conhecem e sabem
o que você faz.
Marília achou que ia
desfalecer.

Rodolfo gentilmente
ofereceu-lhe um
copo de água.

— Beba; irá se
sentir melhor.

Passados alguns
minutos, Marília, se
recompondo, disse a
Rodolfo:

— Você começou,
agora termine. Em
que estou
envolvida?

— Já ouviu falar em
tráfico de mulheres,
ou, melhor dizendo,
garotas de
programa?

— Você não está
querendo me dizer
que eu...

— Sim. Você está
envolvida nesse
esquema,
infelizmente para
você.

— Os documentos
tão secretos, como

diz Marcelo, estão relacionados com esse esquema?

— Estão. São documentos falsos para que as garotas não sejam encontradas.

— Quer dizer que todas essas moças que me acompanharam durante todo esse tempo estão iludidas, vieram para isso?

— Marília, ilude-se quem se deixa iludir. Todo procedimento deixa marcas, mas a obsessão pelo sucesso, o luxo, a realização dos sonhos a qualquer preço impedem o envolvido de se dar conta. Aconteceu com você. Quis o dinheiro de qualquer jeito, sabia que o preço a ser pago era alto demais, mas não recuou. Não foi

em busca da
verdade com receio
de perder o que
imaginou ter
conquistado.

— Dentro desse
esquema do qual
está falando, quem
eu sou?

— Cada vez que
você viaja alguém a
espera no hotel, não
é assim?

— É.

— E o que em geral
acontece?

Diante do rubor das
faces dela, o próprio
Rodolfo respondeu à
pergunta que fizera:

— Exatamente o que
aconteceu conosco,
porque todos a
esperavam por
causa disso. Assim
era o combinado.

— Combinado com
quem? Com
Marcelo?

— Sim, com
Marcelo.

— Quer dizer então
que para você eu

não passo de uma...
— Sim, uma garota
de programa. Por
isso senti dificuldade
em entender suas
lágrimas e aceitar
seu arrependimento.
Se fosse uma moça
séria que não se
sujeita a esse tipo
de coisa com certeza
impediria o meu
impulso, mas não o
fez. Ao contrário,
entregou-se ao
prazer tanto quanto
eu.

Marília não
suportou mais o
peso de tão terrível
revelação e deixou
que lágrimas
impiedosas
molhassem seu belo
rosto.

Em fração de
segundo vieram-lhe
à mente as palavras
amorosas de seus
pais e de Júlia,
conselhos que
imprudently
repudiara. Voltara-

se contra a sua
família, as únicas
pessoas que, hoje
reconhecia a
amavam de
verdade. Para quê?
Por conta de um
sonho, de um
castelo que edificara
na areia e via agora
desmoronar, de uma
maneira humilhante
e perigosa. Vendera-
se; arquitetara
planos para se
separar de Marcelo
julgando-se muito
esperta. Entretanto
fora ele quem a
enganara
cruelmente.

Sou a culpada,
pensou. A única
culpada.

— Marília? Vamos
voltar ao hotel, você
não está bem.

— Espere um pouco,
falta ainda uma
explicação, Rodolfo.

— O que mais quer
saber?

— O motivo pelo

qual está me
revelando toda essa
sujeira em que me
meti.

Rodolfo
silenciou. Nem ele
mesmo sabia o
porquê dessa
atitude de trazer à
tona um esquema
do qual também
fazia parte
— Não sei dizer.
Pode ser que tenha
ficado tocado com
suas lágrimas assim
que terminamos a
relação. Achei
inadequada aquela
reação em alguém
acostumada a agir
daquela maneira,
alguém que sabia o
porquê de estar ali.
Alguma coisa em
mim fez-me
suspeitar de que
você não sabia de
nada, que entrara
nisso por conta de
uma insensatez. O
motivo pelo qual
revelei tudo não sei

dizer. O que sei é
que você mexeu
comigo.

— Rodolfo, não
compreendo por que
é preciso fazer uma
viagem tão longa,
internacional, se
poderia ser no nosso
próprio país.

— Nesse esquema
estão envolvidos
homens de poder,
de muito dinheiro,
que são exigentes e
não querem
aparecer; no
exterior fica mais
difícil serem
reconhecidos,
entende? Além do
mais, existem
muitas garotas
incautas que
sonham com cidades
atraentes do
primeiro mundo,
assim como
aconteceu com
você. Não analisam
as promessas
tentadoras e
imprudentemente se

entregam e se vendem para obter o que julgam ser o ápice da felicidade. — Elas não querem voltar quando percebem o verdadeiro trabalho para o qual vieram? — É incrível, mas poucas querem voltar. Muitas se deixam atrair e se envolvem com a vida com que sonharam, ou seja, uma vida sem dignidade, sem conteúdo moral, que lhes proporciona apenas a ilusão de uma vã felicidade; preferem a vida fácil regada a dinheiro e prazer. Não percebem que se tornam pessoas descartáveis que duram enquanto durar a sua beleza. — E quando não servem mais, o que acontece?

— Na maioria das vezes, se vendem por qualquer tostão.

Marília, não suportando mais o mal-estar que sentia, pediu a Rodolfo que a levasse de volta para o hotel.

— Rodolfo — pediu Marília assim que entraram em seu quarto —, poderia providenciar a minha volta para amanhã?

— Mas o seu trabalho não terminou. Tem algumas fotos agendadas para você.

— Fotos ou encontros? — indagou com tristeza. — Que se dane Marcelo. Irei embora ao primeiro vôo que tiver.

Poderia ajudar-me? Após ponderar um pouco, Rodolfo

decidiu:

— Está bem, vou providenciar para você. Só não posso garantir que seja para amanhã, mas reservarei o primeiro vôo.

— Obrigada, muito obrigada.

Assim que Rodolfo saiu, Marília se jogou na cama luxuosa que fora palco de sua leviandade e chorou muito.

— Meus pais e Júlia me avisaram tanto! O que fui fazer da minha vida? Sou tão tola e superficial! Que sonho é esse que construí e alimentei durante anos e que me derrubou, jogando-me na vergonha e na decepção? Que desgosto para a minha família! O que vou fazer agora? Recupero minha

dignidade ou me
vingo de Marcelo?
Não sei o que
fazer...

Lembrou-se de
que fazia tempo que
não dirigia uma
prece ao Criador.
Vivia tão-só para si,
alimentando sua
 vaidade e sua
ambição de dominar
o mundo, como
achava, em sua
inconseqüência, que
acontecia com os
girassóis, sem
perceber que essas
flores grandes e
majestosas apenas
davam testemunho
da presença do
Criador em todas as
formas de vida do
planeta. Nesse
emaranhado de
confusões, enganos
e ilusões perdera-se
no caminho, e não
encontrava a direção
da volta.
A dura realidade
machucava sua

alma.

Ambicionara
chegar ao topo do
sucesso fácil, usara
as pessoas, mentira
e enganara;
entretanto, tornara-
se vítima dela
mesma,
transformando-se
em uma boneca de
luxo que satisfazia
apenas desejos e
violentava sua
dignidade.

Deixara-se levar
pela paixão e pela
atração violenta pelo
sucesso, fama e
dinheiro. Essa ilusão
louca levava-a a
condição de garota
de programa
internacional, sem
dignidade e sem
vontade própria,
aceitando tudo sem
questionar e vivendo
à mercê de homens
que não a
respeitavam.

O princípio das paixões não é um mal em si.

A paixão está no excesso provocado pela vontade, pois o princípio foi dado ao homem para o bem, e as paixões podem induzi-lo a grandes coisas. O abuso a que ele se entrega é que causa o mal.

As paixões são como um cavalo que é útil quando governado e perigoso quando governa. Uma paixão se torna perniciosa no momento em que a deixais de governar e quando resulta num prejuízo qualquer para vós ou para outro.

As paixões são alavancas que

**decuplicam as
forças do homem
e o ajudam a
cumprir os
desígnios da
Providência. Mas,
se em vez de
dirigi-las o homem
se deixa dirigir
por elas, cai no
excesso, e a
própria força que
em suas mãos
poderia fazer o
bem recai sobre
ele e o esmaga.**

**A paixão
propriamente dita
é o exagero de
uma necessidade
ou de um
sentimento; está
no excesso, e não
na causa; e esse
excesso se torna
mal quando tem
por consequência
algum mal.**

**Toda paixão
que aproxima o
homem da
Natureza Animal o
afasta da**

**Natureza
Espiritual.
Todo
sentimento que
eleva o homem
acima da Natureza
Animal anuncia o
predomínio do
Espírito sobre a
matéria e o
aproxima da
perfeição.**

**(O Livro dos
Espíritos – Alan
Kardec – Capítulo
VII – perguntas
907 e 908)**

Marília, cansada,
adormeceu.

Vinte e quatro
horas após esses
acontecimentos, ela
embarcava no avião
que a traria de volta
ao seu país.

Rodolfo fizera-
lhe companhia até o
último momento
antes do seu
embarque,
respeitando seu

silêncio. Marília,
dando vazão aos
pensamentos, se
lembrava das
últimas palavras que
trocaram ao se
despedir.

— Marília, crie
coragem e saia
dessa vida enquanto
é jovem e tem um
futuro pela frente.
Busque outra
realidade para você;
não ultrapasse os
limites da ilusão
para não ser
engolida por ela.
Corra atrás dos seus
objetivos com
dignidade, e não a
qualquer preço.

— Por que se
preocupa tanto
comigo?

Um pouco
desconcertado ele
respondeu:

— Sei que é difícil
acreditar, e nem
deveria estar
falando por ser algo
ainda muito precoce,

mas você me
impressionou muito
desde o primeiro
instante em que a
vi, e gostaria de vê-
la fora disso tudo.

Como fui boba,
mais uma vez!
Poderia ter tirado
proveito disso e me
acertado com ele,
mas não, fui
novamente
impulsiva e coloquei
tudo a perder.
Recordou o que lhe
respondera:
— Rodolfo, se é
assim, por que está
me deixando partir?
Vamos ficar juntos.

Rodolfo
percebera que
infelizmente Marília
estava querendo
usá-lo; na realidade,
continuava
ambiciosa e,
passado o susto e a
indignação,
alimentava ainda o
mesmo desejo e
ambição.

— Não, Marília.
Impressionei-me,
sim, mas você tem
um longo caminho a
percorrer se quiser
mesmo ser alguém
pelo próprio esforço;
não quero construir
nada que sejam
apenas momentos
fugazes que só
deixam marcas de
prazer.

Tudo se
misturava na cabeça
de Marília. Preciso
pensar muito.
Chegou o momento
de decisão; ou
conquisto tudo o que
sempre quis ao lado
de Marcelo,
aceitando-o como é,
ou deixo tudo para
trás e volto para a
pacata cidade onde
nasci e passo minha
vida na obscuridade.

Recostou a
cabeça e fechou os
olhos, enquanto a
aeronave cortava
veloz o céu azul

rumo ao seu país.

**Devemos ter
consciência de
que, quando os
instintos nos
dominam,
estamos mais
próximos do ponto
de partida do que
do objetivo. O
amor é a primeira
palavra do
alfabeto, e a
tarefa do amor é
longa e difícil, mas
se cumprirá
porque assim
Deus o quer.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

**Capítulo IX
Cada um colhe o
que planta**

Júlia entrou radiante
na sala onde seus

pais se
encontravam.

— O que é isso,
minha filha? —
perguntou Antunes,
observando sua
alegria.

— Parece que viu o
passarinho verde —
completou Marta.
Contente, respondeu
Júlia:

— Mãe, vi o
passarinho verde,
azul, amarelo,
enfim, de todas as
cores, tal é a minha
felicidade.

— E podemos saber
a razão de tamanho
entusiasmo?

— Claro! E
exatamente isso que
vim lhes contar.

— Então satisfaça
nossa curiosidade.

— Carlos se declarou
para mim, disse que
me ama e pediu-me
em namoro.

— E você, o que
respondeu?

— Ora, Antunes,

considerando tanta
alegria só podemos
deduzir uma
resposta afirmativa.
— Acertou mãe. Eu
disse "sim", mil
vezes sim! Confesso
que estou
apaixonada por ele
há algum tempo.
— Desculpe-me a
pergunta, mas e o
Luiz? Enfim
conseguiu esquecê-
lo?

— Mãe, parece
incrível que perdi
parte de minha vida
alimentando um
sentimento por Luiz,
que hoje, baseada
no que sinto por
Carlos, deixou de ter
qualquer significado.
Creio que só agora
sei o que é o amor.
Estou feliz, mãe,
muito feliz!

— Sua felicidade é
também a nossa,
filha, é o que
sempre sonhamos
para você, uma vida

plena de felicidade.
— Obrigada, pai.
Sabia que me
apoiariam e
aceitariam Carlos
como genro, espero
— brincou Júlia.
— Ele é um ótimo
rapaz, temos
certeza de que será
um ótimo marido e
genro, se esse for o
seu destino.

Júlia enlaçou seus
pais em um gostoso
abraço e beijou-os
com carinho.

— Amo vocês! —
exclamou carinhosa,
— Nós também
amamos você, filha,
muito.

Júlia percebeu
uma leve sombra de
melancolia no rosto
deles. Viu que,
discretos, tentavam
esconder tímidas
lágrimas que
molhavam seus
olhos. Lembraram-
se de Marília. Jamais
irão aceitar a

situação que ela
criou.

— O que aconteceu?
Por que ficaram
tristes de repente?

— Perdoe-nos, Júlia,
mas não
consequimos deixar
de pensar em sua
irmã; não sabemos
como ela está. Há
tempos não envia
nenhuma notícia. O
que sabemos dela é
através de pequenas
fotos com dizeres
que pouco ou nada
esclarecem o que de
verdade está
fazendo; são
notícias vagas, sem
conteúdo algum.

— Isso nos preocupa
— completou Marta.

— Marília deve estar
bem. Sempre se
cuidou muito bem e
soube o que queria.
Deve estar
batalhando para
alcançar seus
objetivos. Além do

mais, notícia ruim
chega logo, bem
rápido.

— Tem razão, Júlia,
mas a saudade de
nossa filha machuca
muito nosso
coração.

— Vamos voltar a
falar de alegria,
nossa vida está
aqui. Além do mais,
Marília sabe que
pode contar conosco
sempre que
precisar.

Voltando ao assunto
inicial, Júlia disse
aos pais:

— Carlos quer vir
conversar com
vocês. Posso
convidá-lo para
jantar conosco,
mãe?

— Evidente que sim,
filha. Quando
quiserem. Farei um
jantar bem gostoso.

— Obrigada, mãe,
vou combinar com
ele. — Deu meia-
volta e subiu para o

seu quarto, feliz
como uma criança.

Luiz aproximou-se
do amigo para lhe
dizer:

— Carlos, tenho
notado que há
algum tempo você
tem se encontrado
com Júlia
assiduamente.

Desculpe a
pergunta, mas vocês
estão namorando?

— Não só
namorando, Luiz.
Melhor que isso:
estamos
apaixonados.

Luiz sentiu um
desconforto em seu
coração. Como fui
tolo! Eu a perdi para
sempre. Tentando
disfarçar o
desapontamento,
continuou:

— Devo crer então
que o
relacionamento de

vocês é coisa séria?
— É seriíssimo. Júlia é, sem dúvida alguma, a mulher da minha vida. Afirmo sem receio de errar que ela é uma das melhores pessoas que conheci um verdadeiro presente que a vida me deu.
— Desejo de verdade que sejam felizes!
— Já somos meu amigo.
— Carlos... — disse Luiz, mudando o rumo da conversa — , tem tido notícia de Marília, já que é amigo de Marcelo?
— Não, nenhuma. Não sei nada dela, e, para ser sincero, minha amizade com Marcelo esfriou bastante, para não dizer que terminou.
— Algum inconveniente em me contar o motivo?
— Nenhum

inconveniente, Luiz,
apenas descobri que
ele é mau-caráter.
Enganou Marília, e
ela caiu feito uma
criança ingênua.

— Calma lá, Carlos,
Marília não é e
nunca foi uma
criança ingênua.

Tive um
relacionamento
longo com ela,
conheço-a muito
bem e sei que é
capaz de tudo para
conquistar o que
chama de "seu
sonho". É ambiciosa
e vaidosa o
suficiente para
aceitar qualquer
coisa que projete
para o mundo a sua
beleza.

— Puxa Luiz, não a
imaginava dessa
maneira. De
qualquer forma, não
quero falar nem me
envolver nesse
assunto, não tenho
esse direito. Além

do mais, Marília é a irmã da mulher que eu amo, e por causa disso a respeito.

— Tudo bem, falei por falar.

— Já que estamos nesse tema, você não acha que já é tempo de tirar Marília da cabeça? Ou pretende ficar ligado a ela para o resto da vida?

— Não estou mais ligado a ela, Carlos. Interessei-me por outra pessoa, só que me dei conta disso tarde demais. Fui cego o suficiente para não enxergá-la. Agora minha oportunidade de uma aproximação maior passou.

Carlos entendeu que ele se referia a Júlia. Sentindo-se um pouco incomodado, perguntou ao amigo:

— Está falando de

Júlia?

— Sim. Mas pode ficar tranqüilo; jamais farei coisa alguma para prejudicar o amor de vocês. Quero sinceramente que sejam felizes, os dois merecem.

— Acredito em você, Luiz, conheço o seu caráter. Júlia contou-me o que sentia por você tempos atrás, mas garantiu-me que esse sentimento deixou de existir, ficando apenas uma boa amizade. Confio no caráter e no amor dela por mim. Em vista disso, Luiz, não me preocupo. Júlia não é pessoa de fazer armações. Só aceitou o meu amor a partir do momento em que percebeu que eu fazia parte de sua vida e que também

me amava. Sinto muito por você, mas deixou escapar uma grande oportunidade de ser feliz com uma pessoa muito especial.

Luiz só conseguiu repetir:

— Faço votos de que vocês sejam muito felizes.

— Obrigado, amigo, acredito em suas palavras.

Despedindo-se dele, Luiz caminhou com passos lentos, sentindo no peito a dor de não haver notado antes o quanto Júlia era incrível.

Marília, ao desembarcar do avião, tomou um táxi e dirigiu-se ao seu apartamento, amargando ainda a decepção da

descoberta.

— Marcelo me paga
— disse a si mesma.

Somente percebeu
que havia falado em
voz alta quando o
motorista do táxi
perguntou:

— O que disse
senhora?

Surpresa,
respondeu.

— Quem, eu? Nada.
Desculpe por ter
falado; alto, não
percebi.

— Não tem
importância, isso
acontece.

O restante do
trajeto foi feito em
silêncio.

Uma hora
depois, após
arrumar suas coisas
nos devidos lugares,
Marília tomou um
banho e sentou-se
para saborear o
lanche que havia
preparado.

De repente, ouviu a
fechadura da porta

se abrir, e Marcelo entrar furioso sala adentro.

— Quem lhe deu autorização para voltar sem o meu consentimento e principalmente sem cumprir sua obrigação?

Quero uma boa explicação!

Tentando manter a calma, Marília disse:

— Como soube que eu havia voltado?

Acabei de chegar.

— Rodolfo me ligou e colocou-me ciente de tudo o que houve. Ficou

maluca? Já estava acertado. Como vou explicar para os...

— Meus clientes? É isso?

— Já que sabe de tudo, Marília, não há necessidade de esconder mais nada. É isso mesmo. Seus clientes pagaram uma nota para ficar

com você, e o que faz? Vem embora, deixando-os na mão. Você é muito cara, Marília. Quem ficou em situação difícil fui eu.

Marília sentiu uma raiva enorme tomar conta de todo o seu corpo.

— Seu canalha!

Você me usou esse tempo todo com suas mentiras e suas falsas promessas.

Transformou-me em uma garota de programa para satisfazer os magnatas internacionais!

— Calma aí. Eu a transformei, não!

Você se posicionou assim.

— O que quer dizer?

— Quero dizer, minha querida, que você se vendeu desde o início, ou não teria vindo

comigo para esta cidade sem sequer saber quem sou na verdade e o que faço. Quis acreditar em tudo o que lhe falei porque lhe era conveniente. Aceitou minhas condições só por não querer perder a condição confortável na qual a coloquei. Não percebeu nada porque se negou a perceber, Marília. Não me venha agora posar de vítima.

— E as garotas que viajam comigo?

— Buscam o mesmo que você: vida fácil, dinheiro e luxo. Quanto a isso, você não tem do que reclamar, pois tem de sobra.

Marília não sabia o que dizer nem que atitude tomar. Reconhecia que Marcelo falava a verdade. Ela fora à

culpada, a
responsável por
tudo o que estava
acontecendo.

Marcelo continuou:

— Nem perca tempo
me dizendo que vai
sair desse esquema,
porque não vai.

— Como assim? Está
me ameaçando?

— Não. Estou sendo
franco. Lembra que
certa vez lhe disse
que não teria volta?
Esqueceu-se de
quantas vezes
assinou documentos
sem ao menos ter a
curiosidade de ler?

Pois bem, esses
documentos
assinados por você
comprovam que é a
única dona da
agência de modelos;
é a pessoa que leva
as interessadas para
fora do país. Todas
as pessoas que
receberam aqueles
documentos de você
podem comprovar

isso. Portanto,
aconselho-a a
continuar nesse
esquema ou vai
mofar na cadeia.

— Custa a acreditar
que você fez isso
comigo, Marcelo.

— Marília, por que
reclama? Recebe um
bom dinheiro por
isso, sua conta
bancária é recheada.

Relaciona-se
somente com
homens elegantes,
cultos e milionários.
Não foi isso o que
sempre quis com
que sonhou?

— Não! Mil vezes
não! Queria apenas
ser modelo.

— Mas começou
errado, minha
querida. Creio
mesmo que seria
uma ótima
profissional, mas
seu erro foi querer o
sucesso antes do
esforço e do
trabalho. Não se

preparou, e o preço da sua imprudência foi muito alto. Nada cai do céu, Marília, tudo tem que acontecer como consequência. Se existe algum culpado nessa história é você mesma.

Como sempre, o arrependimento chega tarde, e nem sempre se consegue consertar o erro que a leviandade ocasionou.

— Marília, o melhor a fazer é você relaxar e continuar levando sua vida como tem feito até agora. Afinal, tudo isso sempre lhe deu prazer; ou não? Agora que já sabe de tudo, poderá ganhar mais dinheiro ainda. Se continuarmos juntos, ficará mais rica. A vida é para

ser aproveitada, e é o que estamos fazendo.

— Preciso de um tempo para pensar, Marcelo. Agora, por favor, deixe-me sozinha. Imagino que amanhã estarei mais calma e poderemos conversar melhor sobre o rumo que quero dar à minha vida.

Aproximando-se de Marília de uma maneira provocante, Marcelo enlaçou-a trazendo-a bem junto ao seu corpo.

— Neste momento vamos pensar somente em nós dois e ficar juntos para aliviar a tensão.

Marília o empurrou.

— Não, hoje não. Aliás, já que é a hora da verdade, porque não esclarece tudo de

uma vez?

— Esclarecer o quê?
O que está faltando?

— Quero saber a
verdade a seu
respeito.

— Qual verdade? Já
lhe disse tudo o que
tinha de dizer. O
que mais quer
saber?

— Quero saber se
você é mesmo
casado.

Surpreendido com
essa pergunta,
Marcelo, após
ponderar um
instante, afirmou:

— Você tem razão, é
bobagem

continuarmos com
qualquer mentira, já
que agora vamos
ser parceiros de
verdade. Sim,

Marília, sou casado,
e muito bem casado.

— Tão bem casado
que necessita estar
com outra.

— Existem mulheres
que nasceram para

serem esposas e mães dos nossos filhos, e outras para serem companheiras de prazer.

Entendeu?

As palavras de Marcelo soaram como uma bofetada no rosto de Marília, que sentiu o gosto amargo de seus sonhos fracassados por terem sido alimentados com leviandade e inconstância.

Marcelo sentiu que o melhor a fazer era retirar-se a deixando só para digerir os últimos acontecimentos.

Depositou um tímido beijo em sua face, dizendo-lhe:

— Amanhã virei vê-la. Tome um calmante e procure dormir.

Assim que Marcelo saiu, Marília chorou

convulsivamente.
Teve a exata noção
de haver destruído
sua vida, na flor da
idade, com uma
opção cuja volta
seria difícil e sofrida.
— Se meus pais
souberem o que sou
realmente, qual é na
verdade o meu
trabalho creio que
morreriam de
vergonha. O que foi
que eu fiz meu
Deus?!

Seguindo o
conselho de Marcelo,
tomou um calmante
e deitou-se,
acreditando que
algumas horas de
sono poderiam
aliviar sua tensão e
tornar as coisas
mais amenas. O que
ela não sabia era da
lei que diz: a dívida
dorme com o
devedor e com ele
acorda.

A vida é um bem precioso, e não é prudente desperdiçar essa oportunidade que nos foi dada. Tudo o que semearmos nesta vida colheremos na outra, e nos será cobrado até o ultimo centil, como disse Jesus.

(A Essência da Alma — Irmão Ivo)

Marília,
contrariando o que imaginara,
entregou-se a um sono agitado e conflitante, que em nada parecia com a calma e o repouso que esperava.
Via-se em um lugar feio e esfumaçado.
Sentia-se sufocada, sem respiração e ouvindo sugestões que cada vez mais a

levariam para o
sofrimento,
comprometendo
ainda mais suas
aquisições
espirituais já tão
abaladas e fracas.
Vozes encarniçadas
lhe diziam:

— Você é uma das
nossas e tem que ir
em frente. Pense no
dinheiro que lhe dá
prazer e deixe sua
beleza brilhar, não
importa onde. É o
sucesso!

Ouvia gargalhadas
em meio à orgia.
Marília acordou
sobressaltada.

— Meu Deus, que
sonho horrível! Um
verdadeiro pesadelo.

Levantou-se e
lavou o rosto
molhado de suor.
Saboreou um
delicioso desjejum e
sentiu-se melhor.

— Ainda é bem
cedo, Marcelo virá
mais tarde. Tenho

bastante tempo para pensar melhor em tudo o que me aconteceu.

Colocou uma música, abriu bem as janelas afastando as cortinas brancas e admirou a vista privilegiada de seu apartamento, que ficava no décimo andar.

Que cidade majestosa..., pensou. Lembra-me em grandeza o campo de girassóis da minha cidadezinha, apesar de ser um campo de pedra em vez de flores. — Suspirou. — O que será melhor para mim? Continuar a minha ascensão financeira, solidificando meu patrimônio, exibindo minha beleza sem importar de onde vem meu sucesso, ou voltar para minha

pequena cidade e
retomar uma vida
sem graça, sem
futuro, sem emoção,
tendo que prestar
contas aos meus
pais de tudo o que
faço?

Recordou o
sonho. Mais uma vez
permitiu que sua
leviandade sem
limites falasse mais
alto e forte. Talvez
esse sonho não seja
um pesadelo, e sim
uma revelação.

Sua absurda
inconseqüência
justificava mais uma
vez suas atitudes
irresponsáveis e de
total inconsciência
espiritual.

**— Por que meio se
pode neutralizar a
influência dos
maus espíritos?**

**Fazendo o bem
e colocando toda a
vossa confiança**

**em Deus repelis a
influência dos
espíritos
inferiores e
destruís o império
que desejam ter
sobre vós.
Guardai-vos de
escutar as
sugestões dos
espíritos que
suscitam em vós
os maus
pensamentos, que
insuflam a
discórdia, excitam
em vós todas as
más paixões.
Desconfiai,
sobretudo, dos
que exaltam o
vosso orgulho,
porque eles
atacam na vossa
fraqueza. Eis por
que Jesus vos faz
dizer na oração
dominical:
"Senhor, não nos
deixeis cair em
tentação, mas
livrai-nos do mal".**

(O Livro dos

**Espíritos — Allan
Kardec — Capítulo
IX — pergunta
469)**

Por volta da hora do almoço, Marcelo entrou no apartamento de Marília.

— Como está linda, Marília! Linda e atraente! — exclamou confiante de que os dois se entenderiam.

— Oi, Marcelo — respondeu Marília, sem muito entusiasmo. — Poupe-me dos seus elogios; sei do fascínio que exerço, e nosso jogo agora será absolutamente claro.

— Vejo que já tomou uma decisão, acertei?

— Acertou. Já sei o que quero.

— Então...

— Então que decidi continuar nesse caminho. Já que comecei, nada mais me importa a não ser o retorno financeiro. Quero ter minha independência econômica e não precisar de ninguém, muito menos de você.

— Nossa, senti firmeza!

— Mas tem uma condição.

— Diga qual é.

— Não sou mais sua subordinada; não obedeco mais suas ordens.

— O que quer dizer com isso?

— Que a partir de agora sou sua sócia, e tudo será repartido em duas partes iguais. Todo o esquema será decidido por nós dois; ficarei com quem eu quiser, e

não com quem você
decidir.

Marcelo ponderou e
respondeu.

— Só existe uma
questão a ser
resolvida, Marília.

— Qual é?

— Daniel é meu
sócio.

Sem maior
constrangimento,
Marília disse:

— Seremos três,
então. E nem
tentem me passar
para trás porque sou
uma leoa quando
defendo meus
interesses.

Marcelo, eufórico,
abraçou-a
entusiasmado.

— Querida, vamos
para nosso quarto.
Precisamos
comemorar nossa
sociedade.

— Calma. A partir de
agora você não é
diferente dos
demais, portanto
também paga. Como

você mesmo disse,
meu preço é alto. E
nem pode reclamar,
pois foi você mesmo
quem estipulou.
Marcelo, chocado,
afastou-se de
Marília, mal podendo
acreditar no que
acabara de ouvir.
— Marília! O nosso
relacionamento não
significa nada para
você?!

— Negócio é
negócio, Marcelo.
Quanto ao nosso
relacionamento,
você sabe tão bem
quanto eu que
nunca foi
verdadeiro.

— Como assim?

— Marcelo, jamais
houve nenhum
sentimento entre
nós dois. O que
sempre existiu foi
desejo e interesse.

— Você
enlouqueceu?

— Não. Apenas
estou tirando a

máscara e falando
pela primeira vez a
verdade. Você
sempre me desejou
como a mulher
bonita e sensual que
sou, e eu sempre o
usei como o único
meio de conseguir o
que pretendia, ou
seja, sair da minha
cidade. Mas agora
isso não tem mais
importância, é
passado. Sempre dei
a você o que queria,
e você retribuiu
compensando-me
com a realização do
meu sonho. A partir
deste momento,
iremos nos
preocupar com o
futuro, somente com
o futuro, porque é
ele que importa.
Isso não impede que
tenhamos
momentos de
grande prazer;
desde que você
pague, é lógico.

Marcelo estava

desnorteado com a franqueza de Marília. Nunca imaginara que sua reação seria aquela. Meu Deus, que mulher é essa?! Respirou fundo.

— Será como você quer Marília.

— É exatamente o que quero Marcelo. A minha prioridade é acumular riqueza e poder, sem me importar com o lugar de onde venha. Quem me quiser vai ter que pagar muito caro.

— Assim é que se fala sócia! — exclamou Marcelo, exultante.

Enquanto Marília preparava uma bebida para servi-lo, Marcelo, olhando aquela bela mulher à sua frente, pensava: Como você é tola. Não consegue perceber o abismo no qual está se

metendo? Afunda-se na ilusão do prazer sem sequer temer a dura realidade que com certeza um dia chegará. Bem, o problema é seu, minha querida. Daniel e eu vamos ficando cada vez mais ricos por conta de garotas volúveis feito você.

Marília agia de maneira imprudente, e com certeza pagaria caro por tanta leviandade. Ocupava sua mente tão-só com questões vazias e sem conteúdo. Os pensamentos desagradáveis e nocivos trazem à tona desejos pouco recomendáveis que atraem para si as moscas com as quais se afinam.

A vida nos testa a cada dia, e cabe a cada um persistir

nos padrões morais
e cristãos, se quiser
alcançar o equilíbrio
e
conseqüentemente,
a felicidade com que
sonha.

Quem se prepara
para esta vida, mas
não para a vida
eterna, é sábio por
um momento, mas
tolo para sempre.

Os sonhos fazem
parte do dia-a-dia
do homem, mas é
preciso não permitir
que eles sufoquem a
realidade da vida
com a qual o
homem precisa
aprender a conviver.
Necessário se faz
aprender a construir
a sonhada
felicidade, ou seja,
as pessoas felizes
vivem no mesmo
mundo que aqueles
que se consideram
infelizes. Sofrem as
aflições da vida,
enfrentam

dificuldades, dores e
enfermidades como
tantos outros.

Por que então são
felizes enquanto
muitos se entregam
às lamentações e
mágoas por sonhos
não realizados?

Porque optaram pela
felicidade.

Parece estranho,
não?

O que significa
optar pela
felicidade? O que é
se sentir feliz em
meio a tantos
conflitos, decepções
e necessidades?

Optar pela
felicidade é superar
a tendência que o
homem possui de se
julgar vítima da
vida, machucando-
se com uma visão
absolutamente
pessimista,
desajustada e cheia
de mágoas.

Ser feliz é ter
forças para lutar

contra as
adversidades,
cultivando dentro de
si a coragem e a
esperança para viver
em um mundo de
expições, porque
se sabe da
existência da vida
futura e se agasalha
a confiança e a fé no
Criador.

Ser feliz é ter
consciência de que a
vida física é a
oportunidade de se
melhorar como
criatura de Deus;
sanar dia após dia
as próprias
imperfeições,
abençoando cada
situação vivida por
saber que cada uma
delas tem um papel
importante na
evolução do ser.

Enfim, a
felicidade é
subordinada ao que
fazemos dela; a
maneira como
acreditamos que ela

seja e à nossa
sabedoria em inserir
os sonhos dentro da
realidade cristã.

Daniel, da
mesma maneira que
Marcelo exultou de
alegria ao saber da
decisão de Marília.
Repetia sem cessar
para o amigo:

— É muito bom o
que aconteceu! De
fato não poderia ser
melhor. Tudo agora
será mais fácil.

Marcelo sorriu.

— É, meu amigo —
tornou Daniel a dizer
—, você nunca se
enganou com
Marília, ela é tudo o
que pensava e mais
um pouco.

— A vaidade dessa
menina não tem
limites, nem sua
ilusão de se
considerar a
maravilha do século.

— Melhor para nós.

— Sabe Daniel, às
vezes chego a me

impressionar com
Marília.

— Por quê?

— Uma garota nova,
vinda de uma
excelente família do
interior, família
estruturada,
decente...

Entretanto ela
possui um
verdadeiro vulcão
dentro de si. Para
Marília nada basta,
quer sempre mais.

— Esse vulcão tem
nome, meu amigo.
Chama-se vaidade,
ambição e extremo
egoísmo.

— E uma completa
falta de moral. Pode
esperar Daniel. Se
conheço Marília isso
ainda vai longe!

— Como assim?

— Não sei dizer,
mas, do jeito que
ela gosta de dinheiro
e tendo um desejo
insaciável de
aparecer, ainda vai
dar um baile em nós

dois. Pode esperar.
— Você, falando
assim, até me
assusta. Mas, se
entrar dinheiro, não
teremos do que
reclamar.

Seis meses se
passaram.
Júlia, feliz, enlaçou
sua mãe em um
grande e forte
abraço.
— Bom dia, mamãe!
Sabe quantos dias
faltam?
Querendo brincar
com a filha, Marta
respondeu:
— Quantos dias
faltam para que,
filha? Não me
lembro de nada!
— Ah, é, dona
Marta? Vai me dizer
que não se lembra
do casamento de
sua filha, é isso?
Marta a tomou nos
braços.

— Jamais se esqueceria dessa data tão importante para você e para nós também, Júlia.

Poderia me esquecer de tudo, menos da sua felicidade.

— Eu sei mãe!

Mãe e filha sorriram uma para a outra. Marta, notando uma sombra de preocupação no rosto de sua filha, quis saber:

— O que foi?

Parece-me que ficou preocupada, tensa. Alguma coisa que eu não sei?

— Nada que a senhora possa mudar.

— Diga-me, filha, o que a está preocupando?

— Mãe, faltam apenas dez dias para o meu casamento... Tentei de tudo, mas não

consegui uma
maneira de avisar
Marília. Gostaria
tanto que ela
estivesse presente!
— Seu pai e eu
também, querida.
Seria uma bênção
reunirmos toda a
família. Mas o que
podemos fazer?
Ninguém sabe o
endereço dela.
Tanto tempo se
passou e nunca
recebemos um
bilhete sequer que
pudesse nos dizer
onde Marília mora.
Não entendemos por
que ela cortou toda
e qualquer relação
conosco.
— Talvez por medo.

— Por medo?
— Sim, mãe. Medo
de ter sua vida
invadida por nós;
medo de conviver
com a reprovação da
senhora e do papai,
enfim, medo de não

ser dona da sua vida
e da sua vontade.

— Inicialmente
víamos suas fotos
em algumas
revistas, mas agora
nem isso.

— O que será que
está acontecendo
com ela?

— Não sei. Seu pai e
eu sofremos muito
por causa dessa
situação. Agora,
apesar de o
sofrimento ainda ser
grande, procuramos
nos ocupar só com
vocês que estão
aqui ao nosso lado.
É a maneira que
encontramos para
termos um pouco de
paz.

— Não posso tirar-
lhes a razão. Ela se
afastou porque quis,
foi escolha dela,
mãe, e só nos resta
aceitar e aguardar.

— Aguardar?

— Sim. Tenho
guardado em meu

coração que um dia
Marília irá voltar.
Não imagino como,
nem quando, mas
acredito que um dia
isso irá acontecer.
— Espero que esteja
certa.
— O importante é
não ficar triste. Se
algo de ruim tivesse
acontecido Marcelo
teria nos avisado, ou
pelo menos avisado
Carlos.

Marta enxugou
as lágrimas que
desciam pelo seu
rosto triste,
mostrando a dor que
ainda oprimia seu
coração. Com voz
quase trêmula, disse
à filha:

— É melhor
deixarmos esse
assunto de lado. A
hora agora é de
alegria pelo seu
casamento, e é justo
que esse momento
seja só seu e de
Carlos. Não vamos

mesclar sua
felicidade com
situações que não
podemos mudar.
Você merece essa
ventura, filha, e será
feliz, com a graça de
Deus.

O som da
campainha fez com
que Júlia corresse a
atender.

— Para a senhorita
— disse o
mensageiro,
entregando-lhe um
lindo ramalhete de
flores.

Júlia agradeceu e
correu para mostrá-
lo a sua mãe.

— Veja que rosas
lindas! Só podem ter
sido enviadas por
Carlos.

— Abra logo o
cartão, Júlia.

Entusiasmada,
Júlia leu a delicada
mensagem do noivo.
Em um gesto quase
infantil, beijou o
cartão, colocando-o

junto ao peito.

Marta observava a felicidade da filha sem poder deixar de pensar em Marília, que, ao contrário de Júlia, preferira uma vida de sonhos efêmeros longe de todos.

— Vou ler para a senhora o que Carlos escreveu.

— Leia filha.

— Querida, todos os dias, neste mesmo horário, as rosas lhe dirão que te amo.

Beijos, amor da minha vida.

— Muito lindo e romântico Júlia. Ele está mesmo apaixonado.

— A senhora ainda tinha dúvidas?

— Não, nenhuma dúvida.

Antunes pôde compartilhar da alegria da filha ao chegar acompanhado de

Felipe e Rafael.

— Nossa, será que um dia vou conseguir amar alguém assim? — perguntou Rafael sorrindo.

— Irá, meu irmão, é só aguardar e preparar seu coração para reconhecê-lo quando seu grande amor chegar.

Carlos, sabendo do desejo de Júlia em ter sua irmã ao seu lado no dia do casamento, comunicou-se com Marcelo pedindo-lhe que sugerisse a Marília um contato com a família, o menor que fosse. Forneceu-lhe todos os dados da cerimônia e finalizou dizendo:

— Marcelo, todos estão muito preocupados com a falta de notícias de

Marília. Se ela não
quiser comparecer,
ao menos lhe peça
que telefone.

Marcelo prometeu
interceder,
sugerindo a Marília
um contato.

— Pode ficar
tranqüilo, Carlos,
verei o que posso
fazer.

Marcelo, como
prometera ao
amigo, empenhou-
se em tentar
convencer Marília:

— Um telegrama,
um telefonema...

Mas entre em
contato, Marília.

Faça isso em
consideração a seus
pais, eles merecem
essa atenção.

Devem estar
sentindo muito sua
falta.

— Está bem — ela
acabou
concordando. — No
dia do casamento de
Júlia telefonarei

desejando-lhe
felicidades.

— E seus pais?

— Marcelo, falta-me
coragem para falar
com eles. Receio
que descubram a
verdadeira vida que
levo o trabalho que
faço. Sei que os fiz
sofrer muito.

— Marília, pelo
telefone, se você
não disser nada,
eles jamais saberão.
Se perguntarem,
diga qualquer outra
coisa. Tudo indica
que jamais virão até
aqui. Quanto ao
sofrimento que lhes
causou isso você
terá que levar para
sempre. O que
poderá fazer é
amenizar essa
tristeza
comunicando-se
mais vezes com sua
família.

— É você tem razão.
Vou fazer isso.
Telefone para Júlia e

converso com eles.
Realmente não
mando notícias há
muito tempo.

— Precisamente
desde que se mudou
para cá.

— É verdade. Sabe o
que é Marcelo? Não
queria interferência
de ninguém na
minha vida, ou seja,
na maneira como
decidi levá-la. Gosto
de ser dona de mim
mesma, fazer o que
quero no momento
que desejo, porque
acho importante
satisfazer a mim
mesma, pensar na
realização dos meus
sonhos, ter como
prioridade a
realização da minha
própria satisfação.

— Desculpe-me,
Marília, mas não
acha tudo isso
egoísmo da sua
parte?

— Essa é a lei da
vida. Cada um por

si.

Meu Deus
pensou Marcelo.
Marília consegue ser
bem pior do que eu.
Seu egoísmo não
tem limites.

**As guerras
nascem nas
mentes doentias,
egoístas e
sedentas de
poder. A fome de
adquirir, de
conquistar a
qualquer preço,
faz o homem
perder a razão e o
equilíbrio.
Devemos
propagar ao
mundo que,
enquanto a guerra
mata, o amor
transforma o
homem.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

Capítulo X **Mais uma chance** **desperdiçada**

O dia amanheceu com o clima agradável, como Júlia esperava. O sol brilhando no azul do céu provocava em seu coração uma sensação de paz que se espalhava por toda a casa.

Sua família, e principalmente ela própria, experimentava a ansiedade natural quando se está próximo a uma grande mudança.

Sem dúvida alguma era a manhã mais especial da vida de Júlia. O dia em que se uniria para sempre a Carlos, o

companheiro com o qual havia sonhado. O sonho acalentado com sabedoria e equilíbrio tornara-se realidade.

Sentada à mesa na companhia de seus pais e irmãos para saborearem o desjejum preparado com todo o carinho por Marta com o intuito de agradar sua filha na despedida de solteira, Júlia pediu licença para fazer uma prece, no que foi prontamente atendida.

Cerrou os olhos úmidos e entregou seu coração e sua emoção ao Senhor da vida e do seu destino.

— Senhor, Criador de todo o universo e de todas as formas de vida; sou feliz e agradecida por fazer parte dessa criação.

Vi que depende só
de eu optar pela
felicidade
conquistando-a
através do
aprendizado do
amor e exercitando
esse sentimento
poderoso que
transforma o
homem. Se a aflição
vier nublar meu
convívio com o
homem que amo,
que eu saiba e
consiga vencê-la
alicerçada na minha
fé; que eu tenha
lucidez suficiente
para a cada novo dia
redescobrir a vida e
o poder do bem.
Que tanto eu quanto
Carlos saibamos
abraçar o mundo,
falando de amor o
mais que pudermos,
transformando
nossos corações em
um doce lar onde os
sofridos possam
encontrar abrigo e,
junto a eles,

transformarmos
nossos passos em
pegadas firmes,
marcando o chão
por onde passarmos
com os
ensinamentos do
Evangelho de Jesus.
Assim, Senhor, a
felicidade se fará.
Obrigada pela minha
família, e que minha
querida irmã,
Marília, possa
receber onde estiver
a vibração do meu
carinho e da minha
saúde. Ilumine-a,
Senhor, e proteja-a.
Assim seja.
Logo após terminar
sua oração, ouviu:
— Obrigada, minha
irmã. Estou aqui
bem perto, para
receber o seu
carinho e a sua
saúde.
Todos abriram os
olhos e exclamaram
a uma só voz:
— Marília!
— O que é isso? —

disse Marília,
divertindo-se com o
espanto que via no
rosto de todos. —
Parece que viram
um fantasma. Estou
tão feia assim?
Aconchegada nos
braços de seu pai,
ouviu-o dizer:
— Não, filha,
continua linda como
sempre.
— É verdade —
completou Marta. —
Linda como sempre
foi desde pequenina.
— Não esperávamos
vê-la, filha, por isso
o espanto. E a
saudade nos
machuca muito,
porque não vai
embora. E hoje, de
repente, deparamos
com você aqui, na
sua casa de novo, e
isso está mexendo
com nossas
emoções.
— Pai, controle-se. A
excitação não deve
fazer bem para o

senhor. — alertou
Júlia.

— Tem razão, o
importante é que
Marília está aqui.
Após todas as
manifestações de
carinho, Antunes
voltou a se
manifestar:

— Como soube do
casamento de Júlia?
Imagino que esse
seja o verdadeiro
motivo de sua
presença aqui.

— Não vim só por
isso, mas também
pela saudade que
sinto de vocês. Creio
ter chegado na hora
certa, pois tive o
prazer de ouvir a
linda prece de Júlia.

— Como entrou sem
que percebêssemos?

— A porta da
cozinha, como
sempre, estava
aberta. Cheguei ao
instante em que
Júlia orava, e não

quis interromper.
Muito linda a sua
prece, minha irmã.
— Abrindo os
braços, enlaçou
Júlia. — Parabéns
pelo dia de hoje.
Desejo-lhe muitas e
muitas felicidades.
Comovida, Júlia
respondeu:
— Marília, sua
presença foi o
melhor presente que
recebi; jamais
esperei que isso
acontecesse.
— Que coincidência!
— disse Felipe.
— Felipe, Júlia vive
dizendo que
coincidências não
existem, e não
existem mesmo.
Vim para participar
do casamento dela.
— Mas como soube
do casamento,
afinal?
— Carlos ligou para
Marcelo, mamãe, e
disse-lhe da vontade
de Júlia de que eu

estivesse presente para que a família ficasse reunida. Marcelo adorou saber da união de vocês e prometeu a Carlos que iria me falar sobre isso, e realmente o fez. Não pensei duas vezes e aqui estou feliz por revê-los, sobretudo meus pais.

— Que bom que você veio, Marília! Completou minha felicidade.

Antunes não conseguia conter tanta emoção ao ver suas filhas juntas e em paz. Aproximou-se de Marília, beijou-lhe o tosto e lhe disse:

— Obrigado por nos trazer tamanha alegria.

Marília também ficou emocionada em abraçar seu pai após tanto tempo de separação.

— Acredite papai,
sua alegria não é
maior que a minha.
Senti muita saudade
de vocês todos,
principalmente do
senhor e da mamãe.
Mas agora vamos
aproveitar esses
breves momentos e
matar a saudade.

— Por que breves
Marília? Marcelo não
veio com você?

— Não pôde vir pai,
por essa razão não
posso me ausentar
por muito tempo.

— O que o impediu?

— Temos uma
empresa que, graças
a Deus, está indo
muito bem, cresceu
muito, e torna-se
impossível
ausentarmo-nos os
dois ao mesmo
tempo. Nosso
quadro de modelos é
grande e não
podemos deixar
tudo nas mãos de
funcionários. O

senhor entende?

— Entendo minha filha, mas é uma pena tê-la conosco por pouco tempo depois de longa ausência.

Marta, seguindo o instinto materno, quis saber:

— E sua situação com Marcelo, filha, como está?

Desconcertada, mas aparentando uma falsa tranqüilidade, Marília afirmou:

— Ótima mãe.

Assim que chegamos à capital nossa situação foi resolvida, e hoje vivemos bem e felizes. Quanto a isso, podem se tranqüilizar.

Seu olhar cruzou com o de Júlia, que pensou: Você continua a mesma, Marília. Sabemos que Marcelo é casado, tem filhos,

portanto nada foi resolvido. Sinto que nada mudou em você, a não ser sua maneira sofisticada de se vestir, e pressinto que essa mudança não foi para melhor.

Marília, receosa de encarar a irmã, desviou o rosto.

— Não vemos mais suas fotos nas revistas, Marília.

Desistiu da carreira?

— Da carreira de modelo, sim, Júlia.

Como já disse, nossa empresa se expandiu muito.

Viajo sempre acompanhando as modelos em seus contratos no exterior. Hoje comando a agência, e concluí que realmente é o que gosto de fazer.

— Isso nos alegra muito — disse Marta. —

Gostaríamos que nos fornecesse seu endereço, para que possamos ir visitá-la. Não sabemos nem mesmo o nome de sua agência.

Marília, mostrando uma desenvoltura que estava longe de sentir, respondeu:

— Depois, mãe.

Claro que vou deixar tudo certinho com vocês, pode ficar sossegada.

Meu Deus, não posso ficar nem mais um dia aqui ou eles irão descobrir tudo sobre mim, Marília concluiu.

— Claro, filha, não quero pressioná-la, desejo apenas saber onde posso encontrar minha filha.

Júlia apenas observava Marília sentindo em seu peito uma enorme inquietação. Por que

será que tenho a
impressão de que
ela está mentindo?
Desde que chegou,
noto em sua
expressão certo
receio; seu olhar me
sugere que está
mentindo, não sei
explicar por quê.
Acho que ela não se
modificou em nada,
e se isso aconteceu
com certeza não foi
para melhor. Seu
pensamento foi
interrompido pela
voz de sua mãe:
— Rafael, pegue a
bagagem de Marília
e leve para seu
antigo quarto.
— Não é preciso,
meu irmão, não
trouxe bagagem.
Não foi necessário.
— Não? —
perguntaram todos,
surpresos.
— Você viajando
sem bagagem é de
estranhar.
— Trouxe apenas

esta maleta de mão
com o necessário:
uma troca de roupa
e o vestido da
cerimônia, que,
aliás, escolhi com
todo o cuidado,
porque quero estar
bem bonita no
casamento de minha
irmã querida.

— Estranho você
não ter trazido
bagagem, filha.

— Pai, terei de
voltar amanhã bem
cedo. Vim apenas
para a cerimônia,
mostrar para vocês
que estou bem e
feliz, enfim,
tranqüilizá-los. Logo
cedo o helicóptero
da agência virá me
buscar.

— Não consigo
enxergar uma razão
para tanta pressa.

— Mãe, amanhã à
tarde vamos realizar
um importante
desfile, e terei que
estar à frente desse

evento. Foi o que já expliquei. — Marília, inquieta com tantas perguntas e temendo se trair mudou o rumo da conversa. — Vamos parar de falar de mim. Hoje o dia é de Júlia, e eu quero saber de todas as novidades sobre esse casamento. Vejo a felicidade nos olhos dela. Conte-me tudo, minha irmã. Júlia sorriu. — Você tem razão, minha felicidade salta aos olhos, não é?

— Nunca a vi assim tão feliz, confiante, apaixonada... Nem quando amava o Luiz.

— Marília, com Carlos aprendi o que é amar de verdade. Conheci esse sentimento na sua melhor essência. Luiz é passado,

Carlos é o meu
presente e o meu
futuro. Hoje Luiz é
apenas um amigo, e
Carlos é o meu
grande amor.

Marília, ouvindo
a irmã falar com
tanta emoção e
sinceridade,
experimentou uma
ponta de inveja pela
consciência de que
jamais viveria algo
tão especial e
profundo, pois
conhecia apenas o
prazer que passa
como um vendaval e
deixa marcas para
sempre.

— Torço por você,
Júlia. Sem dúvida
merece essa
felicidade,

— As horas estão
passando —
interrompeu-as
Marta. — Temos
questões a resolver
antes da cerimônia.
Vamos, meninas,
mexam-se.

Todos se dispersaram, cada um indo em busca de sua tarefa. Sem que seus pais percebessem, Júlia chamou Marília em seu quarto.

— Marília, gostaria de ter uma conversa com você, pode ser?

— Claro, Júlia, o que é?

— Alguma coisa me incomoda. Sinto que o que você disse com tanta ênfase a seu respeito não corresponde à verdade. Gostaria apenas de lhe fazer uma pergunta.

— Pode fazer.

— Você é feliz?

Não passou despercebida aos olhos de Júlia a contração nos lábios de Marília.

— Por que isso agora?

— Por favor, Marília, apenas responda.

— Considerando que
alcansei meu
objetivo, ou seja,
juntar dinheiro
suficiente para obter
tudo o que sempre
desejei, posso dizer
que sou feliz. Moro
em um apartamento
de luxo, possuo
carro e viajo para o
mundo todo. O que
mais posso querer?

— O amor, Marília.
Estou falando de
amor,
companheirismo,
dignidade. Sentir-se
amada e respeitada;
saber o que na
verdade é amar.

— Isso já está fora
de moda, Júlia.
Prefiro ser dona da
minha vida e ter
dinheiro, que me
proporciona
autonomia e poder.

— Sabe, o que me
causa
estranhamento é
uma agência, cujo
nome ninguém sabe,

dar tanto lucro assim. Em geral as grandes empresas estão sempre em evidência.

— Você está se metendo em um assunto que não lhe diz respeito.

— Tem razão, Marília, mas tenho um conceito tão diferente do seu! Preocupo-me tanto com sua maneira de agir, sem nenhuma cautela, que ousou até me intrometer, sim. Afinal, você é minha irmã mais nova. Que mal há nisso?

— Você conhece melhor do que eu o livre-arbítrio; por que interfere no meu?

— É verdade, não posso interferir no seu livre-arbítrio, mas posso lhe pedir um pouco mais de cautela. Cuidado

com suas atitudes para não sofrer mais tarde, prejudicando sua integridade física e moral. Não entre no caminho da ganância, Marília; é um caminho perigoso que nos tira toda e qualquer noção de bom senso e prudência. Espero que você consiga ser feliz à sua maneira, se é o que você realmente quer, e se conseguir.

Uma sombra turvou os olhos de Marília, que pensou com tristeza: Se soubesse o que realmente eu faço, Júlia, se imaginasse para onde minha leviandade me levou, ficaria estarrecida. Hoje só me resta me contentar com o dinheiro, pois nem mais respeito eu recebo dos homens.

Sou o que eles
chamam uma
boneca de luxo, que
sabe dar prazer
como ninguém.
Júlia, sentindo-se
inspirada por
Amélia, continuou:
— Sempre podemos
reconsiderar e
mudar nosso plano
de vida se ele agride
nossos princípios
morais, consertando
os erros e enganos
nos quais caímos.
Lavando nossa alma
com pensamentos
nobres e atitudes
edificantes, que nos
levam, a readquirir
os valores que nos
trazem elevação e
dignidade podemos
anular, sim,
condutas infelizes
que nos fazem
sofrer e mancham
nosso corpo físico e
astral. Pense sobre
isso, minha irmã.
Reavalie seus
conceitos e traga

conteúdo para sua
existência; errar é
humano e todos
erram, mas é
importante se
esforçar para vencer
as tentações e sair
do lamaçal de
enganos nos quais
muitas vezes nos
aprimosamos.

Júlia notou uma
vaga tristeza no
semblante de
Marília.

— Por que está me
dizendo tudo isso,
Júlia? O que sabe da
minha vida?

— Na realidade, não
sei nada, e é isso o
que me assusta.
Para ser sincera, até
eu estranhei falar
tudo isso para você,
mas uma força
maior me impulsiona
a dizer, e o faço com
tranqüilidade por
saber que é para
sua felicidade. Não é
humilhante
reconhecer nossos

erros; ao contrário,
é altamente
edificante, é sinal
que nossa
consciência está nos
avisando do perigo
que muitas vezes
corremos. Triste é
continuar em um
caminho cujo
destino é a dor e a
desmoralização da
próprio honra e não
se dar conta disso.
Céus, o que está
acontecendo? Parece
até que Júlia sabe
de toda a verdade
sobre o meu
trabalho!

— Marília, conte
comigo, estarei
sempre pronta para
ajudá-la. Quando
achar conveniente e
considerar que à
hora chegou,
enfrente o problema
que porventura
possa estar afligindo
você. Crie o hábito
de orar e suplicar a
Deus por auxílio.

Peça coragem para romper a barreira que distancia você do Criador; cuide de eliminar suas imperfeições procurando enxergar o brilho real, que nos faz bem e que se encontra nas virtudes que elevam e enobrecem o homem.

Completamente atônita Marília disse à irmã:

— Júlia, o que deu em você? Fala como se eu estivesse me afundando em um poço escuro e tenebroso. O que é isso? O que a faz pensar que tenho problemas graves?

— Sendo sincera, nem eu mesma sei por que estou falando assim, mas sinto estar sendo intuída, e acredito que algum motivo há de ter. Se existe

a interferência
espiritual, o motivo
deve ser justo e
sério, porque nada
acontece se não for
para o benefício de
alguém. Aconselho-a
a prestar muita
atenção, lembrando
que ouvir conselhos
não significa
obedecer ordens, e
sim proporcionar a
si mesma
oportunidade de
renovação.

Diante do silêncio de
Marília, Júlia colocou
fim à conversa.

A tarde passou
rápido.

Às dezoito
horas, Júlia, de
mãos dadas com
Antunes, deu
entrada no pequeno
salão enfeitado com
lírios e rosas
brancas
graciosamente
amarradas com fita
de cetim. Usava um
vestido simples, mas

elegante, condizente com a simplicidade da sua alma. Carlos, emocionado, esperava pela noiva em um perfeito terno cinza. Ao seu lado, o juiz de paz, as testemunhas e Josafá, orientador do Centro Espírita Deus É Luz, que a família de Júlia freqüentava.

Dos presentes saía energia de paz e amizade para aquele casal tão estimado por todos.

Após a cerimônia civil, Josafá dirigiu aos noivos algumas palavras de paz:

— Queridos irmãos Júlia e Carlos. Meu coração quase não suporta a alegria que sente com a oportunidade de poder estar aqui com vocês, meus irmãos de fé, neste dia tão importante e

significativo. Este é o momento em que o amor que os une se agiganta a ponto de abranger todos os presentes, fazendo-nos compreender que tudo podemos ter tudo podemos saber, mas, se não tivermos amor em nós, nada teremos e nada saberemos, porque somente o amor nos coloca na posição de verdadeiras criaturas de Deus. Hoje é para vocês o início de uma nova caminhada. Algumas vezes irão chorar; muitas outras irão sorrir. Que vocês saibam entender os sorrisos e as lágrimas, e que cada um desses dois exerça a função adequada na vida de vocês, pois que ambos possuem

notável importância
na evolução do ser.
Construam um lar
de paz e dignidade,
preparando-o para
receber, no
momento propício,
os enviados de Deus
para formarem uma
verdadeira família.
Que seus corações
se abram sempre
para receber o
respeito, a
fraternidade e o
perdão, sem o
preconceito, que
fere a alma humana.
Essas são virtudes
necessárias para
aquele que pretende
alcançar a felicidade.
Cultivem o
Evangelho de Jesus,
permitindo que o
Divino Amigo possa
guiá-los na senda do
bem. Nossa alma,
na realidade, é um
imenso jardim onde
nós, os jardineiros,
devemos com
precisão e paciência

cuidar das flores que
poderão brotar
nessa terra fértil, se
soubermos retirar
com sabedoria os
espinhos que se
cravam no egoísmo
e mutilam nossa
alma. Sejam felizes,
queridos irmãos,
percebam as marcas
de Deus pelo
caminho, em todos
os cantos do
universo, e a
felicidade se fará em
suas vidas.

Josafá abraçou o
casal, e os dois,
emocionados,
agradeceram as
palavras de carinho.
Antunes convidou os
amigos presentes
para uma pequena
recepção em sua
casa.

Durante toda a
festa, Marília notou
que Luiz não tirava
os olhos dela, o que a
envaidecia. Como
ele está bonito,

pensava. A passagem do tempo favoreceu mais ainda o seu porte físico. Como seria a minha vida se tivesse me casado com ele? Com certeza não passaria de uma dona de casa envolvida com o trabalho doméstico e a educação de filhos, igual a tantas nesta cidade. Mas não posso negar a mim mesma que ele ainda mexe comigo, apesar de achar que agi certo.

Luiz aproximou-se, tirando-a de seus devaneios.

— Oi, Marília, como você está?

— Olá, Luiz, que bom revê-lo! Estou muito bem, e você?

— Bem. Levo minha vida da maneira como escolhi.

— Vejo que está

sozinho. Não se casou?

— Não, Marília. Não encontrei ainda alguém que tocasse meu coração, mas não me preocupo com isso. No tempo certo aparecerá alguém que valha a pena.

— Parece amargo!

— Amargo, não, apenas não me iludo mais. Hoje sou um homem bem objetivo, sei o que não quero, e o que quero um dia vai aparecer. Agora me fale de você.

— Desculpe-me, Luiz, mas detesto falar de mim. Posso dizer apenas que sou feliz e realizada. Agora, se me der licença, vou cumprimentar alguns amigos de outrora. — E Marília afastou-se.

Continua linda,

incrivelmente linda.
Não me pareceu tão
feliz como quis
demonstrar, mas, se
realmente não
estiver, estou pronto
para cuidar disso,
pensou ele.

A recepção
transcorria em meio
ao entusiasmo e
alegria geral. Após
algum tempo, Júlia e
Carlos apareceram
prontos para seguir
viagem.

— Viva os noivos! —
alguém gritou.

— Viva! —
exclamaram os
demais.

Assim que o
casal partiu, após as
despedidas, a
maioria dos
convidados se
retirou. Luiz,
sentado em um
canto, não cansava
de admirar a beleza
de Marília. Todo o
sentimento que
nutrira por ela no

passado e que julgava esquecido afluía em seu coração com a mesma força. Preciso descobrir seu endereço. Só não imagino como, no entanto, pois nem seus pais têm conhecimento. Mas tenho que descobrir uma maneira de encontrá-la na capital.

Marília, por sua vez, também olhava para Luiz, sentindo despertar em seu peito um forte desejo de ficar com ele.

Depois de trocarem olhares e sorrisos, Luiz decidiu convidá-la para sair, o que Marília de pronto aceitou.

— Marília, você é uma mulher casada — disse Marta ao vê-la saindo com Luiz. — Não fica

bem, minha filha.
— Mãe, não vamos
fazer nada de mais,
apenas conversar
um pouco,
relembrar o
passado, matar
saúde.

— Fique tranqüila,
dona Marta, é
apenas um encontro
de amigos. Não
vamos demorar
apenas tomar um
sorvete falou Luiz.

— Tudo bem —
concordou Marta. —
Mas, por favor,
Marília, não demore.
— Prometo mãe.
Saíram.

Enquanto
saboreavam o
sorvete, Luiz e
Marília, muito
animados,
rememoravam o
tempo do namoro da
juventude.

Reviveram os
momentos passados
no campo dos
girassóis, das

brincadeiras e,
sobretudo, a
impetuosidade de
Marília, seus
impulsos e sua
teimosia.

Constantemente
seus olhares se
cruzavam, e cada
um parecia penetrar
no íntimo do outro.

Luiz, sentindo-se
incentivado pela
antiga namorada,
segurou suas mãos,
apertou-as com
força e perguntou-
lhe:

— Por que você fez
aquilo comigo?

— Aquilo o que,
Luiz, o que está
dizendo?

— Estou dizendo que
gostaria de saber
por que me
humilhou daquela
maneira na frente
dos convidados,
justo no dia que
imaginei que seria o
mais feliz da minha
vida. Diga-me por

quê.

Sem jeito, Marília
respondeu:

— Luiz, tanto tempo
se passou... Por que
tocar nesse assunto?

— Porque, apesar de
muitas tentativas,
não consegui
esquecê-la. Na
busca do seu sonho,
você destruiu o
meu. A ferida não
cicatrizava, preciso de
uma resposta,
preciso pelo menos
entender. — Após
breve pausa, tornou
a indagar: — Por
que, Marília?

— Tudo bem, Luiz,
vai ter a sua
resposta. Não quis
me casar com você
porque me recusava
a aceitar a vida que
com certeza iria me
proporcionar.
Perdoe-me, mas não
nasci para me
esconder atrás de
um fogão, cuidar de
crianças

choramingando e suportar marido acomodado. Queria e precisava de muito mais; mais do que você podia me oferecer.

— Isso significa que nunca sentiu nada por mim? Enganou-me o tempo todo?

— Nunca o enganei, pois sempre lhe disse a verdade a respeito do que queria para minha vida, lembra?

— E quanto ao sentimento?

— O sentimento existiu, Luiz, e talvez ainda exista. Sufoquei meu coração para alcançar meu objetivo.

— E conseguiu?

— Claro! Não percebe como estou bem? Rica e feliz.

— Não sei... Noto em sua expressão algo que não

consigo definir.

— Nossa Júlia me falou a mesma coisa! O que vocês querem de mim?

— Júlia eu não sei; eu, com certeza, quero você, Marília desesperadamente.

— Luiz, sou uma mulher casada! — afirmou, sem muita convicção.

— Após algum tempo de sua partida, descobri que Marcelo é casado, e acredito que você sempre soube. — Diante do embaraço que notou nela, Luiz continuou:

— Não precisa se intimidar, não a estou julgando, nem rotulando você de nada. Quero apenas você, nem que seja uma única vez. Pode ser que assim eu consiga tirá-la da cabeça.

Sentindo o

aperto da mão de
Luiz na sua, Marília,
imprudente como de
costume, permitiu
que todo o seu
corpo fosse tomado
pelo mesmo desejo.
— Fique comigo,
Marília, satisfaça
minha paixão
incontida.

Não tenho nada
a perder, ela
decidiu. Se fico por
dinheiro, porque não
ficar com o único
homem por quem
cheguei a sentir
amor?

O olhar que dirigiu a
Luiz o encorajou a
dizer:

— Vamos!

Entregue nos
braços de Luiz,
Marília se esquecera
completamente das
horas, de sua mãe e
de sua vida.

— Você é
maravilhosa! —
disse-lhe Luiz, ao
deixá-la no portão

de sua casa. —
Tenho inveja de
Marcelo.

Sem responder,
Marília desejou-lhe
boa-noite e entrou.

Para evitar
acordar a mãe, não
acendeu a luz nem
fez barulho. Mas, ao
se dirigir ao seu
quarto, foi
surpreendida pela
voz de Marta, que,
iluminando a sala,
disse-lhe:

— Filha, por onde
andou? O que foi
que você fez?

— Mãe, que susto a
senhora me deu! Por
que está acordada
até essas horas?

— Por que será,
Marília, que apesar
do meu cansaço
pelo dia de hoje
ainda estou aqui na
sala à sua espera?
Onde esteve?

Marília tentava
encontrar uma
desculpa que

convencesse sua
mãe.

— Ora, estava onde
disse que estaria: na
sorveteria. Que mal
há nisso? Eu e Luiz
relembávamos o
passado e perdemos
a noção do tempo.

Já sou bem
crescidinha, mãe!

— Não haveria nada
de mal se fosse
verdade, mas sei
que não é. E poupe-
me de suas
mentiras. Não
subestime minha
capacidade de
raciocinar. Nasci e
me criei aqui,
Marília, sempre vivi
nesta cidade,
conheço seus
costumes. Portanto,
quero dizer que sei
muito bem a que
horas fecha a
sorveteria: às vinte
e três horas e trinta
minutos; o que
significa que isso
aconteceu uma hora

e quinze minutos
após a saída de
vocês daqui de casa.

— Mãe, não precisa
ser tão minuciosa.

— Preciso, porque
você parece não se
dar conta de que
são quase quatro da
manhã.

— Nossa, perdi
mesmo à hora...

— Não seja cínica!

Diga-me o que
oferece esta
cidadezinha de tão
interessante para
prender a atenção
de vocês por tanto
tempo. Existe
alguma explicação?

Marília percebeu
que não iria adiantar
dizer nada, porque
na verdade havia
uma única
explicação.

Sentou-se ao lado
de Marta e, um
pouco constrangida,
falou:

— Desculpe-me.

Realmente não

estávamos na
sorveteria, nós...

— Poupe-me de
ouvir o lugar onde
estavam, porque já
imagino. Só não
entendo a razão de
ter feito isso, minha
filha. Será que faz
sempre tudo errado
de uma maneira
imprudente, diria
mesmo, leviana?

— Não sei. Ficamos
conversando,
relembrando nossos
momentos de
namoro e, sem que
percebêssemos,
estávamos nos
braços um do outro.

— E Marcelo?

— Ah, não seja tão
ingênua! É claro que
Marcelo não precisa
saber de todos os
meus passos; a vida
é minha, e dela faço
o que quiser. A vida
é muito curta, e o
melhor que temos a
fazer é aproveitá-la
o máximo, e é assim

que ajo. Estou errada?

— Está, filha. Qual o preço que você paga por querer aproveitar a vida tão intensamente?

— O preço da minha felicidade, da satisfação dos meus desejos. Não é o que realmente importa?

— Não. O que realmente importa é conquistar a felicidade através do esforço, da luta para vencer nossas imperfeições, promovendo nosso aprimoramento moral. O que não estiver dentro desse conceito não é felicidade, e sim prazer efêmero.

Marília em segundos reavaliou seu trabalho e sua existência. Se minha mãe soubesse, morreria de tristeza.

Marta insistiu:

— O que você me diz?

— Não tenho argumentos para contradizê-la, mãe. Minha personalidade é diferente, não sei se feliz ou infelizmente. Gosto de desafios, de viver de maneira intensa tudo o que me causa prazer. É assim que encaro a vida, e gosto.

Marta teve uma sensação desagradável. Foi tomada de um receio que a incomodou sem que ela mesma pudesse saber a razão. Segurou as mãos de sua filha e falou:
— Marília, não se pode perder a dignidade nem a integridade física e moral por conta de emoções levianas que geralmente

atiram os
imprudentes na dor
muitas vezes
irreparável. Todas
as coisas são
bonitas e possíveis
desde que sejam
feitas dentro dos
padrões morais e
éticos; do respeito
pelos outros e por si
mesmo. O amor
verdadeiro não pode
ser sufocado para
dar lugar às paixões,
que chegam
avassaladoras, mas
que vão embora
com o mesmo furor.
— Por que está me
dizendo isso, mãe; o
que pensa de mim?
— Nada, filha, não
penso nada. Pelo
menos por
enquanto, e gostaria
de continuar assim,
sem pensar nada.
— Por que então
está me dizendo
essas coisas? Não
entendo!
— Preocupou-me

sua atitude de hoje,
Marília, que julgo
perigosa.

— Foi só um
momento, e nada
mais.

— Por isso mesmo.
Por ter sido somente
um momento sem
nenhum conteúdo e
sem razão que o
justificasse, mas que
deixa marcas na
alma.

Marília enrubesceu.
Envergonhada do
que havia feito, não
conseguiu dizer mais
nada.

— Boa noite, mãe,
estou com sono.
Amanhã partirei logo
cedo, vou me
recolher.

— Boa noite, filha.
Seu pai e eu vamos
levá-la até o local
aonde o helicóptero
virá buscá-la. A que
horas pretende ir?

Marília pensou e
achou melhor sair
sem se despedir dos

familiares. Eles irão
fazer muitas
perguntas, e não
quero responder a
nenhuma delas. Vou
mudar o horário,
assim poderei sair
sem que me vejam.

— Pode dormir
tranqüila, mãe, não
saierei muito cedo.

Imaginei que
estariam cansados
após a festa e
combinei por volta
das dez horas.

Podemos sair daqui
as nove e trinta,
tudo bem?

— Claro filha. Eu me
levanto às nove
horas e preparo seu
café.

— Obrigada. Poderia
me acordar?

— A que horas?

— Assim que a
senhora se levantar.

— Certo. Durma
bem, querida. Não
se esqueça de
deixar anotado o
seu endereço.

Logo que entrou em seu quarto, Marília arrumou suas coisas.

— Preciso sair daqui às sete e meia. O helicóptero chegará às oito.

Escreveu rápido um bilhete para seus pais, colocou-o sobre a mesa-de-cabeceira e se deitou.

— Marília, levante-se. São nove horas.

Sem receber resposta, Marta repetiu as batidas duas, três vezes, até que, estranhando o silêncio, abriu a porta do quarto. Negava-se a acreditar no que via. A cama de sua filha, arrumada; a janela aberta recebendo os primeiros raios de sol e, sobre a

mesinha, um bilhete de Marília: "Amo muito vocês! Perdoem-me".

— Por que isso, meu Deus? — perguntava Marta a si mesma, sem conseguir imaginar qual o motivo dessa atitude da filha.

Vasculhou o aposento tentando encontrar em algum lugar o endereço de Marília. Desolada, constatou que ela não o deixara. Correu a chamar Antunes, que, como ela, também não entendia a reação da filha, indo embora sem ao menos se despedir.

Um pensamento ruim passou pela cabeça de Marta. Antunes percebeu a expressão de preocupação da esposa e perguntou-lhe:

— Conheço você o suficiente para saber que alguma coisa a está preocupando. Pode me dizer? Marta contou-lhe o acontecido na noite anterior.

— Não acho prudente esconder nada de você, Antunes. É muito estranho o modo como Marília se comporta.

— O que quer dizer?

— Saiu com o Luiz como se fosse à coisa mais natural do mundo, fica com um homem mesmo sendo uma mulher casada, sem se importar com o que poderia pensar seu marido. Vai embora às escondidas, com certeza para evitar encontrar-se com você e ter que responder a mais perguntas, dar explicações. Tenho

comigo que ela fez isso para não ter que fornecer seu endereço. Antunes, Marília não quer nossa presença em sua casa na capital, e não me pergunte por que; não sei e tenho medo de saber.

— Marta, você não está pensando...

— Não estou pensando nada.

— Está. Está sim, e não venha me enganar, conheço muito bem você.

— Sinto muito, Antunes, não tenho nada de concreto, mas estranho a vida de Marília. Toda essa riqueza... Ela tem até um helicóptero! Tudo por ter uma empresa que não conhecemos e da qual nem sabemos o nome. Não acha esquisito?

— Tem razão. É, no mínimo, surpreendente.

— Para ela tudo é normal. Marília ter ficado com o Luiz durante quase toda a noite e a sua naturalidade a respeito causou-me espanto.

— O que podemos fazer Marta?

— Acho que nada. Nem sabemos onde ela mora! Tudo o que nos resta é orar por ela, para que compreenda que seus sonhos não a levam a lugar algum, para que Marília viva a realidade.

Antunes abraçou a esposa, que, angustiada, permitiu que pesadas lágrimas descessem pelo seu rosto.

— Onde foi que erramos com Marília, Antunes?

Em que momento perdemos o controle de sua vida, em que instante ela deixou de ouvir a nossa voz?

— Em nenhum momento, minha querida. O mesmo ensinamento que demos para os outros três filhos demos para Marília. A diferença é que ela fez a opção errada. Veja, enquanto Júlia escolheu a real felicidade, Marília preferiu o prazer, e infelizmente os frutos de sua imprudência ela vai ter que colher. O erro não foi nosso; foi nossa filha que não quis compreender.

— Por que será que as pessoas relutam em praticar o bem? Parecem ter vergonha de serem

boas, amigas e fraternas...

— Porque são mal informadas, Marta, vivem distraídas e não percebem os valores reais que nos aproximam de Deus. Não devemos nos envergonhar de ser bons e ter fé; de amar a Deus e confiar Nele. Deus jamais se envergonhará de nós, apesar de todos os nossos erros.

A paternidade é uma missão e um dever muito grande. Deus põe a criança sob a tutela dos pais para que estes a dirijam no caminho do bem. Se o filho sucumbir por culpa dos pais, terão de sofrer a pena, e os

**sofrimentos da
criança na vida
futura recairão
sobre eles, porque
não fizeram o que
lhes competia
fazer para o seu
adiantamento nas
vias do bem.**

**— Se uma criança
se transviar,
apesar dos
cuidados dos pais,
estes são
responsáveis?**

**Não. Mas,
quanto piores as
disposições da
criança, mais a
tarefa é pesada e
maior será o
mérito se
conseguirem
desviá-la do mau
caminho.**

**(O Livro dos
Espíritos — Allan
Kardec)**

**Capítulo XI
Diagnóstico**

aterrador

Marília retomou suas atividades normais. Sua conta bancária crescia a cada dia, todavia seu corpo começava a dar os primeiros sinais de cansaço e saturação em virtude das constantes agressões físicas e morais.

Marcelo e Daniel, como empresários de sua agência, como ela mesma denominava, escolhiam com cuidado os interessados, levando em conta a posição financeira que possuíam.

— Descobrimos a mina de ouro — dizia Daniel ao amigo.

— Sempre lhe disse isso — respondia

Marcelo, orgulhoso
por haver
descoberto Marília.
— Está provado que
não me enganei.
— Vou aproveitar e
comentar algo que
venho observando
há algum tempo.
— Pode falar Daniel,
o que é?
— É sobre Marília.
Tenho a impressão
de que algo não vai
bem com ela.
— Explique-se
melhor.
— Acho-a abatida,
meio desanimada,
não sei ao certo.
Parece-me que está
perdendo o vigor.
Você não notou
nada de diferente?
— Sendo sincero,
nem presto muita
atenção a ela; com
exceção dos lucros
que nos dá, é claro.
— Eu também,
Marcelo, mas ando
preocupado com a
saúde de Marília.

Não se esqueça de que nossos lucros dependem do bem-estar dela.

— Tem razão, vou ficar mais atento — afirmou Marcelo, colocando um fim no assunto.

Naquele momento, Marília, sentada preguiçosamente na sala de seu apartamento, saboreava uma xícara de café enquanto consultava sua agenda.

— Meu Deus, dois clientes no final do dia... Estou tão cansada que gostaria mais de voltar para a cama e lá ficar o dia inteiro.

Sentiu-se tentada a desmarcar os compromissos, mas logo a "mosquinha da coça" deu-lhe uma mordidinha, e ela

repensou.

Não faz sentido cancelar. São clientes milionários que vêm de longe. É melhor não perder essa oportunidade. Vou tomar um banho reconfortante, descansar e logo estarei em forma. Seria imprudência passar meus melhores clientes para minhas "modelos" sem correr o risco de começar a decair. Às dezesseis horas estarei linda para receber o primeiro.

Levantou-se de novo, jogou-se na cama e fechou os olhos. Trouxe à sua frente à figura de Luiz. Que noite linda passei com ele! Acho que sempre o amei de verdade, só não consegui me dar conta dessa

realidade. Agora, infelizmente, é tarde demais. Tomou uma decisão.

No final deste ano vou largar minha profissão e voltar para minha cidade, para tentar construir uma nova vida ao lado de Luiz. Tenho dinheiro suficiente para sustentar meus caprichos, quanto a isso não preciso me preocupar. Abandonou seus pensamentos ao ouvir o som estridente do telefone.

— Marília? — ouviu a voz de Marcelo. — Você não sabe com quem fechei agora um encontro com você.

— Com quem? — indagou, sem muito ânimo.

— Lembra-se daquele empresário

espanhol?

— Como não me lembrar de um homem tão bonito e cavalheiro como ele?

— Pois Juan que chegou ontem ao Brasil e retorna amanhã cedo para a Espanha. Ele quer se encontrar com você ainda hoje.

— Sinto muito, Marcelo, mas não vai dar. Sabe que não gosto de me exceder e já tenho dois encontros marcados.

— Marília, ele disse que paga o dobro, mas quer vê-la hoje.

— Sendo assim, não dá para recusar. Tudo bem. A que horas?

— As vinte e duas, pode ser?

— Claro tudo bem.

Faltando uma hora para o encontro com Juan, depois de haver

estado com outros dois, Marília sentiu um ligeiro mal estar. Tomou outro banho e em seguida um remédio qualquer, acreditando ser o cansaço o causador do desconforto. Sem dar maior importância ao fato, aprontou-se e ficou à espera de seu admirador.

Terminado o encontro no início da madrugada, tornou a sentir o incômodo, dessa vez um pouco mais acentuado. Ficou preocupada. — Vou ligar para Marcelo — decidiu. Assim o fez. Do outro lado da linha, ouviu-o atender, irritado. — Você ficou doida?! O que quer a esta hora? Já a proibi de ligar para minha casa. Espero que seja realmente algo

importante para ter
a ousadia de me
acordar assim!

— Não estou bem,
Marcelo, preciso ir
ao médico.

— Médico? A esta
hora da madrugada,
só pode estar
maluca! Não posso
sair agora, o que
vou dizer para
minha mulher?

— Nem imagino
Marcelo. A única
coisa que sei é que
preciso ir a pronto-
socorro, pois não
estou bem.

— Vá se deitar e
tente dormir;
amanhã logo cedo
irei vê-la. — E
desligou, deixando
Marília sem saber o
que fazer.

Lembrou-se de
Daniel e fez a
ligação.

— Tente relaxar um
pouco, Marília, você
trabalha demais.
Prazer também

cansa minha amiga.
Nesse momento,
Marília entendeu que
não tinha ninguém a
quem recorrer.

— Não tenho
amigos. Meus sócios
só se interessam
pelo dinheiro que
ganham com o meu
trabalho, e os
outros, apenas pelo
meu corpo.

Pela primeira vez,
ela se sentiu sozinha
e tomou consciência
do mal que fazia a si
mesma.

Pensou em Luiz.

— Como fui tola em
abandonar o,
homem que me
amou de verdade!
Deitou-se e tentou
adormecer.

Júlia, assim que
retornou de sua
viagem de núpcias,
se instalou em uma
pequena, mas

graciosa casa,
próxima à de seus
pais.

Retomara suas
atividades com a
comunidade e
prosseguia sua
caminhada de
fraternidade,
espalhando ao seu
redor todo o bem
que podia fazer.

Carlos admirava
a esposa e apoiava
todos os seus
projetos, sempre
direcionados para
beneficiar o
próximo.

Marta escondera
de Júlia o que
acontecera entre
Marília e Luiz, assim
como a maneira
como a filha fora
embora. Não queria
aborrecê-la no
momento especial
que vivia, nem
queria falar nada
sobre Marília,
receando
pensamentos

desagradáveis sobre sua filha. Apenas ela e Antunes tinham conhecimento do caso.

Certa tarde em que Júlia visitava seus pais, conversando sobre seu casamento, comentou como Marília continuava bonita.

— Ela não mudou nada, sempre elegante e atraente.

— Tem razão, filha, sua irmã está como sempre foi.

— Estive falando com Carlos sobre a possibilidade de irmos todos visitá-la na capital. Fazer-lhe uma surpresa. O que a senhora acha mãe?

Marta, desconcertada, não sabia o que responder, e tentou desconversar:

— Talvez não seja o

momento certo.

— Momento certo? O que é isso, mãe?

Sempre sonhou visitá-la, e agora diz que não é o momento certo.

Marília veio ao meu casamento, deixou seu endereço... E a senhora não quer mais ir a sua casa? Desculpe-me, mas não a compreendo.

Marta não tinha como se justificar.

Júlia voltou a questionar, logo que percebeu o embaraço de sua mãe:

— A senhora tem o endereço de Marília, não tem?

Diante do silêncio de Marta, Júlia, sempre perspicaz, tirou suas conclusões:

— Já posso imaginar o que aconteceu.

Marília enrolou e não deixou seu endereço. Por favor,

mãe, conte-me o que houve. Não adianta tentar esconder nada de mim, pois conheço muito bem a minha irmã.

— Não aconteceu nada, pare de cismar com Marília.

— Verdade que não aconteceu nada, dona Marta? Pois não acredito. A tristeza que vejo em seus olhos me diz o contrário, trai a senhora. — Segurou entre as suas as mãos da mãe. — Confie em mim. Conte-me o que aconteceu depois que parti. Bobagem esconder o que seus olhos me dizem.

Como uma criança, Marta enxugou algumas lágrimas que caíam discretas, em seu rosto, e pôs Júlia a par de tudo.

— Ela teve coragem de ficar com Luiz, traindo o marido?!

— Sim, Júlia.

— Marília está passando todos os limites da prudência e do bom senso; age como uma pessoa completamente leviana. E ainda teve coragem de enganar a senhora, indo embora na surdina!

— Receio pelo que ela possa estar fazendo, Júlia.

— Temos que ter receio mesmo, mãe. Alguma coisa há que ela não quer que saibamos.

Diante do choro mais intenso de sua mãe, Júlia abraçou-a tentando acalmá-la:

— Fique tranqüila.

Eu e Carlos vamos dar um jeito de descobrir o paradeiro dela e o que vem fazendo

com sua vida.

— Obrigada, minha filha. Você sempre foi um anjo.

— Não, mãe, anjos são vocês, que me deram educação, amor e me ensinaram a ter limites com exemplos de amor e respeito.

— E Marília? Por que não aprendeu, como você?

— Ela apenas está usando o livre-arbítrio de forma errada, enganosa. A responsabilidade é dela, vocês estão isentos de culpa, pois sempre ensinaram o bem. E da lei, mãe, que cada um colha o resultado do seu plantio. Foi isso o que Jesus ensinou, e Marília não vai fugir à regra.

— Estou mais aliviada, Júlia. É

muito bom poder
dividir nossas
aflições com alguém
em quem confiamos
desafogar nosso
coração.

— Como lhe disse,
fique tranqüila.
Conversarei com o
Carlos e
arranjaremos um
meio de encontrar
Marília.

Marília a cada dia
sentia-se mais fraca
e desanimada.

O médico que a
examinara
diagnosticara uma
virose. Pedira-lhe
alguns exames,
temendo uma
infecção. Assim que
ficaram prontos os
resultados, ela
retornou ao
consultório,
acompanhada de
Marcelo. Qual não
foi seu espanto ao

ouvir do doutor o diagnóstico: soropositiva. Marília era portadora do vírus HIV...

Marília desmaiou.

Atendida prontamente, mal conseguia ouvir as orientações que o médico lhe passava:

— No seu caso, Marília, a doença já se manifestou. Está com a imunidade muito baixa.

— Como sabe?

— Através da contagem dos linfócitos CD4 e carga viral. Eles me dão a idéia de como está à defesa do seu organismo, e infelizmente não é nada boa. A enfermidade já se manifestou, e sua baixa imunidade é responsável pela infecção importante da qual sofre.

— Não quero ouvir

mais nada! — disse
Marília, e saiu do
consultório
arrasada.

Marcelo, ao alcançá-
la, lhe disse
impiedoso:

— Chegou o fim de
sua carreira, Marília.
Você sabe que não
podemos trabalhar
com pessoas
doentes, que
colocariam em risco
os clientes.

— O que vou fazer
agora?

— Isso é um
problema seu,
minha querida. Você
tem dinheiro
suficiente para se
tratar, mas eu não
tenho dom para
enfermeiro.

Terminamos aqui.

Marília, caindo
das nuvens,
compreendeu que
sua ilusão chegara
ao fim da maneira
mais cruel.

Alcançara o limite da

própria ilusão; ou voltava para a realidade da vida ou se precipitava no abismo de seus sonhos irreais e desfeitos.

Marcelo continuou:

— Vou cancelar seus encontros. A partir deste momento é com você, faça o que achar melhor. Mas, se continuar, será por sua conta e risco.

— Marília, o que faz seu dinheiro guardado no banco? Este é o momento de usá-lo com algo mais sério e importante.

Financeiramente você não está na rua da amargura, possui mais que o necessário para se cuidar.

Marília percebeu que a partir daquele instante estava completamente só.

Marcelo e Daniel nada fariam para ajudá-la, pois para eles não passava de um corpo que se tornara fonte de dinheiro fácil.

O que farei meu Deus? Meus sonhos ruíram, minhas ilusões desabaram sobre minha cabeça, e a solidão, daqui para frente, será minha única companheira, mesmo rodeada por inúmeros empregados. Dei importância apenas ao meu corpo, e até ele me traiu, pensou ela.
Ao chegar a casa, chorou até adormecer de cansaço.

Após tomar conhecimento de tudo o que Júlia lhe

contara, Carlos teve uma idéia que acreditava ser muito boa:

— Vou telefonar para Marcelo sem me identificar. Direi que sou um velho amigo de Marília, que estou na cidade e gostaria muito de revê-la. O que acha?

— Você deve tentar meu amor, pode dar certo. Quero muito amenizar a angústia dos meus pais.

No dia seguinte, Carlos colocou em prática o plano que imaginara:

— Marcelo, aqui quem está falando é um velho amigo de Marília. Cheguei à cidade há dois dias e gostaria muito de encontrar-me com ela. Sei que ficará feliz em me rever. Esqueci-me de trazer seu endereço. Você poderia fazer a

gentileza de
fornecê-lo?

— Sem problemas,
senhor...

— Antônio.

— Senhor Antônio,
devo avisá-lo,
contudo, de que
Marília não está
atendendo mais.

Carlos sentiu
como se tivesse
levando uma tapa
no rosto, tal o susto
que levou com a
colocação de
Marcelo. Querendo
saber mais, insistiu:

— Como assim? Por
quê?

— Ela vai fechar a
agência, e estou
cancelando todos os
seus encontros. Não
está sendo fácil, pois
os fregueses usuais
estão revoltados.

Marília é muito
requisitada. Afinal, é
uma bela mulher, e
tem sempre a
agenda lotada.

— Perdoe-me a

insistência, mas o que houve para ela tomar essa decisão?

— Está doente.

Contraíu o vírus HIV, e a doença já se manifestou.

Carlos precisou se segurar para não deixar escapar toda a sua indignação.

Com o propósito de alcançar seu objetivo, continuou:

— Mesmo assim gostaria de me encontrar com ela. Somos muito amigos. Poderia dar-me o endereço?

— Tudo bem, pode anotar.

Assim que teve a informação nas mãos, Carlos desligou o telefone, sentou-se ao lado de Júlia e, com profunda tristeza, disse-lhe:

— Querida, consegui o endereço, mas prepare-se para o

pior.

— Por que diz isso?
O que está
havendo?

Ao tomar
conhecimento do
que se tratava Júlia,
em um primeiro
impulso, chorou
todas as lágrimas
possíveis.

— Minha irmã é uma
garota de programa,
não é possível! —
exclamou,

indignada. — O que
vamos fazer Carlos?

— O que é certo.

Contar a verdade a
seus pais, e em
seguida ir até a
capital buscá-la.

— Eles morrerão de
tristeza...

— Não, Júlia, nada
disso. Sofrerão, sim,
mas irão se
agigantar para
cuidar da filha, e nós
os ajudaremos
nessa tarefa.

A reação de
Marta e Antunes não

foi diferente do que esperavam. Depois de darem vazão à angústia que se apossara de seus corações, Antunes disse a Carlos:

— Agradecemos muito a você, meu genro, por nos proporcionar a oportunidade de cuidar de nossa filha. Não concordamos com o que ela andou fazendo e nos entristece muito saber que Marília enveredou por um caminho perigoso e sem dignidade, mas é nossa filha, e tudo faremos para que possa retomar o caminho seguro da moral cristã.

— Não me agradeça seu Antunes. Sou da família, e o que os atinge toca a mim também. Fiz o que deveria ser feito, e

deixo claro que pode
contar conosco em
tudo o que precisar,
em qualquer
situação.

— Esperava isso de
você, Carlos, e mais
uma vez agradeço.
Júlia mereceu se
unir a um homem
tão digno.

— Nós iremos
buscá-la — disse
Júlia.

— Quando?

— Amanhã mesmo.
Sairemos pela
manhã e logo após o
almoço estaremos
lá.

— Quero ir com
vocês — pediu
Marta, chorosa.

— Não, mãe, é
melhor a senhora
ficar. Iremos nós
dois. Acredito que
Marília se sentirá
mais à vontade para
conversar.

— Júlia tem razão,
Marta, é melhor ficar
e esperar. Eles

sabem o que fazer.

— Quero conversar com ela, mãe, saber o que está sentindo e verificar a real intenção dela, porque, se continuar com a teimosia de sempre, muito pouco poderemos fazer.

— Confie em Júlia, dona Marta. Ela sempre sabe o que dizer na hora certa.

— Voltaremos assim que deixarmos tudo resolvido por lá.

— Jesus os acompanhe, meus filhos, e permita que tudo se resolva para a felicidade de todos.

— Agora tente se acalmar, mãe, Marília precisará muito do seu apoio e da sua compreensão. Ela tem um gênio difícil, e não deve estar sendo fácil para

minha irmã admitir
que errou nas suas
ilusões.

— É verdade, Marta,
nossa filha enganou-
se no plantio, e
agora é a hora da
colheita. Não
podemos colher por
ela, mas devemos
ajudá-la a carregar
o peso da
imprudência,
mostrando-lhe que o
sentimento do amor
verdadeiro abre as
portas da felicidade,
ao contrário da
alegria efêmera do
prazer, que, mais
cedo ou mais tarde,
cobra dos incautos
sua leviandade.

— Vão com Deus —
repetiu Marta —,
que tudo aconteça
de acordo com a
vontade de nosso
Pai.

No dia seguinte,

como previsto, Júlia e Carlos seguiram para a capital.

Ao chegarem ao prédio onde Marília morava, espantaram-se com tanto luxo. Subiram até o andar indicado pelo porteiro e, antes mesmo que tocassem a campainha, a porta se abriu e saiu um homem bem-vestido, que, se voltando, disse a alguém que deveria estar do lado de dentro:

— Até outro dia, garota. E pare com a conversa de se aposentar, porque não vou aceitar. Sabe que quero você, e para isso pago o que for preciso.

A porta se fechou sem que eles ouvissem resposta. Júlia precisou de

algum tempo para se recompor, tal o susto que levou ao confirmar o que temiam.

Carlos, atencioso, passou o braço pelo ombro da esposa.

— Vamos, meu bem, estamos aqui e precisamos ir até o fim.

— Tem razão, Carlos, toque a campainha.

Esperaram alguns minutos, e foi à própria Marília quem atendeu, longe de imaginar a surpresa que teria.

Vestia um robe azul-claro. Os cabelos estavam soltos, e o rosto, completamente limpo, sem nenhuma maquiagem. Linda como sempre.

— O que vocês estão fazendo aqui?!

— perguntou,

embaraçada.

Foi Carlos quem
respondeu:

— Viemos buscá-la,
Marília.

— O quê?

— Isso mesmo que
você ouviu —
completou Júlia.

— Como
descobriram meu
endereço?

— Isso não importa
Marília. O
importante agora é
levá-la daqui o mais
rápido possível.

— Não me lembro
de ter pedido nada a
você.

— O seu orgulho
não iria permitir que
pedisse, por isso
tomamos a
iniciativa.

— Não vai nos
convidar a entrar? —
Carlos indagou.

— Desculpem.
Entrem, por favor —
convidou Marília,
com timidez.

Ao entrar não

puderam deixar de observar o requinte da decoração do apartamento, fruto do trabalho leviano e da grande ambição de Marília.

— Parabéns. Sua casa é muito elegante. — Carlos sorriu-lhe.

Júlia, não contendo sua indignação, revidou:

— Mas fruto da vaidade, do desejo e da volúpia; conseqüência da imprudência e da leviandade de Marília.

— Júlia!

— É verdade, Carlos. De que adianta todo esse luxo, Marília, se os ensinamentos de nossos pais ficaram perdidos lá atrás, sufocados na ilusão boba e sem conteúdo de uma menina vaidosa e

prepotente?
— Júlia! — Carlos tornou a exclamar, espantado com a atitude da esposa.
— Confirmo tudo o que disse. Chegou a hora da verdade, minha irmã. Qual é, na realidade, o seu trabalho? Que agência é essa que ninguém conhece nem nome têm? Pelo que acabamos de ver minutos atrás, só podemos tirar uma conclusão: trata-se de uma agência de garotas de programa. E isso dá cadeia, Marília!

Marília permanecia silenciosa e envergonhada. Sabia que sua irmã estava certa, coberta de razão. Comprometera seu futuro, e, quanto ao seu passado, sabia

ser impossível
apagá-lo.

Carlos aproximou-se
de Júlia para lhe
dizer:

— Chega, meu bem,
ela já ouviu o
necessário.

— Não, Carlos, não
ouviu. — Voltando-
se para a irmã,
seguiu em frente: —
Marília sabemos
tudo o que está
acontecendo com
você, ou seja, que
está doente. Viemos
buscá-la para viver
conosco, retomando
a postura digna de
gente de bem, em
meio à família
construída com
muito amor pelos
nossos pais. Mas de
nada adiantará se
você não reformular
seus conceitos, sua
maneira de encarar
a vida, querendo
preservar sua
integridade física e
moral e voltar a ser

aquela menina
mimada, sim, mas
que corria alegre
pelos campos dos
girassóis. Para que
isso aconteça, minha
irmã terá que mudar
seus valores e
aprender a respeitar
o próximo, e
principalmente a si
própria. A beleza
maior, e que não
acaba com o passar
do tempo, é a
beleza da alma, e é
para ela que se deve
dar maior atenção.
Por isso, pergunto:
quer voltar conosco
e retomar sua vida
de dignidade ao lado
de seus pais e
irmãos, que a amam
e querem a sua
felicidade ou prefere
continuar
alimentando os
sonhos e ilusões
vazias que lhe
trouxeram
enfermidade e
solidão? Quer ser

alguém, importante para nós ou prefere continuar na sua posição de objeto de prazer para vários?

— Está sendo muito dura com ela, Júlia! Marília, até então em silêncio, respondeu:

— Não, Carlos, ela não está sendo dura, mas apenas me mostrando outro caminho. Júlia não disse nada que não fosse à expressão absoluta da verdade, e agradeço por isso. Aproximou-se da irmã e deu-lhe um abraço apertado, como se quisesse se deitar no colo de alguém que de fato a amasse. —

Obrigada, Júlia.

Levem-me com vocês; não sei como sair deste tormento sozinha, mas afirmo que não quero mais. Apenas tenho receio

pelos meus pais.
— Quanto a eles,
fique tranqüila,
estão ansiosos por
tê-la casa. Querem
cuidar de você;
todos nós queremos
Marília.

Retribuindo o
abraço, Júlia passou
as mãos pelos
cabelos da irmã.

— Acalme-se,
Marília, confie
naqueles que nunca
deixaram de amá-la
e estão dispostos a
ajudá-la nesse
retorno. Gostaria
apenas que me
dissessem uma coisa.

— Diga Júlia, peça o
que quiser.

— Conte-nos como
foi que entrou nesse
trabalho, que, mais
que o dinheiro,
provoca marcas
profundas na alma.

Sentaram-se
próximos um do
outro, e Marília
narrou toda a sua

trajetória, desde o dia em que deixara a cidade com Marcelo. E sua descoberta do que realmente era o trabalho que ele dizia ser de modelo. — Marcelo é um mau-caráter — considerou Carlos. — Concordo com você, meu amor. Mas a culpa não foi só dele. Marília não quis enxergar, permitiu que tudo fosse acontecendo, porque considerou mais importante a posição, o brilho, o luxo que proporcionava, do que a própria dignidade. — Júlia tem razão, Carlos, a culpa maior, e talvez única, é minha. Não lutei por mim, e sim por uma conta bancária. Desde nova agi sempre

com imprudência e
leviandade, não
ouvia ninguém, nem
mesmo Júlia, que
tantas vezes
conversou comigo.
Escondi-me atrás de
minha beleza,
esqueci-me de que
tudo passa e
somente nosso
aprimoramento
moral é definitivo.
Peço perdão e ajuda
— completou Marília
com humildade.
— Muito bem, tudo
ficou explicado. Você
se posicionou em
favor da mudança,
conscientizou-se do
abismo no qual se
meteu. Acredito eu
que seu desejo de
se transformar seja
verdadeiro e que
pretende mesmo
retomar sua vida
que ficou lá para
trás. Sendo assim,
vamos tomar as
primeiras
providências e

retornar o mais
breve possível.

— Júlia, explique-me
apenas como
conseguiram me
encontrar, se nunca
dei meu endereço,
justo pelo medo de
que isso
acontecesse.

Carlos falou de seu
telefonema e a
conversa que teve
com Marcelo.

— Vamos colocar
uma pedra sobre
tudo isso, Marília.

— Júlia, tenho medo
dos moradores da
nossa cidade, que
ao saberem dos
fatos, irão me
desprezar. Ficarei
falada e humilhada.
Estou perdida!

— Eles ficarão
sabendo se nós
contarmos, querida,
e é claro que não
faremos isso. Nem
Felipe e Rafael têm
conhecimento dessa
história. Você voltou

e pronto.

— Tornei-me a vergonha de nossos pais! — exclamou Marília.

— Não vou dizer a você que eles estão felizes com essa situação, porque não seria a verdade.

Sofrem muito, e seria de estranhar se agisse diferente; mas o amor por você é maior que as lágrimas que derramam, e os dois anseiam tê-la perto para ajudá-la a se reerguer.

— Júlia, por que essas coisas acontecem com as pessoas? Como me deixei levar por tanta ilusão, por tanto sonho? Sou a pior cega, aquela que não enxerga porque não quer.

— Marília, muita coisa acontece com as pessoas porque

os homens andam distraídos e prestam atenção somente a seus interesses, deixando de lado os valores morais e espirituais, que nos fazem perceber outras pessoas caminhando como nós na grande casa de Deus. Nós nos aproximamos de Jesus através do bem que fazemos ao nosso próximo, do exercício da fraternidade, e não da satisfação de nossos próprios desejos, nem sempre louváveis.

— Eu sou uma dessas pessoas!

— Chegou ao limite da sua ilusão, minha irmã. Agora só você poderá reverter essa situação que criou.

Mas tenha muito cuidado para não cair na auto-compaixão, não se

julgar vítima de um sistema, porque a porta de entrada quem abriu foi você.
— Não sei como começar, Júlia.
— Comece com a mesma determinação com a qual sempre lutou para alcançar o que considerava felicidade. Use-a agora para transformar essa aflição em aprimoramento moral, crescimento espiritual. Sua experiência lhe dará o rumo certo, mais seguro. Porém, para que tudo isso aconteça dentro do equilíbrio, é necessário querer com firmeza; haver conscientização do engano cometido e entender que os sonhos equilibrados e justos trazem e representam

crescimento
evolutivo do ser na
questão física e
espiritual. Passe,
Marília, a sonhar em
se tornar uma
pessoa melhor e lute
com todas as forças
para que isso
aconteça. Inicie
compreendendo que
ouvir conselhos não
significa obedecer a
ordens, e passe a
escutar as vozes que
lhe querem bem.
Marília e Carlos
ouviam atentos e
impressionados com
a sabedoria de Júlia.
— Querida,
agradeço a Deus por
tê-la conhecido e me
apaixonado por
você.
— E eu fui tola o
suficiente para não
ouvi-la... — concluiu
Marília.
— Não se deixem
enganar, não sou
sábua. Tento apenas
colocar em prática o

que estudo no
Evangelho de Jesus.
Conhecer Jesus e
não segui-lo é
apagar a luz do
próprio caminho.
Deus deu a todas as
Suas criaturas o
livre-arbítrio, ou
seja, podemos
escolher o caminho
que queremos
seguir, mas nem
sempre fazemos a
opção certa, nem
sempre pisamos em
terreno fértil. A
decisão sempre será
nossa, mas é
verdade que cada
um irá colher os
frutos da árvore que
plantou; é da lei.
Mas cobertos pelo
amor e plena
misericórdia de
Deus, sempre
teremos a chance de
recomeçar quantas
vezes forem
necessárias. A cada
tombo sairemos
mais fortalecidos se

compreendermos
que a culpa é toda
nossa na ação de
empregar mal o
nosso livre-arbítrio,
por termos
permitido que a
imprudência e a
leviandade
exercessem
presença forte nas
decisões.

Marília, não podendo
agüentar mais, caiu
num choro
convulsivo.

— Marília, não se
desespere. Esse
caminho chegou ao
fim tudo dará certo.

— Eu sei Carlos.
Minhas lágrimas são
porque sei que estou
no fim, não só desse
caminho, mas
também da minha
vida.

— Por que diz isso?!

— Estou com AIDS,
meu cunhado. Não
sou somente soro
positiva. A doença já
se manifestou.

— Nós já sabemos Marília, mas nem tudo está perdido. Hoje os tratamentos são mais eficazes, vamos confiar. Lutaremos contra essa doença.

— Marília, sabe que pode contar conosco. Usaremos de todos os esforços em seu tratamento. Ajudaremos você a passar essa fase com dignidade.

— Agradeço muito a você e a Carlos. Sei que não mereço o que estão fazendo por mim, mas mesmo assim agradeço muito mesmo, e aceito o auxílio.

— Bem, já falamos tudo o que era necessário. Vamos agora decidir as coisas práticas. O que pretende fazer com seu patrimônio?

— Penso ser mais

prudente vender tudo, Carlos. Não pretendo mais voltar a esta cidade, porque não quero que vejam a minha decadência.

Júlia interferiu de novo:

— Marília, você está enganada, invertendo os valores. Está saindo da decadência e entrando na dignidade espiritual e moral.

— Só preciso de um tempo para coordenar minhas idéias, modificar meus conceitos, como você disse, e me transformar em uma pessoa melhor.

— Claro, meu bem, ninguém muda de uma hora para outra. O importante é se conscientizar da necessidade da mudança e querer mudar.

— Eu quero Júlia,
pode confiar em
mim.

— Confio em você,
Marília. Sei que é
uma boa menina,
apenas se enroscou
ao redor de si
mesma e se viu
presa na própria teia
da inseqüência.
Mas sempre há uma
saída para aqueles
que confiam e se
esforçam para
seguir Jesus.

— Posso lhe dar um
beijo? Não tem
medo?

— Medo de quê?

— De se contaminar.

— O que é isso,
Marília? Beijo não
contamina.

Abraçaram-se
fraternalmente.

— Carlos, poderia
cuidar dos negócios
para mim?

— Marília, só
poderei fazer isso
através de uma
procuração.

— Eu sei, vamos até o cartório, e passarei uma procuração para você com plenos poderes para fazer o que achar melhor.

— Você confia nele, irmã?

— Evidente que sim, Júlia, plenamente.

Nos quatro ou cinco dias que se seguiram, tomaram todas as providências necessárias para o andamento dos bens de Marília.

Na manhã ensolarada de uma quinta-feira do mês de outubro, Marília despediu-se da capital, levando suas coisas pessoais nas malas e seus sonhos e ilusões desfeitas no coração sofrido.

**Quando se
inicia a vida**

**sexual, deve-se
fazê-lo com
responsabilidade,
sem transformar o
corpo na fonte
única de prazer,
mas sim no
instrumento de
completa
integração física e
espiritual com o
ser que se ama.
Deve-se dar ao
amor sua real
dimensão; quando
se age assim,
cuida-se da saúde
e preserva-se a
integridade moral
da própria pessoa
e daquele que se
lança com ela
nesse sentimento.**

**Agir com
equilíbrio e
sensatez é trazer
felicidade para a
própria vida;
permitir o abuso,
o desregramento
e o vício é abrir
espaço para as
doenças, a**

**infelicidade e o
sofrimento do
corpo e da alma.
(Irmão Ivo)**

**Capítulo XII
Brilha a luz em
uma alma ferida**

Marília chegou de volta à pacata cidade onde nascera cabisbaixa e insegura. O lugar que tanto desprezara seria agora o palco de uma colheita de sofrimento.

Embora seus corações estivessem sangrando uma dor profunda, Marta e Antunes receberam a filha com os braços aconchegantes e um sorriso que reconfortava o coração de Marília,

que mal suportava o medo que sentia do futuro.

— Filha! — disse Marta, abraçando-a com carinho. — Que grande bênção poder tê-la de novo conosco!

— É verdade, filha, sua mãe tem razão. Estamos felizes em reunir nossa família outra vez. Seu lugar sempre foi aqui, do lado daqueles que a amam e querem estar com você em qualquer circunstância. — Abraçou-a e fez menção de beijá-la, mas Marília instintivamente o repeliu.

Surpreendido, Antunes indagou: — Por que isso? Um pai que esperou tanto por este momento não pode beijar a filha que ama?

— Quero apenas preservá-lo, pai. É mais prudente não ter nenhum contato comigo, o senhor deve saber o que quis dizer. É perigoso.

Amorosamente, Antunes pegou-a pelas mãos, fez com que se sentasse a seu lado e lhe disse:

— O beijo não é transmissor do vírus; só no caso de se ferida na boca. A quantidade de vírus na saliva é mínima, portanto, deixe-me beijar o rosto de minha menina querida e dê-me a alegria de receber um beijo seu filhinha.

Marília fechou os olhos e, emocionada, recebeu o beijo de seu pai.

— Como o senhor sabe que o beijo não

contamina?

Perguntou em seguida.

— Porque desde que soube desse problema procurei me informar, só isso.

— Quer dizer que posso tocar as pessoas e beijá-las no rosto?

— Claro filha. A transmissão se faz pelo contato com sangue contaminado, através da secreção vaginal e do esperma do homem, e também do uso das drogas, quando se compartilham agulhas e seringas. AIDS não se pega no toque. Entretanto o simples toque pode dizer àquele que o recebe que o amamos sem julgamento ou preconceito; o que queremos é o seu

bem-estar, porque ele é importante para nós. Fique confiante, minha filha, amanhã mesmo sua mãe e eu a levaremos ao nosso médico. Ele lhe explicará tudo direitinho. Você não ficará desamparada, tudo faremos para auxiliá-la nesse momento difícil.

— O que importa minha irmã — disse Júlia —, é não perder a fé em Deus; é aliar o tratamento físico à esperança e à fé. Confie no Divino Amigo e se entregue livre ao amor de Deus.

— Ajudem-me — suplicou Marília, chorosa. — Quero sair desse vendaval que me arrasta; esquecer o que fiz e o que sou. Perdoem-me!

— Filha, no coração que tem fé não cabe o desespero, mas sim a esperança de que tudo poderá se transformar se assim o quisermos. O que está feito não se pode mudar, mas pode-se impedir a repetição das atitudes ruins, que muitas vezes tomamos por cegueira espiritual.

— Eu quero mudar, pai.

— Então conseguirá.

— Mas e a doença? Como vencê-la?

— A enfermidade, minha filha, é a fermentação de muitas existências vividas desregradamente. É a resposta, a conseqüência. Por isso, às vezes a dor é a própria cura.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que ela se instalou

porque alguma porta
foi aberta. Vamos
lutar para vencê-la,
mas, se não
acontecer à cura,
não se pode
amaldiçoar nada,
porque não sabemos
a importância da dor
e do sofrimento na
nossa evolução
espiritual e na
recuperação da
nossa alma.

Concluimos Marília,
que as dores e as
aflições da nossa
vida são as
respostas dos atos
infelizes que
praticamos.

Júlia levantou-se e,
tentando trazer
alegria para o
ambiente; , disse,
com um sorriso nos
lábios:

— Vamos encerrar
esse assunto. Sugiro
fazermos uma prece
ao Senhor para que
nos ampare e nos
fortaleça a fim de

enfrentarmos nossos
problemas com
dignidade cristã.
Todos concordaram.
Deram-se as mãos e
oraram.

Senhor de todos os
mundos
E de todos os seres,
Enfraquecidos
estamos porque
temos medo.
De nos perder nesse
sofrimento
Que julgamos não
suportar.
Venha em nosso
auxílio, Senhor,
Ajude-nos a limpar
da nossa alma
Os sentimentos
menores que
porventura venham
A nos atirar na
indignação.
Clamamos por Sua
piedade.
Socorre-nos!
Confiamos no
Senhor
E mergulhamos na
certeza de que o

amparo virá.
Fechamos nossos
olhos à dor
E abrimos nosso
coração para
aquecê-lo
No sopro doce do
Seu amor.

Dez dias se
passaram sem que
Luiz fosse visitar
Marília. Instalada
em seu antigo
quarto, ela
repousava,
convalescendo da
infecção que abalara
sua saúde.

Sempre que se
encontrava a sós,
seus pensamentos
brincavam em sua
mente confundindo-
a e provocando-lhe
ansiedade e
angústia.

— O que será de
mim daqui em
diante? — indagava
a si mesma. — Que
futuro me aguarda?

Nesses
momentos, lágrimas
amargas desciam
pelo seu rosto.
Como fui tola,
caprichosa e frívola!
De que vai me
adiantar agora essa
beleza se meu corpo
está saturado de
tanta futilidade e
falta de respeito
comigo mesma?
Pensava ela.
Marta, entrando em
seu quarto,
interrompeu as
divagações da filha:
— Com se sente
hoje? Está melhor?
— Aos poucos vou
melhorando, mãe;
graças aos cuidados
da senhora e do
papai. — Esticou os
braços e tomou a
mão dela. — Sente-
se aqui ao meu lado,
por favor.
— Claro filha. O que
foi? Quer me dizer
alguma coisa? Se
quiser, não se

intimide. Diga.

— Mãe, preciso pedir mais uma vez que me perdoe por tudo o que fiz vocês sofrerem. Hoje sei que não tinha o direito de; atingi-los tão impiedosamente e me envergonho demais por isso. Não sei o que fazer para compensá-los por tanta aflição que sentiram por minha causa. Perdoe-me, mãe, perdoe-me! Marta, emocionada, respondeu:

— Minha filha, já conversamos sobre isso, e tudo já foi falado e explicado. Nós já a desculpamos, e creia que será para nós sempre a nossa filha querida. Não se culpe tanto, porque agora o melhor a fazer é lutar a favor da sua recuperação, física, moral e

espiritual.

— Estou deixando me levar pela auto-compaixão, e segundo diz Júlia isso não é bom.

— Ela tem razão, Marília. Em vez de deter sua atenção no passado, olhe para o futuro e selecione seus melhores

pensamentos e sentimentos para sua recuperação.

— O que seria de mim sem vocês? Marcelo me "amava" enquanto era útil para ele, mas ao perceber meu declínio afastou-se sem ao menos prestar auxílio, por menor que fosse. Deixei de existir para ele e Daniel.

— E que foi que ganhou existindo para eles? Eu mesma respondo: nada, a não ser o

dinheiro. E o que vale o dinheiro ganho de maneira menos digna em detrimento dos valores morais que ficaram para trás? Não questione mais isso, filha, siga essa nova etapa de sua vida com confiança e fé no Criador; traga-o para seu coração, de onde Ele nunca deveria ter saído, e Ele enviará auxílio.

— Mãe, Marcelo não terá que prestar contas também?

— Sem dúvida, mas deixe que a vida se encarregará de puni-lo, mais cedo ou mais tarde. Entregue tudo nas mãos de Deus, Ele sabe o que é melhor para cada uma de suas criaturas. Não pense mais em Marcelo; foi por ele que você se precipitou no

abismo.

— A senhora tem razão, vou esquecê-lo de uma vez.

— Mudando o rumo de nossa conversa, vim aqui informá-la de que hoje à tarde iremos ao médico.

— Já marcou consulta?

— Sim. Seu pai e eu iremos com você.

Irá gostar dele; aliás, deve se lembrar do doutor Alcides, pois é nosso médico há muitos anos.

— Claro, lembro-me dele, sim.

— Vou descer e preparar-lhe um suco.

— Obrigada, mãe. Assim que Marta se foi, Marília exalou um suspiro.

— Meu Deus, por que fui tão cega a ponto de não perceber a família que tenho? Vou

levar essa culpa
para sempre.

Na hora
marcada, Antunes,
Marta e Marília
entraram no
consultório do Dr.
Alcides. Após os
cumprimentos e o
minucioso exame
feito pelo médico,
ele conversou com
Marília, explicando-
lhe mais
delicadamente sua
situação.

— Marília, de início
aconselho-a a não
se entregar ao
desânimo, à tristeza
e ao medo. É
importante manter a
confiança e a
esperança. Quero
dizer que seu estado
emocional é de
grande importância.
Vamos dar muita
atenção ao grau de
comprometimento
imunológico, sua
carga viral, enfim,
estará sob nossos

cuidados, mas peço-lhe que controle seu estado emocional e ajude-me a ajudá-la. Veja bem, o vírus HIV ataca o organismo procurando as células e destruindo toda a defesa. A pessoa soropositiva deve se prevenir para evitar a recontaminação, que pode agravar seu estado de saúde. A infecção pelo HIV, se descoberta a tempo, pode ser controlada, o que evitará que evolua para AIDS; mas infelizmente não é o seu caso, porque a doença já se manifestou.

— Quer dizer que é o início do meu fim?

— Somente Deus poderá dar-lhe essa resposta, Marília.

Mas faço-lhe outra pergunta: o que é o

princípio, e o que é o fim?

— Como assim, doutor?

— Marília, quando passamos por uma estrada espinhosa com humildade, aceitando a decisão divina sem revolta e compreendendo que não somos vítimas, e muito menos inocentes, mas sim os responsáveis por nossos atos, com certeza chegamos ao fim dos nossos débitos quitando-os com coragem, e o fim dos nossos débitos equivale ao princípio da nossa elevação espiritual. Veja como o fim e o princípio se mistura, dando-nos oportunidade de entrar vitoriosos na grande casa de Deus.

— Obrigada, doutor, deixou-me mais

calma. Seguirei todas as suas orientações. Lutarei enquanto puder.
— Gostei de ouvi-la. Levantaram-se, e Marília, segurando as mãos de seus pais, deixou o consultório mais animada.

— Quer passear um pouco antes de voltarmos para casa?

— Prefiro voltar, mãe, estou um pouco cansada.

Acomodados no carro e prontos para partir, Marília assustou-se com Luiz, que, se aproximando da janela, disse lhe, seco:

— Soube da sua chegada e preciso muito falar com você. Podemos nos encontrar?

Antes que Marília respondesse, Marta

se antecipou:

— Luiz, Marília não anda muito bem; não é o momento para passear.

— Não estou interessado em passear com ela, dona Marta. Quero apenas conversar um assunto muito importante, e não posso esperar.

— Se é assim, vá até nossa casa. Poderão se falar lá.

— Pode ser amanhã?

— Claro Luiz — Marília respondeu.

— Vá à hora que achar melhor.

— Sendo assim, irei logo após o almoço. Tudo bem?

— Estarei esperando.

Partiram.

Marília ia absorta, pensando que motivo teria Luiz para tratá-la tão secamente e

estar ansioso para encontrá-la. O que terá acontecido, meu Deus? Nosso último encontro, meses atrás, foi maravilhoso. Que razão ele teria para mudar seu comportamento comigo?

No dia seguinte, logo após o almoço, como prometeu Luiz foi até a casa de Marília. Marta recebeu-o e, sempre discreta, deixou-os sozinhos na varanda.

— Luiz, senti saudade de você! Ignorando-a, Luiz, com agressividade na voz, perguntou:
— Por que fez isso comigo, Marília? Pela segunda vez você me atinge impiedosamente.
— O que foi que eu fiz?
— Você não tem que

perguntar o que
você fez, mas
explicar por que fez.
— Meu Deus, o que
está dizendo? Não
tenho a menor
noção do que possa
ter feito de tão ruim
para você, a não ser
amá-lo naquela
noite como nunca
julguei ser possível.
— Não seja cínica!
Irritada, Marília
revidou:
— Chega de me
ofender, Luiz, e diga
de uma vez do que
me acusa.
— Pois vou dizer
com todas as letras.
Foi uma coisa bem
simples, Marília —
disse irônico. —
Você me contaminou
tom o vírus HIV!
Marília empalideceu.

— O que está
dizendo, Luiz?!

— Vou repetir bem
devagar, Marília,
para que entenda

bem e possa se dar
conta do mal que
me fez. Estou
contaminado com o
vírus HIV. Tornei-me
soropositivo através
da insanidade de
uma pessoa
inconseqüente como
você. Compreendeu?
— Como pode ter
tanta certeza de que
foi comigo que se
contaminou?
Estivemos juntos
uma única vez.
— Não seja ridícula!
Tenho toda a
certeza do mundo, e
vou odiá-la para
sempre. Como pode
ser tão ingênuo?
Devia ter imaginado
quem você era, na
realidade, por isso
foi tão fácil levá-la
para a cama.
— E quem eu sou,
Luiz?
— Uma garota de
programa que se
esconde atrás de
uma beleza que

fascina, mas que na realidade apenas camufla sua falta de moral.

— Como pode dizer isso de mim? Não deve falar do que você não sabe.

— Falo do que sei Marília, e não adianta tentar encobrir sua história, porque Marcelo contou-me tudo sobre você.

— Marcelo!

— Sim. Consegui o telefone dele por intermédio de Carlos. Senti-me tão apaixonado depois daquela noite em que estivemos juntos que a única coisa que queria era correr ao seu encontro para pedir-lhe que ficasse comigo para sempre. Marcelo percebeu que eu não sabia nada sobre você e,

querendo impedir-me de cair na sua teia, contou-me toda a verdade, inclusive que você contraíra o vírus. "Você não merece ser enganado" disse-me. "Já foi humilhado uma vez, não é justo que seja de novo." Fiquei enlouquecido. Decepção e medo tomaram conta de meu coração. Custava a acreditar que a mulher que amava não passava de uma garota de programa. Procurei um médico e após os exames que ele pediu constatou o vírus. Sou soropositivo, Marília. A doença não se manifestou, mas o vírus está no meu sangue, vindo da única mulher que amei na vida e que é a causadora do meu

sofrimento, passado
e presente.

— Luiz, perdoe-me.
Só posso dizer que
quando ficamos
juntos não sabia ser
portadora do vírus.
Jamais teria
cometido ato tão vil
se tivesse
conhecimento disso.
Fiquei com você por
amor.

— Não sei se o que
me dói mais é ter o
vírus no meu sangue
ou saber que você
se tornou uma
garota de programa
cujo trabalho é dar
prazer para quantos
pagarem.

Marília baixou a
cabeça,
envergonhada.

— Sei que não
mereço perdão,
mas, se algum dia
achar que está
preparado, me
perdoe, Luiz.

— Por que estragou
sua vida dessa

maneira? Que
sonhos são esses
que jogaram você
no abismo da
amargura?

— Desculpe-me,
mas não quero mais
falar sobre isso. Já
sofri demais. É o
meu passado, e não
vou poder mudá-lo.
Mas posso, e vou
cuidar do meu
futuro para ter a
chance de, mesmo
sozinha, tentar ser
feliz.

— Você destruiu sua
vida e a minha.
Poderíamos ter sido
felizes se a sua
teimosia e vaidade
não tivessem
ocupado o lugar
mais alto.

— Já pedi perdão; e
é a única coisa que
posso fazer. Não
quero e não vou
mais falar sobre
minha vida, e não
dou a ninguém mais
o direito de vir

questionar o que fiz
dela, a não ser
minha família.
Portanto, nos
despedimos aqui.
Até outro dia, Luiz.
— Até nunca mais,
Marília, não quero
tornar a vê-la. Faça
da sua vida o que
quiser e achar
melhor. Espero que
consiga ser feliz, se
a sua consciência
deixar.

Virou-lhe as
costas e partiu sem
perceber as lágrimas
que molhavam o
rosto de Marília,
quando ela
constatou mais uma
vez seu erro.
Atingira com sua
inconseqüência um
homem como Luiz.
— Meu Deus, que
peso vou carregar
nos ombros...
Quantas pessoas
não devem ter se
contaminado através
de mim? Não podia

imaginar que era soropositiva. Que imprudência me relacionar com os outros sem a devida precaução. Se houver outras vítimas, que elas possam me perdoar. Lembrou-se de que tempos atrás, assim que chegou a capital, Marcelo insistira para que se operasse evitando uma gravidez indesejada, que poderia prejudicar sua carreira de modelo.

— Como não percebi a verdadeira intenção dele? Evitei uma gravidez e esqueci-me das doenças sexualmente transmissíveis. E hoje sou a única que sofre pela imprudência e leviandade de outrora. Que Jesus

possa me perdoar,
porque eu mesma
não me perdoei.

Marta, percebendo a
inquietação da filha,
aconselhou:

— Vá se deitar um
pouco. Precisa
descansar, está
ainda muito fraca.
Seguindo o conselho
da mãe, Marília
recolheu-se em seu
quarto.

— Antunes,
preocupo-me com
ela. Penso que já
era para estar
melhor, mais forte,
mais disposta.
Entretanto, acho
que ainda tão
fraquinha...

— Está seguindo as
recomendações do
doutor Alcides?

— Rigorosamente.

— Deve ser assim
mesmo. Essa
doença é muito

grave.

— Você percebeu
como Marília
emagreceu?

— Percebi Marta, e
acho melhor aceitar
que seu estado é
grave. É uma luta
constante, mas não
podemos perder a fé

— Isso não Antunes,
jamais.

Passados quatro
meses, Marília
contraiu outra
infecção que a
deixou mais
debilitada ainda.
Magra e abatida,
passava longos
momentos em
silêncio.

Certa tarde, Carlos e
sua mulher
chegaram
sorridentes à casa
dos pais de Júlia.

— Que alegria é
essa?

— Tenho boa notícia

para você, Marília.

— Para mim? Diga o que é, Carlos.

— Até que enfim finalizei as negociações do seu patrimônio. Tudo vendido e devidamente acertado. O dinheiro recebido já está depositado em sua conta.

— Conseguiu vender tudo a vista?

— Isso não foi possível, Marília, em virtude de a quantia ser muito elevada, mas os imóveis de menor valor, esses sim, foram vendidos a vista. Os outros, com uma entrada e parcelas mensais. No prazo de um ano terá tudo quitado. Fiz o melhor que pude.

— Fez muito mais do que eu esperava, Carlos. Ótimo trabalho. Vamos

acertar agora sua comissão.

— Não fiz nada com o intuito de ganhar comissão; minha intenção foi apenas ajudá-la a colocar um ponto final nessa história.

— Não acho isso justo. Você perdeu seu tempo, deixou seu trabalho para cuidar das minhas coisas, empenhou-se ao máximo para resolver minhas questões. Gostaria de recompensá-lo.

— Agradeço, mas realmente não me sentiria bem. Fiz por você, e alegro-me que tenha ficado satisfeita.

Marília calou-se, e um pensamento lhe ocorreu: Ele não aceita porque com certeza considera um dinheiro sujo. Será que Carlos tem razão?

Novamente
dirigindo-se ao
cunhado,
perguntou-lhe:
— Você se
importaria de cuidar
de tudo para mim?
Não tenho
condições, e acho
que não voltarei a
ter.

— Não diga isso
Marília, é preciso ter
esperança.

— Mas também é
preciso ser realista.
Não quero me iludir,
prefiro encarar a
verdade. Você
aceita, Carlos?
Carlos olhou para a
esposa, e Júlia
balançou a cabeça
afirmativamente,
querendo dizer:
"Aceite".

— Tudo bem,
Marília, se acha
mesmo necessário,
farei o que me pede.

— Acho necessário e
confio plenamente
em você.

— E o que pretende fazer, Marília? — perguntou Júlia.

— Ainda não sei, mas a recusa de Carlos fez-me pensar em algo de que até então não havia me dado conta. Gostaria de conversar a respeito com você.

— Quando você quiser.

— Daqui a alguns dias falaremos disso. Quero amadurecer a idéia.

— Você é quem sabe, minha irmã.

A partir desse dia, Marília começou a pensar que poderia dar uma finalidade mais útil àquele dinheiro, que parecia incomodar a sua família por ter sido ganho à custa de sua dignidade.

Certa tarde, enquanto conversava com sua

mãe e Júlia, indagou à irmã:

— Você, que sempre gostou de ler, poderia selecionar alguns livros para mim. Quero tentar ser uma pessoa melhor, e creio que os livros poderão me auxiliar nesse processo. Cresci vendo-a estudar o Evangelho, nunca entendi o porquê de tanta leitura, mas hoje penso diferente. Imagino que se fez bem para você fará para mim também. Dizem que tudo acontece na hora certa; talvez a minha tenha chegado.

— Claro que posso lhe trazer alguns livros, Marília, e alegro-me muito o seu interesse.

Amanhã mesmo estarão em suas mãos.

Marta e Antunes, que haviam se afastado, observavam tudo em silêncio. Embora se esforçassem para não deixar transparecer, sofriam com a situação de sua filha.

— Antunes, acredito que dessa vez Marília irá percorrer o caminho certo.

— Deus a ouça, Marta. Nunca é tarde para reavaliar conceitos e selecionar os que trazem elevação.

Conforme prometera, no dia seguinte Júlia chegou com os livros. Entregando-os a Marília, disse-lhe:

— Aqui estão, minha irmã; escolha por onde quer começar. Felipe e Rafael observavam atentos

tudo o que acontecia
a sua volta desde a
volta de Marília.

— Não sei não,
Felipe — dizia Rafael
ao irmão. — Estou
achando que algo
mais grave está
acontecendo com
Marília.

— Por que diz isso?

— Ora, veja a
mudança dela.

Nunca se interessou
por leitura sobre
elevação moral.

Aliás, moral era o
que menos

importava para

Marília. De repente
ela volta trazida por
Júlia e Carlos. Está

adoentada desde
que chegou e várias
vezes a vi chorando.

Não sei, mas

imagino que esteja
acontecendo alguma
coisa mais grave do
que a explicação que
nossos pais nos
deram.

— Acho que tem

lógica. O que podemos fazer para ajudá-la?

— Ficar atentos, nos aproximar dela e sermos o mais amigos possível.

— Vamos fazer isso. Creio que ela deve estar sofrendo, com o temperamento que tem.

Marília abriu um pequeno livro com mensagens diárias. Na primeira página leu: "O tempo que realmente temos é o presente, é ele que nos dá a chance de nos melhorarmos como pessoa".

Essas poucas palavras tocaram seu coração.

— Sábias palavras. De fato a única chance que tenho de me tornar melhor é hoje, sempre o hoje. Se quero reaver minha dignidade, preciso agir em vez

de chorar e me
culpar. Não sei
quanto tempo me
resta, se pouco ou
muito, mas quero
empregar essa
oportunidade
fazendo o bem para
o próximo, nem que
seja uma única vez,
como Júlia sempre
fez. Só não sei ainda
como e o que fazer.

Continuou lendo
até que deparou
com os dizeres:
"Amparar os
desvalidos é um
desafio que precisa
ser vencido, se
quisermos realizar o
sonho de um mundo
melhor".

— Amparar os
desvalidos. Meu
Deus é isso o que
Júlia faz há anos
com muita
dificuldade sem
nunca desanimar!
Rafael?

— Que foi Marília,
por que esse grito?

— Rafael, por favor,
vá depressa até a
casa de Júlia e peça-
lhe que venha aqui o
quanto antes.

— Está sentindo
alguma coisa?

— Sim. Um desejo
enorme de consertar
meus erros. A luz se
acendeu na minha
alma, Rafael. Por
favor, vá buscar
Júlia. Preciso falar
com ela agora.

— Estou indo!
Em pouco tempo
Júlia estava ao lado
de Marília,
atendendo com
entusiasmo ao
chamado da irmã.

— Marília, o que
aconteceu para
tanta pressa?

— Preciso
urgentemente falar
com você, Júlia.
Descobri o que
quero, e você
poderá me ajudar.

— Está me deixando
curiosa. Deixe de

suspense e fale logo. O que será que descobriu?

— Júlia, não brinque, é muito sério e importante para mim.

— Desculpe Marília.

— Desde aquele dia em que Carlos se recusou a receber qualquer recompensa pelo trabalho que fez, alguma coisa mudou em minha cabeça. Interpretei esse seu gesto como uma repulsa em se envolver com um dinheiro considerado...

Vamos dizer...

Indigno.

— Marília, Carlos não quis...

— Calma, não precisa explicar, compreendo perfeitamente sua posição. Carlos sempre foi um homem íntegro. A

partir daí, comecei a questionar se ele não tinha razão, e cheguei à conclusão de que deveria estar certo.

— O que quer dizer?

— Ele tem razão, Júlia. Não vou me aprofundar na questão porque você sabe tanto quanto eu a maneira como ganhei todo esse dinheiro. Esses dias, lendo os livros que me trouxe, deparei com um ensinamento que tocou meu coração e me mostrou um caminho.

— Continue.

— Quero dar a esse dinheiro um destino útil e nobre, ou seja, decidi empregá-lo na realização de seu ideal, que sempre foi abrir uma creche para as crianças carentes da região,

onde elas pudessem ter a oportunidade de aprender os valores que eu, insensível a todos os conselhos, não aprendi.

— Marília, mal posso acreditar no que está me dizendo! Tem mesmo certeza disso?

— Pode acreditar minha irmã. Esse dinheiro é seu para ser empregado nas atividades fraternas que há anos você vem desenvolvendo. Use-o como achar melhor. Quero apenas uma pequena parte para garantir meu tratamento na luta contra essa doença que está me consumindo.

Marta, que ouvia silenciosa a conversa das filhas, aproximou-se de Marília, beijou-lhe o

rosto e falou:
— Graças a Jesus
você enxergou o
caminho da
felicidade; não é o
caminho mais fácil,
mas o que
proporciona a
felicidade real.
Quanto ao seu
tratamento, filha,
não precisa se
preocupar, seu pai
possui o suficiente
para não deixar lhe
faltar nada. Terá
tudo o que for
necessário. Limpe o
seu dinheiro com
atos de caridade.
Marília continuou:
— Júlia, empregue
tudo em suas obras.
Carlos é meu
procurador, está
autorizado a fazer o
que for necessário
para aliviar as
aflições dessas mães
que não têm onde
deixar seus filhos
para ir à busca do
seu sustento.

Acredito que o
montante é
suficiente para seu
trabalho fluir.

— Mais que
suficiente, Marília, e
eu não sei como
posso agradecer por
tamanha
generosidade.

— Agradeça fazendo
apenas o que você
faz, ou seja,
continue sendo a
pessoa maravilhosa
que eu não consegui
enxergar, a criatura
nobre que em todos
os momentos e
situações segue
Jesus.

Júlia deu vazão à
emoção e abraçou
Marília, misturando
suas lágrimas às
dela.

Marta, também
comovida, disse:
— Parabéns, minha
filha. Encerra com
chave de ouro o
ciclo menos feliz da
sua existência.

— Tenho pensado muito, mãe, e concluí que não se deve ter vergonha de ser simples, de ser bom, de amar e confiar em nosso Pai que está no céu, porque Deus jamais se envergonhará de uma só criatura sua, apesar de todos os seus erros.

Infelizmente, não consegui aprender pelo amor, e só estou aprendendo agora através da dor.

— Que alegria ouvi-la falar assim, Marília! Que Jesus abençoe você, minha filha, e lhe dê muita coragem e fé para passar por essa aflição.

— Vamos trabalhar juntas, Marília, fazendo todo o bem que pudermos.

— Se eu tiver forças, Júlia, com o

maior prazer e
alegria, mas...
— Nada de "mas".
Você vai ficar boa
logo.
— Não quero criar
expectativa, mas
apenas ter tempo de
consertar alguns dos
muitos erros que
cometi.

**Para que tudo
aconteça na paz
almejada é
fundamental
aprender a
exercitar o
respeito, a
compreensão e o
amor fraternal;
não querer o que
pertence a
outrem, não
dificultar o
caminho do
semelhante e não
ludibriar os
corações simples
para conquistar
riquezas.**

(A Essência da

Alma — Irmão Ivo)

Capítulo XIII **Triste despedida**

Antunes e Marta agradeciam a Deus pelo início da transformação de sua filha. Percebiam o esforço de Marília para se tornar mais receptiva aos conselhos que amorosamente lhes davam.

Tornara-se mais ligada a Júlia e aos irmãos, Felipe e Rafael, que, conforme haviam combinado, estavam mais presentes e mais amorosos com a irmã. Eram testemunhas do enfraquecimento de Marília, que bem mais magra e

abatida começava a perder o viço.

— Quem viu a exuberância da beleza de Marília e a vê agora sente dor no coração — dizia o mais inconformado dos irmãos, Rafael, que, por um determinado tempo, fora seu seguidor fiel.

— Rafael, a dor nunca é a origem — dizia Felipe para o irmão —, mas sempre a conseqüência dos enganos cometidos. Infelizmente nossa irmã se enganou, e hoje colhe do seu plantio.

— Como você consegue falar assim, Felipe, não tem coração?

— Tenho coração e sofro por ela, Rafael, porque a quero muito bem. Mas tenho consciência

das leis divinas e sei
que nada se perde
no espaço; nossas
ações são
registradas, e irão
com certeza
interferir em nossa
vida no momento
certo. Nada se perde
no vasto universo de
Deus.

— Não sei onde você
e a Júlia aprendem
essas coisas tão
diferentes.

— Aprendemos no
Evangelho de Jesus,
que é o lugar onde
se busca a verdade.

Júlia, sempre
amiga e carinhosa,
passava suas horas
vagas ao lado da
irmã querida,
respondendo às
perguntas que lhe
fazia a respeito da
espiritualidade, que
começava a aceitar.

O lar de Marta e
Antunes perdera um
pouco da alegria que
sempre reinara ali;

tornara mais silencioso e melancólico. Todos sofriam muito com a situação de Marília, que enfrentava o peso de uma doença que castigava seu corpo. Receavam um possível desencarne, visto estar Marília cada dia mais debilitada. O projeto social de Júlia prosseguia com força, devido aos recursos financeiros doados por Marília.

— Para quando está prevista a inauguração da creche? — perguntava sempre Marília.

— Para breve. Estamos na finalização de todo o equipamento necessário para suprir as exigências das crianças. Mas por que pergunta tanto a data dessa

inauguração?

— Não sei Júlia,
pressinto que não
tenho muito tempo,
e é melhor que não
me pergunte à
razão, porque não
tenho resposta. Está
ficando bonito, do
jeito que imaginou?

— Está lindo,
Marília, do jeitinho
como sempre
imaginei, e agradeço
a você por isso.

Quando estiver tudo
pronto, vou levá-la
até lá para dar a
palavra final.

Estando tudo do seu
agrado, marcaremos
o dia da
inauguração.

— Sinto um
contentamento
muito grande, Júlia,
por ter podido pelo
menos uma vez na
vida fazer algo útil
para alguém.

— Que bom! Agora
que experimentou a
sensação gostosa

que temos quando
ajudamos o
próximo, creio que
não irá parar mais.
Mas é preciso decidir
o nome da creche.
Tem alguma
sugestão?

— Eu? Você quer
que eu dê o nome?

— Claro você é a
benfeitora. E justo
que escolha o nome.
Marília pensou um
pouco e disse:

— Gostaria muito
que se chamasse
Fonte do Saber. O
que acha?

— Ótimo! Gostei
muito, mas... Por
que escolheu esse
nome? Algum
motivo especial?

— Quero que todas
as crianças que por
ali passarem tenham
a oportunidade de
aprender os
melhores conceitos
sobre a vida,
principalmente
entender que ser

uma criatura de Deus não significa abortar os seus sonhos e ilusões, muito pelo contrário. Ser uma criatura de Deus é dar aos seus sonhos e ilusões a dimensão real, e não permitir que eles sufoquem a verdade da vida. Foi isso o que me neguei a aprender, a aceitar, e permiti que minhas ilusões vãs me colocassem como se fosse o centro do universo. O meu universo ruiu porque ele era só meu, e não de Deus.

— Você está certa, Marília. E muito sugestivo o nome, porque a creche será o primeiro contato dessas crianças com o saber, e o alicerce é que sustenta a edificação.

— Gostaria que

fizesse um jardim
em frente à casa
com várias espécies
de flores, inclusive o
girassol.

— Por que misturar
as espécies das
flores? Não seria
mais adequado
apenas uma?

— Não, quero que
as crianças
aprendam que todas
as flores possuem
beleza própria, cada
uma com sua
característica, mas
todas são belas e
frágeis, e, se não
forem cuidadas,
morrem. Aprendi
que assim também
somos nós; se não
cuidarmos da nossa
raiz, que é a nossa
alma, iremos
sucumbir na
primeira rajada de
vento.

Júlia, com os olhos
lacrimejantes, disse
à irmã:

— Marília, você me

surpreende a cada dia. Onde está aprendendo todas essas coisas que anda dizendo?
— Ora! Onde poderia ser senão nos livros que me emprestou?
Lamento ter sido tola o bastante para não conseguir enxergar a beleza em todas as formas de vida. Quis ser como um girassol, na ilusão de que nenhum vento mais forte me derrubaria. Entretanto, tombei na primeira brisa.
Júlia abraçou a irmã.
— Nada mais importa Marília, porque agora você reconhece onde realmente está a verdade. Aceitou os valores espirituais e compreendeu que maior que a beleza física é a beleza da alma. Amo você,

minha irmã.
— Obrigada, Júlia,
eu também sempre
a amei. A minha
cegueira egoísta é
que não permitiu
que eu entendesse
isso.

Os dias
passavam
lentamente,
seguindo a rotina
diária. Aproximava-
se a comemoração
do Natal. A pequena
cidade, com suas
luzes e enfeites
natalinos, alegrava
os corações de
todos.

Júlia e Carlos,
entusiasmados,
deram a Marília a
notícia de que a
Fonte do Saber
estava
completamente
pronta.
— Tudo saiu como
você queria Marília,

agora é preciso
marcar o dia da
inauguração, e
queremos que você
decida — disse
Carlos à cunhada.

— Que dia você
prefere? Tem
alguma data
especial?

— Venho pensando
nisso, Júlia, e
considero
interessante
inaugurarmos no dia
25 de dezembro, dia
em que a
humanidade
comemora o
nascimento de
Jesus.

— Excelente Marília!

— Pensei assim:
Jesus é a maior
fonte do saber;
poderíamos
inaugurar a creche
com uma festa
natalina para as
crianças a quem o
Papai Noel nunca foi
visitar. Achei que
seria a melhor

maneira de
comemorar o
nascimento de
Jesus: ao lado dos
pequenos excluídos.

Todos ficaram
surpresos com o
raciocínio de Marília.
Sem que dissessem
uma só palavra,
pensaram e
sentiram a mesma
emoção.

Marta orou em
silêncio,
agradecendo ao Pai
pela bênção
recebida:
Agradecemos
Senhor, pela
transformação de
nossa filha, que,
graças a Sua
bondade, teve
tempo e lucidez para
se reerguer.
Alegres,
concordaram com
Marília e a festa foi
marcada.

Iniciaram-se os
preparativos, que
levariam alegria aos

corações sofridos
das crianças da
periferia.

Marcelo e Daniel
continuavam com o
mesmo esquema da
empresa-fantasma,
que nada mais era
que uma geradora
de prazer
inconseqüente.
Percebendo que com
a saída de Marília os
negócios tinham
caído muito,
acharam que
deveriam introduzir
outro procedimento
que garantisse o
sucesso financeiro.
Assim, entraram
para o tráfico de
drogas usando as
"modelos" como
"mulas", que são as
pessoas que levam a
droga ao seu
destino.

Certo domingo,
Carlos e Júlia
chegaram como de
costume para o
almoço com a
família. Carlos trazia
nas mãos o jornal da
capital.

— Marília, veja essa
manchete. —

Entregou-lhe a
página onde estava
estampada a foto de
Marcelo e Daniel.

Marília levou um
susto e, atônita,
perguntou:

— Carlos, o que é
isso?

— Marcelo e Daniel
foram presos ontem,
em flagrante.

— Acusados de quê?

— Formação de
quadrilha, comércio
de mulheres e
tráfico de drogas.

— Meu Deus! Com
quem eu fui me
meter! Poderia estar
sendo presa

também. Que
vergonha!

— Percebe Marília, a
oportunidade que
Deus lhe concedeu?

— O que quer dizer,
Júlia?

— Ele a retirou da
lama e lhe deu a
chance de rever sua
vida.

— Mas me deu a
doença.

— Não. A doença foi
você mesma quem
buscou, atraiu com
seus atos, e esse
mal que a consome
hoje está sendo a
cura da sua alma.

Quanta coisa
aprendeu, aceitou e
modificou?

— Você nunca ouviu
dizer que Deus
escreve certo por
linhas tortas?

— Já ouvi, sim,
Carlos.

— Pois então. Esse
mal que atormenta e
aniquila seu corpo
na realidade é um

bem para sua alma
agredida tantas
vezes por você. É da
nossa alma que
devemos cuidar com
esmero, Marília,
porque ela sobrevive
ao corpo, que
desaparecerá na
terra.

Marília silenciou por
longo tempo. Por
fim, voltou a dizer:
— Reconheço que
vocês têm razão.
Deus sabe sempre o
que é melhor para
Suas criaturas. Sou
agradecida a Ele por
haver permitido que
eu voltasse à minha
origem, descobrisse
que a beleza interior
é superior à que
ostentamos para o
mundo, porque essa
o tempo se
encarregará de
apagar.

— Minha irmã, todos
temos o bem dentro
de nós; é o homem
que se recusa a

cuidar dos
sentimentos nobres
que possui em si
mesmo, e, em
conseqüência disso,
eles morrem. Mas
Deus, na Sua infinita
bondade, sempre
age em nosso
benefício, mesmo, e
principalmente, nos
momentos de dor e
sofrimento. O
homem anda pela
vida tão distraído
que deixa de plantar
as sementes e, ao
chegar à primavera,
percebe que não
nasceram às flores,
pois nenhuma delas
foi plantada no
outono que se
passou.

— O que será de
Marcelo?

— Chegou à hora do
acerto, Marília.
Agora ele irá prestar
contas do seu
desprezo às leis dos
homens, e não
ficará impune das

leis de Deus.
Marília deu mostras
de cansaço.
— O que há minha
filha, sente-se mal?

— Tenho uma
sensação de
fraqueza, mãe.

— Voltaremos ao
consultório do
doutor Alcides. Com
certeza ele
recomendará
algumas vitaminas
para deixá-la mais
bem-disposta.

— Não sei mãe,
acho que não é só
fraqueza.

— Por que, filha?

— Sinto dores nas
costas, no peito e
um pouco de
dificuldade para
respirar.

— Você precisa se
animar, minha irmã.
Amanhã será a
inauguração da
creche. Queremos
você junto de todas
as crianças. Sentirá

a energia gostosa
que elas nos
transmitem.

— Ainda bem que já
é amanhã; se
demorar mais,
receio não estar
aqui nesse dia tão
importante.

— Não fale assim,
você irá melhorar.

— Tenho certeza de
que sim —
respondeu Marília,
sem convicção.

Então, fechou os
olhos. Estou
chegando perto do
fim. Permita Senhor,
que eu possa estar
presente amanhã na
única vez em que
pensei mais nos
outros do que em
mim.

No dia seguinte,
pela manhã, Marília
foi levada por seus
pais ao consultório
do Dr. Alcides, que,

examinando-a
detalhadamente,
constatou grave
pneumonia,
aconselhando a sua
internação imediata.
Com os olhos
marejados de
lágrimas, Marília
implorou:

— Por favor, doutor,
daqui a duas horas
será a festa de
inauguração da
creche, não tire de
mim talvez a minha
última alegria.
Deixe-me participar
dessa festa. Assim
que terminar, irei
me internar.

O Dr. Alcides
olhou para os pais
de Marília, dando
mostras de que não
sabia o que fazer,
visto seu estado ser
de grande
preocupação. Tanto
Antunes quanto
Marta consentiram
no pedido da filha,
balançando a cabeça

afirmativamente.

— Está bem, Marília.

Mas quero que
levem o pedido de
internação; assim
que a festa
terminar, dirijam-se
ao hospital. Quando
me avisarem de sua
chegada, irei vê-la
de imediato.

— Obrigada, doutor
Alcides. O senhor,
além de ótimo
profissional, é antes
de tudo um amigo.

— Espero que esteja
fazendo a coisa
certa! — exclamou o
médico, realmente
preocupado.

Enquanto Marília
saía acompanhada
de sua mãe, Alcides
segurou o braço de
Antunes para lhe
dizer:

— Não deixe de
levá-la para o
hospital o mais
rápido possível, seu
estado é grave.

Tenho dúvidas de

que esteja agindo
corretamente.

— Fique tranqüilo,
doutor, sei que
minha filha está
prestes a nos deixar.
E, se for verdade
isso, por que não lhe
satisfazer a
vontade?

— Bem, se o senhor
pensa assim...

— Será por pouco
tempo. Logo ela
estará onde Deus
achar que é o lugar
adequado.

Em meio aos
balões, doces e
brinquedos que
faziam a alegria da
criançada, a creche
Fonte do Saber foi
inaugurada. Marília,
sentindo-se fraca,
esforçava-se ao
máximo para
demonstrar a alegria
que trazia na alma
ao ver implantado o

lugar onde crianças,
cujos olhares não
possuíam brilho
algum e os lábios
não sabiam sorrir,
iriam aprender a ser
felizes, sentindo-se
incluídas num
conceito de
fraternidade e amor.
Em dado, momento
Marília chamou seu
pai e lhe pediu:
— Faria algo por
mim, que considero
de suma
importância?
— Claro, filha, tudo
o que você quiser.
— Não me sinto
bem. Tenho a
sensação de que
estou muito perto do
fim, e gostaria
bastante de ir até o
campo de girassóis.
Poderia me levar lá?
— Marília, vamos
imediatamente para
o hospital.
— Por favor, não,
pai; vamos primeiro
ao campo, que é o

que mais quero. De lá, seguiremos para o hospital. Faça isso por mim!

— Você não está bem. Temos que tratar de sua saúde. Depois iremos.

— Primeiro ao campo, pai, por favor — suplicou, num fio de voz.

Antunes chamou Marta, e os dois, com os olhos tristes trazendo à tona o que lhes ia à alma, colocaram Marília no carro, e, pedindo a Felipe que os acompanhasse, dirigiram-se ao campo de girassóis, que sempre exercera grande fascínio sobre Marília.

Antes de sair, Marília chamou Júlia e Rafael, abraçou-os com amor e, quase sussurrando, falou: — Perdoem-me por

tudo o que fiz, a
minha petulância,
teimosia, enfim, a
minha falta de
humildade me
direcionou para o
engano. Não sigam
nenhuma de minhas
idéias; Rafael
esqueça tudo o que
lhe disse sobre a
vida. Eu estava
errada. Júlia sempre
esteve certa, siga-a.
Quero dizer que
sempre amei vocês,
só não sabia como
expressar esse
sentimento, porque
achava que possuir
beleza fazia de mim
a dona ou o centro
do universo.

— Marília, nós
também sempre a
amamos, e em
nenhum momento
deixamos de lado
esse sentimento.

— Cuide da creche,
Júlia, você é a
pessoa mais nobre
que conheci.

Júlia, ao abraçar a
irmã, experimentou
uma estranha
sensação de
despedida.

— Irei com vocês
até o campo!

— Não, Júlia, seu
lugar é aqui, ao lado
dessas crianças
cujos sorrisos tocam
meu coração. Você e
Carlos caminharão
juntos, lado a lado.
Tenho certeza de
que essa creche se
tornará um lar de
verdade.

Marília

caminhava devagar,
apoiada em seu pai,
por entre as flores
do imenso campo de
girassóis. Encostava
seu rosto nas flores
e pensava: Vocês
continuam belas e
majestosas,
enquanto eu, frágil e
desiludida, sinto

meu corpo tombar.
Vocês se mantêm
fiéis. Àquele que as
criou assim tão
imponentes,
enquanto eu,
mergulhada na tola
ilusão, me mantive
fiel à minha vaidade,
à minha ambição e à
tola pretensão de
querer dominar o
mundo, esquecendo
que acima de mim e
da humanidade está
o Criador.
Sentiu-se
desfalecer.

Antunes e
Felipe, com rapidez,
a seguraram e
cuidadosamente
colocaram-na
deitada no chão,
onde Marta, com
presteza, colocara a
echarpe que trazia
nos ombros.

Antunes,
apressado, foi em
busca do automóvel,
que ficara um pouco
distante. Marília em

poucos minutos
soltou um fraco
suspiro e deixou o
mundo físico em
meio às grandes
flores amarelas do
campo dos girassóis.

Enquanto na
creche todos
cantavam felizes
comemorando o
nascimento de
Jesus, Marta,
Antunes e Felipe,
abraçados ao corpo
sem vida de Marília,
choravam a
separação da jovem
que entregara sua
vida aos sonhos
inúteis que a
levaram até o topo
da inseqüência,
no limite da ilusão.

**Nenhum de
nós se beatifica
simplesmente
porque deixou o
envoltório carnal**

**se não adquiriu
conhecimento, se
não houve
esforço, trabalho e
dedicação. Para
que se processe a
evolução,
necessário se faz
compreender o
valor infinito do
bem que
praticamos
conosco e com o
nosso próximo.**

**(A Essência da
Alma – Irmão
Ivo)**

Capítulo XIV **A chance de uma** **nova vida**

A partida de Marília deixou no coração de seus pais e irmãos uma tristeza e um vazio muito grandes. Sentiam dificuldade em entender por que tudo acontecera

tão rápido.

— Será que fizemos tudo que era necessário para ajudá-la? — perguntava Marta, chorosa.

— Deveríamos ter insistido com ela para que se internasse, conforme a orientação do doutor Alcides? — questionava Antunes.

— Erramos Antunes, em levá-la para a inauguração da creche. — dizia Marta.

Júlia ouvia as lamentações de seus pais em silêncio. Achava que era justo deixá-los desabafar, mas se mantinha sempre atenta para sustentá-los, caso viessem a se entregar ao desespero.

— Pai, acredito que Marília tinha uma intuição de que há sua hora estava se aproximando. Creio ter sido mais feliz para ela partir em meio às flores que adorava do que ficar em uma cama de hospital, presa a tubos, para adiar por uma ou duas horas sua partida, conforme explicou doutor Alcides.

— Sei que tem razão, Júlia, mas será que foi certo levá-la até o campo?

— Pai, foi um desejo dela. Quem poderia adivinhar que iria partir naquele momento?

— A dor dos pais ao se separarem de um filho, Júlia, é sem dúvida a pior que um ser humano pode agüentar.

— Mas nós suportaremos essa

prova com coragem
e sem perder a fé
em Deus, Antunes,
porque sabemos que
não cai uma folha
sequer sem que o
Criador permita. Se
Deus nos deu essa
prova é porque Ele
sabe que nossos
ombros podem
agüentar, e
agüentarão, porque
cremos Nele — falou
Marta ao marido.
— Mãe, devemos
considerar que a
doença de Marília foi
o veículo que a
retirou daquela vida
que fatalmente a
levaria, a passar por
dores maiores,
fazendo-os chorar e
embranquecer os
cabelos pela
vergonha.
— Júlia tem razão,
Marta. Hoje
choramos por uma
filha que errou, sim,
mas que aproveitou
o tempo e a

oportunidade desses últimos meses para se arrepender e tentar deixar na Terra a prova de seu arrependimento.

— Prova pai? Do que o senhor está falando?

— Rafael, falo da Fonte do Saber, meu filho. Essa creche é a prova de que sua irmã reconheceu seu erro e lutou contra seus antigos conceitos, tentando melhorar como criatura de Deus.

A campainha da porta se fez ouvir.

— Deixe que eu atendo — disse Felipe, e correu a abrir.

Assim que girou a maçaneta, Felipe, surpreso, viu à sua frente à figura de Luiz.

— Como vai, Felipe? Posso entrar?

Gostaria de falar
com seus pais.

— Claro, entre.

Luiz percebeu a
surpresa de Marta e
Antunes.

— Desculpem-me
incomodá-los, mas
preciso mostrar-lhes
algo que lhes
interessa.

Júlia, se antecipando
a seus pais,
convidou:

— Sente-se, Luiz, e
fique à vontade.

Luiz se acomodou
um pouco
intimidado.

— O que o traz aqui
de tão importante?

— Seu Antunes,
hoje faz dez dias
que Marília se foi.

Esperei que
passasse esse
tempo para vir lhes
mostrar isto.

Retirou do bolso um
envelope que
entregou a Antunes.
Dentro havia uma
carta.

— Mas é uma carta
endereçada a você,
Luiz. O que temos a
ver com isso?

— É de Marília seu
Antunes, e eu
gostaria que
tomassem
conhecimento. Ela
escreveu para mim
poucos dias antes da
sua partida.

— E como minha
filha lhe entregou
essa carta, Luiz, se
ela não saía mais de
casa? — questionou
Marta.

— Fui eu quem a
levou para Luiz,
mãe.

— Você? Por que fez
isso, Rafael?

— Marília pediu-me
que levasse esse
envelope para Luiz,
dizendo que era
importante.

Precisava resolver
uma questão com
ele. Apenas atendi
ao seu pedido. Fiz
mal?

— Não — respondeu
Marta, meio sem
jeito. — É que não
sei que questão ela
teria com ele, só
isso.

— Posso ler?

— Claro, seu
Antunes, eu a
trouxe para isso.
Quero que tomem
conhecimento do
teor dessa
mensagem.

— Pai, leia em voz
alta — pediu Júlia.
Antunes assim o fez:

Querido Luiz,
talvez esta seja a
última vez que me
dirija a você, mas é
muito importante
para mim. Sei do
ódio que nutre por
minha pessoa e não
lhe tiro a razão.
Apenas peço-lhe
mais uma vez que
me perdoe, se
puder. Naquela noite
em que estivemos
juntos, creia, eu o

amei de verdade.
Aliás, sempre o amei
de verdade. Não vou
aqui discutir mais
uma vez os motivos
que me levaram a
preteri-lo, isso já
não importa mais.
Para mim é
importante que
saiba que não tinha
conhecimento e nem
fazia a menor idéia
de ser uma pessoa
soropositiva. Não o
contaminei de
propósito.
Nesse ponto,
Antunes parou
surpreso com o que
acabar de ler.
— Ela está dizendo
que contaminou
você com o vírus
HIV? É isso?
— Sim, seu Antunes,
sou soropositivo,
mas graças a Deus a
doença ainda não se
manifestou.
— Meu Deus!
— Calma dona
Marta, não vim aqui

para deixá-los mais tensos do que já estão nem pretendo cobrar ou exigir nada. Ao contrário, minha intenção é somente pedir-lhes desculpas.

— Mas quem deve pedir desculpas somos nós!

— Gostaria que o senhor terminasse de ler, depois conversaremos sobre isso.

Antunes prosseguiu:

— Quando você jogou na minha cara que me odiava, e que seu ódio me acompanharia por toda a vida, pude sentir o peso do mal que lhe fizera.

Se isso o faz sentir-se melhor, Luiz saiba que sofro muito mais que você, não tanto pela doença que castiga meu corpo, mas pela dor de ter

causado tanto sofrimento a tantas pessoas, sobretudo a meus pais, que, apesar da tristeza que lhes causei, receberam-me de volta e cuidam de mim com carinho e muito amor. Nunca saberão o imenso amor que sinto por eles.

Aprendi Luiz, que aquele que ofende sofre mais que o ofendido; por essa razão peço-lhe mais uma vez que me perdoe, não envie seu ódio para onde eu for. Sei que me aproximo do fim, nada poderei fazer para apagar o mal que lhe fiz; se pudesse tiraria de você o fantasma desse vírus, e é essa impotência que machuca minha alma em uma proporção que você

está longe de
imaginar.

Se não posso
apagar o erro
cometido, posso
pelo menos
recompensá-lo.
Procure Júlia ou
Carlos dizendo que
quero ajudá-lo no
seu tratamento, ou
seja, quero que
assumam todas as
despesas que você
tiver a partir de
agora. Sei que nada
compra a saúde,
mas é só o que
posso fazer para
redimir um
pouquinho minha
culpa.

Não me odeie
Luiz, deixe que eu
mesma faça isso.
Lembre-se de mim
como aquela garota
que corria entre os
girassóis tentando
ser um deles, mas
que apenas jogou
fora sua felicidade e
sua vida.

Vou lhe confessar
uma coisa: meu
desejo é morrer
entre as grandes
flores dos girassóis.
Que Deus ouça meu
pedido.
Beijos,
Marília.

Todos
permaneceram em
silêncio.
Após alguns
instantes, Júlia,
enfim, se
manifestou:
— Não sei o que
dizer a esse
respeito; pela
primeira vez não sei
o que dizer. Quero
apenas que saiba
que cumprirei o
desejo de Marília,
Luiz. Toda sua
despesa de saúde
que se relacione ao
vírus HIV será
custeada por nós.
— Você me ofende
dizendo isso, Júlia.
Não vim aqui para

cobrar ou exigir nada, como já disse. Tenho condições de tomar conta de mim mesmo. A minha intenção foi tranquilizar dona Marta e seu Antunes mostrando-lhes o quanto Marília os amava, e principalmente tirar-lhes a culpa que sentem por não a terem encaminhado para o hospital. Era seu desejo ir embora a meio ao campo dos girassóis. Se aconteceu foi porque Deus assim o permitiu. Ninguém deve se culpar. Preciso dizer-lhes também que não sinto raiva de Marília. Fiquei muito zangado no primeiro momento da descoberta, e foi uma imprudência dizer isso a ela, porque foi fruto do

enorme ciúme que
senti ao saber o que
ela fazia da vida.
Não suportei
imaginá-la nos
braços de outros
homens apenas por
dinheiro, se havia
recusado estar nos
meus por amor.
Quis ofendê-la em
razão da mágoa que
trazia no peito.
Peço-lhes que não
se preocupem
comigo, estou bem,
com uma ótima
defesa, segundo
disse meu médico. A
lembrança de Marília
está guardada em
meu coração como
uma querida
recordação.

Os pais de
Marília, assim como
seus irmãos,
choravam, dando
vazão à enorme
tristeza e saudade
que invadiam seus
corações.

— Luiz, só podemos

pedir-lhe desculpas
e dizer-lhe que
somos agradecidos
por você ter exposto
a questão dessa
maneira mais
amena. Acredite,
não sabíamos de
nada, por isso não o
procuramos. Quero
que saiba que
somos seus amigos
e estamos dispostos
a ajudá-lo no que
vier a precisar.

— Sei disso, Júlia, e
também me coloco à
disposição de vocês
para o que
quiserem. Sempre
os admirei muito.
Marta se aproximou
de Luiz e deu-lhe
um beijo no rosto.

— Que Jesus o
abençoe sempre,
meu filho.

Luiz se retirou da
casa de Antunes
sentindo-se mais
leve.

Agora posso pensar
em minha própria

vida. Meu caso com
Marília terminou
para sempre.
Olhou para o céu e
disse:
— Onde estiver,
Marília, procure ser
feliz!

**Quando
teimamos ou
relutamos em
perdoar, desculpar
outras pessoas é
sinal de que
estamos ainda
perdidos no
orgulho ferido, na
 vaidade de nos
julgar melhores
ou superiores
àqueles que nos
magoaram, e isso
é sinal de que o
amor não entrou
ainda em nosso
coração.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

Marília despertou
sobressaltada.

Olhava de um
lado para o outro
sem saber onde
estava sem se dar
conta do que
acontecera.

Confusa, andava
sem destino,
procurando o
caminho de sua casa
em um imenso
labirinto.

A última visão que
seus olhos físicos
tinham guardado
foram às flores que
tanto amava.

Entretanto, o que
via eram galhos
secos e sem
nenhum encanto. O
sol, que tanto atraía
a sua atenção, dera
lugar a nuvens
cinzentas, sombrias.
Perturbada, Marília
caminhava,
caminhava, sem
chegar a lugar

algum.

Olhava seu corpo, e não conseguia perceber a diferença que se operara nele. Via apenas uma aparência oposta às roupas elegantes que sempre usara. — O que será que aconteceu comigo? Por que não encontro o caminho de casa?

Ao cruzar com um grupo de mulheres que passavam por ela, rindo de uma maneira espalhafatosa, tentou se aproximar e indagar que lugar sombrio era aquele, e por que estava ali — Você não pertence mais ao mundo físico, companheira, agora aqui é o seu lugar. — Por que está estranhando? Você é

uma das nossas,
agora é só
aproveitar.

— Não quer se
juntar a nós? A
gente se diverte
bastante, você vai
gostar.

Assustada, Marília
saiu em disparada,
sem destino algum.

O tempo
passava, e Marília,
culpando-se
severamente,
perambulava sem
rumo, acreditando
ser o seu sofrimento
eterno.

Passaram-se dez
anos desde o seu
desencarne.

Marília dava
sinais de cansaço.
Começava a se
lembrar das coisas
que Júlia várias
vezes lhe dissera, e
nesse momento sua
memória trazia-lhe

tudo o que fizera na sua estada terrena. Nessas ocasiões, batia-lhe forte o arrependimento, causando-lhe uma imensa dor.

A figura de Jesus começava a tomar forma em seu pensamento, até que, não agüentando mais, caiu de joelhos clamou por misericórdia com a sinceridade e a confiança de uma criança em busca do colo de sua mãe.
— Jesus, venha em meu socorro. Errei, mas clamo por Seu auxílio e perdão. Socorra-me. Tire-me desse sofrimento no qual eu mesma me atirei. Misericórdia, Senhor!

No mesmo instante, uma forte e brilhante luz foi se aproximando de

Marília, e o espírito
Amélia enlaçou-a
nos braços com
amor, fazendo-a
adormecer.

Marília,
entregando-se
confiante a esse
aconchego e
agradecida a essa
mensageira da paz e
da misericórdia de
Jesus, adormeceu.
Fora resgatada da
zona menos feliz
para a qual acabou
atraída por
afinidade. Iniciaria
para ela o caminho
de elevação, onde
aprenderia os
verdadeiros valores,
as virtudes
desprezadas e o
respeito por si
mesmo.

Quando a porta da
casa de Marta se
abriu, a alegria de
seus netos invadiu o

ambiente.

— Por que tanta gritaria? — disse contente. — A vovó está aqui.

Júlia e Carlos acompanhavam as crianças, pedindo-lhes que não fizessem tanto barulho.

— O vovô pode estar dormindo — diziam.

— Mas a vovó está acordada — afirmou Larissa, a filha mais velha de Júlia e Carlos.

— É mesmo, mamãe, a vovó gosta do nosso barulho — disse Natália, a mais nova.

— Quem lhe disse isso, Natália?

— Ela mesma, papai!

Marta se divertia com as netas.

— Deixem-nas fazerem o que quiserem, elas têm

razão: alegam a casa. Felipe e Rafael não virão para o almoço, Júlia?

— Felipe já deve estar chegando, mamãe. Quanto a Rafael, deve estar impaciente, como sempre, esperando Meire arrumar as crianças.

— Coitada, é difícil arrumar três crianças pequenas.

— Marta meneou a cabeça. — Rafael não ajuda em nada.

— Bem faz Felipe, que não quer ter filhos — Carlos suspirou. — Eles dão muito trabalho...

Mas dão alegria também —

completou, abraçando as filhas.

— Felipe tem muito pouco tempo de casado, quer esperar um pouco mais — falou Marta, em defesa do filho.

— Nós sabemos
mãe.

A harmonia e
felicidade haviam
retornado ao lar de
Marta e Antunes,
que já andava um
pouco cansado, pois
completara setenta
e seis anos.

O tempo se
encarrega de colocar
tudo de volta em
seus devidos
lugares, mas isso
acontece quando se
acredita e se tem fé
nos ensinamentos
de Jesus, que
pregou sobre a vida
futura aos seus
seguidores.

A creche Fonte
do Saber cumpria os
propósitos de
Marília. Júlia se
desdobrava em
manter tudo dentro
do que se espera de
um estabelecimento
focado na formação
moral de uma
criança. Sua

recompensa estava em ver o sorriso e a alegria reinante nos rostinhos de quantos freqüentavam a creche.

Quatro anos atrás foram implantados cursos profissionalizantes, e a creche se tornou, na realidade, a grande geradora de oportunidades para aqueles que um dia era os excluídos.

Júlia sempre emitia pensamentos de amor para sua irmã. Marília, onde você estiver, deve estar contente com o rumo que tomou a creche. Graças a seu incentivo, minha irmã, o bem está sendo colocado em evidência, dizia sempre.

As vibrações de amor que se enviam para os desencarnados

provocam-lhes uma sensação de paz, e, se ainda estiverem em perturbação ou agonia, sentem o alívio para as aflições.

Durante dez anos Marília recebeu de seus familiares pensamentos de saudade equilibrada, amor e o sentimento de gratidão de todos que foram de uma forma ou de outra, beneficiados pela creche. Essas vibrações aliviavam suas aflições e traziam-lhe a sensação de que havia uma forma mais feliz de se viver na espiritualidade. Através do benefício que recebia dos que ficaram na Terra, conseguiu trazer para si a fonte real de elevação moral: Jesus. O

arrependimento
verdadeiro e
sincero, tomando
conta de todo o seu
ser, fez com que
compreendesse sua
situação e os
enganos nos quais
se envolveu.
Implorou por
misericórdia a Jesus,
e foi resgatada.

Marília, recolhida
por Amélia, foi
levada ao Hospital
Maria de Nazaré.
Sob o efeito de
passes magnéticos e
água fluidificada,
permaneceu
adormecida por mais
quinze dias.

Foi ao
entardecer que
Marília despertou,
com uma sensação
de paz envolvendo
todo o seu corpo
perispiritual.
Surpresa olhava ao

redor, e o que via
inundava-lhe o
espírito de gratidão
por ter sido atendida
em sua súplica.

O quarto simples
e perfumado
encantava pela
simplicidade. Pela
primeira vez ao
tentar levantar-se
percebeu que seu
corpo estava
diferente. Que
estranho..., pensou.
Como vou fazer para
sair da cama? Sentia
meu corpo pesado,
feio, meio sujo, e
agora experimento
uma leveza
estranha. Mas por
que será que ele
mudou?
Passados alguns
instantes, Jacob
entrou no quarto de
Marília e saudou-a
com gentileza.
— Como se sente
minha irmã?
— Quem é o senhor?
— Meu nome é

Jacob. Sou responsável por esta unidade do hospital e estou aqui para ajudá-la nesses primeiros dias em seu novo lar.

— Agradeço muito ao senhor. Poderia dar-me algumas explicações?

— Se forem para seu benefício, sim, mas nada que tenha como finalidade satisfazer curiosidade.

— Estranha-me ver meu corpo diferente, mais leve. Sei que estou desencarnada, mas inquieta-me a condição do meu veículo físico. Há quanto tempo deixei a Terra?

— Há dez anos.

— Dez anos! Não pode ser. Ontem mesmo eu estava com meus pais no campo de girassóis quando, sem

perceber, adormeci.
Acordei em um lugar
sombrio onde me
disseram que eu
havia morrido.
Lembro-me de ter
suplicado a Jesus
por auxílio, e agora
acordo e me vejo
em outro lugar, e
percebo que estou
diferente.

— Marília, você, ao
desencarnar, foi
atraída para o local
aonde sua afinidade
a levou, por conta
de suas atitudes
desajustadas e
imprudentes,
quando ainda
encarnada.

Entregou-se a
prática nociva do
sexo,
desrespeitando seu
corpo e sua alma.
Marília se
envergonhou.

— Sei do que o
senhor está falando.
Jacob continuou:
— Não seria melhor

conversarmos sobre
isso mais tarde?
Creio ser ainda cedo
para tocarmos nesse
assunto.

— Irmão Jacob, se
pudesse me
atender, gostaria
que fosse agora.
Tenho consciência
do que fui... Ou
sou... O que quero
de verdade é livrar-
me desse peso que
foi minha atuação
na Terra.

— Pois bem, Marília.
O sexo sem a
dignidade do amor
rebaixa, desarvora o
desejo,
embrutecendo-o e
deixando-o

insaciável. O
passo seguinte são
esses mesmos
desejos ressurgirem
mais violentos e
embaraçosos. Você
usou esse recurso
para ganhar
dinheiro, enriqueceu
atirando-se nessa

ilusão e
experimentou a dor.
O espírito Emmanuel
nos explica, no livro
Vida e Sexo: "Sexo
é espírito e vida a
serviço da felicidade
e da harmonia do
universo; por
consequente,
reclama
responsabilidade e
discernimento onde
e quando se
expresse. Por isso
mesmo, nossos
irmãos e nossas
irmãs precisam e
devem saber o que
fazer com as
energias genésicas,
observando como,
com quem e para
que se utilizam de
semelhantes
recursos,
entendendo-se que
todos os
compromissos na
vida sexual estão
igualmente
subordinados à lei
de causa e efeito".

— Mas eu me arrependi. Doei todo o dinheiro para a construção de uma creche.

— Sabemos disso, e esse bem voltou para você. A gratidão dos pais das crianças que freqüentam a creche e os pensamentos de amor enviados por sua família, acompanhados de preces sentidas, auxiliaram-na a compreender sua situação e clamar por misericórdia com sinceridade real. Como disse Marília, o bem praticado sempre retorna em nosso favor.

— Por que fiquei dez anos em aflição?

— Porque tudo na lei de Deus precisa ser resolvido. Todos os seres prestarão contas de seus atos, do que fizeram com

a oportunidade
recebida de estar na
Terra. Nada na
espiritualidade se
perde ou se
esquece, e tudo está
relacionado com a
lei de ação e reação.
— Ajude-me, irmão
Jacob, quero me
livrar dessa culpa,
aprender e
melhorar, tornar-me
verdadeira criatura
de Deus.

— Alegre-se, minha
irmã. Inicia-se para
você uma nova
etapa, um novo
aprendizado.
Permaneça com seu
pensamento voltado
para nosso Divino
Amigo e agradeça
pelo benefício
recebido.

— Apenas mais uma
questão. Por que
meu corpo está
diferente? Sentia-o
pesado, entretanto
agora o sinto tão
leve que quase não

consigo tocá-lo.
— Você limpou-o
quando permitiu a
entrada de Jesus em
seu pensamento,
entregou-se ao
Mestre, e a partir
daí deixou que a paz
do Senhor a
envolvesse. Jesus
não invade o espírito
de ninguém, Marília,
espera que O
chamem; não
arromba a porta do
coração dos homens
nem dos espíritos,
aguarda que eles
mesmos abram e
permitam Sua
entrada. Esse é o
seu corpo
perispiritual, aquele
que envolve o
espírito. E feito de
uma substância
vaporosa para os
encarnados, mas
bastante grosseira
para nós.
— Gostaria de saber
mais sobre isso,
irmão.

— Ainda é muito cedo. O momento agora é de se fortalecer, equilibrar-se e aprender, para, no tempo apropriado dar início a seu trabalho aqui na espiritualidade. Dedique-se a retirar de seu espírito os resquícios da vaidade e da ambição, dos desejos egoístas, e traga para si mesma as virtudes que cada vez mais a aproximam de Jesus, tornando-a verdadeira tarefaira de Cristo. Se entregue às preces e aos pensamentos nobres.

— Chegará o dia em que poderei visitar minha família?

— Sem dúvida. Mas lembre-se de que para todos os propósitos existe um

tempo, e no
caminho da
evolução não se
podem pular etapas.
Por enquanto,
descanse.

— Voltará a me ver?

— Claro. Se precisar
de alguma coisa
para seu equilíbrio,
aperte esse botão
logo acima da sua
cabeceira; o auxílio
virá. Não pense no
passado, mas no
futuro de paz e luz
que a aguarda, se
mergulhar no amor
de Jesus.

O tempo passou.

Marília
esforçara-se e
encontrara seu
equilíbrio.
Trabalhava e
freqüentava as
palestras de Madre
Teresa. Dedicava-se
ao trabalho de
auxílio aos

irmãozinhos recém-chegados da Terra.

Certa tarde de descanso, Marília dialogava com Jacob, ouvindo seus conselhos que tanto a ajudavam, quando perguntou:

— Irmão Jacob, por que desenvolvi tanta vaidade entregando-me à ilusão passageira do sucesso?

— Marília, no momento oportuno terá essa resposta. Tenha paciência e aguarde.

— E quanto a minha ida a Terra visitar meus pais, que já devem estar idosos? Há dezessete anos estou desencarnada.

— Sim, eles estão idosos, não fugiram à ação do tempo.

— Quando poderei vê-los?

— Daqui a dois dias uma equipe irá até a

Terra. Nós iremos
junto.

— Poderei ir
também?!

— Teve permissão
para nos
acompanhar, mas
devo adverti-la de
que não poderá
interferir no trabalho
da equipe. Irá
permanecer em
equilíbrio orando a
Jesus para que tudo
corra bem. Essa é a
missão dos espíritos,
Marília: auxiliar os
encarnados sem
interferir
diretamente no seu
livre-arbítrio.

— Eu entendo Jacob.
Mas essa missão é
na casa de meus
pais terrenos?

— Sim.

No dia e hora
combinados, Marília
reuniu-se a Jacob, e
eles, acompanhando
a equipe, desceram
até a crosta
terrestre.

Marília mal conseguia controlar a emoção por estar de novo, após tantos anos, vendo a cidade onde nascera. A cidadezinha mudara, crescera, e Marília começava a sentir essa mudança.

— Posso ir até o campo dos girassóis, Jacob? Imagino que deva estar exatamente como deixei, com as belas flores voltadas para o sol.

— Calma, Marília, uma coisa de cada vez. É preciso que esteja bem equilibrada. Iremos mais tarde.

— Jacob, por que perderia meu equilíbrio ao ver o campo que tanto amei na Terra?

— Antes precisa tomar conhecimento dos fatos que se

sucederam ao seu desencarne.

Passaram-se muitos anos, e nada é como antes. É necessário aceitar que a vida na Terra segue o seu curso, o tempo não pára porque partimos para a espiritualidade, e as pessoas que ficam tentam amenizar a dor da separação, cada uma a sua maneira.

— O que quer dizer com isso, Jacob?

Enquanto a equipe seguia para o local onde cumpririam a missão para a qual tinham vindo, Jacob sentou-se com Marília na antiga pracinha, agora ostentando a graciosidade de flores bem cuidadas, bancos confortáveis e uma bela fonte.

— Vamos aguardar aqui a hora de nos

juntar à equipe —
disse Jacob.

— Como a cidade
mudou!

— É como lhe disse:
a vida não pára
Marília, é preciso
seguir em frente. As
lembranças dos que
partiram
permanecem no
coração daqueles
que os amam,
sempre viva; mas
não se podem
mudar os
acontecimentos nem
parar o tempo.

— Sinto que quer
me preparar para
alguma coisa que
poderá me deixar
angustiada. Estou
certa?

— Está. Lembre-se:
do mesmo jeito que
retornamos, as
pessoas que
amamos também
retornam no
momento em que
Jesus as chama. E,
quando recebemos a

bênção de poder
recebê-los, temos
que agradecer ao
Mestre. É um
merecimento para
os dois, quem chega
e quem recebe.

— Fique tranqüilo.
Jesus irá me
amparar, seja no
que for. Confio no
Mestre.

— Muito bem,
Marília. Na
realidade, viemos
acompanhar a
equipe do
desencarne para
recebermos um
irmão muito querido
que deixará a Terra
dentro de poucos
instantes.

— Eu o conheci?

— Sim, e muito
bem.

Marília sentiu em
todo o seu ser que
era alguém muito
especial para ela.

— Diga-me quem é
irmão Jacob, por
favor.

— Nosso querido Antunes, seu pai terreno.

Marília sentiu uma emoção tão grande que Jacob, rápido e experiente, teve que ampará-la. Emitiu energia salutar, trazendo-a de volta ao equilíbrio.

— Pense em Jesus
— recomendou Jacob —, e receberá auxílio. Agradeça ao Divino Amigo a bênção de poder receber seu pai, estar presente nesse momento importante para esse espírito que deixa seu envoltório carnal. Ele irá se tranquilizar ao vê-la. Você já sabe que é uma libertação para o espírito. Antunes cumpriu sua tarefa na Terra com valentia e sabedoria, é um espírito

vencedor, não há o que temer. Para o homem de bem, Marília, como esse querido irmão, o despertar é tranqüilo, sereno e sem angústia; ele nada sofrerá.

— Diferente do meu, Jacob, que sofri por dez anos até entender a verdade da vida.

— Marília, não volte ao passado, esqueça seus erros. Preste atenção ao presente e se esforce para melhores realizações no futuro; dedique-se inteira a esse momento, nessa tarefa bendita de receber seu pai terreno que volta para casa.

— Está bem, Jacob, podemos ir. Em poucos segundos, entraram na antiga residência terrena de Marília.

Marta, ao lado de toda a sua família, orava em volta da cama onde Antunes, assistido pelo doutor Alcides, acabara de dar o seu último suspiro.

Todos sofriam a dor da separação, mas, confiantes, entregaram-se a Jesus, suplicando ao Divino Amigo amparo para suportar o sofrimento.

Rapidamente a equipe responsável acabou de desligar o corpo perispiritual de Antunes do corpo físico que jazia sem vida e Antunes entregou-se ao amor dos que o socorriam.

Foi-lhe permitido ver a filha antes que adormecesse e fosse levado para o hospital Maria de Nazaré.

Marília aproximou-se do pai e emitiu todo o amor que sentia por ele.

— Seja bem-vindo no reino de Deus, pai querido.

Terminado seu trabalho, a equipe partiu com Antunes.

— Jacob, posso me aproximar de Júlia?

— Certamente.

Feliz, Marília aproximou-se da irmã. Beijou-lhe a face e lhe disse:

— Júlia, estou bem e papai também. Já foi levado para o hospital do espaço para sua recuperação. Ele sempre foi um homem de bem e fez por merecer essa bênção de um desencarne sereno. Estarei ao lado de nosso pai. Cuide de nossa mãe. Quanto a mim, farei o que me for permitido

para fortalecê-la
cada vez mais.
Obrigada por cuidar
com tanto desvelo
da creche, ela está
linda, bem cuidada e
atuando de acordo
com os
ensinamentos de
Jesus. Que Deus a
proteja, minha irmã,
você é um espírito
nobre. Amo todos
vocês.

Júlia, intuitiva
como sempre fora,
sentiu a presença de
Marília e
experimentou
enorme bem-estar.
Chegando perto de
sua mãe, disse-lhe:
— Mãe, Marília está
aqui. Manda-lhe um
beijo e diz que papai
já foi levado para o
hospital de
refazimento. Ele
está bem; aliás, os
dois estão. Pede que
a senhora não perca
a confiança e a fé
em Jesus, o Mestre

lhe dará suporte
para atravessar esse
momento difícil.

— Marília... Filha
querida, que Jesus a
abençoe sempre!

Jacob e Marília
permaneceram
juntos à família até
que terminasse o
sepultamento do
corpo de Antunes.
Quando todos
retornaram para
casa, Jacob disse a
ela:

— É hora de irmos!

— Leve-me até o
campo.

— Vamos.

Chegaram a
uma imensa horta,
onde diversas
qualidades de
legumes e verduras
se misturavam,
dando um colorido
que encantava os
olhos de quem os
visse.

— Linda horta, não,
Marília?

— Linda, Jacob, mas

eu lhe pedi que me levasse ao campo de girassóis, e não a uma horta.

— Aqui é o antigo campo de girassóis.

Atônita, Marília

respondeu:

— Deixe de brincadeira, Jacob, onde estão minhas flores? Por Deus, o que fizeram com elas?

— Seus pais não suportaram mais vir ao campo dos girassóis após a sua partida. As flores aumentavam ainda mais o sofrimento deles. Acharam por bem dar uma finalidade mais útil e importante a esse campo, transformando-o nessa viçosa horta, para suprir todas as necessidades da creche, que a cada dia recebe mais crianças

necessitadas. Os girassóis são frágeis, Marília, apesar de aparentar fortaleza, assim como você também foi frágil ao desprezar os valores morais; assim como todas as formas de vida também são frágeis diante da soberania de Deus. Marília compreendeu o que Jacob queria dizer.

— Entendi Jacob. Eu quis só para mim as flores, julgando-as poderosas; quis ser igual a elas.

Entretanto, assim como elas, também tombei quando o vento soprou mais forte, não tive resistência e me deixei levar.

— Seus pais perceberam a necessidade dos menos favorecidos e, dando maior ênfase à

fraternidade, deram a este campo outra finalidade: a de alimentar as crianças que pouco ou nada tinham, proporcionando-lhes uma vida mais saudável através de uma alimentação mais equilibrada. Mas tenho uma surpresa para você.

— Qual?

— Venha.

Foram um pouco mais além e, para surpresa de Marília, avistaram em uma pequena área os girassóis, lindos, imponentes e voltados para o sol.

— O que significa isso? Não estou entendendo.

— Seus pais quiseram mostrar que os dois lados podem andar juntos, se entrelaçando, quando o coração

abriga a fraternidade. A beleza se mistura à utilidade. Isso é possível quando existe amor no coração, Marília. O "eu e o nós" podem caminhar lado a lado; é preciso apenas entender que todos somos criaturas fortes e frágeis, porque somos seres em evolução. Para amar o próximo não é preciso destruir nossos objetivos, e ao entender isso eles se tornam mais dignos.

— O meu erro foi amar apenas as flores e a mim mesma. Esse amor se tornou pequeno e vazio. Envergonhei-me diante da sabedoria de meus pais. Por que não consegui compreendê-los

como devia?

— Isso é passado.

Agora o momento é
para se concentrar
no seu
aprimoramento.

— Você sempre sabe
o que diz Jacob.

Preciso vencer
minhas tendências
ruins. Um dia
retornarei a Terra, e
não quero cometer
os mesmos erros.

— Vamos voltar à
colônia, Marília.

— Certo.

Os dois espíritos
seguiram junto
rumo à colônia que
habitavam.

— Se os encarnados
imaginassem a
vergonha que sente
o espírito ao chegar
à espiritualidade e
ficar frente a frente
com seus erros,
enganos e
leviandades,
prestariam mais
atenção às atitudes
que tomam muitas

vezes precipitadas,
algumas vezes
intencionalmente
maldosas, e não
raras atitudes que
levam às últimas
conseqüências. A
vida é um bem
precioso, Marília, e
não é prudente
desperdiçar essa
oportunidade que
nos foi dada. Tudo o
que semearmos na
vida terrena
colheremos na outra
até o último ceitel,
como diz Jesus.
Acreditando ou não
na vida futura, a lei
se cumprirá. A
busca desenfreada
pela felicidade com
que sonhamos nos
faz perder o controle
de nós mesmos, e
facilmente caímos
no abismo da
inconseqüência.

"A felicidade

não é deste mundo." Assim, pois, aqueles que pregam ser a Terra a única morada do homem, e que só nela e numa só existência, lhe é permitido atingir o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam aqueles que os escutam; já que está demonstrado, por uma experiência arqui-secular, que este globo não encerra senão excepcionalmente as condições necessárias à felicidade completa do indivíduo.

Em tese geral, pode-se afirmar que a felicidade é uma utopia, na

**busca da qual as
gerações se
lançam
sucessivamente
sem poder jamais
alcançá-la;
porque, se o
homem sábio é
uma raridade
neste mundo, o
homem
absolutamente
feliz nele se
encontra menos.**

**(O Evangelho
Segundo o
Espiritismo —
Allan Kardec —
Capítulo V)**

— Marília, nosso
irmão Antunes
acordou e
demonstrou o
desejo de vê-la —
disse Claudete,
responsável pelo
setor onde Antunes
se encontrava.

— Posso?

— Claro. Ele está
bem. Um pouco

fraco o que é normal logo após o desencarne, mas em paz e consciente de tudo o que aconteceu.

Marília dirigiu-se ao quarto onde se encontrava seu pai. Assim que entrou, Antunes sorriu ao ver a filha querida.

— Como se sente pai?

— Bem, minha filha. Estou sendo fortalecido, e acredito que logo terei permissão para sair. Quero muito ouvir as palestras de Madre Teresa. Falam muito dessa irmã, e sei que tenho muito que aprender com ela. E você, Marília, como está?

— Já estou aqui nesta colônia há sete anos, pai. Trabalho e estudo o Evangelho de Jesus e assisto às

palestras de Madre Teresa todos os dias.

— Se minha memória não me trair, parece-me que você retornou há dezessete anos. Por que está aqui só há sete?

— Envergonho-me de dizer, pai, mas fiquei dez anos em uma zona infeliz, cheia de aflições e sofrimento.

— Por quê?

— O senhor deve imaginar. Mas não vamos falar sobre isso, não é bom para o senhor. Além do mais, Jacob diz que devemos pensar no presente, porque é agora que temos que trabalhar para promover nossa evolução, e deixar o passado como um alerta para não cairmos nos mesmos erros.

— O que importa é
vê-la em paz.
— Preciso ir querido,
tenho tarefas a
cumprir. Em nossa
casa terrena estão
todos bem, com
muita saudade do
senhor, mas
resignados porque
sabem que está
amparado. O senhor
sempre foi um
homem de bem, fez
por merecer o
desencarne
tranqüilo.
Marília saiu, e
Antunes, ainda
sofrendo inquietação
natural, voltou a
adormecer.

Em suas horas
de descanso Marília
passeava pelas
alamedas floridas da
colônia. Orava ao
Senhor; refletia e se
questionava se fazia
em seu trabalho
tudo o que podia.
Era severa consigo
mesma.

Já errei muito,
preciso agora de
acertos!

Nesse dia,
achava-se
particularmente
inquieta. Pensava
em como havia
comprometido sua
existência na Terra
em sua última
encarnação.

Como pude ser
tão tola, meu Deus?
Comportei-me
levianamente,
comprometendo
minha existência
terrena, e agora
liberta, percebo o
quanto fui volúvel e
inconseqüente.
Dezessete anos
desencarnada e
ainda sofro pela
minha leviandade,
por haver brincado
com a oportunidade
concedida por Deus.
Escondi-me atrás de
minha inigualável
beleza, e hoje sei
que nada adianta

ostentar um rosto
belo se o coração
abriga só a vaidade
e a ambição.

Quantas pessoas
prejudiquei, nem me
dei conta disso!

Recordou-se de Luiz.

Querido Luiz,
não tive capacidade
para enxergar e
valorizar sua
dignidade e o amor
sincero que sentia
por mim. Apesar de
amá-lo, só lhe dei
tristeza, culminando
por contaminá-lo
com uma doença
que o levaria ao
sofrimento; justo
você, um rapaz tão
bom. Que todas as
pessoas que
contaminei ou
prejudiquei de
alguma forma
possam ter me
perdoado. Não
conseguia enxergar
nada além de mim
mesma. Que
angústia só em

pensar que posso ter destruído a vida dele! O que posso e faço é orar e pedir a Jesus que o abençoe.

Sentindo uma grande inspiração, Marília falou:

— Vou procurar Jacob. Preciso ouvir seus sábios conselhos.

Capítulo XV **Tudo tem uma razão**

Marília sabia onde encontrá-lo, e para lá se dirigiu, não sem antes orar a Jesus suplicando auxílio.

— Se for o momento, Senhor, que eu encontre a solução para essa inquietação que interfere em meu equilíbrio.

Seguiu confiante.
Jacob, assim que a
avistou, percebeu o
motivo pelo qual
Marília o procurava.
Aproximou-se.

— Então, minha
irmã, em que posso
ajudá-la? Parece-me
ansiosa.

— E estou Jacob,
meu amigo, preciso
de você, de seus
conselhos —
respondeu Marília,
com agitação.

— Noto mesmo que
está agitada; diria
até angustiada. O
que a perturba a
ponto de deixá-la
nesse estado?

— Sinto uma
inquietação que só
aumenta a cada
instante,
comprometendo
meu equilíbrio. Creio
não ter forças
suficientes para
controlar a mim
mesma. Necessito
de seus conselhos e

esclarecimentos.

Jacob, como de costume, deu vazão aos seus

sentimentos de verdadeira fraternidade.

Apiedou-se daquela irmã, que havia tempos lutava

contra si mesma, com sua dificuldade em promover sua

reforma interior, mergulhar no amor de Jesus e seguir o caminho da sua evolução espiritual.

Elevou seu pensamento ao Mestre, e a resposta ao seu pedido veio de imediato.

Feliz e agradecido, disse:

— Venha, Marília.

Foram para um lugar onde a paz reinava absoluta.

Suave música se fazia ouvir, transmitindo a paz de Cristo e o

equilíbrio necessário
aos espíritos.

Sentaram-se em um
canto, e Jacob
paternalmente lhe
perguntou:

— O que na verdade
a está consumindo,
minha irmã?

— Jacob, a cada dia
nesses anos todos
vou tomando
consciência dos
desatinos que
cometi. Agradeço a
Jesus por haver
permitido ter você
como conselheiro,
pois foi através de
sua atenção em me
explicar e orientar
que fui entendendo
e tentando evoluir.
Mas nem tudo ficou
bem explicado para
mim, e algumas
coisas ainda me
perturbam.

— Como, por
exemplo?

— Por que fui
prejudicar alguém
tão especial como

Luiz, que só fazia o bem, principalmente para mim? Qual a razão que me fez desprezar toda a oportunidade de ser feliz de verdade lado dele? — Marília silenciou por alguns instantes.

— Continue.

— Outra coisa que me perturba é por que me detive tanto em mim mesma, sendo escrava de algo tão passageiro como a beleza física, prejudicando quem de verdade me amava?

Nesse momento, Marília chorou.

— Calma, minha irmã, muita calma. Não é bom se descontrolar assim. Vamos fazer uma prece ao Senhor solicitando auxílio.

Os dois espíritos oraram com fervor ao Divino Mestre,

clamando por paz e equilíbrio para aquela irmã perdida nos próprios sentimentos.

Assim que terminaram, pequenos flocos azuis caíram sobre a cabeça de Jacob e Marília.

— Está mais calma?

— Estou sim, Jacob, bem mais tranqüila.

— Quer continuar?

— Quero. Se Jesus permitir, gostaria muito de saber como está Luiz. Se continua na Terra ou se já retornou à espiritualidade.

Afinal, ele era soropositivo, e já se passaram tantos anos... — Criando coragem, Marília indagou: — Jacob é possível tomar conhecimento dos reais motivos dessa minha imprudência

que me levou até o limite da ilusão?
— É possível. Já solicitei autorização e fui atendido.
Primeiro é necessário que você se equilibre; é importante se desligar dos atos de outrora se quiser encontrar a paz. Os erros do passado devem nos dar forças para enfrentar o desafio de nos tornar melhores, sanando nossas imperfeições, e não nos jogar na auto-compaixão, que nos enfraquece.

As vicissitudes da vida são de duas espécies: uma tem sua causa na vida presente; outras, fora dela.

Remontando à

fonte dos males terrestres, se reconhecerá que muitos são as conseqüências naturais do caráter e da conduta daqueles que os suportam.

Quantos homens tombam por suas próprias faltas? Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição? Quantas pessoas arruinadas por má conduta e por não terem limitado seus desejos?

Quantos males e enfermidades são as conseqüências da intemperança e dos excessos de todos os gêneros?

[...]

Mas a experiência, algumas vezes,

**vem um pouco
tarde; quando a
vida foi dissipada
e perturbada, as
forças
desgastadas, e
quando o mal não
tem mais remédio,
então o homem se
põe a dizer: se no
início da vida eu
soubesse o que
sei agora, quantas
faltas teria
evitado? Se fosse
recomeçar eu faria
tudo de outro
modo; mas não há
mais tempo! Como
o obreiro
preguiçoso, diz:
"Eu perdi minha
jornada", ele
também se diz:
"Perdi minha
vida"; mas da
mesma forma que
para o obreiro o
sol se ergue no
dia seguinte e
uma nova jornada
começa,
permitindo-lhe**

reparar o tempo perdido, para ele também, depois da noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida, na qual poderá aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

(O Evangelho Segundo o Espiritismo — Allan Kardec — Capítulo V)

— Marília, vamos até o departamento responsável pelas encarnações passadas. Lá você poderá conhecer a sua história, que gerou a causa de seu tombamento. Gostaria de ir?

— Claro, Jacob, é o que mais espero. Pode confiar, terei força para vencer a

mim mesma.

Seguiram.

Jacob
apresentou Marília a
Samuel, o
responsável pelo
departamento,
colocando-o ciente
do assunto.

Marília foi então
encaminhada para a
sala de projeção,
onde havia enorme
tela que a deixou
admirada.

Instruída por
Jacob, acomodou-se
em uma das
poltronas,
solicitando ao amigo
que permanecesse
ao seu lado, pois se
sentiria mais
tranqüila. Jacob se
acomodou junto
dela, pedindo-lhe
que orasse a Jesus
com sinceridade,
para que
permanecesse em
equilíbrio.

Marília assim o fez.

— Está pronta?

Posso iniciar?
— Pode, sim,
Samuel —
respondeu Marília.
Sinto-me preparada.

As luzes se
apagaram, e na
grande tela
apareceram às
imagens que
revelariam para
Marília a história
vivida em sua
encarnação anterior.

Ano de 1904.
Cidade localizada na
região Centro-Oeste
do Brasil.

Atravessando os
campos verdejantes
de importante
fazenda da região,
corria como uma
pequena lebre uma
garota de apenas
quinze anos.

Ao primeiro
contato com aquela
cena, Marília se
identificou como
sendo aquela jovem,
vestida de maneira
simples.

Sou eu!

A cena continuou.

Ao avistar a
figura de um rapaz
elegante, com um
porte garboso,
sentado embaixo de
frondosa árvore, a
menina gritou
alegre:

— Antônio...

Antônio!

Assim que a avistou,
o rapaz levantou-se
e correu ao seu
encontro.

Abraçaram-se.

— Querida, como
você demorou!

— Queria vir antes,
mas não deu para
sair. Sua mãe
precisou de mim até
mais tarde, e não
teve outro jeito
senão esperar —
respondeu Lucila
aconchegando-se
nos braços de
Antônio, por quem
estava
perdidamente
apaixonada.

— Não importa.
Agora você está
aqui, e é melhor
aproveitarmos o
momento.

Deitaram-se na
relva e, abraçados,
aproveitavam a
brisa suave do
campo.

Os sonhos de
Lucila não
combinavam com os
de Antônio, pois
apenas se divertia
com a moça pobre e
sem atrativos da
fazenda. Lucila
alimentava o sonho
de contrair
casamento com
Antônio, pois
acreditava que o
rapaz a amava.

Antônio era filho
de importante
fazendeiro
proprietário da
maioria das terras
da redondeza, que,
respeitado por todos
na cidade, era
chamado de coronel.

Lucila era a filha mais velha de Jurema, cozinheira da fazenda, e José, responsável pela imensa criação de gado.

Lucila era uma menina pobre, sem instrução e sem beleza expressiva.

Marília, inquieta, remexeu-se no assento. Identificou Luiz na figura de Antônio.

Jacob percebeu sua inquietação e perguntou-lhe:

— Quer desistir, Marília, deixar para outra ocasião?

— Não, Jacob, preciso desvendar a mim mesma. Pode continuar Samuel, por favor.

As cenas prosseguiram. .

— Quando você vai dizer aos seus pais que nos amamos, Antônio?

— Calma, meu bem,
essas coisas têm
que ser ditas com
cuidado. Preciso
esperar o momento
certo.

Acreditando no
namorado, Lucila se
entregava confiante
no amor e na
sinceridade de
Antônio.

Os dias se passavam
sem que houvesse
nenhuma atitude por
parte do namorado.
Nessa altura, a tela
se apagou.

— Acabou?

— Não, Marília.

Fique atenta, vai
começar
novamente.

Mais uma vez a tela
se iluminou,
mostrando cenas de
seis meses após.

A criadagem da
fazenda corria de
um lado para outro
com os preparativos
para a noite, que,
segundo o patrão,

seria da maior importância.
— Cuide para que tudo saia bem — dizia a mãe de Antônio para Jurema. — Hoje teremos uma grande surpresa. É dia de festa! — exclamava sorridente. — Quero todos bem-arrumados, principalmente você, Lucila, pois estará na sala comigo.

Lucila sentia o coração disparar. Jesus, me ajude, é hoje! Antônio deve ter falado de nós dois para seus pais. Essa festa com certeza é para comemorar nosso noivado!

Arrumou-se com o maior cuidado e, na hora marcada, estava ao lado de dona Eugênia, recebendo os convidados.

Estranhava
Antônio não lhe dar
nenhuma atenção.
Ele finge que nem
me vê, pensava.
Justo no dia mais
importante para
nós.

A comemoração
seguia, animada, até
que em dado
momento o coronel,
com toda a pose que
lhe era peculiar,
pediu a atenção de
todos para uma
grande notícia.
Meu Deus é agora!
Lucila se sentia
tremor.

Em meio à
alegria geral, foi
anunciado o
casamento de
Antônio com a filha
de um grande amigo
de seu pai, tão o
mais rico do que ele.

Lucila correu
para seu quarto sem
ao menos pedir
licença a dona
Eugênia, que, sem

saber de nada,
estranhou seu
comportamento. A
jovem se jogou na
cama e derramou
todas as lágrimas
que podia.

Durante dois dias,
não saiu de seu
quarto, alegando
uma doença
qualquer.

No terceiro dia
levantou-se e, sem
avisar sua mãe,
dirigiu-se até o local
onde se encontrava
com Antônio. Para
sua surpresa, ele
estava lá esperando
por ela.

— Demorou a vir
Lucila. Há dois dias
venho aqui para
encontrar-me com
você.

— Tem coragem de
me dizer só isso,
Antônio?

— E o que queria
que eu dissesse?

— Que pelo menos
explicasse por que

esse casamento de repente. O que significa isso? E nós, como ficamos?

— Como sempre, Lucila. Meu casamento não irá atrapalhar nossos encontros, vamos continuar do mesmo jeito.

— Antônio, eu pensei que... Sem deixar que ela terminasse a frase, Antônio lhe disse:

— Não estava pensando que eu me casaria com você, não é? — Diante do silêncio da namorada, prosseguiu: — Lucila meu casamento será a realização dos meus sonhos, a união das nossas fortunas. E com a moça que meus pais escolheram. Agrada-me ter uma esposa tão bela.

— E eu?

— Você é apenas a
satisfação dos meus
desejos de homem.
Não possui beleza,
instrução ou
qualquer outro
atrativo que possa
levar um homem ao
casamento.

Lucila sentiu
uma raiva
gigantesca tomar
conta de todo o seu
ser. Aos gritos,
despejou todo o seu
ódio por Antônio:

— Eu o odeio,
Antônio, e hei de
odiá-lo por toda a
minha vida e até
depois dela. Um dia
iremos nos
encontrar, nem que
seja no inferno, que
é para onde você
deve ir!

Nesse instante, a
tela se apagou de
novo.

Marília tremia e se
inquietava, tomada
de enorme angústia.

— Acalme-se, Marília

— pedia-lhe Jacob.
— Pense em Jesus,
rogue por auxílio,
para que volte o seu
equilíbrio.

Jacob ministrou-lhe
um passe,
transmitindo-lhe
energia de paz e
tranqüilidade.

Sentindo-se
mais calma, Marília
pediu que ele
mesmo terminasse
sua história, pois
não tinha mais
condições de assistir
a si mesma.

Jacob, atendendo ao
seu pedido,
gentilmente
completou:

— Os dias e os anos
se passaram sem
que Lucila
conseguisse se
casar. Todos
souberam que se
entregara a Antônio,
e ela
imprudentemente
deixava que cada
vez mais o rancor

tomasse conta de seu coração. Desencarnou ainda jovem e, após anos vagando na erraticidade, blasfemando e clamando por vingança, cansou de tanto sofrimento e rogou por misericórdia. Socorrida, foi levada ao hospital de refazimento, onde recebeu tratamento adequado. Preparou-se por longo tempo e, ao se achar apta, pediu ao Mestre bênção de uma nova oportunidade na Terra. Através da misericórdia divina, foi-lhe concedida à reencarnação. Mesmo sendo advertida dos perigos, pediu a prova da beleza. O resto Marília, você já sabe.

— Mas por que me
encontrei
novamente com
Antônio, agora na
figura de Luiz?
— Antônio
arrependeu-se
sinceramente do que
havia feito a Lucila;
quando
desencarnou, sofreu
muito por conta do
remorso. No devido
tempo, solicitou
nova oportunidade
de retornar e sanar
o mal que fizera a
Lucila, encontrando-
se com ela e dando-
lhe o amor que lhe
negara. Antônio,
encarnando-se como
Luiz, encontrou-se
desde muito cedo
com Lucila, agora
você, Marília, e
amou-a desde o
primeiro instante.
Cumpriu o seu
propósito de
regeneração e deu a
você o que deveria
ter sido seu em

encarnação passada,
ou seja, o amor
verdadeiro.

— E por que tudo
deu errado, Jacob?
Se tudo estava
planejado... Não
posso entender.

— Porque você não
esqueceu o mal
recebido e quis
obter tudo o que lhe
fora negado antes:
beleza, riqueza e
sexo. Apesar de
amar Luiz, rejeitou-
o. Exibiu a beleza
que faltou na vida
passada e que tanta
tristeza lhe causou;
procurou a riqueza
sem dignidade
moral, entregou-se
ao desatino sexual
querendo
compensar o que lhe
negaram, e o
respeito ao próximo
não foi sua virtude.
Como disse, Luiz
cumpru o que se
propôs; mesmo no
momento da

descoberta de sua
doença, transmitida
por você, sua ira
durou pouco tempo.
Logo ele a perdoou.
— Quer dizer que
ele é bem melhor do
que eu! — exclamou
Marília, triste.
— Quer dizer que
soube usar melhor a
oportunidade
recebida; não se
entregou à auto-
compaixão, cometeu
enganos comuns aos
encarnados, mas
trouxe para o seu
coração o melhor
dos sentimentos: o
perdão; e foi esse
sentimento que fez
a maior diferença,
Marília.
— O que faço agora,
Jacob?
— O que vem
fazendo, ou seja,
estude o Evangelho
de Jesus; aprenda a
usar melhor o seu
livre-arbítrio, ame o
seu semelhante

trabalhando para o benefício do próximo, e, acima de tudo, Marília, aprenda a perdoar. Após alguns minutos de silêncio, Marília voltou a indagar a Jacob:

— Eu poderia saber o que aconteceu com Luiz? Se ele já reside na espiritualidade ou se ainda está encarnado? É possível, Jacob?

— Tão possível que lhe digo já: Luiz retornou seis anos após o seu desencarne, vítima da doença que havia se manifestado dois anos antes.

— E como chegou?

— Muito bem, Marília. Jamais reclamou ou questionou as razões de tudo acontecer. Perdoou-a mesmo. E na

época em que ele afirmou "Minha história com Marília terminou para sempre", disse uma verdade, minha irmã. Hoje Luiz não possui nenhuma ligação ou questão mal resolvida com você. Os laços que os uniam foram desfeitos por ele mesmo, ao lhe dar a oportunidade de fazê-lo sofrer a mesma dor que havia lhe imposto outrora. Mas o que realmente o separou de você foi o perdão.

— Ele habita outra colônia, trabalha junto de uma equipe socorrista. Dedicou-se a resgatar os irmãozinhos que clama por misericórdia, aliviando-os da dor. Jacob percebeu que Marília sentia-se

envergonhada.

— Jacob, ajude-me a vencer minhas imperfeições. Tenho vergonha de tudo o que fiz.

— Não se martirize. A maior felicidade que temos é que sempre existe uma saída, uma maneira de consertar nossos erros, enganos e ilusões vãs.

Carregar nas costas o saco de culpas em consequência dos muitos equívocos que cometemos só irá dificultar nossa caminhada. Quando nos conscientizamos das nossas imperfeições já é um bom sinal; porque a partir dessa conscientização adquirimos coragem para vencê-las. Não se deve trabalhar apenas para ser rico, Marília, porque o segredo da

felicidade não está
em ganhar dinheiro,
mas ter sabedoria
para fazer com o
nosso trabalho uma
diferença na vida do
nosso semelhante e
na nossa própria.
Você não aceitou
sua encarnação
passada, e por conta
disso cometeu os
maiores desatinos.
Agora é se preparar
para quando nosso
Mestre achar que o
momento é
oportuno para nova
encarnação, estando
fortalecida para
enfrentar com
valentia as provas
que decerto virão.
Nosso Criador
sempre nos concede
oportunidade para
recomeçar. Essa é a
nossa alegria.
Marília, emocionada,
agradeceu ao
querido amigo:
— Obrigada, Jacob,
por tudo o que me

ensina. Você é, sem dúvida, um espírito nobre.

— Não agradeça a mim, mas sim a Jesus, que abre as portas para todas as criaturas buscarem sua própria evolução.

— Você fala de evolução, e eu estou tão longe dessa elevação... Sou muito pequena ainda.

— Todos estamos no caminho da evolução, que é longo e nada fácil. Depende de cada um avançar mais ou menos rapidamente, e esse avanço está relacionado ao que agasalhamos dentro de nós, sem máscaras.

Sentimentos e pensamentos nobres impulsionam o ser para a felicidade, porque levam

aqueles que os sentem a praticar a caridade; a serem humildes generosos e dignos, entrelaçando a própria vida à do semelhante. Os sentimentos menores, pequenos e mesquinhos, em oposição, levam os incautos a rodopiar em volta de si mesmos no egoísmo que os leva à perdição.

**Todos nós
devemos ter
consciência de
que pela fé
subiremos ao
Senhor, através
da nossa súplica,
mas, pelo amor ao
próximo, pela
prática da
caridade, o Senhor
descerá ao nosso
encontro, e a
felicidade**

**duradoura, aquela
que nos
acompanha pela
eternidade,
nascerá desse
encontro.**

**(A Essência da
Alma — Irmão
Ivo)**

O tempo seguiu seu
curso.

Anos se passaram.

Marília,
aceitando os
conselhos de Jacob,
dedicava-se ao
estudo e ao trabalho
edificante. Sentia-se
recompensada e
agraciada pela
bênção divina.

Sentada no
auditório, em meio a
tantos outros
espíritos, ouvia
atentamente a
palestra de Madre
Teresa. A querida
irmã discursava

sobre a bênção da
reencarnação e a
importância dessa
experiência na
Terra, onde o
espírito exercitava o
aprendizado
adquirido na
espiritualidade,
consertava seus
erros e se
apaziguava com
seus desafetos do
pretérito.

Enfatizava os
riscos que correm
aqueles que,
nascendo no mundo
físico, entrega-se
aos delírios da
matéria, abafando a
voz da consciência,
que sem cessar
alerta os distraídos.
— A prece — dizia —
nos aproxima do
Senhor, do nosso
Criador, que tudo
promove para que
Suas criaturas
alcancem a
elevação. Acalma a
alma sofrida

aliviando suas
dores. Encarcerado
no corpo de carne, o
espírito tem a
oportunidade de
vencer a si mesmo,
e a sua vitória sobre
suas imperfeições é
o que o aproximará
do Criador, através
de Jesus.

Após singela prece,
Madre Teresa
encerrou a palestra.

Marília esperou
que todos se
retirassem e, assim
que se viu só, caiu
de joelhos e deixou
seu sentimento
correr livre e solto
em direção a Deus.

— Pai, meus olhos
se abriram para o
mundo da matéria
porque o Senhor
assim o permitiu.
Consegui perceber a
luz que brilhava ao
meu redor emanada
dos braços
amorosos de minha
mãe terrena, que

me aconchegaram.
Nasci. Cresci.
Caminhei entre
rosas que não
consegui sentir. Vi-
me entre espinhos
que não consegui
aceitar. Perdi-me.
Andei sem rumo,
perdida na ilusão de
mim mesma, sem
ver aqueles que me
direcionavam o
caminho. A minha
cegueira espiritual
jogou-me no
infortúnio, e nem
quando cheguei de
volta tive lucidez
para enxergá-Lo,
Senhor. Não O vi
pelo amor, Senhor,
mas O chamei pela
dor. Hoje posso
sentir a doçura de
Seu olhar nesse
aconchego de
carinho e
misericórdia. Posso
sentir a rosa;
consigo
compreender os
espinhos, e por isso

suplico Senhor da
Vida: conceda-me
mais uma
oportunidade de
renascer no corpo
físico para que eu
consiga retirar de
mim esse miasma
da mágoa do
pretérito. Dê-me em
abundância tudo de
que preciso para
aprender a amar de
verdade, a perdoar
com transparência,
a respeitar meu
próximo e a mim
mesma, e
compreender que a
maior beleza é a da
alma, e não do
corpo. Assim seja,
Senhor.

Dois dias após o
clamor de Marília,
ela foi chamada ao
Departamento
Reencarnatório.
— Irmão Samuel,
vim assim que

recebi seu chamado.

— Estava aguardando-a, irmã. Tenho algo muito importante para comunicar-lhe.

Ansiosa, Marília respondeu:

— Por favor, do que se trata?

— Marília, já é do seu conhecimento que a reencarnação é uma bênção que o Senhor concede ao espírito, estou certo?

— Claro, irmão, já estudei muito sobre reencarnação e os seus benefícios para o espírito, e espero ansiosa pelo dia que serei agraciada com essa oportunidade.

— Pois então pode agradecer ao Senhor, Marília, pois acaba de ser agraciada com a bondade divina. Vamos iniciar o processo de sua

reencarnação.

Marília, tomada de surpresa, ajoelhou-se e entre lágrimas exclamou:

— O Senhor ouviu a minha prece!

— Tem dois dias para se despedir dos amigos e, ao fim desse prazo, venha se internar para a preparação.

— Obrigada, irmão. Dentro de dois dias eu me apresentarei. Saiu do departamento levando a alegria e o agradecimento em seu coração.

— Preciso encontrar Jacob. Ele irá me aconselhar e me dará forças e coragem para enfrentar essa nova experiência na Terra, para que volte como uma vencedora, assim como Luiz.

Cheia de

esperança, foi à procura de Jacob. Encontrou-o em prece no salão onde se realizavam as palestras.

Temendo interromper o amigo, Marília sentou-se em uma das últimas cadeiras do salão e aguardou. Não demorou muito e Jacob aproximou-se dela, dizendo-lhe: — Querida irmã, sei por que veio me procurar. Estou feliz por você. — Jacob, preciso dos seus conselhos. Tenho medo de falhar de novo. — Nada tema irmã, confie em Jesus e vá confiante. Está preparada, fortalecida, conheceu e aprendeu o amor verdadeiro, aquele que Jesus tão bem

exemplificou para os encarnados por ocasião de Sua estada na Terra. Volte sua atenção para o seu interior e ouvirá a voz da sua consciência mostrando-lhe o caminho seguro. Não queira falar mais alto que o Pai, porque para ouvir o Senhor é necessário calar a nossa voz. Não se revolte contra a vida, pois ela será para você apenas o cenário que precisa para aprender a ser humilde, generosa e altruísta, virtudes que lhe faltaram na existência passada. Não é fácil promover a reforma interior porque é necessário extirpar primeiro os sentimentos menores que mutilam a alma, e essa é uma tarefa

árdua. Devemos visitar nosso coração todas as noites e retirar o bolor que a nossa imprudência permitiu entrar. Assim poderemos acordar com a alma brilhando com a luz do amor, e é essa luz que a trará de volta à eternidade. Com a permissão de Jesus estaremos acompanhando sua caminhada na Terra, inspirando-a no bem e fortalecendo-a para que cumpra a tarefa a que se propõe. Vá em paz, querida irmã, Jesus estará com você.

— Obrigada, Jacob, espero reencontrá-lo no meu retorno. Que Jesus me conceda essa graça.

Marília se despediu do amigo e seguiu para o Departamento Reencarnatório,

onde se prepararia
para nova
experiência no
mundo físico. Desta
vez, tentaria uma
experiência
construtiva,
edificante, longe das
paixões terrenas e
dos enganos que
muitas vezes nos
levam ao limite da
ilusão.

A
reencarnação é
um dos princípios
da Doutrina
Espírita e se funda
sobre a justiça de
Deus e a
revelação, pois
não nos cansamos
de repetir: um
bom pai deixa
sempre uma porta
aberta ao
arrependimento.

A doutrina da
reencarnação, que
consiste em
admitir para o

**homem muitas
existências
sucessivas, é a
única que
corresponde à
idéia da justiça de
Deus; a única que
pode explicar o
nosso futuro e
fundamentar as
nossas
esperanças.**

**A cada nova
existência o
Espírito dá um
passo na senda do
progresso; quando
se despojou de
todas as suas
impurezas, não
precisa mais das
provas da vida
corpórea.**

**(O Livro dos
Espíritos – Alan
Kardec – Capítulo
IV)**

Considerações

Jesus, durante todo o tempo que ficou na Terra entre os homens, foi incansável em falar sobre a vida futura.

Sua intenção era prevenir os homens de que um dia todos iriam se apresentar perante o Criador e seria necessário prestar contas do que fizeram e que utilidade deram à oportunidade recebida de estar no mundo físico, cuja finalidade única é de se tornarem pessoas melhores e verdadeiras criaturas de Deus.

O Divino Amigo tentou acordar a humanidade para a importância de trazer para si as virtudes que os elevariam à condição de homem de bem. Entretanto, os homens

continuam
adormecidos e não
escutam a palavra
de Jesus.

O que na verdade é
ser um homem de
bem?

Homem de bem
é aquele que pratica
as leis divinas com
transparência de
alma. Suas atitudes
estão sempre
ligadas às leis da
caridade, da justiça
e do amor, porque
já compreendeu e
aceitou a palavra de
Jesus. Já se
conscientizou da
necessidade de
respeitar a si
mesmo, não
violando sua
essência com
práticas que só se
relacionam com a
matéria.

O homem de
bem não dá tanta
importância à
riqueza, à beleza
física ou corre atrás

de vantagens
pessoais, pois sabe
que tudo o que
possui pode lhe ser
retirado no
momento em que
Deus achar por bem
retirar. Os homens
possuem apenas o
usufruto de suas
aquisições materiais.
Elas aqui ficarão,
pois pertencem ao
mundo da matéria;
entretanto, ao
adquirir as
aquisições
espirituais
provenientes do
bem praticado,
essas sim o
acompanharão para
sempre e lhe abrirão
as portas dos
mundos mais felizes.

É preciso
reconhecer as
próprias
imperfeições e lutar
fortemente para
superá-las.
Imperfeitos todos
somos, mas a maior

alegria é saber que
temos oportunidade
de rever e
reconsiderar nossa
maneira de pensar e
de agir.

Por que não o faz?

Por que se
perder em ilusões e
sonhos tolos que
nada acrescentam
ao aprimoramento
moral e espiritual?

Por que correr
tanto, querer tanto
alcançar a felicidade
se ela existe a partir
do que se faz para
obtê-la?

A felicidade é
muito mais profunda
do que a alegria
efêmera, que dura
poucos minutos,
algumas horas ou
dias, e logo vai
embora.

Felicidade, meus
irmãos, é sentida na
alma; faz-se
presente nas mãos
laboriosas que
trabalham sem

cansar ou reclamar
para o bem-estar do
semelhante.

Felicidade está na
proporção do bem
que se faz a outrem.

Quem de
verdade é feliz não
sente ódio ou desejo
de vingança;
espelha-se em Jesus
e perdoa,
esquecendo as
ofensas.

Valoriza as
bênçãos e os bens
recebidos, porque
sabe da importância
de se voltar para
Deus e agradecer;
emprega seus
recursos de maneira
justa, sem se elevar
perante os menos
favorecidos, e sabe
que nada é mais
prejudicial a si
mesmo do que ser
escravo de suas
paixões.

Não usa seus
irmãos para sua
conveniência, mas

se coloca à
disposição para
ajudar sempre que
possível. Aquele que
entender isso, e se
colocar a serviço da
caridade, encontrará
em seu caminho a
verdadeira
felicidade.

A intenção ao
mostrar para os
homens a vida
futura como
realidade, não é
outra senão
desvendar o véu do
medo e da incerteza
do futuro que espera
todos que
abandonam o corpo
físico. E também
orientar quanto à
responsabilidade da
sua própria vida,
esclarecendo-os de
que tudo o que se
faz gera uma
reação; feliz através
do bem; infeliz
através do egoísmo
em que se vive.

O tarefeiro de

Cristo não sente receio do retorno, porque seu coração e sua existência estão quites com as leis divinas.

Morte não é destruição, é apenas uma transformação que nos leva de volta à casa do Pai. Feliz aquele que retorna trazendo suas lições feitas em sintonia com o amor de Jesus. São vitoriosos!

Ninguém se beatifica apenas porque desencarnou ou deixou seu corpo de matéria. É preciso muito mais, ou seja, trabalho caritativo, porque, se tivermos apenas a teoria sobre o que realmente representa o amor, o coração se transforma em fonte seca, pois o amor sendo praticado

vivifica.

Tentamos
mostrar-lhes que é
possível caminhar
por entre espinhos e
não se ferir; por que
se afogar em águas
rasas?

O respeito e a
fraternidade
impedem-nos de
cometer absurdos.
Fazem-nos olhar o
semelhante como
igual a nós e
impulsionam-nos a
desejar o melhor
para ele, assim
como desejamos
para nós mesmos.

Acordem irmãos
meus, abram
realmente o coração
e recebam essa
dádiva preciosa da
vida. Usem com
sabedoria a
oportunidade de
evolução que o
Senhor nos concede.
Vivam para evoluir...
E alcançar o céu!
Até mais ver!

Irmão Ivo

Palavras da médium

Todos os nossos atos esquecidos na Terra continuam lembrados na eternidade, e, mesmo que nossa mente não se recorde mais, pagaremos por eles na mesma proporção do estrago espiritual que causamos aos nossos irmãos.

Ninguém, nenhuma criatura fica esquecida da misericórdia de Deus, porque nosso Pai acompanha toda a nossa trajetória respeitando nosso livre-arbítrio e aguardando o momento em que, limpos de

pensamento, de
sentimentos e
verdadeiramente
arrependidos,
possamos abrir
nosso coração e com
sinceridade dizer:
Pai segure minhas
mãos e leve-me
para o Seu caminho.

Deus não nos
castiga, e a vida na
Terra ou na
espiritualidade
apenas responde
aos nossos atos na
maioria das vezes
impensados. A
misericórdia de Deus
está presente
sempre no nosso
sofrimento e na
nossa dor, mas
nossos olhos cegos
nos impedem de
ver.

Antes de
tomarmos atitudes
que poderão nos
comprometer
perante Deus,
pensemos em nosso
Pai misericordioso e

infinitamente justo,
no quanto Ele ama
Suas criaturas; nos
Seus ensinamentos
e nas palavras
contidas no
Evangelho. Assim,
creio eu, agiremos
com mais prudência
e como seus filhos
verdadeiros.

A oportunidade
de rever nossos
conceitos e nos
transformarmos em
pessoas de bem
recebemos do
Criador a cada novo
amanhecer. Mas,
acostumados que
estamos a viver
sempre apressados,
deixamos de
observar todas as
manifestações
naturais da presença
divina, sempre no
nosso caminho.
Como somos
distráídos!

Distráídos, sim,
para as coisas de
Deus; não para

satisfazer nossos desejos, que pouco ou nada contribuem para a elevação e o aprimoramento moral.

Não temos tempo de perceber o sorriso de uma criança ou uma manifestação de amizade, ou mesmo a fidelidade daquele cãozinho que temos em casa. Nossa atenção se volta sempre para a satisfação de nossos desejos e do que julgamos não raro enganados, ser a felicidade.

Ser cristão não implica esquecer totalmente as satisfações do mundo em que vivemos. É necessário apenas regrar nossos impulsos e desejos para que sejam coerentes saudáveis

e, sobretudo
prudentes.

Pode-se auxiliar
o próximo sem que
com isso seja
necessário
esquecer-se de nós;
e pode-se lembrar
de si mesmo sem
que seja preciso
esquecer o
semelhante; porque
somos um todo sem
deixarmos de ser
um. Essa é a mágica
da evolução do ser,
ou seja, integração
com o semelhante,
por que: "Fora da
caridade não há
salvação".

Com este livro o
querido espírito
Irmão Ivo nos alerta
quanto aos perigos
das ilusões
passageiras. Nada
fica sem resposta, e
elas virão mais cedo
ou mais tarde. A dor
é sempre uma
conseqüência dos
atos impensados,

imprudentes e por vezes levianos.

Nós não somos a peça principal desse imenso tabuleiro que é o universo. Dividimos o espaço com milhões e milhões de criaturas que, como nós, têm o mesmo direito à grande casa de Deus.

É necessário pensar e repensar a respeito da nossa permanência na Terra, é feliz aquele cuja conclusão está relacionada ao amor fraternal, ao respeito pelo próximo e a si mesmo, não se tornando um agente de sofrimento para o outro, mas sim um verdadeiro representante de Deus.

Que Jesus abençoe a Humanidade!

Fim

